KEN FOLLETT



O mestre do *thriller* moderno:
mais de 90 milhões de cópias
vendidas em todo o mundo.

A AMEAÇA

Uma leitura que se começa e não se consegue interromper.

EDITORIAL PRESENÇA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.us*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

A Ameaça
KEN FOLLETT
Título original: Whiteout
Tradução de Maria do Carmo Figueira

EDITORIAL PRESENÇA
1ª edição, Lisboa, Janeiro, 2007
Copyright © Ken Follett, 2004
Depósito legal nº 251 806/06

VÉSPERA DE NATAL

1h

Os dois homens, cansados, olharam para Antonia Gallo com os olhos carregados de ressentimento e hostilidade. Queriam ir para casa, mas ela não deixava. E sabiam que ela tinha razão, o que tornava as coisas ainda piores.

Estavam os três no departamento de pessoal da Oxenford Medical. Antonia, a quem toda a gente tratava por Toni, era diretora das instalações, e a sua principal responsabilidade era a segurança. A Oxenford era uma pequena empresa farmacêutica — uma boutique, no jargão do mercado bolsista — que fazia investigação sobre vírus potencialmente fatais. A segurança era, por isso, de importância vital.

Toni tinha organizado um inventário de estoque e tinha descoberto que faltavam duas doses de um fármaco experimental. E isso já era suficientemente mau: o produto, um agente antiviral, era um segredo bem guardado, pelo que a sua fórmula tinha um valor incalculável. Podia ter sido roubado para ser vendido a uma empresa da concorrência.

Mas havia uma outra possibilidade ainda mais assustadora, que estava a causar aquela expressão de ansiedade no rosto sardento de Toni e a desenhar -lhe aqueles círculos escuros por baixo dos olhos verdes: a de o produto ter sido roubado por um ladrão para uso pessoal. E só havia uma razão que podia levar alguém a fazer isso: ter sido infectado por um dos vírus letais utilizados nos laboratórios da Oxenford.

Os laboratórios estavam localizados num enorme edifício do século XIX, que tinha sido construído na Escócia para servir de casa de férias a um milionário vitoriano. Tinha a alcunha de Kremlin por causa da vedação com duas fileiras de grades, arame farpado, guardas à paisana, e do sofisticado sistema de segurança eletrônico. Porém, na realidade, parecia mais uma igreja, com arcos em ogiva, uma torre e uma fila de gárgulas a contornar o telhado.

O departamento de pessoal ficava num dos quartos mais grandiosos. Ainda tinha janelas góticas e lambrins de linho, mas agora com armários de arquivo onde outrora tinham existido guarda-fatos e secretárias com computadores e

telefones onde dantes havia toucadores repletos de frascos de cristal e escovas de prata.

Toni e os dois homens estavam a telefonar, a contactar todas as pessoas com acesso ao laboratório de segurança máxima. Havia quatro níveis de biossegurança. No mais elevado, o BSN4, os cientistas, equipados com fatos espaciais, manuseavam vírus para os quais não havia vacina ou antídoto. Como era o local mais seguro do edifício, era aí que estavam guardadas as amostras do fármaco experimental.

Nem toda a gente tinha acesso ao BSN4. A formação em riscos biológicos era obrigatória, até mesmo para os funcionários do serviço de manutenção que iam mudar os filtros de ar ou reparar as autoclaves. Toni também tinha frequentado as sessões de formação para poder entrar no laboratório a fim de verificar o sistema de segurança.

Dos oitenta funcionários da empresa, só vinte e sete tinham esse nível de acesso. No entanto, muitos deles tinham partido para as férias de Natal. Já era terça-feira, e os três responsáveis continuavam infatigavelmente a tentar apanhá-los.

Toni acabara, de ligar para um resort em Barbados, o Le Club Resort, e depois de muita insistência tinha conseguido convencer o subdiretor a ir à procura de uma jovem técnica do laboratório chamada Jenny Crawford.

Enquanto esperava, Toni olhou para a sua imagem reflectida na janela. Considerando o adiantado da hora, estava a aguentar-se bem. O seu fato castanho-chocolate com riscas brancas mantinha o mesmo aspecto de fato de negócios, o cabelo espesso continuava bem arranjado, e o seu rosto não mostrava sinais de fadiga. O pai era espanhol, mas Toni tinha herdado a pele clara e o cabelo ruivo da mãe, que era escocesa. Era alta e elegante. Não estava nada mal para uma mulher de trinta e oito anos, pensou.

— Devem ser altas horas da noite aí! — disse Jenny, quando finalmente veio ao telefone.

— Descobrimos uma discrepância nos registos do BSN4 — explicou Toni.

Jenny estava um pouco embriagada.

— Já não é a primeira vez que acontece — disse, num tom despreocupado. — E nunca ninguém fez um drama por causa disso.

— Mas nessa altura eu ainda não trabalhava cá — retorquiu Toni com brusquidão. — Quando foi a última vez que acedeste ao BSN4?

— Terça-feira, acho eu. O computador não dá essa indicação?

Dava, de facto, mas Tom queria confirmar se a versão de Jenny coincidia com os registos do computador.

— E quando foi a última vez que acedeste ao cofre?

O cofre era um frigorífico seguro com o nível BSN4. Jenny estava a ficar mal-humorada.

— Não me lembro, mas deve estar registado no vídeo. — A fechadura do cofre, uma combinação que tinha de ser inscrita num painel digital, accionava uma câmara de vigilância que gravava tudo enquanto a porta estivesse aberta.

— Lembras-te da última vez que utilizaste o Madoba-2? — Era o vírus em que os cientistas estavam a trabalhar.

Jenny ficou chocada.

— Que horror! Foi isso que desapareceu?

— Não, não foi. Mesmo assim...

— Acho que nunca manipulei nenhum vírus diretamente. Trabalho quase sempre com os tecidos que estão em cultura no laboratório.

Estava de acordo com a informação de que Toni dispunha.

— Alguma vez notaste que qualquer um dos teus colegas estivesse a ter um comportamento estranho ou fora do normal nas últimas semanas?

— Isso parece a maldita Gestapo — comentou Jenny.

— O que parece não interessa. Notaste ou não?

— Não, não notei nada.

— Só mais uma pergunta. A tua temperatura está normal?

— Porra! Estás a sugerir que posso ter sido infectada pelo Madoba-2?

— Estás constipada ou tens febre?

— Não.

— Então, está tudo bem contigo. Saíste do país há onze dias, por isso, se houvesse algum problema, já estarias com sintomas de gripe. Obrigada, Jenny. Pode ser só um erro de registo, mas temos de nos certificar.

— Estragaste-me a noite — disse Jenny, e desligou.

— Foi pena — comentou Toni para o telefone, já em silêncio. Pousou o auscultador e anunciou: — A Jenny Crawford confere. É uma cabra, mas honesta.

O diretor do laboratório era Howard McAlpine. Tinha uma barba grisalha cerrada que lhe subia pelas maçãs do rosto, fazendo a pele à volta dos olhos parecer uma máscara cor -

de-rosa. Era meticuloso sem ser mesquinho, e Tom gostava normalmente de trabalhar com ele, mas naquele momento estava muito irascível. Recostou-se na cadeira e prendeu as mãos atrás da cabeça.

— O mais plausível é que o material em falta tenha sido utilizado de forma perfeitamente legítima por alguém que pura e simplesmente se esqueceu de actualizar os registos.

Estava a falar num tom irritado, e era a terceira vez que dizia a mesma coisa.

— Espero que tenhas razão — disse Toni, à cautela.

Levantou-se e foi até à janela. O departamento de pessoal dava para o edifício onde ficava o laboratório BSN4. Era um edifício novo mas semelhante ao resto do Kremlin, com chaminés cor de açúcar amarelo e uma torre com um relógio, para que, visto de fora, fosse difícil perceber onde ficava localizado no complexo o laboratório de alta segurança.

Contudo, as suas janelas em ogiva eram opacas, as portas de carvalho trabalhadas não podiam ser abertas, e das cabeças monstruosas das gárgulas espreitavam, como olhos, as câmaras de televisão em circuito fechado. Era um forte de betão disfarçado de edifício vitoriano. Tinha três andares. No rés-do-chão ficavam os laboratórios, uma zona de investigação e armazenagem e uma unidade de cuidados intensivos, isolada, para o caso de alguém ser infectado por um vírus perigoso. Nunca tinha sido utilizada. No andar de cima ficava o equipamento de tratamento do ar e, no andar inferior, estava instalado um complexo sistema de esterilização de todos os resíduos do edifício. Não havia nada que saísse dali a não ser as pessoas.

— Aprendemos muito com este exercício — disse Toni, num tom conciliador.

Sentia, com alguma ansiedade, que estava numa posição delicada. Os dois homens tinham uma posição superior à sua na empresa e eram mais velhos do que ela — andavam ambos na casa dos cinquenta. Embora não tivesse o direito de lhes dar ordens, insistira para que considerassem aquela discrepância como uma situação de crise.

Gostavam dela, mas estava a levar a paciência deles ao limite. Apesar disso, Toni sentia que tinha de pressioná-los ainda mais. Não era só a segurança das pessoas que estava em jogo — era também a reputação da empresa e a sua carreira.

— De futuro, temos de ter os números de telefone de toda a gente que tem acesso ao BSN4, onde quer que estejam, para que possamos contactá-los rapidamente em caso de emergência. E temos de verificar os registos mais do que uma vez por ano.

McAlpine resmungou qualquer coisa. Sendo diretor do laboratório, era responsável pelo registo, e a verdadeira razão do seu mau humor era que devia ter sido ele a descobrir a discrepância. A eficiência de Toni contribuía para denegrir a sua imagem.

Voltou-se para o outro homem, que era o diretor dos recursos humanos.

— Ainda falta muita gente da tua lista, James?

James Eliot levantou os olhos da tela do computador. Vestia-se como um corretor da Bolsa, com um fato às riscas e uma gravata com pintas, como se

quisesse distinguir -se dos cientistas com os seus casacos de tweed. Parecia considerar as regras de segurança uma burocracia fastidiosa, talvez por nunca ter trabalhado diretamente com os vírus.

Tom achava-o pomposo e idiota.

— Só falta falar com uma das vinte e sete pessoas com acesso ao BSN4 — respondeu, com uma precisão exagerada, como um professor farto de explicar a mesma coisa ao aluno mais burro da turma. — Todos disseram a verdade sobre quando foi a última vez que entraram no laboratório e abriram o cofre. Nenhum deles notou qualquer comportamento estranho nos colegas. E nenhum deles está com febre.

— Falta falar com quem?

— Com um técnico do laboratório, o Michael Ross.

— Eu conheço-o — disse Toni. Era um homem tímido e inteligente, uns dez anos mais novo do que ela. — Até já estive em casa dele. Mora numa pequena moradia a menos de vinte e cinco quilômetros daqui.

— Trabalha na empresa há oito anos, sem a mais pequena mancha no seu cadastro.

McAlpine percorreu com o dedo os dados impressos numa folha e disse: — A última vez que entrou no laboratório foi há três domingos, para uma inspeção de rotina aos animais.

— O que é que ele tem andado a fazer desde então?

— Tem estado de férias.

— Há quanto tempo?... Três semanas?

— Devia ter voltado hoje — informou Elliot. Olhou para o relógio e corrigiu: — Ontem, melhor dizendo. Na segunda-feira de manhã, mas não apareceu.

— Telefonou a dizer que estava doente?

— Não.

— E não conseguimos contactá-lo? — perguntou Toni, erguendo as sobrancelhas.

— Ninguém atende, nem no telefone fixo nem no telemóvel.

— Não acham estranho?

— Que um rapaz solteiro prolongue as férias sem avisar o patrão? É tão estranho como chover em Dezembro.

Toni voltou-se para McAlpine.

— Mas disseste que o cadastro dele era impecável.

O diretor do laboratório parecia preocupado.

— É um rapaz muito conscienciosо. É de admirar que tenha faltado sem autorização.

— Quem é que estava com o Michael da última vez que ele entrou no laboratório? -

perguntou Toni. Sabia que ele tinha de estar acompanhado pois havia uma regra no BSN4: por causa do perigo, ninguém podia trabalhar lá sozinho.

McAlpine consultou a sua lista.

— A Dra. Ansari, engenheira bioquímica.

— Acho que não a conheço.

Toni pegou no auscultador.

— Qual é o número dela?

Monica Ansari tinha um sotaque de Edimburgo e parecia estar a dormir profundamente.

— O Howard McAlpine já me telefonou.

— Peço desculpa por voltar a incomodá-la.

— Aconteceu alguma coisa?

— É por causa do Michael Ross. Não conseguimos encontrá-lo. Acho que esteve com ele no BSN4 fez neste domingo duas semanas, não foi?

— Foi. Só um minuto. Deixe-me acender a luz. — Seguiu-se uma pausa. — Meu Deus, são estas horas?

Toni insistiu.

— Michael foi de férias no dia seguinte.

— Disse que ia a Devon visitar a mãe.

Aquelas palavras fizeram Toni lembrar-se da razão por que tinha ido a casa de Michael Ross. Há uns seis meses tinha dito por acaso, numa conversa no refeitório, que gostava muito dos retratos de velhas pintados por Rembrandt, com as rugas tão carinhosamente delineadas uma a uma. Percebia-se por esses retratos que Rembrandt devia ter gostado muito da mãe. Michael dissera, muito animado, que tinha cópias de várias gravuras de Rembrandt, recortadas de revistas e catálogos de leilões. Toni fora então a casa dele, depois do trabalho, para ver os desenhos, todos de velhinhas, que cobriam uma das paredes da sua sala de estar em molduras de bom gosto. Receara que ele tivesse outras intenções em relação a ela — gostava dele, ainda que não desse modo — mas, para seu alívio, ele queria apenas mostrar-lhe a sua coleção. Concluíra que era um menino da mamãe.

— Já é uma ajuda — disse Toni a Monica. — Só um momento. — Voltou-se para James Elliott.

— Temos os contatos da mãe dele?

Elliott mexeu o mouse e clicou-o.

— Está na ficha dele como parente mais próximo — respondeu ele, pegando no telefone.

Toni tornou a falar com Monica.

— E ele pareceu-lhe normal nessa tarde?

— Completamente.

— Entraram juntos no BSN4?

— Entramos. Depois fomos para vestiários diferentes, como é óbvio.

— Quando a Monica entrou no laboratório, já ele lá estava?

— Já. Mudou de roupa mais depressa do que eu.

— Esteve a trabalhar ao lado dele?

— Não. Estive noutro laboratório a ver umas culturas em tecidos. Ele foi ver os animais.

— Saíram ao mesmo tempo?

— Ele saiu uns minutos antes de mim.

— Pelos vistos, ele podia ter acedido ao cofre sem a Monica dar por isso.

— Era fácil.

— Qual é a sua opinião sobre o Michael?

— Simpático... Acho que é um tipo inofensivo.

— Sim, é uma boa maneira de o descrever. Sabe se ele tem namorada?

— Não me parece.

— Acha-o atraente?

— Acho que tem bom aspecto, mas não se pode dizer que seja sexy.

Toni sorriu.

— E exatamente isso. Pela sua experiência, acha que há alguma coisa de estranho nele?

— Não.

Toni sentiu que tinha havido uma hesitação e ficou em silêncio, para dar tempo à sua interlocutora. Eliot estava ao seu lado, a falar com alguém, a perguntar por Michael Ross ou pela mãe.

Passado um momento, Monica acrescentou: — Lá por uma pessoa viver sozinha não quer dizer que seja maluca, pois não?

Elliot estava a dizer ao telefone:

— Que estranho! Peço muita desculpa por tê-lo incomodado a esta hora da noite.

A curiosidade de Toni estava ao rubro pelo que estava a ouvir da conversa de Eliot.

Terminou o telefonema, dizendo:

— Obrigada mais uma vez, Monica. Espero que consiga adormecer rapidamente.

— O meu marido é médico de família — retorquiu Monica. — Estamos habituados a telefonemas a meio da noite.

Toni desligou.

— O Michael Ross teve mais do que tempo para abrir o cofre — informou. — E mora sozinho.

— Olhou para Elliot. — Conseguiste ligar para casa da mãe dele?

— O número é de um lar de idosos — disse Elliot. Parecia assustado. — E a mãe dele morreu no Inverno passado.

— Oh, merda! — exclamou Toni.

3h

As torres e empenas do Kremlin estavam iluminadas pela luz potente dos holofotes da segurança. Estavam cinco graus abaixo de zero, mas o céu estava limpo e não havia neve. O edifício dava para um jardim vitoriano, com grandes árvores e arbustos. A lua, quase cheia, lançava uma luz cinzenta sobre as ninfas desnudadas que pareciam brincar nas fontes secas, sob o olhar vigilante dos dragões de pedra.

O silêncio foi cortado pelo barulho dos motores de duas picapes que saíram da garagem. Tinham ambas o símbolo de risco biológico, quatro círculos negros entrecortados sobre um fundo amarelo-vivo. O guarda do portão já tinha levantado a barreira.

Toni Gallo ia a guiar o veículo da frente como se fosse o seu Porsche, ocupando toda a estrada, puxando pelo motor e acelerando nas curvas. Temia que fosse tarde de mais.

Iam com ela três especialistas em descontaminação. O segundo veículo era uma unidade móvel de isolamento e nele seguiam um paramédico, ao volante, e uma médica, Ruth Solomons, no banco do passageiro.

Toni tinha medo de estar enganada, mas estava aterrorizada com a possibilidade de estar certa.

Tinha accionado um alerta vermelho com base apenas numa suspeita. O produto podia ter sido utilizado para fins legítimos por um cientista que simplesmente se tinha esquecido de fazer a respetiva entrada no registo — era essa a convicção de Howard McAlpine.

Michael Ross podia apenas ter decidido prolongar as férias sem autorização, e a história da mãe dele podia ser apenas um mal-entendido. Se assim fosse, de certeza que alguém diria que a reação de Toni tinha sido exagerada — a reação típica de uma histérica, acrescentaria James Elliot. Poderia muito bem encontrar Michael Ross, na cama, a dormir tranquilamente com o telefone desligado, e estremeceu ao pensar no que diria ao seu patrão, Stanley Oxenford, na manhã seguinte.

No entanto, seria muito pior se estivesse certa.

Um funcionário faltara ao trabalho sem autorização; tinha mentido sobre o local para onde ia; e haviam desaparecido amostras do novo fármaco do cofre. Seria possível que Michael Ross tivesse feito alguma coisa que o pusesse em risco de apanhar uma infecção letal? O fármaco ainda estava em fase experimental e não era eficaz contra todos os vírus, mas ele achara que era

melhor do que nada. Fosse qual fosse a ideia dele, o certo era que quisera garantir que ninguém aparecia lá em casa durante algumas semanas; e, para isso, tinha fingido que fora a Devon visitar a mãe que já tinha morrido.

Monica Ansari dissera: Lá por uma pessoa viver sozinha não quer dizer que seja maluca, pois não? Era uma daquelas frases que significava exatamente o contrário do que pretendia significar. A engenheira bioquímica apercebera-se de qualquer coisa de estranho em Michael, apesar de, sendo ela uma cientista racional, hesitar em confiar na mera intuição.

Toni achava que a intuição era algo que nunca se devia ignorar.

Não suportava pensar nas consequências de uma eventual fuga do vírus Madoba-2. Era altamente infeccioso e propagava-se rapidamente através da tosse e dos espirros. E era fatal. O terror fê-la estremecer da cabeça aos pés, e carregou mais a fundo no acelerador.

A estrada estava deserta; demoraram apenas vinte minutos a chegar à casa isolada de Michael Ross. A entrada não estava assinalada de forma muito visível, mas Toni lembrava-se onde era. Voltou para um caminho que ia dar a uma casa baixa de pedra atrás de um muro de jardim. Estava tudo às escuras. Toni parou a picape ao lado de um Volkswagen Golf, provavelmente de Michael, e buzinou várias vezes.

Não aconteceu nada. Não se acendeu nenhuma luz e ninguém abriu nenhuma porta ou janela. Toni desligou o carro e fez-se silêncio.

Se Michael não estivesse em casa, por que estaria ali o carro dele?

— Meus senhores, os fatos de proteção, por favor — disse.

Vestiram todos os fatos espaciais cor-de-laranja, incluindo a equipa médica que vinha na outra picape. Não era tarefa fácil. Os fatos eram feitos de um plástico pesado que não se moldava facilmente e fechavam com um fecho de correr que os tornava estanques.

Ajudaram-se uns aos outros a prender as luvas à volta dos pulsos com fita isoladora e, por último, calçaram umas botas de borracha por cima dos pés de plástico dos fatos.

Os fatos eram completamente estanques. Respirava-se através de um filtro HEPA, um filtro de ar altamente eficiente, com uma ventoinha eléctrica accionada por pilhas presas ao cinto. O filtro impedia a entrada de quaisquer partículas que pudessem conter germes ou vírus. Isolava também os cheiros — só os muitos fortes se sentiam. A ventoinha produzia um zumbido permanente, insuportável para algumas pessoas. Os capacetes tinham uns auscultadores e um microfone que lhes permitiam falar uns com os outros e também comunicar com a central telefônica do Kremlin por um canal de rádio cheio de interferências.

Quando já estavam todos prontos, Toni tornou a olhar para a casa. Se alguém

espreitasse por uma janela naquele momento e visse sete pessoas com fatos espaciais cor-de-laranja, iria pensar que os OVNIs e os extraterrestres eram coisas reais.

No entanto, se houvesse alguém naquela casa, não estava a espreitar por nenhuma das janelas.

— Eu vou à frente — anunciou Toni.

Caminhou em direção à porta da frente com passos rígidos, apesar de estar enfiada naquele fato desajeitado de plástico. Tocou à campainha e bateu à aldraba. Alguns minutos depois, dirigiu-se para as traseiras da casa. Havia um jardim bem-arranjado com uma arrecadação em madeira. Descobriu que a porta das traseiras não estava trancada e entrou. Lembrava-se de ter estado na cozinha enquanto Michael fazia chá. Atravessou rapidamente a casa, acendendo as luzes. Os Rembrandts continuavam na parede da sala. A casa estava limpa, arrumada e vazia.

Falou com os colegas através do auricular.

— Não está ninguém em casa.

Reparou no tom abatido da sua própria voz.

Por que teria ele deixado a porta destrancada? Talvez nunca mais voltasse.

Era um choque. Se Michael estivesse em casa, o mistério poderia ser rapidamente resolvido, mas agora teria de haver uma busca. Ele podia estar em qualquer parte do mundo. Era impossível saber quanto tempo demorariam a encontrá-lo. A ideia dos dias ou mesmo semanas de nervos e ansiedade que iria viver deixou-a angustiada.

Saiu para o jardim. À cautela, experimentou também a porta da arrecadação. Quando a abriu sentiu um cheiro desagradável, ainda que vagamente familiar. Pensou que devia ser um cheiro muito intenso para passar pelo filtro de ar do fato. Percebeu que era sangue. A arrecadação cheirava tanto a sangue como um matadouro.

— Oh meu Deus! — murmurou.

Ruth Solomons, a médica, ouviu-a e perguntou: — O que é?

— Só um minuto. — Não havia luz no interior da pequena casa de madeira: não tinha janelas. Tacteou no escuro e encontrou um interruptor; Quando a luz se acendeu, deu um grito.

Os outros falaram todos ao mesmo tempo a querer saber o que tinha acontecido. -

Venham depressa! — disse Toni. — A arrecadação do jardim. A Ruth primeiro.

Michael Ross estava caído no chão, com a cara voltada para cima. Estava a sangrar de todos os orifícios; olhos, nariz, boca, ouvidos. O sangue estava

espalhado à sua volta sobre as tábuas de madeira do chão. Toni não precisou de dizer à médica que Michael tinha tido uma hemorragia múltipla — um sintoma clássico do Madoba-2 e das infecções provocadas por vírus semelhantes. O corpo dele era um perigo, uma bomba por explodir cheia de vírus mortais. Contudo, estava vivo. Via-se o seu peito a subir e a descer e ouvia-se um débil som bor-bulhante a sair da sua boca. Toni baixou-se, ajoelhou-se sobre a poça pegajosa de sangue ainda fresco e examinou-o atentamente.

— Michael! — gritou, para se fazer ouvir através do plástico do capacete. — Sou a Toni Gallo do laboratório!

Houve um movimento vacilante de reconhecimento nos olhos ensanguentados de Michael. Abriu a boca e murmurou qualquer coisa.

— O quê? — gritou Toni, aproximando-se mais dele.

— Não há cura — disse Michael e depois vomitou. Um jacto de líquido preto jorrou da boca dele e espalhou-se sobre a viseira do capacete de Toni. Ela deu um salto para trás e gritou assustada, apesar de saber que estava protegida pelo fato.

Alguém a afastou, e Ruth Solomons debruçou-se sobre Michael.

— Tem o pulso muito fraco — disse a médica através do auricular. Abriu a boca de Michael e com os dedos protegidos pela luva tentou tirar-lhe algum sangue e vomitado da garganta.

— Preciso de um laringoscópio. Depressa! — Alguns segundos depois já estava um paramédico a dar-lhe o instrumento. Ruth enfiou-o na boca de Michael para lhe limpar a garganta e o ajudar a respirar melhor.

— Tragam a maca de isolamento. O mais depressa que puderem!

Abriu a mala e tirou uma seringa já preparada “com morfina e um coagulante”, pensou Toni. Ruth espetou a agulha no pescoço de Michael e carregou no êmbolo. Quando retirou a seringa, Michael sangrou copiosamente do pequeno orifício.

Toni estava dominada por uma grande dor. Lembrava-se de Michael a andar pelo Kremlin, sentado em sua casa a tomar chá, a falar animadamente das gravuras, e isso tornava a visão daquele corpo destruído ainda mais dolorosa e trágica.

— Pronto — disse Ruth. — Vamos levá-lo daqui.

Dois paramédicos pegaram em Michael e levaram-no para uma maca envolta numa tenda de plástico transparente. Fizeram deslizar o seu corpo por uma abertura numa das extremidades da tenda e depois selaram-na. Empurraram a maca através do jardim de Michael.

Antes de entrarem para a ambulância, tinham de se descontaminar a si próprios e à maca. Um dos membros da equipa de Toni já tinha preparado uma

pequena banheira de plástico semelhante àquelas onde as crianças costumam patinhar e brincar. A Dra.

Solomons e os paramédicos puseram-se um a um de pé na banheira para serem pulverizados com um potente desinfectante que destruía quaisquer vírus, oxidando a sua proteína.

Toni ficou a ver, consciente de que cada segundo que passava tornava mais improvável que Michael sobrevivesse, mas também de que o processo de descontaminação tinha de ser seguido à risca para impedir outras mortes. Estava perturbada com a ideia de um vírus mortal ter saído do seu laboratório. Era algo que nunca tinha acontecido na história da Oxenford Medical. O facto de ter tido razão em fazer tanto barulho por causa do desaparecimento dos fármacos e de os seus colegas estarem errados ao não darem importância ao assunto não lhe servia de consolação. O seu trabalho era impedir que aquilo acontecesse e tinha falhado. A consequência seria a morte do pobre Michael?

Haveria outras mortes?

Os paramédicos meteram a maca na ambulância. A Dra. Solomons entrou para a parte de trás para ir ao pé do doente. Fecharam as portas e afastaram-se ruidosamente, noite dentro.

— Mantém-me informada, Ruth — disse Toni. — Podes ligar-me para este auricular.

A voz de Ruth estava a tornar-se menos audível à medida que a distância ia aumentando.

— Ele está em coma — disse. Acrescentou qualquer coisa, mas as suas palavras foram imperceptíveis até que deixou de se ouvir por completo.

Toni abanou-se para tentar sair do torpor em que caíra. Era preciso meter mãos à obra.

— Vamos limpar isto!

Um dos homens pegou num rolo de fita amarela com a inscrição “Risco biológico — Não passar” e começou a estendê-la à volta de toda a propriedade, da casa, da arrecadação, do jardim e também à volta do carro de Michael. Felizmente não havia outras casas por perto com que tivessem de se preocupar. Se Michael vivesse num edifício de apartamentos com condutas de ar comuns, já seria tarde de mais para se proceder a qualquer descontaminação.

Os outros foram buscar rolos de sacos do lixo, pulverizadores de jardins cheios com desinfectante, caixas de panos de limpeza e uns bidões de plástico brancos. Todas as superfícies tinham de ser pulverizadas e limpas. Os objetos rígidos e os bens de valor, como jóias, seriam selados nos bidões e levados para o Kremlin para serem esterilizados a alta pressão numa autoclave. O resto seria metido em sacos que, por sua vez, seriam metidos noutros sacos, para ser tudo

destruído no incinerador de resíduos médicos por baixo do laboratório BSN4. Toni pediu a um dos homens que a ajudasse a limpar o vomitado de Michael do seu fato e que a pulverizasse. Teve de reprimir o impulso de arrancar o fato conspurcado de cima de si.

Enquanto os homens limpavam o local, Toni foi à procura de alguma pista que pudesse explicar por que razão aquilo tinha acontecido. Tal como receava, Michael roubara o fármaco experimental porque sabia ou suspeitava que tinha sido infectado pelo Madoba-2. Mas o que teria ele feito para se expor ao vírus?

Na arrecadação havia uma redoma de vidro com um extractor de ar, que fazia lembrar um contentor de biossegurança improvisado. Quase não tinha olhado para ele antes por estar tão concentrada em Michael, mas viu que estava um coelho morto lá dentro.

Aparentemente tinha morrido da mesma doença que infectara Michael. Teria vindo do laboratório? Ao seu lado estava um recipiente de água com a inscrição "Joe". Era um dado significativo. O pessoal do laboratório raramente dava nomes aos animais com que trabalhava. Tratavam com cuidado os sujeitos das suas experiências, mas não se permitiam desenvolver quaisquer laços afectivos com os animais que iam morrer. No entanto, Michael tinha dado uma identidade àquele animal e tratava-o como se fosse um bicho de estimação. Sentir-se-ia culpado por causa do seu trabalho?

Toni saiu da arrecadação. Um carro-patrulha da Polícia estava a parar ao pé da picape.

Toni já estava à espera de que eles chegassem. Segundo o Plano de Resposta a Acidentes Críticos que ela própria delineara, os seguranças do Kremlin tinham ligado automaticamente para a divisão regional da Polícia em Inverburn para lhes comunicar que havia um alerta vermelho. Tinham ido ali para avaliar até que ponto a crise era real.

Toni tinha trabalhado até há dois anos na Polícia. Ao longo da sua carreira, fora sempre uma polícia-modelo — fora rapidamente promovida, mostrada aos meios de comunicação como o novo estilo da Polícia e apontada como a primeira mulher chefe da Polícia da Escócia. Depois entrara em rota de colisão com o seu superior hierárquico por causa de uma questão delicada — o racismo na Polícia. Ele afirmava que a instituição não podia ser acusada de racismo, e Toni contrapusera que os agentes escondiam quase sempre os incidentes racistas e, por isso, essa atitude podia ser generalizada a toda a instituição. A discussão tinha chegado a um jornal, Toni recusara-se a negar o que dissera e fora obrigada a demitir-se.

Na altura vivia com Frank Hackett, também detective Estavam juntos há oito anos, embora não se tivessem casado. Quando ela caiu em desgraça, ele deixou-

a. Ainda sofria por causa disso.

Dois jovens agentes saíram do carro, um homem e uma mulher. Tom conhecia a maior parte dos polícias locais da sua geração, e alguns dos mais velhos lembravam-se do pai dela, já falecido, o sargento Antonio Gallo, a que inevitavelmente todos se referiam pela alcunha de Tony Espanhol. Porém, não reconheceu aqueles dois.

— Jonathan, a Polícia chegou — informou pelo auricular. — Importas-te de te descontaminar e ir falar com eles? Diz-lhes só que confirmamos a fuga de um vírus do laboratório. Eles vão chamar o Jim Kincaid, e eu dou-lhes as informações necessárias quando ele chegar.

O superintendente Kincaid era responsável pelo departamento conhecido por AQBRN — acidentes químicos, biológicos, radiológicos e nucleares. Tinha colaborado com Toni na elaboração do plano. Desenvolveriam em conjunto uma resposta cuidadosa àquele incidente, sem fazer muito barulho.

Quando Kincaid chegasse, ela gostaria de já ter algumas informações para lhe dar sobre Michael Ross. Entrou na casa. Michael tinha transformado o outro quarto em escritório.

Numa mesa estavam três molduras com fotografias da mãe: uma adolescente magra com uma camisola apertada; uma mãe feliz com um bebé ao colo, que se parecia com Michael; e com uns sessenta anos, um gato enorme preto e branco no colo. Toni sentou-se à secretária e leu os e-mails dele, mexendo no teclado com alguma dificuldade por causa das luvas de borracha. Tinha encomendado na Amazon um livro intitulado Ética Animal. Também tinha pedido informações sobre cursos universitários de filosofia moral.

Consultou o browser da Internet e descobriu que recentemente ele tinha visitado sites sobre direitos dos animais. Era óbvio que estava preocupado com a moralidade do seu trabalho. Mas aparentemente ninguém na Oxenford Medical se apercebera de que ele andava insatisfeito. Tony compreendia-o. Sempre que via um cão ou um hamster numa gaiola, com uma doença que os cientistas lhes tinham provocado deliberadamente para a estudarem, sentia pena deles. Contudo, depois lembrava-se da morte do pai. Aos cinquenta e poucos anos descobrira que tinha um tumor no cérebro e morrera confuso, humilhado e com grande sofrimento. A doença dele poderia ser curável um dia graças às pesquisas feitas em cérebros de macacos. Na sua opinião, as pesquisas em animais eram uma triste necessidade.

Michael tinha os seus papéis muito bem organizados numa caixa arquivadora de cartão, separados por “Contas”, “Garantias”, “Extractos Bancários”, “Manuais de Instruções”. Em “Associações”, Toni descobriu que ele se tinha inscrito numa organização chamada “Os Animais São Livres”. O quadro estava a

ficar bastante claro.

O trabalho acalmou a sua angústia. Sempre tivera jeito para investigações. Tinha sido um golpe muito duro para ela ter sido forçada a deixar a Polícia. Sabia-lhe bem pôr em prática as suas antigas competências e saber que ainda tinha algum talento.

Encontrou numa gaveta o livro de moradas de Michael e a sua agenda. A agenda não tinha qualquer anotação ao longo das duas últimas semanas. Quando ia a abrir o livro de moradas, viu um clarão azul e olhou para a janela, vendo um Volvo cinzento com uma luz da Polícia no tejadilho. Devia ser Jim Kincaid.

Saiu e pediu a um dos elementos da equipa que a descontaminasse. Depois tirou o capacete para falar com o superintendente. Aconteceu, porém, que o homem do Volvo não era Jim. Quando o luar incidiu sobre o rosto dele, Toni viu que era o superintendente Frank Hackett — o seu antigo namorado. Sentiu o coração cair-lhe aos pés. Embora tivesse sido ele a deixá-la, agia sempre como se fosse ele que tivesse ficado ofendido.

Resolveu ser calma, simpática e profissional.

Ele saiu do carro e dirigiu-se para ela.

— Não passes a barreira — disse-lhe. — Eu vou aí. — Apercebeu-se imediatamente de que tinha cometido um erro de tacto. Ele era o agente da Polícia e ela era o elemento civil — ele iria pensar que devia ser ele a dar-lhe ordens e não o contrário. Ao vê-lo franzir as sobrancelhas, percebeu que ele tinha entendido aquilo como uma desconsideração.

Tentando ser mais simpática, perguntou-lhe: — Como estás, Frank?

— O que é que aconteceu aqui?

— Parece que um técnico do laboratório apanhou um vírus. Acabamos de o levar numa ambulância isolada. Agora estamos a descontaminar a casa. Onde está o Jim Kincaid?

— Está de férias.

— Onde?

Toni tinha esperança de que fosse possível contactar Jim e fazê-lo regressar para aquela emergência.

— Em Portugal. Ele e a mulher têm lá um pequeno apartamento em regime de time-sharing.

Que pena, pensou Toni. Kincaid percebia de acidentes biológicos, e Frank não.

Como se lhe tivesse lido a mente, Frank disse-lhe: — Não te preocupes. — Tinha na mão um documento quase com três centímetros de espessura. — Tenho aqui o protocolo. — Era o plano que Toni tinha elaborado com Kincaid.

Era óbvio que Frank tinha estado a lê-lo enquanto estivera à espera. — O

meu primeiro dever é isolar a área. — Olhou à sua volta. Toni já tinha feito isso, mas não disse nada.

Frank precisava de se afirmar. Gritou para os dois guardas que estavam no carro-patrulha: — Vocês dois! Levem o carro para a entrada do desvio e não deixem ninguém passar sem me perguntarem.

— Boa ideia — disse Toni, embora na verdade aquela medida não fizesse a mínima diferença.

Frank consultou o documento.

— Depois temos de garantir que ninguém sai do local.

Toni acenou com a cabeça em sinal de assentimento.

— Não está cá mais ninguém, tirando os membros da minha equipa, e estão todos com fatos especiais para acidentes biológicos.

— Não gosto deste protocolo. Põe civis a mandarem no local de um crime.

— O que te leva a pensar que tenha havido aqui um crime?

— Foram roubadas amostras de um fármaco.

— Mas não foi daqui.

Frank deixou passar a observação sem dizer nada.

— Como o homem apanhou o vírus? Andam todos com roupas especiais no laboratório, não andam?

— Tem de ser a comissão local de saúde a descobrir isso — disse Toni, como subterfúgio. -

Não vale a pena especular.

— Havia algum animal quando chegaste?

Toni hesitou.

Era o suficiente para Frank, que era um bom detetive porque não deixava escapar nada.

— Quer dizer que um animal fugiu do laboratório e infectou o técnico quando estava desprotegido?

— Não sei o que aconteceu e não quero ver circulando teorias apressadas. Podemos concentrar-nos por agora na segurança das pessoas?

— Podemos. A verdade, porém, é que tu não estás preocupada só com a segurança das pessoas. Queres proteger a tua empresa e o teu precioso Professor Oxenford.

Toni ficou a pensar por que teria ele dito “precioso” — mas, antes de poder reagir, ouviu um tinido vindo do capacete.

— Estão me ligando — disse a Frank. — Desculpa. — Tirou o receptor do capacete e colocou-o.

Ouviu outro tinido e depois um zumbido, quando a ligação foi estabelecida. Por fim, chegou-lhe aos ouvidos a voz de um segurança do Kremlin.

— E a Dra. Solomons. Pretende falar com Ms. Gallo.

— Alô? — disse Toni.

A médica apareceu na linha.

— Michael morreu, Toni.

Toni fechou os olhos.

— Oh, Ruth, lamento muito.

— Teria morrido mesmo que o tivéssemos encontrado vinte e quatro horas antes. Tenho quase a certeza de que tinha o Madoba-2.

A voz de Tom estava embargada pelo desgosto.

— Fizemos tudo o que pudemos.

— Fazes alguma ideia de como aconteceu?

Toni não queria dizer muita coisa na frente de Frank.

— Ele andava perturbado com a crueldade com os animais. E talvez tenha reagido mal à morte da mãe, há um ano.

— Coitado.

— Está aqui a Polícia, Ruth. Falamos mais depois.

— Está bem.

A ligação foi cortada. Tom tirou o aparelhor.

— Quer dizer que morreu — disse Frank.

— Chamava-se Michael Ross e aparentemente contraiu um vírus chamado Madoba-2.

— Que animal foi?

Sob o impulso do momento, Toni decidiu preparar uma pequena armadilha a Frank.

— Um hamster — disse. — Chamado Fluffy.

— Haverá mais pessoas infectadas?

— Essa é a principal questão. O Michael vivia aqui sozinho; não tinha família nem amigos.

Quem o tiver visitado antes de ter adoecido, não tem problema, a menos que tenham feito algo de muito íntimo, como por exemplo partilhar uma agulha hipodérmica. Se alguém cá tivesse vindo quando ele já estava com os sintomas, de certeza que chamaria um médico. Por isso, há boas probabilidades de não ter transmitido o vírus. — Toni estava a simplificar a questão. Se estivesse a falar com Kincaid, teria sido mais honesta, porque teria a certeza de que ele não ia lançar o pânico. No entanto, com Frank era diferente.

Concluiu dizendo: — Mas obviamente a nossa primeira prioridade terá de ser contactar todas as pessoas que podem ter estado com o Michael nos últimos dezesseis dias.

Encontrei o livro de moradas dele.

Frank tentou uma abordagem diferente.

— Ouvi-te dizer que ele andava preocupado com a crueldade para com os animais.

Pertencia a algum grupo?

— Pertencia. A um grupo chamado “Os Animais São Livres”.

— Como é que sabes?

— Estive a ver as coisas dele.

— É à Polícia que compete fazer isso.

— Concordo. Só que vocês não podem entrar lá em casa.

— Posso vestir um fato desses.

— A questão não é só o fato. E a formação em acidentes biológicos que é preciso antes de se obter autorização para vestir um fato destes.

Frank estava outra vez a ficar zangado.

— Então, traz-me as coisas para aqui.

— E se for um dos membros da minha equipa a mandar-te tudo por fax? Também podemos transferir tudo o que está no disco rígido do computador dele.

— Quero os originais! O que é que estás a esconder ali dentro?

— Nada, garanto-te, mas tudo o que está naquela casa tem de ser descontaminado, ou com desinfectante ou com vapor a alta pressão. Ambos os processos destroem os papéis e podem danificar o computador.

— Vou mandar alterar este protocolo. Duvido que as chefias saibam o que o Kincaid te deixou fazer.

Toni estava exausta. Era tardíssimo, tinha entre mãos uma situação grave e ainda estava a ser obrigada a andar com pezinhos de lã para não irritar um ex-companheiro cheio de ressentimentos.

— Oh, Frank, por amor de Deus! Até podes ter razão, mas é isto que temos de fazer. Será que consegues esquecer o passado e trabalhar em equipa?

— Para ti, trabalhar em equipa significa os outros fazerem tudo o que tu dizes.

Ela riu-se.

— Está bem. Então diz lá: o que devemos fazer a seguir?

— Vou informar a comissão de saúde. Segundo o protocolo, são a principal entidade a contactar. Eles vão designar um consultor em acidentes biológicos que irá convocar uma reunião logo de manhã. Entretanto, devemos começar a contactar todas as pessoas que possam ter estado com o Michael Ross. Vou pôr alguns detectives a telefonar para todos os números que estiverem nesse tal livro de moradas. Sugiro que interrogues todos os funcionários do Kremlin. Seria útil isso estar concluído antes da reunião com a comissão de saúde.

— Está bem. — Toni hesitou. Tinha uma coisa a perguntar a Frank. O

melhor amigo dele era Cari Osborne, um jornalista da televisão local que prezava mais o sensacionalismo do que a verdade dos fatos. Se o caso chegasse aos ouvidos de Cari, ele desencadearia uma agitação diabólica.

Toni sabia que a melhor maneira para conseguir qualquer coisa de Frank era ser prosaica e não parecer nem demasiado assertiva nem pedinchona.

— Há uma cláusula no protocolo para a qual gostava de chamar a tua atenção — disse-lhe.

— Diz que não devem ser feitas quaisquer declarações à imprensa sem primeiro as discutir com as entidades envolvidas, incluindo a Polícia, a comissão de saúde e a empresa.

— Tudo bem.

— Estou a falar disto porque não há necessidade de lançar uma onda de pânico. Há fortes probabilidades de não haver ninguém em perigo.

— Ótimo.

— Não queremos esconder nada, mas a divulgação dos fatos deve ser feita com calma e moderação. Não é preciso entrar em pânico.

Frank fez um sorriso irônico.

— Estás com medo de histórias sensacionalistas sobre hamsters assassinos à solta pela Escócia.

— Estás em dívida para comigo, Frank. Espero que não te esqueças disso.

— Estou em dívida para contigo}

Toni baixou a voz, embora não houvesse ninguém por perto.

— Lembras-te do Lavrador Johnny Kirk? — Kirk fora um grande importador de cocaína.

Tinha nascido em Garscube Road, um bairro problemático de Glasgow, e nunca tinha visto um palmo de terra na vida. A alcunha vinha das enormes botas de borracha verdes com que andava sempre por causa das dores que os calos lhe provocavam nos pés.

Frank tinha investigado o Lavrador. Durante o julgamento, por mero acaso, Toni tinha descoberto umas provas que ajudariam a defesa. Dissera a Frank, mas ele não informara o tribunal. Claro que Johnny era culpado, e Frank conseguiu que o tribunal o acusasse, mas se alguma vez se soubesse a verdade, seria o fim da carreira de Frank.

Frank perguntou-lhe num tom de grande irritação: — Estás a ameaçar trazer isso ao de cima, se eu não fizer o que tu queres?

— Não. Só estou a lembrar-te de que já houve tempos em que precisaste que eu ficasse calada, e eu fiquei.

A sua atitude tornou a mudar. Por um momento, ficara assustado, mas quando tornou a falar, já o fez com a mesma arrogância de sempre.

— Toda a gente foge às regras de vez em quando. É a vida.

— Pois é. E eu estou a pedir-te que não contes nada disto ao teu amigo Cari Osborne nem a ninguém da imprensa.

Frank tornou a sorrir com desdém.

— Ora essa, Toni! — exclamou com uma falsa indignação. — Eu nunca faço coisas dessas.

7h

Kit Oxenford acordou cedo, sentindo-se ao mesmo tempo impaciente e ansioso. Era uma sensação estranha.

Tinha chegado o dia em que ia assaltar a Oxenford Medical.

Estava extremamente excitado com a ideia. Seria o maior golpe de sempre. Apareceria contado em livros com títulos como O Crime Perfeito, mas, melhor ainda, seria a forma de se vingar do pai. A empresa ficaria destruída e o pai na bancarrota. O facto de o velho nunca vir a descobrir quem lhe tinha feito aquilo ainda tornava a história mais saborosa.

Seria uma espécie de secreta gratificação que Kit teria para o resto da vida.

Ao mesmo tempo, porém, estava também ansioso, o que era raro nele. Não era, por natureza, pessoa de se preocupar. Sempre que estava metido em apuros, arranjava maneira de se livrar deles. Raramente planeava o que quer que fosse.

No entanto, desta vez tinha tudo planeado. Talvez fosse esse o problema.

Estava deitado na cama., de olhos fechados, a pensar nos obstáculos que iria ter de ultrapassar.

Em primeiro lugar, havia a segurança física em torno do Kremlin: a vedação dupla, o arame farpado, as luzes, os alarmes. Alarmes esses que estavam protegidos por caixas, sensores e circuitos intermináveis que detectariam qualquer curto-circuito. Encontravam-se também ligados à divisão regional da Polícia, em Inverburn, através de uma linha telefônica que estava continuamente a ser verificada pelo sistema para garantir a sua operacionalidade.

Todavia, nada disso iria proteger o Kremlin de Kit e dos seus ajudantes. Depois havia os guardas, que vigiavam as zonas importantes através de um circuito fechado de câmaras de televisão e passavam revista às instalações de hora a hora. Os monitores das televisões estavam equipados com dispositivos de alta segurança capazes de detectar a substituição de equipamento se, por exemplo, em vez de imagens de uma câmara passassem a receber sinal de um gravador de vídeo. Kit tinha pensado numa maneira de contornar isso.

Por fim, havia o elaborado esquema de controlos de acesso: os cartões plastificados com uma fotografia do utilizador autorizado e um chip com a informação das suas impressões digitais.

Seria complicado furar todo esse sistema, mas Kit sabia como fazê-lo.

Era formado em Engenharia Informática e tinha sido o melhor do seu ano, mas possuía uma vantagem ainda mais importante. Tinha sido ele a desenhar todo o software que controlava o sistema de segurança do Kremlin. Era uma

espécie de filho para ele. Tinha feito um trabalho fantástico para o ingrato do pai, e o sistema era virtualmente impenetrável para qualquer pessoa exterior à empresa, mas Kit conhecia os seus segredos.

Por volta da meia-noite entraria no santuário dos santuários, o laboratório BSN4, o local mais seguro da Escócia. Na sua companhia estaria o cliente, um londrino calado e ameaçador chamado Nigel Buchanan, e dois colaboradores. Quando estivessem lá dentro, Kit abriria o cofre frigorífico com um simples código de quatro dígitos, e Nigel roubaria amostras do novo e precioso fármaco antiviral de Stanley Oxenford.

Não ficariam muito tempo com as amostras em seu poder. Nigel tinha um prazo muito rígido. Via-se obrigado a entregar as amostras às dez da manhã do dia seguinte, Dia de Natal. Kit não sabia o que motivava aquela exigência. Também não sabia quem era o cliente, mas não lhe custava muito adivinhar. Só podia ser um dos grandes laboratórios farmacêuticos multinacionais. Verem-se na posse de uma amostra para analisar poupar-lhes-ia anos de investigação. Poderiam então fazer a sua própria versão do fármaco, em vez de terem de pagar milhões à Oxenford para obter as licenças.

Claro que era uma desonestidade, mas as pessoas conseguem justificar a desonestidade quando há muita coisa em jogo. Kit até imaginava o distinto presidente da empresa, de cabelo grisalho e fato às riscas, a dizer num tom hipócrita: “Garantem-me que nenhum funcionário da nossa empresa violou quaisquer leis para obter esta amostra?”

Para Kit, a melhor parte do seu plano era o facto de ninguém dar pela intrusão a não ser muito depois de ele e Nigel terem saído do Kremlin. Naquele dia, terça-feira, era véspera de Natal. O dia seguinte e o outro eram feriados. Na melhor das hipóteses, o alarme seria dado na sexta-feira, quando um ou dois cientistas zelosos se apresentassem ao trabalho; mas havia boas hipóteses de o roubo não ser descoberto nessa altura nem durante o fim-de-semana, dando a Kit e aos restantes membros do gangue até segunda-feira da semana seguinte para esconder quaisquer provas. Era mais do que precisavam.

Então por que estava assustado? Veio-lhe à mente a cara de Toni Gallo, a chefe de segurança que o seu pai contratara. Era uma ruiva sardenta, muito atraente para quem gostasse de mulheres musculadas, mas com uma personalidade demasiado forte para o gosto de Kit. Seria ela a razão do medo que sentia? Já uma vez subestimar a as capacidades dela — e o resultado tinha sido desastroso.

Porém, o seu plano era brilhante. “Brilhante” disse em voz alta, tentando convencer-se a si próprio.

— O que foi? — perguntou uma voz de mulher ao seu lado.

Deu um gemido de surpresa. Tinha-se esquecido de que não estava sozinho. Abriu os olhos. O apartamento estava completamente às escuras.

— O que é que é brilhante? — repetiu a mulher.

— A maneira como danças — disse Kit, improvisando. Tinha-a conhecido num clube na noite anterior.

— Tu também não danças nada mal — retorquiu a mulher com um forte sotaque de Glasgow. — Tens um jogo de pés impecável.

Deu voltas à cabeça a tentar lembrar-se do nome dela. Era Maureen. Com aquele nome, devia ser católica. Virou-se de lado e pôs o braço por cima dela, tentando lembrar-se de como ela era. Parecia ser bastante rechonchuda. Kit não gostava de raparigas muito magras. Ela voltou-se prontamente para ele. Seria loura ou morena? pensou. Devia ser muito picante fazer amor com uma mulher sem saber como ela era. Ia a estender a mão para lhe apalpar os seios quando se lembrou do que tinha de fazer, e o seu desejo evaporou-se instantaneamente.

— Que horas são? — perguntou.

— São horas de uma queca — respondeu Maureen ansiosamente.

Kit voltou-se para o outro lado. O relógio digital indicava 07:10.

— Tenho de me levantar. Vou ter um dia muito ocupado. — Queria estar em casa do pai à hora de almoço. O pretexto era o de que iria lá passar o Natal, mas na realidade ia roubar uma coisa de que precisava para o assalto daquela noite.

— Como é que podes estar ocupado na véspera de Natal?

— Se calhar, sou o Pai Natal. — Sentou-se à beira da cama e acendeu a luz.

Maureen estava desapontada.

— Bem, se o Pai Natal não se importar, este duende fica mais um bocado na cama -

resmungou.

Ele olhou para ela, mas Maureen tinha tapado a cabeça com o edredão. Continuava sem saber como ela era. Foi nu até à cozinha e começou a fazer café.

O apartamento estava dividido em duas grandes áreas. Havia a sala de estar com uma kitinete e, ao fundo, o quarto. A sala estava cheia de equipamentos electrônicos: um plasma enorme, um complexo sistema de som e uma pilha de computadores e acessórios ligados por um emaranhado de cabos. Kit sempre gostara de testar as defesas dos computadores das outras pessoas. E a única maneira de uma pessoa se tornar especialista em segurança informática era começar por ser hacker.

Enquanto estava a trabalhar para o pai, a conceber e a instalar o sistema de segurança do laboratório BSN4, realizara um dos seus melhores golpes. Com a ajuda de Ronnie Sutherland, que na altura era o chefe de segurança da Oxenford Medical, tinha descoberto uma maneira de desviar dinheiro da empresa. Tinha

adulterado o software da contabilidade de forma a que, ao somar as facturas dos fornecedores, o computador limitava-se a adicionar um por cento ao total e depois transferia esse montante para a conta de Ronnie, transação essa que não aparecia em nenhum registo. O esquema funcionava se ninguém verificasse as contas feitas pelo computador — e nunca ninguém as verificou até ao dia em que Tom Gallo viu a mulher de Ronnie a estacionar um Mercedes coupé novinho em folha à porta do Marks e Spencer em Inverburn.

Kit ficara admirado e assustado com a persistência e obstinação com que Toni investigara o caso. Havia uma discrepância, e ela tinha de encontrar a explicação. Nunca desistia. Pior ainda, quando descobriu o que estava a acontecer, não houve nada que a demovesse de contar ao patrão, o pai de Kit. Ele tinha-lhe implorado que tivesse em atenção a idade avançada do pai a fim de não lhe causar angústia. Tentara convencê-la de que, num acesso de raiva, o pai a despediria a ela e não a Kit. Por fim, pusera-lhe ao de leve a mão na anca, fizera o seu melhor sorriso de menino travesso e dissera-lhe numa voz insinuante: “Nós os dois devíamos ser amigos, não inimigos.” Mas nada resultara.

Kit nunca mais tinha arranjado emprego desde que o pai o despedira. Infelizmente, tinha continuado a jogar. Ronnie tinha-o introduzido num casino ilegal onde lhe concediam crédito, certamente devido ao facto de ser filho de um famoso cientista milionário.

Tentava não pensar no dinheiro que estava a dever: era uma soma que o deixava doente pelo medo e pelo nojo que tinha de si próprio e que lhe dava vontade de se atirar de Forth Bridge. No entanto, a sua recompensa pelo trabalho daquela noite daria para pagar tudo e ainda para recomeçar de novo.

Levou o café para a casa de banho e viu-se ao espelho. Noutros tempos pertencera à equipa britânica das Olimpíadas de Inverno e passava todos os fins-de-semana a esquiar ou a treinar. Nessa altura, era magro e ágil como um galgo, mas agora tinha uma pequena protuberância quando se via de perfil. “Estás a engordar”, disse. Ainda assim, continuava a ter o mesmo volumoso cabelo castanho, que lhe caía com tanta graça para a testa. O rosto pareceu-lhe tenso. Tentou fazer a sua expressão à Hugh Grant, com a cabeça baixa e um ar tímido, a olhar para cima pelo canto de um dos seus olhos azuis e com um sorriso irresistível. Ainda conseguia fazê-la. Toni Gallo podia ser imune a ela, mas tinha conquistado Maureen na noite anterior.

Enquanto fazia a barba, ligou a televisão da casa de banho. Estava a dar um noticiário local. O primeiro-ministro britânico tinha ido passar o Natal ao seu círculo eleitoral, na Escócia. Os Glasgow Rangers tinham pagado nove milhões de libras por um avançado chamado Giovanni Santangelo. “Aí está um belo nome escocês”, dissera Kit para si próprio. O tempo ia continuar frio, mas com

céu limpo. Uma tempestade de neve vinda do Mar da Noruega estava a deslocar-se para Sul, mas previa-se que passasse a Oeste da Escócia. Seguiu-se uma notícia local que gelou o sangue de Kit.

Ouviu a voz familiar de Cari Osborne, uma celebridade da televisão escocesa, famoso pelas suas notícias sinistras. Olhando de relance para a tela, Kit viu o edifício que estava a planear assaltar nessa noite. Osborne estava a falar em direto junto aos portões da Oxenford Medical. Ainda era de noite, mas os potentes holofotes da segurança iluminavam a elaborada arquitetura vitoriana do edifício. "O que é que aconteceu?", murmurou Kit num tom preocupado.

— Os cientistas fazem experiências com alguns dos vírus mais perigosos do mundo aqui na Escócia, neste edifício que está atrás de mim, a que os locais puseram a alcunha de "Castelo de Frankenstein" — dizia Osborne.

Kit nunca tinha ouvido ninguém chamar-lhe "Castelo de Frankenstein". Osborne estava a inventar. A alcunha era Kremlin.

— Mas hoje, naquilo que alguns observadores consideram ser a vingança da Natureza pela intromissão da Humanidade, morreu um técnico contaminado com um desses vírus.

Kit pousou a máquina de barbear. Pensou imediatamente que aquela notícia seria uma péssima publicidade à Oxenford Medical. Em condições normais, teria rejubilado com o problema do pai, mas naquele momento estava mais preocupado com o efeito daquela notícia sobre os seus próprios planos.

— Michael Ross, de trinta e um anos, foi contaminado por um vírus denominado Ebola, o nome da aldeia africana onde germinou. O seu efeito é terrivelmente doloroso, enchendo o corpo da vítima de furúnculos purulentos.

Kit tinha a certeza de que Osborne estava a dar uma informação errada, mas o público não sabia. Era um canal sensacionalista. Até que ponto poderia a morte de Michael Ross afectar o assalto planeado por Kit?

— A Oxenford Medical sempre garantiu que as suas pesquisas não representam qualquer ameaça para os habitantes locais nem das zonas vizinhas, mas a morte de Michael Ross levanta sérias dúvidas quanto a isso.

Osborne tinha um anorak enorme e um chapéu de lã, e parecia não ter dormido muito na noite anterior. De certeza que alguém o tinha acordado de madrugada para lhe dar uma dica, pensou Kit.

— Ross pode ter sido mordido por um animal que roubou do laboratório e terá levado para sua casa, a alguns quilômetros daqui — continuou Osborne.

— Oh, não! — exclamou Kit.

As coisas iam de mal a pior. Seria possível que fosse obrigado a abandonar o seu plano?

Achava que não ia aguentar.

— Terá Michael Ross trabalhado sozinho ou faria parte de um grupo mais vasto que poderá tentar libertar mais animais infectados dos laboratórios secretos da Oxenford Medical? Estaremos perante a possibilidade de cães e coelhos aparentemente inocentes andarem à solta pela Escócia a espalhar indiscriminadamente o vírus letal? Aqui ninguém está disposto a dizê-lo.

Independentemente do que eles dissessem ou não, Kit sabia o que as pessoas estavam a fazer no Kremlin: a aumentar o nível de segurança o mais rapidamente possível. De certeza que Toni Gallo já lá estava, a reforçar todos os procedimentos, a verificar os alarmes e as câmaras, a dar instruções aos seguranças. Era a pior notícia possível para Kit. Estava fora de si. "Por que é que eu tenho tanto azar?", disse em voz alta.

— Seja como for — continuou Cari Osborne —, Michael Ross parece ter morrido por amor a um hamster chamado Fluffy. — O tom da sua voz era tão trágico que Kit quase estava à espera de o ver limpar uma lágrima do olho, mas Osborne não chegou a tanto.

A pivô em estúdio, uma loura atraente com o cabelo muito armado, interveio: — Cari, a Oxenford Medical já fez algum comentário sobre este incidente tão extraordinário?

— Já. — Cari olhou para um bloco-notas. — Dizem que estão profundamente abalados com a morte de Michael Ross e que tudo aponta para que mais ninguém tenha sido contaminado pelo vírus. Ainda assim, vão tentar falar com todas as pessoas que possam ter estado com Ross nos últimos dezesseis dias.

— Provavelmente as pessoas que estiveram com ele apanharam o vírus.

— Sim, é provável, e podem ter infectado outras pessoas. Por isso, a declaração da empresa de que não há mais ninguém que tenha sido contaminado parece mais uma esperança piedosa do que um facto científico.

— Uma notícia muito preocupante — disse a pivô para a câmara.

— Foi Cari Osborne em direto do local. E agora o futebol.

Enfurecido, Kit agarrou no comando da televisão, tentando desligá-la mas estava demasiado agitado e só carregava nos botões errados. Por fim, puxou o fio da televisão, arrancando-o da tomada. Apetecia-lhe atirar o aparelho pela janela fora. Era uma catástrofe.

A previsão apocalíptica de Osborne sobre a propagação do vírus podia não ser verdade, mas uma consequência era certa: a segurança do Kremlin torná-lo-ia absolutamente inviolável. Não deveria haver altura pior para um assalto ao laboratório. Teria de adiar a operação. Era um jogador: quando tinha uma cartada boa, mostrava-se disposto a apostar tudo o que tinha, mas sabia que era melhor passar quando as cartas estavam contra ele.

“Pelo menos não vou ter de passar o Natal com o meu pai”, pensou amargamente.

Talvez pudessem efetuar o roubo noutra altura, quando a agitação passasse e a segurança voltasse ao nível normal. Talvez fosse possível convencer o cliente a adiar o prazo. Kit estremeceu ao pensar na dívida enorme que tinha para pagar, mas não valia a pena avançar quando as probabilidades de insucesso eram tão grandes.

Saiu da casa de banho. O relógio da aparelhagem marcava 07:28. Se bem que fosse cedo para telefonar, o caso era urgente. Pegou no auscultador e marcou o número.

Atenderam imediatamente. Uma voz de homem disse apenas: — Sim?

— É o Kit. Ele está?

— O que é que queres?

— Preciso de falar com ele. É importante.

— Ainda não se levantou.

— Merda! — Kit não quis deixar mensagem. E, pensando bem, não queria que Maureen ouvisse o que ele tinha para dizer. — Diz-lhe que vou para aí. — Desligou sem esperar pela resposta.

7h30

Toni Gallo achou que ia poder sair da empresa por volta da hora de almoço.

Olhou para o seu gabinete. Não estava ali há muito tempo. Ainda mal começara a arrumá-lo a seu jeito. Sobre a secretária tinha posto uma fotografia dela com a mãe e a irmã, Bela, tirada há alguns anos, quando a mãe ainda gozava de boa saúde. Ao lado da moldura, estava o seu velho dicionário — escrever não era o seu forte. Na semana passada tinha pendurado na parede uma fotografia sua, com a farda da Polícia, tirada há dezessete anos — a sua expressão era jovem e ansiosa.

Ainda não conseguia acreditar que tinha perdido o emprego.

Já descobrira o que Michael Ross havia feito. Tinha arranjado uma maneira inteligente e elaborada de contornar as medidas de segurança implementadas por ela. Tinha descoberto os pontos fracos e tinha-os explorado. Só havia um culpado: ela.

Há duas horas ainda não sabia isto, quando telefonara a Stanley Oxenford, presidente e acionista maioritário da Oxenford Medical.

Estava a custar-lhe fazer a chamada. Tinha de lhe dar a pior das notícias e assumir -se como culpada. Preparou-se para enfrentar a frustração, a indignação ou até talvez a raiva dele.

Afinal, ele perguntara:

— Estás bem?

Toni quase começara a chorar. Não estava à espera de que a primeira preocupação dele fosse com o seu bem-estar. Não merecia tamanha amabilidade.

— Estou bem — disse. — Vestimos todos fatos isolantes antes de entrarmos na casa.

— Ainda assim, deves estar exausta.

— Consegui dormir uma hora, por volta das cinco.

— Ainda bem — dissera Stanley e continuara rapidamente. — Eu conheço o Michael Ross.

Um tipo calado, na casa dos trinta... Está cá há alguns anos. É um técnico experiente.

Como é que isto aconteceu?

— Encontrei um coelho morto na arrecadação do jardim dele. Acho que deve ter levado para casa um animal do laboratório e foi mordido por ele.

— Duvido — retorquiu Stanley com alguma agressividade. — É mais provável que se tenha cortado com uma faca contaminada. Mesmo as pessoas

mais experientes podem ser descuidadas. Se calhar o coelho era um vulgar animal de estimação que morreu à fome depois de o Michael ter adoecido.

Toni gostaria de poder fingir que acreditava naquela versão, mas tinha de revelar ao patrão a verdade dos fatos.

— O coelho estava numa espécie de contentor de biossegurança improvisado.

— Ainda assim, continuo a duvidar. O Michael não podia estar a trabalhar sozinho no BSN4. Mesmo que o colega dele não estivesse a olhar, há câmaras de televisão por toda a parte. Não podia ter roubado um coelho sem ser apanhado pelos monitores. Depois tinha de passar por vários seguranças, que certamente notariam que ele estava a levar um coelho. Por último, os cientistas que fossem trabalhar para o laboratório na manhã seguinte aperceber-se-iam imediatamente de que faltava um animal. Podiam não saber dizer ao certo qual é que faltava, mas sabiam de certeza quantos estavam a ser utilizados na experiência.

Apesar de ser tão cedo, o cérebro dele estava com tanta potência como o motor VI2 do seu Ferrari, pensou Toni. Mas estava enganado.

— Fui eu que concebi todas as medidas de segurança — disse-lhe Tom. — E garanto-te que não há nenhum sistema que seja perfeito.

— Tens razão. — Um bom argumento fazia-o voltar atrás com uma velocidade alarmante. -

Presumo que tenhas as imagens de vídeo da última vez que o Michael esteve no BSN4.

— É a próxima coisa que vou fazer.

— Estarei aí por volta das oito. Espero que nessa altura já tenhas algumas respostas para me dar.

— Só mais uma coisa. Assim que os empregados começarem a chegar, vão aparecer boatos. Posso anunciar-lhes que irás fazer uma declaração ?

— Boa ideia. Reúne toda a gente no átrio, por exemplo, às nove e meia. — O átrio da casa antiga era a maior divisão, sendo por isso sempre utilizada para reuniões com muita gente.

A seguir, Toni tinha mandado chamar Susan Mackintosh, do serviço de segurança, uma rapariga bonita de vinte e poucos anos, com o cabelo cortado à rapaz e um piercing numa sobrancelha. Susan reparou imediatamente na fotografia que estava na parede.

— Fica bem de farda — disse.

— Obrigada. Sei que já acabaste o teu turno, mas preciso que seja uma mulher a fazer o que vou pedir.

Susan ergueu uma sobrancelha, com um ar insinuante.

— Sei como são essas coisas.

Toni estava a pensar na festa de Natal da empresa, na sexta-feira anterior. Susan tinha-se vestido como o John Travolta em Grease, com o cabelo lustroso, umas calças de ganga muito justas e uns sapatos com umas solas maleáveis que, em Glasgow, eram conhecidos por "penetra-bordéis". Tinha convidado Toni para dançar. Toni fizera um sorriso caloroso e dissera: "Acho melhor não". Um pouco mais tarde, depois de mais algumas bebidas, Susan perguntara-lhe se dormia com homens, e Toni respondera: "Não tantas vezes quantas gostaria."

Toni sentiu-se lisonjeada pelo facto de uma rapariga tão jovem e bonita se sentir atraída por ela, mas fingiu não reparar.

— Preciso que impeças todos os funcionários de entrarem. Põe uma secretária no átrio, e não os deixes ir para os respetivos gabinetes ou laboratórios sem primeiro falares com eles.

— E o que é que lhes digo?

— Diz-lhes que houve um problema de segurança com um vírus e que o Professor Oxenford vai fazer uma comunicação a todo o pessoal durante a manhã. Fala-lhes num tom calmo e tranquilizador, mas não entres em pormenores. É melhor deixar isso para o Stanley.

— Está bem.

— Depois pergunta-lhes quando foi a última vez que viram o Michael Ross. Essa pergunta já foi feita a alguns pelo telefone, ontem à noite, mas só aos que têm acesso ao BSN4, e não há problema nenhum em perguntar duas vezes. Se alguém o tiver visto desde que ele saiu de cá, fez no domingo duas semanas, avisa-me imediatamente.

— Está bem.

Toni tinha uma pergunta delicada a fazer e estava a hesitar, mas acabou por perguntar: — Achas que o Michael era gay?

— Se era, não assumia.

— Tens a certeza?

— Inverburn é uma cidade pequena. Há dois pubs, um clube, alguns restaurantes, uma igreja para gays... Conheço todos esses sítios e nunca o vi em nenhum deles.

— Está bem. Espero que não leves a mal eu ter partido do princípio -de que tu saberias, por causa de...

— Não faz mal. — Susan sorriu e olhou discretamente para Toni. — Vai ter de se esforçar mais do que isso para conseguir ofender-me.

— Obrigada.

Isso tinha sido há quase duas horas. Desde então, Toni passara o tempo quase todo a ver as gravações de vídeo da última vez que Michael Ross estivera no BSN4. Já tinha as respostas que Stanley queria. Ia dizer o que havia acontecido,

e era provável que ele lhe pedisse que apresentasse o seu pedido de demissão.

Lembrou-se da sua primeira reunião com Stanley. Estava no pior momento de toda a sua vida. Queria trabalhar por conta própria como consultora de segurança, mas não tinha clientes. Tinha sido abandonada por Frank, que fora seu companheiro durante oito anos.

E a sua mãe estava a ficar senil. Sentia-se como Job depois de ter sido proscrito por Deus.

Stanley tinha-a convocado para uma entrevista e oferecera-lhe um contrato de curto prazo. Tinha descoberto um fármaco tão valioso que temia poder ser alvo de espionagem industrial. Queria que ela verificasse. Toni não lhe dissera que era o seu primeiro trabalho a sério.

Depois de passar revista às instalações, em busca de dispositivos de escuta, voltara a sua atenção para possíveis sinais de que os funcionários principais estivessem a viver acima das suas posses. Descobriu que ninguém andava a espiar a Oxenford Medical -

mas, para sua consternação, descobriu que o filho de Stanley, Kit, andava a desviar fundos da empresa.

Ficara chocada. Achara Kit encantador e, ao mesmo tempo, desonesto; mas que tipo de homem é capaz de roubar o próprio pai? “O sacana tem dinheiro para isso e muito mais”, dissera Kit despreocupadamente; e Toni sabia, pela sua experiência na Polícia, que não havia nada de muito profundo na maldade — os criminosos eram apenas pessoas fúteis e insaciáveis com desculpas desajustadas.

Kit tentara convencê-la a não dizer nada. Prometera nunca mais fazer o mesmo, se Toni não contasse a ninguém só por aquela vez. Sentiu-se tentada: não queria dizer a um homem que há tão pouco tempo sofrera um desgosto bastante grande que o filho não prestava. Mas não dizer nada era ser desonesta.

Por isso, com grande ansiedade, acabara por contar tudo a Stanley.

Jamais esqueceria a expressão dele. Empalideceu, fez um esgar e disse “Aah”, como se tivesse sentido de repente uma dor dentro do seu corpo. Nesse momento em que tentava dominar a sua profunda emoção, Toni pôde ver a sua força e sensibilidade e sentiu uma forte atração por ele.

Dizer-lhe a verdade tinha sido a decisão correta. A sua integridade havia sido recompensada. Stanley despedira Kit e dera a Toni um lugar permanente. Só por isso, sentia que lhe devia uma lealdade inquebrantável. Estava profundamente determinada a recompensá-lo pela confiança que tinha depositado nela.

E a sua vida melhorara. Stanley promoveu-a rapidamente de chefe da segurança a diretora das instalações e aumentou-a. Toni comprou um Porsche vermelho.

Quando um dia deixou escapar que tinha jogado squash na equipa nacional

da Polícia, Stanley desafiou-a para um jogo no court da empresa. Ganhou, mas não com uma vitória folgada, e começaram a jogar todas as semanas. Ele sabia jogar bem e tinha um bom serviço, mas ela era vinte anos mais nova do que ele e os seus reflexos eram rapidíssimos. Volta e meia ele lá ganhava um jogo ou outro, quando ela não estava tão concentrada, mas normalmente era ela que ganhava.

E foi ficando a conhecê-lo melhor. O seu jogo era inteligente; assumia riscos que normalmente compensavam. Tinha um espírito competitivo, mas mantinha o bom humor quando perdia. O espírito rápido dela não ficava atrás do cérebro dele, e Toni tinha grande prazer naqueles confrontos. Quanto melhor o conhecia, mais gostava dele. Até que, um dia, percebeu que o que sentia por ele era mais do que apenas gostar dele.

Por isso, naquele momento, o que mais lhe custava ao perder o emprego era deixar de o ver.

Estava prestes a ir ao encontro dele no átrio, quando o telefone tocou.

Uma voz de mulher, com um sotaque do sul de Inglaterra, disse-lhe: — Daqui fala a Odette.

— Olá!

Toni ficara satisfeita. Odette Cressy era detective da Polícia Metropolitana de Londres.

Tinham-se conhecido num curso em Hendon há cinco anos. Eram da mesma idade.

Odette era solteira e, depois de Toni se ter separado de Frank, já tinham ido duas vezes de férias juntas. Se não morassem tão longe uma da outra, seriam grandes amigas.

Assim, limitavam-se a falar ao telefone, de duas em duas semanas, mais dia menos dia.

— É por causa da tua vítima do vírus — disse Odette.

— Por que é que estás tão interessada? — Toni sabia que Odette pertencia à brigada antiterrorista. — Não devia ter perguntado.

— Pois não. Só vou dizer-te que o nome de Madoba-2 fez soar aqui os alarmes e agora vou deixar que descubras porquê.

Toni franziu a testa. Com a sua experiência de polícia, era-lhe fácil adivinhar o que estava a acontecer. Odette tinha provas de que havia algum grupo interessado no Madoba-2.

Talvez aquele nome tivesse sido mencionado por algum suspeito durante um interrogatório, ou tivesse vindo à baila numa conversa sob escuta, ou talvez tivesse sido no motor de busca de um computador por alguém cujas linhas telefônicas estavam a ser interceptadas. A partir daí, sempre que houvesse algum

desaparecimento do vírus, a brigada antiterrorista iria desconfiar que tinha sido roubado por esses fanáticos.

— Não me parece que o Michael Ross fosse terrorista — disse Toni. — Acho que ele apenas se afeiçoou a um animal do laboratório.

— E os amigos dele?

— Descobri o livro de moradas dele, e a Polícia de Inverburn está neste momento a verificar os nomes.

— Ficaste com uma cópia? Estava sobre a sua secretária.

— Posso mandar-te imediatamente por fax.

— Obrigada. Vai poupar-me algum tempo. — Odette disse um número e Toni anotou-o. -

Como é que vão as coisas com o borracho do teu patrão?

Tom nunca dissera a ninguém o que sentia por Stanley, mas Odette parecia ter o dom da telepatia.

— Sabes bem que não acredito no sexo no emprego. Além disso, a mulher dele morreu há pouco tempo...

— Tanto quanto me lembro, há dezoito meses.

— Não é muito, depois de quase quarenta anos de casamento. E ele é muito dedicado aos filhos e aos netos, e iria certamente detestar que alguém tentasse ocupar o lugar da sua mulher.

— Sabes o que tem de bom o sexo com um homem mais velho? Está tão preocupado por não ser jovem e vigoroso que faz o dobro do esforço para satisfazer a mulher.

— Vou acreditar na tua palavra.

— E que mais? Ah, pois, já me esquecia! Ainda por cima, é rico. Só vou dizer -te mais uma coisa: se não o quiseres, eu fico com ele. Entretanto, vai-me dizendo se encontrares alguma coisa de novo sobre o Michael Ross.

— Claro. — Toni desligou e olhou pela janela. O Ferrari F50 azul-escuro de Stanley Oxenford estava a chegar ao sítio do parque de estacionamento que lhe era reservado.

Pôs a cópia do livro de moradas de Michael no fax e marcou o número de Odet te.

Depois, sentindo-se como se fosse uma criminosa prestes a ouvir a sentença, foi ter com o patrão.

8h

O átrio parecia a nave de uma igreja. Tinha umas janelas grandes em ogiva que deixavam entrar grossos feixes de luz que desenhavam padrões no chão de pedra, e era atravessado por grossas traves de madeira que sustentavam um telhado também revestido a madeira. De uma forma algo incongruente, a recepção ficava a meio daquele espaço tão belo, com o seu balcão alto e oval. Por detrás do balcão estava um segurança fardado sentado num banco.

Stanley Oxenford entrou pela porta principal. Era um sexagenário alto, com cabelo grisalho e olhos azuis. Não correspondia ao protótipo de cientista — não era careca, não tinha as costas curvadas, não usava óculos. Toni achava-o mais parecido com os atores que costumam fazer de generais nos filmes sobre a Segunda Guerra Mundial. Vestia-se bem, sem parecer pomposo. Naquele dia trazia um fato de tweed cinzento com colete, uma camisa azul-clara e — talvez por respeito para com o funcionário falecido — uma gravata de malha preta.

Susan Mackintosh tinha posto uma mesa junto à porta da frente. Assim que Stanley entrou, falou logo com ele. Ele respondeu-lhe em poucas palavras e voltou-se para Toni: — Foi boa ideia interceptar toda a gente logo à entrada e perguntarem-lhes quando foi a última vez que viram o Michael.

— Obrigada.

"Pelo menos fiz uma coisa acertada", pensou Toni.

— E as pessoas que estão de férias? — perguntou Stanley.

— O Departamento de Pessoal vai telefonar-lhes durante a manhã.

— Ótimo. Já descobriste o que aconteceu?

— Já. Era eu que tinha razão. Foi o coelho.

Apesar de as circunstâncias serem trágicas, ele sorriu. Gostava que as pessoas o confrontassem, sobretudo mulheres atraentes.

— Como é que sabes?

— Pelas gravações de vídeo. Queres vê-las?

— Quero.

Percorrera um corredor amplo com as paredes revestidas com caixotins de linho e depois viraram para um corredor lateral, mais estreito, que ia dar à central de monitorização, normalmente chamada sala de controlo. Era ali o centro de segurança.

Em tempos tinha sido uma sala de bilhar, mas as janelas haviam sido substituídas por tijolos, por razões de segurança, e tinha sido posto um tecto falso a tapar o ninho de cobras formado pelos cabos. Numa das paredes via-se

um conjunto de monitores de televisão que mostravam áreas-chave do edifício, incluindo todas as salas do BSN4.

Numa secretária enorme havia inúmeros painéis digitais que controlavam os alarmes.

Havia milhares de detectores que mediam a temperatura, a umidade e o sistema de gestão de ar em todos os laboratórios — se alguém mantivesse uma porta demasiado tempo aberta, era logo accionado um alarme. Um segurança impecavelmente fardado ocupava uma estação de trabalho que dava acesso ao computador central da segurança.

— Isto foi arrumado desde a última vez que aqui estive — disse Stanley num tom surpreendido.

Quando Toni assumira o serviço de segurança, a sala de controlo estava um caos, cheia de copos de café sujos, jornais velhos, esferográficas partidas e caixas tupperwares meio vazias. Agora estava limpa e arrumada, sem nada sobre a secretária a não ser o dossier que o guarda estava a ler. Tom ficou satisfeita por Stanley ter reparado.

Stanley olhou para a sala contígua, que noutros tempos tinha sido a sala das armas e agora estava cheia de equipamento, incluindo a CPU do sistema telefônico. Mostrava-se profusamente iluminada. Havia centenas de cabos identificados com etiquetas inamovíveis e claramente legíveis, a fim de minimizar o tempo de espera em caso de falha técnica. Stanley acenou em sinal de aprovação.

Aquilo era tudo muito bonito, mas Stanley já sabia que ela sabia organizar tudo de forma muito eficiente. No entanto, a parte mais importante do seu trabalho era garantir que não saía nada de perigoso do laboratório BSN4 — e aí falhara.

Havia alturas em que não sabia o que Toni estava a pensar, e aquela era uma dessas ocasiões. Estaria condoído pela morte de Michael Ross, receoso do futuro da empresa ou furioso com a quebra de segurança? Voltaria a sua raiva contra ela, contra Michael ou Howard McAlpine? Quando lhe mostrasse o que Michael tinha feito, Stanley elogiá-la-ia por ter descoberto tudo tão depressa ou despedi-la-ia por ter permitido que tal acontecesse?

Sentaram-se ao lado um do outro à frente de um monitor, e Toni foi accionando os botões do teclado até chegar às imagens que queria que ele visse. A gigantesca memória do computador guardava as imagens durante vinte e oito dias e só depois as apagava. Toni estava muito familiarizada com o programa e navegava nele com bastante à-vontade.

Mostrou-lhe no monitor Michael a chegar ao portão principal e a apresentar o seu cartão de acesso.

— A data e a hora estão na parte de baixo da tela — esclareceu. Fora às catorze horas e vinte e sete minutos do dia oito de Dezembro. Continuou a mexer no teclado, e no monitor apareceu um Volkswagen Golf verde a estacionar. Viu-se um homem de pequena estatura a sair do carro e a tirar uma mochila do banco de trás. — Repare na mochila -

disse Tom.

— Porquê?

— Porque tem um coelho lá dentro.

— Como é que ele conseguiu?

— Deve ter-lhe dado um tranquilizante e provavelmente embrulhou-o em qualquer coisa.

Lembre-se que ele trabalha com animais de laboratório há anos. Sabe o que tem de fazer para os manter calmos.

A imagem seguinte mostrava Michael a apresentar outra vez o cartão de acesso na recepção. Uma paquistanesa bonita com uns quarenta anos entrou no átrio.

— É Monica Ansari — disse Stanley.

— Era a colega dele. Tinha de fazer um trabalho qualquer com culturas em tecidos, e ele ia fazer a visita de rotina aos animais.

Foram pelo mesmo corredor por onde Toni e Stanley tinham vindo, mas, em vez de voltarem para a sala de controlo, tinham continuado até à porta do fundo. Parecia igual a todas as outras portas do edifício, com quatro painéis entalhados e um puxador de latão, mas era feita de aço. Na parede ao lado da porta estava o símbolo internacional amarelo e preto de perigo biológico.

A Dra. Ansari acenou um cartão de plástico à frente do controlo de acesso e depois encostou o indicador da mão esquerda a um pequena tela. Houve uma pausa, enquanto o computador verificava se as suas impressões digitais coincidiam com a informação que constava do microchip inserido no cartão. Era uma forma de garantir que os cartões perdidos ou roubados não pudessem ser utilizados por pessoas não autorizadas.

Enquanto esperava, a Dra. Ansari olhou para a câmara de vigilância e, por brincadeira, fez continência. Depois a porta abriu-se, e ela entrou. Michael entrou a seguir.

Uma outra câmara mostrava-os no pequeno átrio. Na parede havia uma série de mostradores que monitorizavam a pressão do ar no laboratório. A medida que se ia avançando no BSN4, a pressão ia diminuindo. Esta diminuição era uma forma de garantir que qualquer fuga de ar seria no sentido de fora para dentro, e não o contrário. No átrio separaram-se, indo para os respetivos vestiários.

— Foi nesta altura que ele tirou o coelho do saco — disse Toni. — Se tivesse

ido com um colega do sexo masculino, o plano não teria resultado. Mas foi com a Mônica, e não há câmaras de vigilância nos vestiários.

— Bolas! Também não podemos pôr câmaras nos vestiários — retorquiu Stanley. — Ninguém iria querer trabalhar cá.

— Claro — disse Toni. — Vamos ter de pensar noutra alternativa. Vê isto.

A imagem seguinte era de uma câmara instalada no interior do laboratório. Mostrava gaiolas convencionais de coelhos com uma cobertura isolante de plástico transparente.

Toni fez pausa.

— Podes explicar-me exatamente o que os cientistas fazem neste laboratório?

— Posso. O nosso novo fármaco é eficaz contra muitos vírus, mas não todos. Nesta experiência, estava a ser testado contra o Madoba-2, uma variante do vírus Ebola que causa uma febre hemorrágica fatal em coelhos e seres humanos. Estimulamos dois grupos de coelhos com o vírus.

— Estimularam?

— Desculpa. É a palavra que costumamos utilizar. Significa que foram infectados. Depois o fármaco foi injetado a um dos grupos.

— A que conclusão chegaram?

— Que nos coelhos o fármaco não é eficaz sobre o Madoba-2. Ficamos um pouco desapontados. É quase certo que também não será eficaz nos humanos.

— Mas há dezesseis dias ainda não sabiam disso.

— Exatamente.

— Nesse caso, acho que estou a perceber o que o Michael estava a tentar fazer. — Voltou a tocar no teclado para que a imagem avançasse. Apareceu então na tela uma pessoa com um fato de isolamento azul-claro e um capacete. Parou junto à porta para calçar as botas de borracha. Depois estendeu o braço e puxou uma mangueira amarela que pendia do tecto. Ligou-a a um adaptador incorporado no cinto. O ar foi entrando e fazendo inchar o fato, até ele ficar parecido com o homem da Michelin.

— É o Michael — disse Toni. — Foi mais rápido do que a Mônica a mudar de roupa e, por isso, naquele momento está sozinho.

— Isso não devia acontecer, mas acontece — explicou Stanley. — A regra de que têm de ser sempre duas pessoas a entrar no laboratório é observada, mas não minuto a minuto.

Merda! — Stanley deixava escapar com frequência algumas imprecações em italiano, que aprendera com a mulher. Toni, que falava espanhol, percebia quase sempre.

Viu-se na tela Michael a dirigir-se para as gaiolas dos coelhos, caminhando

com uma lentidão deliberada por causa do fato. Estava de costas para a câmara e, por momentos, o fato insuflado não deixou ver o que estava a fazer. Depois afastou-se e deixou cair qualquer coisa em cima de uma bancada de aço inoxidável.

— Reparaste em alguma coisa? — perguntou Tom.

— Não.

— Nem os seguranças que estavam a ver os monitores. — Toni estava a defender os seus funcionários. Se Stanley não tinha visto o que acontecera, não podia culpar os guardas por também não terem visto. — Agora torna a ver. — Fez o filme andar alguns minutos para trás e parou a imagem no momento em que Michael apareceu. — Estás a ver um coelho naquela gaiola de cima, do lado direito?

— Estou.

— Olha melhor para o Michael. Tem qualquer coisa debaixo do braço.

— Pois tem. Uma coisa embrulhada em plástico azul igual ao do fato. Fez avançar o filme e tornou a parar no momento em que Michael se afastou das gaiolas.

— Quantos coelhos estão na gaiola de cima do lado direito?

— Dois. Bolas! — Stanley parecia incrédulo. — Pensava que a tua teoria era que Michael tinha levado um coelho do laboratório, mas afinal as imagens mostram-no a trazer um!

— Para substituir o outro. Senão, os cientistas iam dar pela falta de um.

— Não percebo a motivação dele. Para salvar um coelho, teve de condenar outro à morte!

— Considerando que mantinha alguma racionalidade, só posso imaginar que sentia qualquer coisa de especial pelo coelho que salvou.

— Por amor de Deus! Tanto faz um coelho como outro.

— Acho que para o Michael, isso não era bem assim.

Stanley acenou com a cabeça.

— Tens razão. É impossível saber o que lhe ia na cabeça.

Toni avançou o filme.

— Cumpriu todas as tarefas habituais, viu se havia comida e água nas gaiolas, viu se os animais ainda estavam vivos, seguindo à risca todos os itens da lista de coisas a verificar.

A Monica entrou, mas foi trabalhar para um outro laboratório, de onde não podia vê-lo.

Ele foi para o laboratório seguinte, o maior, para ver os macacos. Depois voltou. Agora vê.

Michael desligou o ventilador, como era normal quando se passava de uma

sala para outra no interior do laboratório — o fato continha ar para três ou quatro minutos e, quando estava a acabar-se, a viseira do capacete começava a ficar embaciada, em sinal de aviso. Entrou numa sala pequena onde estava o cofre, um frigorífico estanque utilizado para conservar amostras vivas dos vírus. Sendo o local mais seguro de todo o edifício, era também lá que estava guardado todo o estoque do precioso antiviralo. Marcou uma combinação de dígitos no sensor. A câmara de vigilância mostrava-o a tirar duas doses do fármaco, já medidas e metidas em seringas descartáveis.

— A dose mais pequena para o coelho e a maior presumivelmente para ele próprio — disse Toni. — Também esperava que o fármaco agisse sobre o Madoba-2. O plano dele era curar o coelho e imunizar-se a si próprio.

— Os guardas podiam tê-lo visto a tirar o fármaco do cofre.

— Mas não iam achar nada de estranho nisso. Ele estava autorizado a lidar com esses materiais.

— Podiam ter reparado que não escreveu nada no registo.

— Pois podiam, mas lembra-te de que há um guarda a ver trinta e sete monitores e sem formação em prática laboratorial.

Stanley resmungou qualquer coisa.

— O Michael deve ter imaginado que a discrepância só seria notada no momento da auditoria anual e, mesmo nessa altura, podia ser atribuída a um erro humano. Não sabia que eu estava a planear fazer uma verificação de surpresa.

Na tela da televisão, viu-se Michael a fechar o cofre e a voltar para o laboratório onde se encontravam os coelhos, tornando a ligar a mangueira.

— Já fez tudo o que tinha a fazer — explicou Toni. — Agora está a voltar para junto das gaiolas dos coelhos. — Mais uma vez as costas de Michael não deixavam que a câmara registasse o que estava a fazer. — Agora vai tirar o seu coelho preferido da gaiola. Parece-me que o envolve num fato miniatura, talvez feito com pedaços de um fato já usado.

Michael voltou-se de lado para a câmara. Quando se aproximou da saída, parecia ter qualquer coisa debaixo do braço direito, mas era difícil dizer ao certo.

Ao sair do BSN4, toda a gente tinha de ser pulverizada com químicos num chuveiro por onde era obrigatório passar para descontaminar o fato e, a seguir, tomar um duche normal antes de se vestir.

— O fato deve ter protegido o coelho no duche de descontaminação — disse Toni. — Depois deve ter deitado o fato do coelho para o incinerador. O duche de água não fazia mal ao animal. Quando chegou ao vestiário, pôs o coelho na mochila. Ao sair do edifício, os guardas viram-no levar o mesmo saco com que entrou e não desconfiaram de nada.

Stanley recostou-se na cadeira.

— Raios me partam! — exclamou. — Era capaz de jurar que era impossível.

— Levou o coelho para casa. Se calhar, ele mordeu-lhe quando lhe injetou o fármaco.

Injetou-se também e pensou que estava em segurança, mas enganou-se.

Stanley parecia triste.

— Pobre rapaz — disse. — Que pateta!

— Agora já sabes tudo o que eu sei — confessou Toni e ficou a observá-lo, à espera do veredicto. Seria o fim daquela fase da sua vida? Já estaria sem emprego no Natal?

Stanley olhou-a com firmeza.

— Há uma medida óbvia de segurança que podíamos ter instituído e que teria evitado isto.

— Eu sei — disse Toni. — Era revistar as malas de toda a gente que entrasse e saísse do BSN4.

— Exactamente.

— Instituí essa medida esta manhã.

— Pôr trancas à porta depois de a casa ter sido roubada.

— Lamento muito — disse Toni. Tinha a certeza de que ele queria que ela se demitisse. -

Sou paga para impedir que coisas destas aconteçam. Falhei. Parto do princípio de que queiras que eu apresente o meu pedido de demissão.

Stanley mostrou-se irritado.

— Quando eu quiser despedir-te, sabê-lo-ás.

Tom olhou para ele de olhos esbugalhados. Teria sido poupada? A expressão dele tornou-se mais suave.

— És uma pessoa conscienciosa e sentes-te culpada, apesar de nem tu nem eu nem ninguém poder prever o que iria acontecer.

— Podia ter implementado a revista das malas.

— E eu, muito provavelmente, tê-la-ia vetado por achar que ia ser um incômodo para o pessoal.

— Oh.

— Só vou dizer-te isto uma vez. Desde que estás na empresa, a segurança tem sido mais apertada do que nunca. És extremamente competente, e quero que continues cá. Por isso, acabou-se a autocomiseração.

O alívio foi tão grande que, de repente, Toni sentiu-se fraquejar.

— Obrigada — disse.

— Vá, temos muito que fazer. Vamos meter mãos à obra — disse ele e saiu.

Toni fechou os olhos, francamente aliviada. Tinha sido perdoada. “Obrigada”, pensou.

8h30

Miranda Oxenford pediu um cappuccino Viennoise com uma pirâmide de chantilly. No último momento pediu também uma fatia de bolo de cenoura. Meteu o troco no bolso da saia e levou o pequeno-almoço para a mesa onde a sua irmã Olga estava sentada com um café duplo e um cigarro. A sala estava enfeitada com grinaldas de papel, e havia uma árvore de Natal a piscar por cima da torradeira de panini, mas alguém com um ótimo sentido de humor tinha posto a tocar o Surfin' USA dos Beach Boys.

Miranda encontrava-se muitas vezes com Olga naquele café de Sauchiehal Street, no centro de Glasgow, logo de manhã. Trabalhavam perto uma da outra: Miranda era diretora executiva de uma empresa de recrutamento especializada em funcionários do sector das tecnologias de informação, e Olga era advogada. Ambas gostavam de ter cinco minutos para pôr as ideias em ordem antes de irem para os respetivos empregos.

Não pareciam irmãs, pensou Miranda, vendo de relance a sua imagem reflectida num espelho. Era baixa, com cabelo loiro encaracolado, e tinha um ar, por assim dizer, amoroso. Olga era alta como o pai, mas tinha as sobrancelhas pretas da sua mãe, já falecida, que era italiana e a quem sempre toda a gente tinha tratado por Mamma Marta.

Olga vestia um fato cinzento com um ar profissional e uns sapatos muito bicudos. Podia desempenhar o papel de Cruella de Vil. Provavelmente aterrorizava os júris.

Miranda tirou o casaco e o cachecol. Tinha uma saia de pregas e uma camisola com pequenas flores bordadas. Vestia-se para agradar, não para intimidar. Quando se sentou, Olga disse-lhe:

— Vais trabalhar na véspera de Natal?

— Só uma hora — respondeu Miranda. — Para ter a certeza de que não fica nada por fazer durante os feriados.

— Exactamente como eu.

— Já sabes da notícia? Um técnico do Kremlin morreu com um vírus.

— Oh, meu Deus, isso vai dar cabo do nosso Natal.

Olga podia parecer uma mulher sem coração, mas isso não era verdade, pensou Miranda.

— Ouvi na telefonia. Ainda não falei com o papá, mas parece que o pobre rapaz se afeiçoou a um hamster do laboratório e levou-o para casa.

— O que é que ele fez? Fez sexo com ele?

— Se calhar, mordeu-lhe. Vivia sozinho e, por isso, ninguém pediu ajuda. Pelo menos, isso significa que provavelmente não passou o vírus a ninguém. Mesmo assim, é terrível para o papá. Não vai dar a entender nada, mas tenho a certeza de que vai sentir-se responsável.

— Devia ter escolhido um ramo da ciência menos perigoso... Qualquer coisa como investigação de armas atômicas.

Miranda sorriu. Estava particularmente satisfeita por ter encontrado Olga na quele dia.

Apetecia-lhe ter uma conversa em sossego. A família ia reunir-se em Steepfall, a casa do pai, para festejar o Natal. Miranda ia levar o seu noivo, Ned Hanley, e queria ter a certeza de que Olga iria ser simpática para ele, mas abordou o assunto de forma indireta.

— Espero que isto não estrague a festa. Andava desejosa que este dia chegasse. Sabes que o Kit também vai?

— Fico muito sensibilizada pela honra que o nosso irmãozinho se digna conceder -nos.

— Não queria ir, mas eu o convenci.

— O papá vai ficar satisfeito — disse Olga com algum sarcasmo.

— Pois vai — retorquiu Miranda num tom crítico. — Sabes bem que lhe custou imenso despedir o Kit.

— Só sei que nunca o vi tão zangado. Pensei que ele ia matar alguém.

— Depois chorou.

— Isso já não vi.

— Nem eu. Foi a Lori que me contou. — Lori era a governanta de Stanley. — Agora quer perdoá-lo e esquecer tudo.

Olga apagou o cigarro.

— Eu sei. A magnanimidade do papá não tem limites. O Kit já tem emprego?

— Não.

— Não lhe arranjas nada? É a tua área, e ele é bom.

— As coisas estão muito calmas. E as pessoas sabem que foi despedido pelo próprio pai.

— Já deixou de jogar?

— Espero que sim. Prometeu ao papá que ia parar. E, além disso, não tem dinheiro.

— O papá pagou-lhe as dívidas, não pagou?

— Não é para nós sabermos.

— Vá lá, Mandy. — Olga estava a utilizar o nome pelo qual Miranda era tratada em criança. -

Quanto foi?

— Tens de perguntar ao papá... ou ao Kit.

— Dez mil libras?

Miranda desviou a cara.

— Mais do que isso? Vinte mil?

— Cinquenta — sussurrou Miranda.

— Meu Deus! Aquele sacana estoirou cinquenta mil libras da nossa herança? Espera até eu o apanhar à minha frente.

— Bem, já chega do Kit. Vais ficar a conhecer muito melhor o Ned. Quero que o trates como se fosse da família.

— O Ned já devia ser da família. Quando é que te casas? Já não tens idade para andar muito tempo a namorar. Já foram os dois casados. Não tens de poupar para o enxoval.

Não era aquela a reação de que Miranda estava à espera. Queria que Olga se mostrasse entusiástica com a presença de Ned.

— Ora, já sabes como é o Ned — disse, à defesa. — Está perdido no seu próprio mundo. -

Ned trabalhava como editor de The Glasgow Review of Books, uma conceituada revista na área da política e da cultura, mas era totalmente desprovido de sentido prático.

— Não sei como consegues suportar isso. Não aguento hesitações.

A conversa não estava a correr como Miranda queria.

— Acredita em mim. Depois do Jasper, é uma bênção e um alívio.

— O primeiro mando de Miranda tinha sido um mandão e um tirano. Ned era o oposto, e essa era uma das razões por que o amava.

— O Ned nunca vai ser suficientemente organizado para querer mandar em mim. A maior parte das vezes nem sabe que dia é.

— Verdade seja dita, aguentaste-te perfeitamente bem sem homem durante cinco anos.

— Pois aguentei, e senti-me muito orgulhosa de mim mesma, sobretudo quando a situação econômica piorou, e deixaram de me pagar aqueles bónus chorudos.

— Então, para que queres outro homem?

— Bem, sabes como é...

— Por causa do sexo? Por favor... Nunca ouviste falar em vibradores?

Miranda deu uma risadinha.

— Não é a mesma coisa.

— Pois não. Um vibrador é maior, mais duro e mais fiável e, quando já não te apetece mais, podes guardá-lo na mesa-de-cabeceira e esquecer que ele existe.

Miranda começou a sentir-se atacada, como muitas vezes acontecia quando

falava com a irmã.

— O Ned dá-se muito bem com o Tom. — Tom era o seu filho de onze anos. — O Jasper quase nunca falava com o Tom a não ser para lhe dar ordens. O Ned interessa-se por ele. Pergunta-lhe coisas e ouve as respostas.

— A propósito de enteados, como é que o Tom se dá com a Sophie? — Ned tinha uma filha de catorze anos do primeiro casamento.

— Também vai a Steepfal . Vou buscá-la ao fim da manhã. O Tom vê a Sophie da mesma forma que os Gregos viam os deuses, como seres sobrenaturais que são perigosos a menos que sejam pacificados através de oferendas. Está sempre a tentar dar -lhe doces.

Ela preferia cigarros. É magra como um palito e era capaz de morrer para continuar assim.

Miranda olhou deliberadamente para o maço de Marlboro Lights de Olga.

— Todas as pessoas têm as suas fraquezas — disse Olga. — Come mais uma fatia de bolo.

Miranda pousou o garfo e bebeu um gole de café.

— A Sophie pode ser difícil, mas a culpa não é dela. A mãe dela está muito ofendida comigo, e a miúda é fatalmente contagiada pela atitude dela.

— Aposto que o Ned deixa o problema por tua conta.

— Não me importo.

— Agora que ele já se mudou para a tua casa, paga-te renda?

— Não tem dinheiro para isso. A revista paga-lhe uma miséria. E ainda está a pagar a hipoteca da casa onde vive a ex-mulher. Podes crer que não se sente nada bem por depender de mim financeiramente.

— Não percebo por que não há-de sentir-se bem. Pode dar uma queca sempre que lhe apetecer, tu aturas as madurezas da filha dele e não tem de pagar renda.

Miranda ficou ofendida.

— Estás a ser um bocado dura.

— Não devias tê-lo deixado ir viver contigo enquanto não se tivesse comprometido com uma data para o casamento.

Essa ideia passara pela cabeça de Miranda, mas não estava disposta a admiti -lo.

— O Ned acha que toda a gente precisa de mais algum tempo para se habituar à ideia de ele voltar a casar.

— Quem é “toda a gente”?

— Bem, para começar, a Sophie.

— E, como disseste há pouco, ela reflete as atitudes da mãe. Por isso, o que estás a dizer é que o Ned não casa contigo enquanto a ex-mulher dele não der

autorização.

— Olga, por favor, vê lá se despes a toga de advogada quando estás a falar comigo.

— Alguém tem de te dizer estas coisas.

— Tu simplificas tudo demasiado. Sei que é a tua função, mas eu sou tua irmã, não sou uma testemunha hostil.

— Desculpa ter falado.

— Até te agradeço que tenhas falado, porque disseste exatamente o tipo de coisas que eu não quero dizer ao Ned. É o homem que eu amo, e quero casar com ele. É por isso que estou a pedir-te que sejas simpática para ele no Natal.

— Vou tentar — disse Olga sem grande convicção.

Miranda queria que a irmã compreendesse como aquilo era importante para ela.

— Preciso que ele sinta que nós os dois podemos construir juntos uma nova família, por nós e pelos miúdos. Só estou a pedir-te que me ajudes a convencê-lo de que isso é possível.

— Está bem.

— Se o Natal correr bem, acho que ele vai concordar em marc ar a data do casamento.

Olga tocou na mão de Miranda.

— Já percebi a mensagem. Sei que é importante para ti. Vou portar -me bem.

Miranda tinha conseguido o que queria. Satisfeita, voltou o espírito para outra área de fricção.

— Espero que corra tudo bem entre o papá e o Kit.

— Também eu, mas não podemos fazer nada em relação a isso.

— O Kit telefonou-me há uns dias. Por qualquer razão, está desejoso de dormir na casa de hóspedes de Steepfall.

— Por que há-de ele ficar com a casa só para ele? — refilou Olga. — Isso implica que tu e o Ned, e eu e o Hugo tenhamos de ficar apertados em dois quartos acanhados na casa antiga!

Miranda já estava à espera de que Olga resistisse à ideia.

— Sei que não faz sentido, mas disse-lhe que por mim estava bem. Já foi tão difícil convencê-lo a vir. Não quis criar-lhe nenhum obstáculo.

— Ele é um egoísta. Qual foi a razão que ele te deu?

— Não lhe perguntei.

— Pois, mas eu vou perguntar. — Olga tirou um telemóvel da pasta e marcou um número.

— Não faças disto um problema — implorou Miranda.

— Só quero perguntar-lhe isso. — Falando ao telefone, perguntou: — Kit,

que ideia é a tua de dormires na casa de hóspedes? Não achas que é um bocado... — Fez uma pausa. — Oh.

Porquê?... Estou a ver... mas por que não... — Parou abruptamente, como se ele lhe tivesse desligado o telefone na cara.

Miranda pensou, com tristeza, que sabia o que Kit tinha dito.

— O que foi?

Olga tornou a guardar o telemóvel.

— Já não é preciso discutirmos por casa da casa de hóspedes. O Kit mudou de ideias.

Afinal, não passa o Natal em Steepfall.

9h

A Oxenford Medical parecia sitiada. Jornalistas, fotógrafos, equipas de televisão apinhavam-se junto aos portões, assediando os empregados quando chegavam para ir trabalhar, cercando os seus carros e bicicletas, apontando-lhes à cara câmaras e microfones, gritando perguntas. Os guardas tentavam desesperadamente separar os veículos da imprensa do trânsito normal a fim de prevenir acidentes, mas não estavam a conseguir a colaboração dos jornalistas. Para piorar ainda mais a situação, um grupo de defensores dos direitos dos animais estava a aproveitar a oportunidade para obter alguma publicidade. Tinham organizado uma manifestação junto aos portões e estavam a acenar bandeiras e a entoar canções de protesto. Os operadores de câmara das televisões estavam a filmar a manifestação, na falta de outras imagens para recolher.

Toni Gallo observava, zangada e impotente.

Estava no gabinete de Stanley Oxenford, uma espaçosa divisão de canto que tinha sido o quarto principal da casa. Stanley trabalhava rodeado pelo antigo e pelo novo: o seu computador estava sobre uma mesa de madeira já muito riscada, que tinha há trinta anos, e, numa mesinha ao lado, havia um microscópio óptico dos anos sessenta que de vez em quando ainda utilizava. O microscópio estava agora rodeado de cartões de Boas Festas, um deles de Toni. Na parede via-se uma gravura vitoriana com a tabela periódica dos elementos ao lado de uma fotografia de uma jovem lindíssima, de cabelos negros e vestida de noiva — a sua falecida mulher, Marta.

Stanley falava muitas vezes da mulher. “Fria como uma igreja costumava dizer a Marta...

Quando a Marta era viva, íamos a Itália de dois em dois anos... A Marta adorava ír is.”

Porém, só uma vez é que tinha falado dos seus sentimentos por ela. Toni dissera que Marta estava muito linda na fotografia. “A dor esmorece, mas não desaparece” dissera Stanley. “Acho que vou sentir a falta dela todos os dias de vida que ainda me restarem.”

A frase dele levara Toni a interrogar-se se alguma vez alguém a amaria como Stanley amara Marta.

Naquele momento, Stanley estava à janela ao lado de Toni, sem que os seus ombros estivessem propriamente a tocar-se. Viam com desânimo mais Volvos e Subarus a estacionarem no relvado adjacente e as pessoas a fazerem cada vez mais barulho e a ficarem mais agressivas.

— Lamento muito tudo isto — disse Toni, com grande tristeza.

— A culpa não é tua.

— Sei que disseste para eu acabar com a autopiedade, mas deixei escapar um coelho pelo meu cordão de segurança e depois o sacana do meu ex-companheiro foi contar a história ao Cari Osborne, por coincidência repórter de televisão.

— Pelos vistos não te dás muito bem com o teu ex.

Nunca falara abertamente com Stanley sobre isso, mas já que agora Frank se tinha intrometido na sua vida profissional, Toni aproveitou para explicar.

— Honestamente não sei por que é que o Frank me odeia. Nunca o rejeitei. Foi ele que me deixou — e logo numa altura em que precisava mesmo de ajuda e apoio. Sempre pensei que já me tinha castigado o suficiente por o que quer que fosse que eu tivesse feito de mal. E agora acontece isto.

— Eu consigo compreender. Para ele, simbolizas uma acusação. Sempre que te vê, lembra-se de como foi fraco e cobarde quando precisaste dele.

Toni nunca tinha pensado em Frank daquela forma, mas o seu comportamento fazia sentido visto por aquela perspectiva. Sentiu-se invadida por um caloroso sentimento de gratidão. Tendo o cuidado de não deixar transparecer demasiado as emoções, disse apenas:

— Dá para perceber.

Stanley encolheu os ombros.

— Nunca perdoamos às pessoas que enganamos.

O paradoxo fez Tony sorrir. Stanley possuía tanta argúcia relativamente às pessoas como aos vírus.

Pousou ao de leve a mão no ombro dela — seria para lhe dar coragem ou quereria dizer mais do que isso? Raramente estabelecia qualquer contacto físico com os seus funcionários. Tom conhecia-o há um ano e, durante esse tempo, ele já lhe tinha tocado três vezes. Tinha-lhe dado um aperto de mão quando a contratara, quando a levara ao serviço de pessoal e quando a promovera. Na festa de Natal, Stanley tinha dançado com a sua secretária, Dorothy, uma mulher corpulenta, de gestos maternais, que parecia a mãe-pata. Não dançara com mais ninguém. Toni gostaria de o ter convidado para dançar, mas receara que isso tornasse os seus sentimentos óbvios. Depois arrependera-se e lamentara não ser mais decidida, como Susan Mackintosh.

— O Frank pode não ter contado a história apenas para se vingar de ti — disse Stanley. -

Desconfio que o teria feito em qualquer dos casos. Imagino que o Osborne irá mostrar a sua gratidão, dando notícias elogiosas sobre a Polícia de Inverburn em geral e o superintendente Frank Hackett em particular.

Sentia o calor da mão dele através da seda da blusa. Seria um gesto casual,

feito sem pensar? Estava a sofrer com a frustração, que já lhe era familiar, de não saber o que ia na mente dele. Pensou se ele estaria a sentir a alça do soutien. Só esperava que ele não estivesse a sentir o quanto gostava que ele lhe tocasse.

Toni não tinha a certeza se ele estaria certo em relação a Frank e Cari Osborne.

— És muito generoso em ver as coisas assim — disse Toni.

De qualquer forma, estava decidida a não deixar que a empresa se ressentisse com o que Frank tinha feito.

Ouviram bater à porta e, logo a seguir, entrou Cynthia Creighton, relações públicas da empresa. Stanley tirou rapidamente a mão do ombro de Toni.

Cynthia era uma mulher magra, de cinquenta anos, com uma saia de tweed e collants de lã. Era uma idealista e uma apoiante sincera de causas humanitárias. Uma vez Toni fizera Stanley rir-se ao dizer que Cynthia era o tipo de pessoa que ainda comia papas de aveia. Tendo normalmente uma maneira algo hesitante de falar, naquele momento estava à beira da histeria. Tinha o cabelo desgrenhado, a respiração ofegante, e as palavras saíam-lhe em catadupa.

— Aqueles tipos empurraram-me — exclamou. — São uns animais! Onde é que está a Polícia?

— Vem aí um carro-patrulha — respondeu Toni. — Devem chegar daqui a dez, quinze minutos.

— Deviam prendê-los todos!

Toni percebeu, com grande desânimo, que Cynthia não conseguia lidar com aquela crise.

A sua principal função era gerir um pequeno orçamento para fins de beneficência, concedendo apoios a equipas de futebol e outros patrocínios, por forma a garantir que o nome da Oxenford Medical aparecesse frequentemente no Inverburn Chronide em notícias que não tivessem nada que ver com vírus ou experiências com animais. Toni sabia que era um trabalho importante, pois os leitores acreditavam na imprensa local, ao contrário do cepticismo que demonstravam pelos jornais nacionais. A discreta publicidade veiculada por Cynthia imunizava a empresa contra as virulentas histórias de Fleet Street, capazes de arrasar qualquer feito científico. Na verdade, porém, Cynthia nunca fora obrigada a lidar com os chacais da imprensa britânica e estava demasiado perturbada para tomar boas decisões.

Stanley estava a pensar exatamente o mesmo.

— Cynthia, quero que trabalhes em conjunto com a Toni neste caso — disse. — Ela está habituada a lidar com os meios de comunicação por causa do tempo que esteve na Polícia.

Cynthia fez uma expressão aliviada e, ao mesmo tempo, agradecida.

— A sério?

— Estive um ano no gabinete de imprensa, mas nunca tive de lidar com nenhuma situação tão grave como esta.

— O que é que achas que devemos fazer?

— Bem... — Tom não se sentia habilitada a assumir o comando, mas era uma situação de emergência e, pelos vistos, era a melhor candidata disponível. Relembrou os princípios básicos. — Há uma regra muito simples para lidar com os meios de comunicação. -

Pensou que talvez fosse demasiado simples para aquela situação, mas não o disse.

— Primeiro, decidir qual é a mensagem. Segundo, ter a certeza de que é verdade, para não ter de a rever. Terceiro, repeti-la até à exaustão.

— Hura — Stanley murmurou com ar céptico, mas aparentemente sem ter nenhuma sugestão melhor.

— Não acham que devíamos pedir desculpa? — alvitrou Cynthia.

— Não — respondeu Toni muito depressa. — Será interpretado como uma confirmação de que fomos descuidados, e isso não é verdade. Ninguém é perfeito, mas a nossa segurança é de alto nível.

— Vai ser a nossa mensagem? — perguntou Stanley.

— Não me parece. É demasiado defensiva. — Toni ficou a pensar por um momento. -

Devíamos começar por dizer que estamos a fazer um trabalho que é vital para o futuro da Humanidade. Não, isso é um tom demasiado apocalíptico. Estamos a fazer uma investigação que irá salvar vidas — assim já é melhor. Tem os seus riscos, mas a nossa segurança é o mais rigorosa possível. Uma coisa é certa: se pararmos, muitas pessoas irão morrer desnecessariamente.

— Gosto disso — afirmou Stanley.

— É verdade? — perguntou Toni.

— Sem sombra de dúvida. Todos os anos aparece um novo vírus na China, responsável por milhares de mortes. O nosso fármaco irá salvar essas vidas.

Toni fez um sinal de assentimento.

— É perfeito. Simples e esclarecedora.

Contudo, Stanley ainda estava preocupado.

— E como é que vamos passar a mensagem?

— Acho que devias convocar uma conferência de imprensa para daqui a umas duas horas.

Por volta do meio-dia, os jornalistas vão começar à procura de uma nova abordagem da notícia. Vão ficar satisfeitos por lhes darmos mais informações. E a maior parte das pessoas que estão lá fora irá embora quando isso acontecer.

Vão perceber que é pouco provável que haja novos desenvolvimentos e, além disso, querem ir passar o Natal a casa como toda a gente.

— Espero que tenhas razão — disse Stanley. — Cynthia, importas-te de tratar disso?

Cynthia ainda não tinha recuperado a calma.

— Mas o que é que hei-de fazer?

Toni assumiu de novo o comando.

— Vamos dar a conferência de imprensa no átrio. É o único espaço suficientemente grande, e já estão a ser postas lá cadeiras para a comunicação que o professor Oxenford vai fazer ao pessoal às nove e meia. A primeira coisa a fazer é avisar as pessoas que estão lá fora. É uma maneira de lhes dar qualquer coisa para transmitirem aos editores e talvez fiquem um pouco mais calmos. Depois tens de ligar para a Press Association e a Reuters e pedir-lhes que difundam a informação para que chegue aos órgãos de comunicação que ainda cá não estão.

— Está bem — anuiu Cynthia num tom que denotava incerteza.

— Está bem.

Voltou-se para sair. Toni registou mentalmente que teria de ir ver se ela estava a dar conta do recado o mais depressa possível.

Quando Cynthia saiu, Dorothy ligou pelo intercomunicador para Stanley a fim de o avisar que Laurence Mahoney, da embaixada dos Estados Unidos em Londres, estava ao telefone na linha um.

— Lembro-me dele — disse Toni. — Esteve cá há uns meses. Andei a mostrar-lhe as instalações.

As pesquisas da Oxenford Medical eram financiadas em grande parte pelas Forças Armadas americanas. O Ministério da Defesa estava profundamente interessado no novo fármaco antiviral de Stanley, que prometia ser uma arma poderosa contra a guerra biológica. Stanley precisara de fundos para subsidiar o longo processo de testes, e o governo americano mostrara-se ansioso por investir. Mahoney ia mantendo uma certa vigilância da situação em nome do Ministério da Defesa.

— Só um minuto, Dorothy. — Stanley não atendeu logo o telefone.

— O Mahoney é mais importante para nós do que todos os meios de comunicação ingleses juntos. Não quero que ele me apanhe desprevenido. Preciso de saber como é que ele está a encarar o caso, para pensar como hei-de reagir — disse ela a Tony.

— Queres que eu o empate um bocado?

— Apalpa-lhe o pulso.

Toni levantou o auscultador e carregou num botão.

— Olá, Larry, daqui fala a Toni Gallo. Conhecemo-nos em Setembro. Como está?

Mahoney tinha uma voz lamurienta que lembrava a Tom o Pato Donald.

— Estou preocupado — respondeu ele.

— Porquê?

— Estava à espera de poder falar com o Professor Oxenford — queixou-se, com uma certa irritação na voz.

— E ele está desejoso de falar consigo assim que puder — retorquiu Toni o mais sinceramente possível. — Neste momento está em reunião com o diretor do laboratório. -

Na realidade estava sentado à beira da secretária a observá-la, com uma expressão no rosto que tanto podia ser de ternura como apenas de interesse. Tom viu-o a olhar para ela, e Stanley desviou os olhos. — Ele telefona-lhe assim que souber tudo o que aconteceu. De certeza que isso acontecerá antes do meio-dia.

— Como diabo deixaram uma coisa destas acontecer?

— O nosso técnico levou um coelho do laboratório escondido na mochila. Já impusemos a revista obrigatória das malas à entrada do BSN4 para impedir que volte a acontecer.

— Estou preocupado é com a publicidade negativa para o governo americano. Não queremos ser acusados de andarmos a propagar vírus mortais entre a população da Escócia.

— Esse perigo não existe — disse Toni, a fazer figas.

— Algum dos repórteres que estão no local levantou a questão de esta investigação ser financiada pelos Estados Unidos?

— Não.

— Mas vão trazer isso à baila, mais cedo ou mais tarde.

— Vamos estar preparados para responder a quaisquer perguntas sobre a matéria.

— A perspectiva mais perigosa para nós — e, portanto, também para vocês — é dizerem que a investigação está a ser feita aqui porque os americanos acham que é demasiado perigosa para ser levada a cabo nos Estados Unidos.

— Obrigada pelo aviso. Acho que temos uma resposta muito convincente para lidar com esse argumento. Afinal, o produto foi descoberto aqui na Escócia pelo professor Oxenford, por isso é natural que também seja testado aqui.

— Só não quero ficar numa situação em que a única forma de demonstrar a nossa boa vontade seja transferir a investigação para Fort Detrick.

Toni ficou tão chocada que não foi capaz de dizer nada. Fort Detrick, na cidade de Frederick, no estado de Maryland, albergava o Instituto de Investigação Médica de Doenças Infecciosas do Exército Americano. Como

poderia a investigação ser transferida para lá? Significaria o fim do Kremlin. Depois de uma longa pausa, disse: — Não estamos nessa situação, nem pouco mais ou menos. — Gostaria de ter conseguido pensar num contra-argumento mais arrasador.

— Espero bem que não. Diga ao Stanley para me ligar.

— Obrigada, Larry. — Desligou e, virando-se para Stanley, disse: — Eles não podem transferir as tuas pesquisas para Fort Detrick, pois não?

Stanley empalideceu.

— Não há nenhuma cláusula no contrato que preveja isso — referiu ele -, mas eles são do governo do país mais poderoso do mundo e podem fazer tudo o que quiserem. O que poderia eu fazer — metê-los em tribunal? O processo iria durar até ao fim da minha vida, e era preciso ter dinheiro para isso.

Toni estava perturbada por ver Stanley a mostrar-se vulnerável. Era sempre a pessoa curau e confiante que sabia resolver todos os problemas. E naquele momento parecia assustado. Apetecia-lhe poder abraçá-lo para lhe dar coragem.

— Achas que eles eram capazes disso?

— Tenho a certeza de que os microbiologistas de Fort Detrick preferiam ser eles a fazer a investigação, se lhes fosse dado a escolher.

— E tu?

— Entraria ema falência.

— O quê? — Toni estava horrorizada.

— Investi tudo no novo laboratório — disse Stanley com um ar triste. — Tenho a minha conta pessoal a descoberto no valor de um milhão de libras. O nosso contrato com o Ministério da Defesa cobriria os custos do laboratório durante quatro anos. Porém, se eles nos puxarem o tapete agora, não tenho maneira de pagar as dívidas — nem as da empresa, nem as minhas.

Toni quase não conseguia digerir o que estava a ouvir. Como podia o futuro de Stanley -

e o seu próprio — ficar ameaçado tão de repente?

— Mas o novo fármaco vale milhões.

— Há-de valer. Acredito na ciência — foi por isso que não me importei de pedir tanto dinheiro emprestado. Contudo, nunca previ que o projecto pudesse ser destruído por uma mera publicidade.

Toni tocou-lhe no braço.

— E tudo porque uma estúpida vedeta da televisão precisa de uma história de terror -

exclamou. — Não dá para acreditar.

Stanley deu-lhe uma palmadinha na mão pousada sobre o seu braço e depois retirou-o e levantou-se.

— Não vale a pena estarmos com lamúrias. Temos é que resolver a situação.

— Exactamente. Está na hora de ires falar com o pessoal. Estás preparado?

— Estou. — Saíram juntos do gabinete. — Vai ser um bom treino para a conferência de imprensa.

Quando passaram pela secretária de Dorothy, ela levantou uma mão para os obrigar a parar.

— Só um momento — disse ao telefone. Carregou num botão e comunicou a Stanley — É o primeiro-ministro da Escócia. — Depois acrescentou, visivelmente impressionada — Em pessoa. Quer falar consigo.

Stanley disse a Toni:

— Vai andando para o átrio e entretém-nos. Vou despachar-me o mais depressa possível.

Dito isto, voltou para o gabinete.

9h30

Kit Oxenford esperou mais de uma hora por Harry McGarry. McGarry, conhecido por Harry Mac, tinha nascido em Govan, um bairro operário de Glasgow. Crescera num prédio de habitação social perto de Ibrox Park, berço da equipa protestante de futebol da cidade os Rangeis. Com os lucros do tráfico de droga, jogo clandestino, roubos e prostituição mudara-se para Dumbreck, do outro lado de Paisley Koad — geograficamente a pouco mais de um quilômetro de distância mas, socialmente falando, a uma grande distância. Agora morava numa vivenda enorme, com piscina, construída há pouco tempo A casa estava decorada como um hotel de luxo, com móveis de marca e quadros nas paredes, mas sem qualquer toque pessoal: não havia fotografias de familiares, nem ornamentos, nem flores, nem animais de estimação. Kit, muito nervoso, ficou à espera no espaçoso átrio de entrada a olhar para o papel de parede às riscas amarelas e para as finas pernas das diversas mesas que o decoravam, vigiado por um guarda-costas corpulento, com um fato preto de má qualidade O império de Harry Mac estendia-se pela Escócia e pelo Norte de Inglaterra. Trabalhava com a filha, Diana, a quem todos tratavam por Daisy {malmequer). A alcunha era irônica: tratava-se de uma mulher violenta e sádica.

Harry era o dono do casino clandestino onde Kit jogava. Na Inglaterra, os casinos legais estavam sujeitos a leis mesquinhas que limitavam os seus lucros: não havia percentagem para a casa, nem comissões de banca, nem ratificações, não se podia beber nas mesas de jogo e uma pessoa só podia jogar vinte e quatro horas depois de ser membro. Harry ignorava essas leis. Kit gostava do ambiente decadente do jogo clandestino.

Na sua opinião, os jogadores eram, na sua maioria, estúpidos; e os donos dos casinos não eram muito mais espertos. Por isso, um jogador inteligente devia ganhar sempre. No blackjack havia uma forma correta de jogar todas as mãos possíveis — um sistema chamado Básico — e ele conhecia-o de cor e salteado. Depois, começou a aumentar as suas possibilidades, mantendo um registo de todas as cartas retiradas do baralho.

Começando no zero, acrescentava um ponto por cada carta baixa — dois, três, quatro, cinco e seis — e retirava um ponto por cada uma das cartas altas — dez, valete, dama, rei e às. (Ignorava o sete, o oito e o nove.) Quando o número que estava na sua cabeça era positivo, o resto do baralho continha mais cartas altas do que baixas e, por isso, tinha probabilidades acima da média de tirar um dez. Um número negativo significava uma maior probabilidade de tirar uma

carta baixa. Conhecendo as probabilidades, sabia quando havia de apostar muito ou não.

O certo, porém, é que Kit tinha tido um período de azar e, quando a sua dívida atingiu as cinquenta mil libras, Harry pediu-lhe o dinheiro. Kit fora ter com o pai para lhe pedir que o salvasse. Uma humilhação, escusado será dizer. Quando Stanley o despedira, Kit acusara amargamente o pai de não querer saber dele, mas depois admitira a verdade: o pai gostava dele e faria quase tudo por ele, e Kit sabia isso perfeitamente. A sua vaidade caíra por terra da forma mais ignominiosa. Contudo, tinha valido a pena. Stanley pagara.

Kit tinha prometido que nunca mais voltaria a jogar, e estava de facto decidido a fazê-lo, mas a tentação fora demasiado forte. Era uma loucura, uma doença, a um tempo um facto vergonhoso e humilhante; mas era a coisa mais excitante do mundo, e ele não conseguia resistir. Quando a sua dívida tornou a ascender às cinquenta mil libras, foi de novo ter com o pai, mas dessa vez Stanley fizera finca-pé.

— Não tenho esse dinheiro — disse. — Talvez pudesse pedi-lo emprestado, mas para quê?

Acabarias por perdê-lo e virias pedir-me mais até estarmos ambos falidos.

Kit acusara-o de não ter coração, de ser ganancioso, comparara-o às personagens mais avarentas e mesquinhas e jurara que nunca mais voltaria a dirigir-lhe a palavra. Tinha magoado o pai — sabia que acabava sempre por magoar o pai — mas Stanley não mudara de ideias. Naquele momento, Kit deveria ter saído do país. Sonhava ir viver para Itália, para a terra onde a mãe tinha nascido — Lucca. Fora até lá várias vezes com a família durante a infância, antes de os avós morrerem. Era uma terra bonita, antiga e pacata, rodeada por uma muralha, com pequenas praças onde se podia beber café expresso à sombra. Sabia algumas palavras em italiano — Mamma Marta falara sempre com eles na sua língua materna quando eram pequenos. Podia alugar um quarto numa das casas antigas e ajudar as pessoas a resolver os problemas com os computadores; seria um trabalho fácil. Achou que podia ser feliz, vivendo assim.

Mas, em vez disso, tentou ganhar ao jogo o que perdera.

A sua dívida ascendeu às duzentas e cinquenta mil libras.

Por esse dinheiro, Harry Mac seria capaz de o perseguir até ao Pólo Norte. Pensou matar-se e deu consigo a olhar para alguns dos prédios altos na zona central de Glasgow e a pensar se conseguiria chegar ao telhado de algum deles para se atirar de lá.

Três semanas antes, tinha sido chamado à casa onde se encontrava. Quase ficara doente, tamanho fora o medo que sentira. Tinha a certeza de que iriam espancá-lo.

Quando o mandaram entrar para a sala e viu os sofás de seda amarela, pensou como iriam impedir o sangue de estragar os estofos. “Está aqui um cavalheiro que quer perguntar-te uma coisa”, dissera Harry. Kit não conseguia imaginar que pergunta poderiam os amigos de Harry querer fazer-lhe a não ser: Onde está a merda do dinheiro?

O cavalheiro era Nigel Buchanan, um tipo calmo, de quarenta e tal anos, com uma roupa informal mas cara: um casaco de caxemira, umas calças escuras e uma camisa aberta no colarinho. Com um ligeiro sotaque londrino, perguntara-lhe: — Consegues pôr-me dentro do laboratório de Nível Quatro da Oxenford Medical?

Naquele momento havia mais duas pessoas na sala de estar amarela. Uma era Daisy, uma rapariga musculosa com uns vinte e cinco anos, o nariz partido, a pele estragada e uma argola no lábio inferior. Tinha umas luvas de cabedal. A outra pessoa era Elton, um negro bonito, mais ou menos da mesma idade de Daisy, aparentemente comparsa de Nigel.

Kit ficara tão aliviado por não ter sido espancado que teria concordado com tudo o que lhe dissessem.

Nigel ofereceu-lhe uma comissão de trezentas mil libras por esse trabalho.

Kit nem conseguia acreditar na sua sorte. Dava para pagar as dívidas e ainda sobrava.

Sairia do país. Poderia ir para Lucca e realizar o seu sonho. Não cabia em si de contente.

Os seus problemas tinham ficado resolvidos de uma penada.

Mais tarde, Harry falara de Nigel num tom reverente. Era um ladrão profissional que só fazia roubos por encomenda, por um preço previamente estabelecido. “É o maior”, dissera Harry. “Queres um quadro de Miguel Angelo? Não há problema. Uma ogiva nuclear? Ele arranja-ta — desde que tenhas dinheiro para isso. Lembras-te do Shergar, aquele cavalo de corrida que foi raptado? Foi o Nigel.” E acrescentara: “Vive no Liechtenstein”, como se o Liechtenstein fosse um local mais exótico para se morar do que Marte.

Kit passara as três semanas seguintes a planear o roubo do antiviral. Às vezes, quando estava a aprimorar o esquema para roubar o pai, sentia algum remorso, mas o sentimento que o dominava era uma satisfação delirante por pensar que ia vingar-se do pai que o despedira e depois se recusara a salvá-lo dos gangsteres. Ainda por cima, seria também uma boa punhalada na Toni Gallo.

Nigel analisara meticulosamente todos os pormenores com Kit, perguntando-lhe tudo e mais alguma coisa. De vez em quando via-se obrigado a consultar Elton, que tinha a seu cargo o equipamento, principalmente os carros. Kit ficara com a sensação de que Elton era um técnico de valor que já tinha trabalhado

mais vezes com Nigel. Daisy também participaria na operação, alegadamente para fazer uso dos seus músculos, caso fosse preciso — se bem que Kit achasse que a sua verdadeira intenção era sacar-lhe duzentas e cinquenta mil libras, mal o dinheiro da comissão lhe fosse parar às mãos.

Kit sugerira que se encontrassem num campo de aviação desativado, que ficava perto do Kremlin. Nigel olhara para Elton.

— Porreiro — respondera Elton com um sotaque londrino bem vincado. — Podemos encontrar-nos lá com o comprador, isto no caso de ele querer vir de avião.

No fim, Nigel apelidara o plano de brilhante, e Kit ficara radiante.

Mas agora Kit estava ali para dizer a Harry que o negócio tinha ido por água abaixo. O

seu estado era deplorável: sentia-se desapontado, deprimido e assustado.

Por fim, foi chamado à presença de Harry. Nervoso, seguiu o guarda-costas, atravessando a lavandaria que ficava na parte de trás da casa em direção ao pavilhão da piscina. Tinha sido construído por forma a imitar o estilo de um caramanchão edwardiano, com azulejos de cores sombrias, tendo a própria piscina um tom verde-escuro desagradável. Devia ter sido sugerido por um qualquer decorador de interiores, pensou Kit, e Nigel concordara sem sequer olhar para o projecto.

Harry era um homem atarracado de cinquenta anos, com o tom acinzentado de pele de um fumador inveterado. Estava sentado junto à mesa de ferro forjado com um roupão de turco púrpura, a beber um café forte e a ler o Sun. O jornal estava aberto no horóscopo.

Daisy estava na água a fazer piscinas sem se cansar. Kit ficou admirado ao ver que ela estava aparentemente nua. A única peça de vestuário que conseguia vislumbrar eram as luvas de mergulho. Daisy andava sempre de luvas.

— Não preciso de te ver, rapaz — disse Harry. — Não quero ver-te. Não sei nada sobre ti nem sobre o que vais fazer esta noite. E nunca falei com ninguém chamado Nigel Buchanan. Estás a perceber onde eu quero chegar?

Nem se deu ao trabalho de perguntar a Kit se queria um café.

O ar estava quente e úmido. Kit tinha vestido o seu melhor fato — um fato de mohair azul-escuro — com uma camisa branca aberta no colarinho. Estava a respirar com dificuldade e sentia a pele desconfortavelmente úmida por baixo da roupa.

Percebeu que tinha quebrado uma norma qualquer da etiqueta criminal ao contactar Harry no dia do roubo, mas não tinha outra alternativa.

— Precisava de falar contigo — disse Kit. — Não viste as notícias?

— E se tiver visto?

Kit reprimiu uma onda de irritação. Os homens como Harry nunca admitiam que não sabiam uma coisa qualquer, por mais banal que fosse.

— A Oxenford Medical está em pé de guerra — explicou Kit. — Morreu um técnico com um vírus.

— O que é que queres que eu faça? Que lhe mande flores?

— Vão reforçar a segurança. É a pior altura possível para fazer um assalto. Já era difícil, mas agora... Têm um sistema de alarme do mais sofisticado que pode haver. E a mulher que manda na segurança é tesa como um pau.

— Saíste-me cá um choramingas.

Kit não tinha sido convidado a sentar-se e, sentindo-se algo embaraçado, apoiou-se nas costas de uma cadeira.

— Temos de cancelar a operação.

— Deixa-me explicar-te uma coisa. — Harry tirou um cigarro de um maço que estava em cima da mesa e acendeu-o com um isqueiro de ouro. Depois tossiu, com aquela tosse de fumador vinda do fundo dos pulmões. Quando o espasmo passou, cuspiu para a piscina e bebeu um pouco de café. Só então continuou. — Para começar, já disse que era hoje.

Podes não perceber isto, sendo um rapaz tão bem-educado, mas quando um homem diz que uma coisa vai acontecer e depois não acontece, as pessoas ficam a achar que ele é um cobarde.

— Sim, mas...

— Nem penses em interromper-me. Kit calou-se.

— Depois, o Nigel Buchanan não é nenhum menino da escola drogado que quer assaltar o Woolworth's de Govan Cross. É uma lenda, e mais importante do que isso, está ligado a pessoas altamente respeitadas em Londres. E quando estamos a lidar com gente desta, então não queremos mesmo parecer cobardes.

Fez uma pausa, como se estivesse a desafiar Kit a contra-argumentar, mas Kit não disse nada. Como se tinha ele envolvido com gente daquela? Tinha-se metido na toca do lobo e agora estava paralisado, à espera de ser despedaçado.

— Em terceiro lugar, deves-me duzentas e cinquenta mil libras. Nunca houve ninguém que me devesse tanto dinheiro durante tanto tempo e ainda conseguisse andar sem muletas.

Espero estar a ser bastante claro.

Kit acenou com a cabeça em silêncio. Estava com tanto medo que lhe parecia que ia vomitar.

— Por isso, não me digas que vamos ter de cancelar.

Harry pegou no jornal, como se a conversa tivesse acabado. Kit obrigou-se a falar.

— Eu disse adiar, não disse cancelar. Pode ser noutro dia, quando passar a

confusão.

Harry nem sequer levantou os olhos.

— Dia de Natal às dez da manhã, disse o Nigel. E quero o meu dinheiro.

— Não vale a pena avançarmos, se vamos ser apanhados! — contrapôs Kit, desesperado.

Harry não respondeu. — Toda a gente pode esperar mais um pouco, não pode? — Era como estar a falar para uma parede. — Mais vale tarde do que nunca.

Harry olhou para a piscina e deve ter feito um sinal com a mão ou com a cabeça. Daisy devia estar a olhar para ele, pois saiu imediatamente da piscina. Não tirou as luvas. Tinha uns ombros largos e uns braços fortes. Os seus seios planos quase nem se mexiam quando andava. Kit reparou que ela tinha uma tatuagem num dos seios e uma argola no mamilo do outro. Quando se aproximou mais dele, viu que estava toda depilada. Tinha o ventre liso e as pernas muito magras, tornando a zona púbica proeminente. Todos os pormenores do seu corpo estavam à vista, não só de Kit, mas também do pai dela, desde que ele quisesse olhar. Kit sentiu-se desconfortável.

Harry pareceu não dar por nada.

— O Kit quer que esperemos pelo nosso dinheiro, Daisy. — Levantou-se e apertou o cinto do roupão. — Explica-lhe o que pensamos disso — eu estou muito cansado.

Dito isto, pôs o jornal debaixo do braço e foi-se embora. Daisy agarrou Kit pelas lapelas do seu melhor casaco.

— Só quero ter a certeza de que isto não vai acabar em desastre para todos nós — implorou Kit.

Daisy empurrou-o. Ele perdeu o equilíbrio e teria caído para o chão, se ela não o tivesse agarrado em peso e o tivesse atirado para dentro da piscina.

Foi um choque mas, se o pior que ela ia fazer era estragar-lhe o fato, dava-se por muito feliz. Mas, quando pôs a cabeça à superfície, ela saltou para cima dele, dando-lhe com os joelhos nas costas, o que o fez soltar um grito de dor e engolir água, no momento em que a cabeça tornou a afundar-se.

Estavam no lado mais baixo da piscina. Quando os seus pés tocaram no fundo, tentou endireitar-se, mas Daisy estava a prender-lhe a cabeça, e tornou a desequilibrar-se.

Daisy empurrou-lhe a cara, mantendo-a debaixo de água.

Kit susteve a respiração, à espera que ela lhe desse um murro ou coisa do gênero, mas Daisy ficou imóvel. Sem conseguir respirar, Kit começou a debater-se, tentando libertar-se, mas ela era demasiado forte. Começou a ficar irritado e a agitar febrilmente os braços e as pernas. Parecia uma criança a fazer uma birra,

tentando desesperadamente que a mãe a soltasse.

A sua necessidade de ar começou a tornar-se aflitiva, e teve de controlar o pânico para resistir ao impulso de abrir a boca para respirar. Percebeu que Daisy estava a prender -lhe a cabeça com o braço esquerdo e tinha um joelho assente no fundo da piscina, ficando com a cabeça rente à superfície da água. Deixou de se mexer, para que os pés flutuassem para baixo. Talvez ela pensasse que ele tinha desmaiado. Os pés de Kit tocaram no fundo, mas Daisy continuava a prendê-lo com a mesma firmeza. Ele apoiou os pés no chão e concentrou todas as suas forças para dar um violento impulso para cima, a fim de conseguir que Daisy o libertasse. Porém, ela quase nem se mexeu e ainda lhe prendeu a cabeça com mais força. Era como ter o crânio preso numa tenaz de aço.

Abriu os olhos debaixo de água. Sentia na face as costelas proeminentes de Daisy.

Voltou ligeiramente a cabeça, abriu a boca e deu-lhe uma dentada. Sentiu-a estremecer e abrandar um pouco a pressão que estava a fazer com o braço. Kit cerrou os maxilares, tentando apanhar-lhe a prega da pele. Mas depois sentiu a mão enluvada de Daisy na sua cara. Estava a tentar enfiar-lhe os dedos nos olhos. Tentou instintivamente afastar-se e, sem querer, descontraiu os maxilares e deixou escapar a carne dela.

Foi dominado pelo pânico. Já não conseguia suster mais a respiração. O seu corpo, privado de oxigênio, forçou-o a abrir a boca, arquejante, e a água precipitou-se até aos pulmões. Começou a tossir e a vomitar ao mesmo tempo. A seguir a cada espasmo, descia-lhe mais uma golfada de água pela garganta. Percebeu que, se aquilo continuasse, iria morrer rapidamente.

Mas depois ela pareceu abrandar. Puxou-lhe a cabeça para fora de água. Ele abriu muito a boca e sorveu o abençoado ar puro. Tossiu, fazendo sair uma golfada de água dos pulmões. No entanto, antes de poder respirar uma segunda vez, ela empurrou-lhe a cabeça para debaixo de água e, em vez de ar, inalou água.

O pânico transformou-se em algo de pior. Louco de medo, começou a esbracejar. O

terror deu-lhe força mas, apesar de Daisy ter de se esforçar para o agarrar, não conseguiu pôr a cabeça para cima. Deixou de tentar manter a boca fechada, e a água foi entrando. Quanto mais depressa se afogasse, mais depressa o seu sofrimento acabaria.

Daisy tornou a puxar-lhe a cabeça para fora.

Cuspiu água e sorveu uma preciosa golfada de ar, mas depois a sua cabeça voltou a ser submersa.

Gritou, mas não saiu nenhum som. Começou a fraquejar. Sabia que Harry

não queria que Daisy o matasse porque, se isso acontecesse, não haveria assalto — mas Daisy não era muito de fiar, e parecia disposta a ir mesmo longe de mais. Kit decidiu que ia morrer.

Tinha os olhos abertos, mas a única coisa que via era uma mancha verde; depois começou a ver tudo mais escuro, como se estivesse a anoitecer.

Por fim, desmaiou.

10h

Ned não sabia guiar e, por isso, era Miranda que ia ao volante do Toyota Previa. Tom, o seu filho, ia sentado no banco de trás a jogar Game Boy. Os bancos de trás tinham sido recolhidos para dar espaço ao monte de presentes embrulhados com papel vermelho e dourado e atados com fitas verdes.

Quando deixaram para trás o prédio georgiano junto da Great Western Road onde ficava o apartamento de Miranda, começou a nevar ligeiramente. A norte havia uma tempestade de neve sobre o mar, mas os meteorologistas tinham dito que ia passar ao largo da Escócia.

Miranda sentia-se satisfeita por ir com os dois homens da sua vida a caminho da festa de Natal com a família em casa do seu pai. Lembrou-se de quando voltava da universidade nas férias, ansiosa por comida caseira, casas de banho limpas, lençóis engomados e a sensação de ter quem gostasse e cuidasse dela.

Primeiro tomou a direção do local onde vivia a ex-mulher de Ned, nos arredores da cidade. Iam buscar a filha dele, Sophie, antes de irem para Steepfall.

O brinquedo de Tom tocou uma melodia numa escala descendente, talvez a indicar que tinha destruído a sua nave espacial ou sido decapitado por um gladiador. Ele suspirou e disse:

— Vi um anúncio numa revista de carros de uns ecrãs muito fixes que se põem na parte de trás dos encostos de cabeça para as pessoas que vão no banco de trás poderem ir a ver filmes e coisas do gênero.

— Um acessório indispensável — comentou Ned, com um sorriso.

— Deve ser caro — disse Miranda.

— Não são muito caros — retorquiu Tom. Miranda olhou para ele pelo espelho retrovisor.

— Então, quanto é que custam?

— Não sei, mas não pareciam ser caros. Percebes o que eu quero dizer?

— Descobre o preço e logo vemos se podemos comprar um.

— Bestial! Se for muito caro para ti, posso pedir ao avô.

A mãe sorriu. Bastava apanhar o avô de feição para ele lhe dar o que quer que fosse.

Miranda sempre esperara que fosse Tom a herdar o gênio científico do avô. Ainda não sabia. Era um aluno excelente, mas dentro de certos limites. No entanto, Miranda não sabia com exatidão qual era o talento especial do seu pai. Era obviamente um microbiologista brilhante, mas tinha mais qualquer coisa.

Por um lado, era a imaginação para ver onde estava o progresso e, por outro, a capacidade de liderança necessária para inspirar uma equipa de cientistas. Como seria possível dizer se um rapaz de onze anos tinha esse tipo de capacidades? Entretanto, não havia nada que despertasse tanto a imaginação de Tom como um novo jogo de computador.

Ligou o rádio. Um coro entoava um cântico de Natal.

— Se tornar a ouvir o "Noite Feliz" vou ter de me suicidar, empalando-me numa árvore de Natal — disse Ned. Miranda mudou de estação e apanhou John Lennon a cantar "War Is Over". Ned perguntou com um gemido: — Já pensaste bem no que é a Radio Hell dar música de Natal o ano inteiro?

Miranda deu uma gargalhada. Pouco depois encontrou um posto de música clássica que estava a transmitir um trio para piano.

— É isto?

— Haydn. Perfeito.

Ned era arrasador em relação à cultura popular. Fazia parte da sua aura de intelectual, tal como não saber guiar. Miranda não se importava: também não gostava de música pop, nem de telenovelas, nem de reproduções baratas de quadros famosos. Contudo, gostava de cânticos de Natal.

Gostava das idiossincrasias de Ned, mas a conversa com Olga no café tinha-a deixado aborrecida. Ned seria realmente fraco? Às vezes gostava que ele fosse mais assertivo. O

seu marido, Jasper, fora-o em excesso. No entanto, por vezes, dava consigo a pensar nos seus momentos de sexo com Jasper. Ele era egoísta na cama, possuía-a com alguma brutalidade, pensando apenas no seu próprio prazer — e Miranda, apesar de se sentir envergonhada por isso, sentira-se liberta nesses momentos; gostara. A excitação acabara por desaparecer quando se fartou do egoísmo e da falta de consideração dele em relação a tudo o resto. Mas gostaria que, às vezes, Ned conseguisse ser assim.

Os seus pensamentos voltaram-se para Kit. Estava profundamente desapontada por ele ter desistido. Tinha tido tanto trabalho para o convencer a ir passar o Natal com a família.

A princípio, recusara, depois cedera; por isso, não era de admirar que tivesse tornado a mudar de ideias. Mesmo assim, tinha sido um rude golpe porque gostaria imenso que estivessem todos juntos no Natal, como acontecera quase sempre antes de a Mamma morrer. A zanga entre Kit e o papá tinha-a assustado. Acontecera tão pouco tempo depois de a mãe ter morrido que fizera a família parecer perigosamente frágil. E, se a família era vulnerável, que certezas podia ela ter?

Virou para uma rua de antigas casas de operários e parou junto a uma

vivenda maior, que podia ter pertencido a um capataz. Era ali que Ned tinha vivido com Jennifer até se terem separado, havia dois anos. Antes disso, tinham gastado uma fortuna a modernizar a casa, uma despesa que ainda continuava a pesar sobre Ned. Sempre que Miranda passava por aquela rua, sentia-se irritada ao pensar no dinheiro que Ned estava a pagar a Jennifer.

Miranda puxou o travão de mão, mas deixou o carro a trabalhar. Ficou com Tom no carro, enquanto Ned foi a casa. Miranda nunca lá entrava. Embora Ned tivesse saído de casa antes de ter conhecido Miranda, Jennifer mostrava-se tão hostil para com ela como se tivesse sido responsável pela separação de ambos. Evitava encontrar-se com ela, só falava ao telefone por monossílabos e, de acordo com as indiscrições de Sophie, referia-se a ela como “aquela vaca gorda” quando conversava com as amigas. Jennifer era magra como um passarinho, com um nariz que parecia um bico.

Foi Sophie que abriu a porta. Estava de calças de ganga e com uma camisola justa. Ned deu-lhe um beijo e entrou.

O rádio do carro estava a dar as danças húngaras de Dvorak. No banco de trás, o Game Boy de Tom apitava de vez em quando. Os flocos de neve dançavam à volta do carro.

Miranda pôs o aquecimento mais forte. Ned saiu de casa com um ar aborrecido.

Aproximou-se da janela de Miranda.

— A Jennifer saiu. A Sophie ainda nem sequer começou a arranjar as coisas. Importas-te de ir lá dentro ajudá-la a fazer a mala?

— Acho que é melhor não, Ned — disse Miranda, com um ar infeliz. Não gostava de entrar quando Jennifer não estava em casa.

Ned ficou em pânico.

— Para dizer a verdade, não sei bem do que é que uma rapariga precisa.

Não foi difícil para Miranda acreditar nele. Para Ned até fazer a sua própria mala era um verdadeiro desafio. Nunca tinha feito uma mala durante todo o tempo que vivera com Jennifer. Quando ele e Miranda se preparavam para fazer a sua primeira viagem juntos -

aos museus de Florença -, Miranda recusara-se categoricamente a fazer-lhe a mala e ele fora obrigado a aprender. No entanto, nas viagens seguintes — um fim-de-semana em Londres, quatro dias em Viena -,tinha sempre verificado a bagagem dele e constatado que ele se esquecera sempre de qualquer coisa importante. Por isso, fazer a mala de outra pessoa estava completamente fora do alcance dele.

Suspirou e desligou o carro.

— Tom, tens de vir também.

A casa tinha uma decoração atraente, pensou Miranda ao entrar no átrio. Jennifer tinha bom gosto. Combinara móveis rústicos simples com tecidos coloridos da mesma forma que a mulher de um capataz orgulhosa da sua casa poderia ter feito há cem anos. Sobre o fogão de sala havia cartões de boas-festas, mas não tinham feito a árvore de Natal.

Pareceu-lhe estranho pensar que Ned tinha morado ali. Todas as noites regressava àquela casa como agora regressava ao apartamento de Miranda. Tinha ouvido as notícias na telefonia, tinha-se sentado à mesa a jantar, lido romances de autores russos, lavado os dentes automaticamente e tinha ido para a cama, para os braços de outra mulher.

Sophie estava na sala, deitada num sofá à frente da televisão. Tinha um piercing no umbigo com uma jóia barata. Miranda sentiu um cheiro a tabaco.

— Vá lá, Sophie, a Miranda vai ajudar-te a arranjar as coisas, está bem, boneca? — disse Ned. Havia um tom de súplica na sua voz que fez Miranda estremecer.

— Estou a ver um filme — respondeu Sophie, amuada.

Miranda sabia que Sophie só reagia à firmeza e não à súplica. Pegou no comando da televisão e apagou-a.

— Mostra-me onde é o teu quarto, Sophie — disse com brusquidão.

Sophie parecia disposta a espingardar.

— Despacha-te. Temos pouco tempo.

Sophie levantou-se com relutância e saiu sem pressas da sala. Miranda subiu a escada atrás dela e entrou num quarto completamente desarrumado, decorado com cartazes de rapazes com penteados esquisitos e calças ridiculamente largas.

— Vamos estar cinco dias em Steepfall. Por isso, para começar, precisas de dez cuecas.

— Não tenho dez cuecas.

Miranda não acreditou nela, mas disse: — Então, leva as que tiveres. Se for preciso, podes sempre lavá-las.

Sophie ficou parada a meio do quarto, com uma expressão de rebeldia no seu rosto bonito.

— Vá lá — disse Miranda. — Não sou tua criada. Vai buscar as cuecas. — Olhou fixamente para ela.

Sophie não conseguia suportar o olhar dela. Baixou os olhos, deu meia-volta e abriu a primeira gaveta da cômoda. Estava cheia de roupa interior.

— Guarda cinco soutiens — aconselhou Miranda.

Sophie começou a tirar coisas da gaveta.

Acabou a crise, pensou Miranda. Abriu a porta de um roupeiro.

— Vais precisar de alguns vestidos para a noite. — Tirou um vestido

vermelho com umas alças finas, demasiado sexy para uma miúda de catorze anos. — Este é bonito — mentiu.

— É novo — disse Sophie, já num tom mais ameno.

— É melhor embrulhá-lo para não se amarrotar. Onde é que tens um papel fino ?

— Na gaveta da cozinha, acho eu.

— Vou lá buscá-lo. Procura umas calças de ganga lavadas.

Miranda desceu a escada, sentindo que estava a começar a estabelecer com Sophie o equilíbrio certo entre simpatia e autoridade. Ned e Tom estavam na sala a ver televisão.

Miranda entrou na cozinha e perguntou: — Ned, sabes onde é que há papel de embrulho?

— Não, não sei. Desculpa.

— Que pergunta estúpida! — murmurou Miranda, e começou a abrir gavetas.

Acabou por encontrar um rolo de papel no fundo de um armário com coisas de costura.

Teve de se pôr de joelhos para conseguir tirá-lo de trás de uma caixa de fitas. Era difícil chegar ao fundo do armário e sentiu-se corar. “Que ridículo”, pensou. “Tenho trinta e cinco anos; devia conseguir dobrar-me sem esforço. Tenho de perder cinco quilos. Não vou tocar nas batatas assadas que vêm com o peru.”

Quando tirou o papel, ouviu a porta das traseiras da casa abrir-se e depois uns passos de mulher. Olhou para cima e viu Jennifer.

— O que é que você julga que está a fazer? — exclamou Jennifer. Era uma mulher pequena, mas conseguia impressionar, com a sua testa alta e o seu nariz adunco. Estava vestida com elegância, com um casaco cintado e umas botas de salto alto.

Miranda pôs-se de pé, a arfar ligeiramente. Para sua humilhação, sentiu o pescoço inundado de suor.

— Estava à procura de papel de embrulho.

— Isso já eu percebi. Só não percebo é por que é que está em minha casa.

Ned apareceu à porta.

— Olá, Jenny, não te ouvi entrar.

— Obviamente não te dei tempo de accionares o alarme — retorquiu Jennifer num tom sarcástico.

— Desculpa — disse Ned -, mas pedi à Miranda que entrasse para...

— Não tornes a fazer isso! — interrompeu Jennifer. — Não quero as tuas mulheres cá em casa.

Pelo seu tom, dir-se-ia que Ned tinha um harém. A verdade é que, depois de

Jennifer, só tinha andado com duas mulheres. Com a primeira saíra apenas uma vez, e a segunda era Miranda, mas parecia uma infantilidade explicar isso.

— Só estava a tentar ajudar a Sophie — explicou Miranda.

— Eu trato da Sophie. Saia, por favor.

— Desculpa se te assustamos, Jenny, mas... — tentou dizer Ned.

— Não te incomodes com desculpas. Só quero que a leves daqui.

Miranda corou intensamente. Nunca ninguém tinha sido tão grosseiro com ela.

— É melhor ir-me embora — disse.

— Também acho — retorquiu Jennifer.

— Eu levo a Sophie o mais depressa possível — disse Ned.

Miranda estava tão zangada com Ned como com Jennifer, embora naquele momento não soubesse bem porquê. Dirigiu-se para a entrada.

— Pode sair pelas traseiras — disse-lhe Jennifer.

Para sua vergonha, Miranda hesitou. Olhou para Jennifer e viu no seu rosto um esboço de um sorriso de desdém, e isso deu-lhe um pouco de coragem.

— Não me parece — respondeu calmamente e dirigiu-se para a porta da frente. — Tom, vem comigo.

— Só um minuto — gritou o filho.

Entrou na sala. Tom estava a ver televisão. Agarrou-o pelo pulso, obrigou-o a pôr-se de pé e arrastou-o para fora de casa.

— Estás a aleijar-me! — protestou o miúdo.

Bateu com a porta da rua.

— Para a próxima vez, vem quando eu mandar.

Quando entrou no carro, apetecia-lhe chorar. Ia ter de ficar ali à espera, como uma criada, enquanto Ned estava em casa com a ex-mulher. Teria Jennifer planeado todo aquele drama para a humilhar? Era possível. Ned tinha sido um desastre. Percebeu que era por isso que estava tão zangada com ele. Tinha deixado Jennifer insultá-la sem uma palavra de protesto. Passara o tempo todo a pedir desculpa. Porquê? Se Jennifer tivesse feito a mala da filha, ou se a tivesse obrigado a fazê-la, Miranda não teria sido obrigada a entrar lá em casa. E o pior de tudo era que Miranda tinha despejado a raiva em cima do filho. Devia ter gritado com Jennifer e não com Tom.

Olhou para ele pelo espelho retrovisor.

— Desculpa se te aleijei no braço, Tommy.

— Não faz mal — respondeu Tom, sem tirar os olhos do Game Boy. — Também peço desculpa por não ter ido quando me chamaste.

— Então, estamos perdoados — disse Miranda. Correu-lhe uma lágrima pela face, e apressou-se a limpá-la.

11h

“Os vírus matam milhares de pessoas todos os dias”, disse Stanley Oxenford.

“Aproximadamente menos de dez em dez anos, uma epidemia de influenza mata cerca de vinte e cinco mil pessoas no Reino Unido. Em 1918, a gripe causou mais mortes do que a Primeira Guerra Mundial. Em 2002, morreram três milhões de pessoas com SIDA, que é causada pelo vírus da imunodeficiência humana. Os vírus estão também envolvidos em três por cento dos cancros.”

Toni estava a ouvir com toda a atenção, sentada no átrio ao lado de Stanley, sob as madeiras envernizadas do tecto pretensamente medieval. Stanley parecia calmo e controlado, mas Tom conhecia-o suficientemente bem para vislumbrar o tremor quase inaudível da sua voz. Tinha ficado chocado e desanimado com a ameaça de Laurence Mahoney, e o medo de perder tudo estava apenas escondido debaixo da sua fachada imperturbável.

Observou os rostos dos repórteres presentes. Ouviriam o que ele estava a dizer e compreenderiam a importância do trabalho realizado por aquele homem? Sabia como eram os jornalistas. Alguns eram inteligentes, mas muitos eram estúpidos. Alguns acreditavam na verdade; mas a maioria limitava-se a escrever a história mais sensacionalista que conseguisse arranjar. Sentia-se indignada por eles poderem ter nas suas mãos o destino de um homem como Stanley. No entanto, o poder dos tablóides era uma evidência brutal da vida moderna. Se a maioria daqueles escribas decidisse descrever Stanley como um cientista louco num castelo como o de Frankenstein, os americanos podiam ficar embaraçados ao ponto de suspenderem o financiamento.

Seria uma tragédia — não só para Stanley, como para todo o mundo. Era verdade que o programa de testes do antivírico podia ser concluído por outra pessoa, mas Stanley, arruinado e na bancarrota, não inventaria mais curas milagrosas. A irritação de Toni levou-a a pensar que gostava de dar umas bofetadas nas caras idiotas dos jornalistas e dizer-lhes: “Acordem! Isto também tem a ver com seu futuro!”

“Os vírus são um facto da vida, mas não temos de aceitar esse facto passivamente”, continuou Stanley. Toni admirava a forma como ele falava. Tinha uma voz cadenciada, mas descontraída. Era com aquele tom de voz que explicava coisas aos colegas mais novos. O seu discurso parecia mais uma conversa. “Os cientistas podem derrotar os vírus. Antes da SIDA, o grande assassino era a varíola — até um cientista chamado Edward Jenner ter inventado a vacina em 1796. Hoje em dia, a varíola desapareceu da espécie humana. Da

mesma forma, também a poliomielite se encontra já erradicada numa grande parte do mundo. Com o tempo, acabaremos por vencer a influenza, a SIDA e até o cancro — e isso será feito por cientistas como nós, que trabalham em laboratórios como este."

Uma mulher levantou a mão e perguntou: — E aqui estão a trabalhar exatamente em quê?

— Não se importa de se identificar? — pediu Toni.

— Edie McAllan, correspondente para a ciência, Scotland on Sunday.

Cynthia Creighton, sentada do outro lado de Stanley, tomou nota.

— Desenvolvemos um fármaco antiviral — informou Stanley.

— É raro. Há muitos antibióticos que matam as bactérias, mas há poucos que ataquem os vírus.

— Qual é a diferença? — perguntou um homem, e acrescentou — Clive Brown, do Daily Record.

O Record era um tablóide. Toni estava satisfeita com a direção que as perguntas estavam a tomar. Queria que a imprensa se concentrasse na ciência. Quanto melhor compreendessem, menos probabilidades havia de publicarem mentiras que os prejudicassem.

— As bactérias ou germes são seres minúsculos que podem ser vistos com um microscópio normal — explicou Stanley. — Cada um de nós é hospedeiro de milhares de milhões de germes. Muitos deles são úteis — ajudando-nos, por exemplo, a digerir os alimentos ou a libertarmo-nos das células mortas da pele. Alguns causam doenças que, nalguns casos, podem ser tratadas com antibióticos. Os vírus são mais pequenos e mais simples do que as bactérias. Precisamos de um microscópio de electrões para os vermos. Os vírus não se reproduzem; comprometem o funcionamento bioquímico das células vivas, obrigando-as a produzir cópias desse vírus. Não se conhece nenhum desses vírus que seja útil para os seres humanos. E existem poucos medicamentos para os combater. É por isso que um novo antivírico é uma notícia tão boa para a humanidade.

— E sobre que vírus atua seu medicamento? — perguntou Edie McAlan.

Era outra questão científica. Toni começou a acreditar que aquela conferência de imprensa produziria todos os efeitos que ela e Stanley desejavam. Só a custo refreou o seu optimismo. Sabia, pela sua experiência no gabinete de imprensa da Polícia, que um jornalista podia fazer perguntas sérias e inteligentes e depois voltar para o jornal e escrever notícias incendiárias. E mesmo que o autor entregasse um artigo sensato, ainda havia a possibilidade de ser reescrito por alguém ignorante e irresponsável.

— É a essa questão que estamos a tentar responder — afirmou Stanley. — Estamos a testar o fármaco contra diversos vírus para determinar o seu espetro

de ação.

— Isso inclui vírus perigosos? — perguntou Clive Brown.

— Inclui — respondeu Stanley. — Ninguém está interessado em fármacos para vírus inofensivos.

A assistência riu-se. Era uma resposta inteligente a uma pergunta estúpida. Brown, contudo, parecia ter ficado aborrecido, e Toni sentiu um baque no coração. Não havia nada que impedisse um jornalista humilhado de se vingar. Interveio rapidamente.

— Obrigada pela sua pergunta, Clive — disse, tentando apaziguá-lo. — Na Oxenford Medical impomos os mais elevados padrões de segurança aos laboratórios onde são manuseados materiais especiais. No BSN4, que significa Biossegurança de Nível 4, o sistema de alarme está diretamente ligado à divisão regional da Polícia em Inverburn.

Há guardas de serviço vinte e quatro horas por dia, e hoje de manhã duplicamos o número de guardas. Como precaução adicional, os guardas não podem entrar no BSN4, mas apenas monitorizar o laboratório através de um circuito fechado de câmaras de televisão.

Ainda assim, Brown não estava satisfeito.

— Se sua segurança é assim tão perfeita, como o hamster escapou?

Toni estava preparada para aquela pergunta.

— Gostava de esclarecer três coisas. Em primeiro lugar, não se tratou de um hamster. Foi a Polícia que deu essa informação, mas não corresponde à verdade. — Tinha dado deliberadamente uma informação errada a Frank, e ele caíra na armadilha, revelando-se assim como a fonte da história que chegara aos meios de comunicação. — Se querem saber o que se passa aqui, é em nós que têm de confiar. Foi um coelho, e não se chamava Fluffy.

Riram-se todos ao ouvir aquilo. Até Brown sorriu.

— Em segundo lugar, o coelho foi tirado do laboratório dentro de uma mochila e, a partir de hoje, passa a ser obrigatório revistar todas as malas à entrada do BSN4 para que isto não possa voltar a acontecer. Em terceiro lugar, não dissemos que a nossa segurança era perfeita. Dissemos que utilizamos os mais elevados padrões de segurança. É o máximo que um ser humano pode fazer.

— Nesse caso, está a admitir que seu laboratório é um perigo para membros inocentes da população escocesa.

— Não. Estão mais seguros aqui do que se estivessem a andar de carro na M8 ou a apanhar um avião em Prestwick. Os vírus matam muitas pessoas todos os dias, mas no nosso laboratório só morreu uma pessoa por causa de um vírus, e não era um membro inocente da população escocesa — era um empregado que

violou voluntariamente as normas e se colocou conscientemente numa situação de risco.

O saldo estava a ser positivo, pensou Toni ao perscrutar a sala à procura da pergunta seguinte. As câmaras de televisão continuavam a filmar, os flashes continuavam a disparar, e Stanley estava a mostrar exatamente aquilo que era — um cientista brilhante com um forte sentido de responsabilidade. Mas tinha medo que os noticiários das televisões preferissem as imagens dos jovens que entoavam slogans sobre os direitos dos animais junto aos portões às imagens sem dramatismo da conferência de imprensa.

Quem lhe dera conseguir pensar numa coisa mais interessante sobre a qual os operadores de câmara pudessem fazer convergir as suas lentes.

Cari Osborne, o amigo de Frank, falou então pela primeira vez. Era um homem bem-parecido, mais ou menos da idade de Toni. Parecia uma estrela de cinema. O seu cabelo era um tudo-nada demasiado amareio para ser natural.

— Qual é exatamente o perigo que esse coelho representa para a população em geral?

— O vírus não é muito infeccioso de umas espécies para outras — respondeu Stanley. -

Pensamos que, para infectar o Michael, o coelho deve ter-lhe mordido.

— E se o coelho tivesse fugido?

Stanley olhou para a janela e viu que estava a nevar ligeiramente.

— Teria morrido congelado.

— E se tivesse sido comido por outro animal? Uma raposa podia ficar infectada? _ .

— Não. Os vírus estão adaptados a um pequeno número de espécies, normalmente uma, eventualmente duas ou três. Tanto quanto sabemos, este não infecta raposas nem qualquer outra espécie da vida selvagem da Escócia. Só seres humanos, macacos e alguns tipos de coelhos.

— Então o Michael podia ter transmitido o vírus a outras pessoas.

— Se espirrasse. Foi a possibilidade que mais nos alarmou. Mas parece que o Michael não esteve com ninguém durante o período crítico. Já contactamos todos os seus colegas e amigos. Mesmo assim, ficaríamos muito gratos se utilizassem seus jornais e televisões para apelar a alguém que o tenha visto que entre imediatamente em contacto connosco.

— Não estamos a tentar minimizar o risco — apressou-se Toni a acrescentar. — Estamos profundamente preocupados com o incidente e, como expliquei, já implementamos medidas de segurança mais eficazes. Mas também temos de ter o cuidado de não exagerar. — Dizer a jornalistas para não exagerarem era o mesmo que dizer a advogados para não serem conflituosos, pensou Toni com

alguma perversão. — A verdade é que a população não corre perigo. Osborne ainda não tinha acabado.

— Imaginando que o Michael o transmitiu a um amigo, que por sua vez o transmitiu a outra pessoa... Quantas pessoas poderiam morrer?

— Não podemos entrar nesse tipo de especulações — atalhou Toni imediatamente. — O vírus não se espalhou. Morreu uma pessoa. Não devia ter morrido, mas isso não é razão para começar a falar dos Quatro Cavaleiros do Apocalipse. — Mordeu a língua. Tinha sido uma estupidez utilizar aquela frase: podiam citá-la, fora de contexto, transmitindo a ideia de que ela tinha previsto uma catástrofe.

— Soube que o seu trabalho é financiado pelas Forças Armadas americanas — disse Osborne.

— Sim, é, pelo Ministério da Defesa — respondeu Stanley. — E natural que estejam interessados em combater as armas biológicas.

— Não é verdade que os americanos querem que este trabalho seja feito na Escócia por acharem que é demasiado perigoso para ser desenvolvido nos Estados Unidos?

— Pelo contrário. Estão em curso muitos trabalhos deste tipo nos Estados Unidos, nos Centros de Controlo de Doenças em Atlanta, na Georgia e no Instituto de Investigação Médica de Doenças Infecciosas do Exército Americano, em Fort Detrick.

— Por que é que escolheram a Escócia?

— Porque o fármaco foi descoberto aqui na Oxenford Medical.

Toni decidiu pôr fim à conferência de imprensa, enquanto estavam em vantagem.

— Não quero limitar as perguntas, mas sei que alguns de vocês têm trabalho para fazer até ao meio-dia. Julgo que já todos têm o material que preparamos. Se precisarem, a Cynthia tem mais exemplares.

— Só mais uma pergunta — disse Clive Brown do Record. — Qual é sua reação à manifestação que está a decorrer lá fora?

Toni apercebeu-se de que ainda não tinha pensado em nada mais interessante para as câmaras.

— Eles propõem uma resposta simples para uma questão ética complexa — respondeu Stanley. — Como acontece com a maior parte das respostas simples, a deles está errada.

Era a resposta certa, mas corria o risco de parecer um pouco insensível. Por isso, Toni acrescentou:

— E esperamos sinceramente que não se constipem.

Enquanto os presentes se riam da sua observação, Toni levantou-se para dar a

entender que a conferência de imprensa tinha acabado. Depois teve um golpe de inspiração. Fez sinal a Cynthia Creighton. Voltou-se de costas para o público e disse-lhe em voz baixa, mas num tom urgente:

— Vai depressa ao refeitório. Pede a dois ou três empregados do refeitório que levem uns tabuleiros com café e chá quente e o distribuam pelos manifestantes que estão lá fora ao portão.

— Que ideia tão simpática — observou Cynthia.

Toni não estava a ser amável — até estava a ser cínica -, mas não havia tempo para explicações.

— Têm dois minutos para fazer isso — insistiu Toni. — Vai depressa!

Cynthia saiu rapidamente.

Toni voltou-se para Stanley e disse:

— Correu bem. Foste perfeito.

Ele tirou um lenço vermelho às pintas do bolso do casaco e limpou discretamente a cara.

— Espero que tenha resultado.

— Vamos saber quando virmos os noticiários da hora de almoço. Agora é melhores ires-te embora porque, caso contrário, vão tentar apanhar-te para uma entrevista exclusiva.

Stanley estava sob pressão, e Toni queria protegê-lo.

— Boa ideia. Aliás, preciso de ir para casa. — Stanley vivia numa propriedade numa falésia a menos de dez quilômetros do laboratório. — Gostava de lá estar para receber a família.

Toni ficou desapontada. Queria rever a conferência de imprensa com ele.

— Está bem — disse. — Vou ver qual é a reação.

— Pelo menos, ninguém me fez a pior pergunta.

— Qual era?

— A taxa de sobrevivência ao vírus Madoba-2.

— O que significa isso?

— Por muito letal que seja uma infecção, normalmente há pessoas que conseguem sobreviver-lhe. A taxa de sobrevivência serve para avaliar a perigosidade do vírus.

— E qual é a taxa de sobrevivência do Madoba-2?

— Zero — respondeu Stanley.

Toni olhou para ele de olhos esbugalhados. Ainda bem que ele não lhe tinha dito aquilo antes.

Stanley acenou por cima do ombro dela.

— Vem aí o Osborne.

— Vou ter com ele para o afastar. — Dirigiu-se ao repórter, e Stanley saiu

por uma porta lateral. — Olá, Cari. Espero que tenhas conseguido tudo o que precisavas.

— Acho que sim. Gostava de saber qual foi o primeiro êxito do Stanley?

— Fez parte da equipa que desenvolveu o aciclovir.

— Que é?

— A pomada que pomos nas frieiras. O nome comercial é Zovirax. É um antivírico.

— A sério? Isso é interessante.

Toni não acreditava que Cari estivesse genuinamente interessado. Gostava de saber o que quereria ele de facto.

— Podemos confiar que vais dar uma notícia sensata e factual, que não exagere o perigo?

— Estás a perguntar se vou falar dos Quatro Cavaleiros do Apocalipse?

Toni estremeceu.

— Foi uma idiotice ter dado um exemplo usando o tipo de hipérbole que queria desencorajar.

— Não te preocupes. Não vou citar-te.

— Obrigada.

— Não tens de agradecer. Teria todo o gosto em utilizá-la, mas o meu público não faria a menor ideia do que queria dizer. — Mudou de registo. — Quase não te via desde que te separaste do Frank. Há quanto tempo foi?

— Faz agora dois anos, pelo Natal.

— Como é que tens passado?

— Se queres mesmo saber a verdade, passei um mau bocado. Mas as coisas estão a melhorar. Pelo menos, estavam até hoje.

— Devíamos juntar-nos para contarmos as novidades.

Tom não tinha o mínimo desejo de desperdiçar tempo com Osborne, mas disse delicadamente.

— Claro. Por que não?

Ele surpreendeu-a ao aproveitar imediatamente a deixa dela.

— Queres jantar comigo?

— Jantar? — perguntou Toni.

— Sim.

— Um jantar assim do tipo uma noite a dois?

— Sim, repito.

Era a última coisa que ela esperava.

— Não! — respondeu. Depois lembrou-se de como aquele homem podia ser perigoso e tentou suavizar a sua rejeição.

— Desculpa, Cari, apanhaste-me de surpresa. Já te conheço há tanto tempo

que nunca pensei em ti dessa maneira.

— Talvez eu possa mudar a tua maneira de pensar. E parecia de uma vulnerabilidade infantil.

— Se me deres oportunidade...

A resposta continuava a ser “não”, mas Tom hesitou por um momento. Cari era uma celebridade local — era bonito, tinha charme e ganhava bem. A maior parte das mulheres solteiras à beira dos quarenta daria saltos de alegria. A verdade, porém, era que ela não se sentia minimamente atraída por ele. Mesmo que não estivesse apaixonada por Stanley, não se sentiria tentada a sair com Cari. Porquê?

Só demorou um segundo a descobrir a resposta. Cari não possuía integridade. Um homem capaz de distorcer a verdade para arranjar uma notícia sensacionalista devia ser igualmente desonesto nos outros aspectos da sua vida. Não era nenhum monstro. Havia muitos homens como ele, bem como algumas mulheres, mas Toni não conseguia imaginar-se íntima de alguém tão reles. Como seria possível beijar, revelar segredos, perder as inibições, ou entregar o corpo a alguém em quem não se podia confiar? Era uma ideia revoltante.

— Fico muito lisonjeada — mentiu -, mas é melhor não.

Ele não estava preparado para desistir.

— A verdade é que sempre gostei de ti, até mesmo quando estavas com o Frank. Deves ter percebido isso.

— Costumavas atirar-te a mim, mas fazias isso com a maior parte das mulheres.

— Não era a mesma coisa.

— Não andas com aquela rapariga do boletim meteorológico? Parece que vi uma fotografia no jornal.

— A Marnie? Nunca foi uma coisa séria. Fi-lo sobretudo por uma questão de publicidade.

Pareceu ter ficado irritado por ela lhe ter lembrado aquilo, e Toni percebeu que Marnie tinha corrido com ele.

— Lamento muito — disse, com um ar pretensamente compreensivo.

— Mostra-me a tua compaixão em atos e não em palavras. Janta comigo hoje à noite. Até tenho uma mesa marcado no La Chaumière.

Era um restaurante da moda. Devia ter feito a reserva há algum tempo — provavelmente para jantar com Marnie.

— Esta noite estou ocupada.

— Não me digas que ainda tens um fraquinho pelo Frank. Toni deu uma gargalhada amarga.

— Idiota como sou, ainda tive durante uns tempos. Mas agora já passou. Por

completo.

— Então, tens outra pessoa?

— Não, não tenho ninguém.

— Mas estás interessada em alguém. Não é o velho professor, pois não?

— Não sejas ridículo — disse Toni.

— Não estás a corar, pois não?

— Espero bem que não, se bem que qualquer mulher submetida a um interrogatório destes tenha todo o direito de corar.

— Meu Deus, gostas do Stanley Oxenford. — Cari não sabia lidar com a rejeição, e o seu rosto ficou feio com tanto ressentimento.

— Claro. O Stanley é viúvo, não é? Os filhos já crescidos. Montes de dinheiro, só para vocês os dois gastarem.

— Estás a ser ofensivo, Cari.

— A verdade é muitas vezes ofensiva. Gostas de gente importante, não é? Primeiro o Frank, o detective com a ascensão mais meteórica da história da Polícia escocesa. E

agora um cientista milionário e investigador. Tens uma queda por estrelas, Toni!

Tinha de acabar com aquilo antes que perdesse a cabeça.

— Obrigada por teres vindo à conferência de imprensa — disse Toni. Estendeu a mão e ele apertou-lha automaticamente. — Adeus. — Voltou-se e foi-se embora.

Estava a tremer de raiva. Ele tinha tornado indignas as suas emoções mais profundas.

Apetecia-lhe estrangulá-lo, não sair com ele. Tentou acalmar-se. Tinha entre mãos uma terrível crise profissional e não podia permitir que os seus sentimentos a atrapalhassem.

Foi à recepção e disse ao supervisor dos guardas, Steve Tremlett: — Fica aqui até saírem todos e certifica-te de que nenhum deles tenta fazer uma visita não autorizada. Um certo intruso podia tentar entrar nas áreas de alta segurança ficando à espera de alguém que tivesse acesso e entrando depois imediatamente a seguir a essa pessoa.

— Deixe isso comigo — garantiu Steve.

Toni começou a sentir-se mais calma. Vestiu o casaco e saiu. Estava a nevar mais intensamente, mas mesmo assim conseguiu vislumbrar a manifestação. Foi até à guarita junto do portão. Três funcionários do refeitório estavam a distribuir bebidas quentes. Os manifestantes tinham parado momentaneamente de gritar slogans e agitar as bandeiras e, em vez disso, estavam a sorrir e a conversar.

E todas as câmaras estavam voltadas para eles.

Tinha corrido tudo na perfeição, pensou Toni. Por que se sentiria deprimida?

Voltou para o seu gabinete. Fechou a porta e ficou parada, dando graças por estar sozinha durante um minuto. Parecia-lhe que tinha controlado bem a conferência de imprensa. Tinha protegido o patrão de Osborne. E a ideia de distribuir bebidas quentes pelos manifestantes resultara em cheio. Claro que não era aconselhável festejar antes de ver os noticiários, mas sentia que todas as decisões que tinha tomado tinham sido acertadas.

Nesse caso, por que se sentia tão embaixo?

Em parte era por causa de Osborne. Qualquer encontro com aquele homem podia deixar uma pessoa em baixo. No entanto Toni percebeu que era sobretudo por causa de Stanley. Depois de tudo o que tinha feito por ele naquela manhã, Stanley fora-se embora quase sem uma palavra de agradecimento. Era isso que significava ser o patrão. E há muito tempo que sabia como a família era importante para ele. Ela, ao invés, era apenas uma colega que ele apreciava, respeitava, de quem gostava — mas não amava.

O telefone tocou. Olhou para ele por um momento, ofendida com o seu alegre tinido, sem vontade de falar. Acabou por atender.

Era Stanley, a ligar do carro.

— Por que é que não apareces lá em casa daqui por uma hora ou coisa do gênero?

Podíamos ver o noticiário e ficávamos a saber o nosso destino.

O humor de Toni mudou instantaneamente. Era como se o sol tivesse descoberto.

— Claro — disse. — Terei todo o gosto.

— Podemos ser crucificados ao lado um do outro — acrescentou Stanley.

— Eu consideraria isso uma honra.

12h

A neve tornou-se mais intensa à medida que Miranda ia avançando para norte. Grandes flocos brancos precipitavam-se sobre o vidro do Toyota Previa, sendo depois afastados pelos limpa-para-brisas. Teve de abrandar, pois a visibilidade estava a diminuir. A neve parecia isolar o carro dos sons, restando apenas o barulho de fundo dos pneus em competição com a música clássica do rádio.

O ambiente lá dentro era deprimente. No banco de trás, Sophie ia com uns auscultadores a ouvir a sua própria música, e Tom tinha-se perdido no mundo cheio de bips do Game Boy. Ned ia calado, limitando-se a reger de vez em quando a orquestra com o indicador em riste. Enquanto olhava fixamente para a neve e ouvia o concerto para violoncelo de Elgar, Miranda observava o seu rosto tranquilo, coberto de barba, com a certeza de que ele não fazia a mínima ideia de quanto a desapontara.

Ned apercebeu-se do descontentamento dela.

— Peço desculpa pelo ataque de raiva da Jennifer.

Miranda olhou pelo espelho retrovisor e viu que Sophie estava a acenar a cabeça ao ritmo da música do seu iPod. Satisfeita por ela não poder ouvir, Miranda disse: — A Jennifer foi terrivelmente mal-educada.

— Desculpa — repetiu Ned. Parecia óbvio que não sentia qualquer necessidade de explicar nem de pedir desculpa pela sua atuação.

Miranda teve de deitar por terra a confortável ilusão de Ned.

— Não foi o comportamento da Jennifer que me incomodou. Foi o teu.

— Percebo que foi um erro convidar-te para entrares sem a avisar.

— Não é isso. Toda a gente comete erros.

Ned parecia confuso e aborrecido.

— Então, o que foi?

— Ora, Ned! Não me defendeste!

— Achei que eras perfeitamente capaz de te defenderes.

— Não é isso que está em questão! Claro que eu sei tratar de mim. Não preciso de uma mãezinha. Mas tu devias ter tomado a minha defesa.

— Como um cavaleiro com uma armadura reluzente.

— Exactamente!

— Pensei que era mais importante acalmar as coisas.

— Pensaste mal. Quando o mundo é hostil para mim, não quero que te ponhas a analisar criteriosamente a situação — quero que estejas do meu lado.

— Receio não ser do tipo combativo.

— Eu sei — disse Miranda, e ficaram ambos em silêncio.

Iam por uma estrada estreita junto à margem de um braço de mar. Passaram por pequenas quintas onde se viam cavalos a pastar, tapados com mantas, e por aldeias com igrejas de um branco imaculado e filas de casas à beira-mar. Miranda sentia-se deprimida. Mesmo que a sua família aceitasse Ned como ela lhes pedira que fizessem, não sabia se queria casar com um homem tão passivo. Tinha desejado encontrar um homem que fosse meigo, culto e inteligente, mas compreendia agora que também queria um homem que fosse forte. Seria querer de mais? Pensou no pai. Sempre fora meigo, quase nunca se zangava, nunca discutia — mas nunca ninguém o achou fraco.

O seu estado de espírito melhorou quando se aproximaram de Steepfall. Junto à rampa de acesso à casa havia um antigo estábulo que tinha sido arranjado e tinha agora três portas de garagem. Miranda passou por ele e continuou até chegar à frente da casa.

Ao ver a antiga casa sobranceira à praia, com as suas grossas paredes de pedra, as janelas pequenas e o telhado de ardósia, Miranda sentiu-se dominada pela recordação da sua infância. Tinha ido ali pela primeira vez aos cinco anos e, sempre que lá voltava, transformava-se por momentos numa menina de meias brancas, sentada ao sol nos degraus de granito, a fazer de conta que era professora de uma turma de três bonecas, dois porquinhos-da-índia numa gaiola e um cão velho e sonolento. Era uma sensação intensa, mas passageira: de repente, lembrou-se exatamente do que sentira aos cinco anos, mas tentar prender aquela recordação era o mesmo que tentar aprisionar fumo.

O Ferrari azul-escuro do pai estava à frente da casa, onde sempre o deixava para Luke, o empregado, tratar de o ir arrumar. O carro era perigosamente rápido, obscenamente curvilíneo e ridiculamente dispendioso para a sua viagem diária de sete quilômetros e meio até ao laboratório. Ali estacionado, no alto de uma falésia erma da Escócia, parecia tão deslocado como uma cortesã de saltos altos no pátio enlameado de uma quinta. Na verdade, porém, o pai não tinha um iate, nem uma adega, nem um cavalo de corrida; não ia esquiar para Gstaad nem jogar para Monte Cario. O Ferrari era a sua única leviandade.

Miranda estacionou o Toyota. Tom correu para dentro de casa. Sophie seguiu-o mais lentamente: nunca ali tinha estado, embora já tivesse ido uma vez com Stanley à festa de anos de Olga, alguns meses antes. Miranda decidiu que, por agora, iria esquecer o episódio com Jennifer. Deu a mão a Ned, e entraram juntos.

Como sempre, entraram pela porta da cozinha, num dos lados da casa. Havia um átrio com um armário onde estavam guardadas galochas, e depois uma

segunda porta que dava para a espaçosa cozinha. Miranda sentia sempre que estava a regressar a casa. Na sua cabeça pairavam inúmeros cheiros familiares: a carne assada do jantar, o café moído, as maçãs e um vestígio permanente dos cigarros franceses que Mamma Marta fumava. Nenhuma outra casa substituíra aquela na alma de Miranda: nem o apartamento em Camden Town, onde fizera uma vida de pândega enquanto era nova, nem a casa moderna dos arredores onde morara durante o seu curto casamento com Jasper Casson, nem o apartamento georgiano de Glasgow onde vivera com Tom, primeiro sozinhos e agora com Ned.

Uma cadela-de-água preta chamada Nellie abanava não só a cauda mas todo o corpo de satisfação e lambia toda a gente. Miranda cumprimentou Luke e Lori, o casal filipino que estava a fazer o almoço.

— O seu pai acabou de chegar. Está na casa de banho a lavar-se — informou Lori.

Miranda mandou Tom e Sophie irem pôr a mesa. Não queria que eles se fossem pôr à frente da televisão a tarde toda.

— Tom, mostra à Sophie onde estão as coisas.

Além disso, ter um trabalho para fazer ia ajudar Sophie a sentir -se parte da família.

Havia várias garrafas com o vinho branco preferido de Miranda no frigorífico. O pai não era grande bebedor, mas a Mamma sempre bebera vinho e, por isso, o pai tinha sempre vinho em casa. Miranda abriu uma garrafa e serviu um copo a Ned.

As coisas estavam a começar bem, pensou Miranda: Sophie a ajudar alegremente Tom a pôr as facas e os garfos, e Ned a beber Sancerre, com visível satisfação. Podia muito bem acontecer que fosse aquele momento, e não a cena com Jennifer, a dar o tom à festa.

Se Ned ia fazer parte da vida de Miranda, só podia gostar daquela casa e da família que tinha crescido nela. Já lá estivera, mas nunca tinha levado Sophie e nunca tinha ficado para dormir, pelo que aquela era a sua primeira grande visita. Miranda queria tanto que ele se divertisse e se desse bem com toda a gente!

O marido de Miranda, Jasper, nunca tinha gostado de Steepfall. A princípio, tinha-se esforçado por ser muito agradável para toda a gente, mas nas últimas visitas tinha-se mantido sempre afastado enquanto lá estavam, e zangado depois de saírem. Parecia não gostar de Stanley e queixava-se de que ele era autoritário, o que não deixava de ser estranho uma vez que Stanley raramente mandava alguém fazer o que quer que fosse -

ao passo que Marta se mostrava tão mandona que às vezes lhe chamavam Mamma Mussolini. Agora, olhando para trás, Miranda percebia que Jasper

sentia o seu controlo sobre ela ameaçado pela presença de outro homem que a amava. Não se sentia à vontade para a maltratar com o pai dela por perto.

O telefone tocou. Miranda atendeu na extensão que estava na parede ao lado do frigorífico.

— Está lá?

— Miranda, é o Kit. Ficou contente.

— Olá, maninho! Como é que estás?

— Por acaso, um bocado abalado.

— Como assim?

— Caí para uma piscina. É uma longa história. Como estão as coisas aí por Steepfall ?

— Estamos sentados a beber o vinho do papá e com pena de não estares ao pé de nós.

— Afinal, vou passar aí o Natal.

— Que bom! — Miranda decidiu não perguntar o que o tinha feito mudar de ideias.

Provavelmente, seria outra longa história.

— Devo chegar daqui a uma hora, mais ou menos. Agora, ouve, posso ficar no anexo?

— Acho que sim. O papá é que decide, mas vou falar com ele.

Quando Miranda estava a pousar o auscultador, o pai entrou. Trazia o colete e as calças do fato, mas tinha arregaçado as mangas da camisa. Deu um aperto de mão a Ned e um beijo a Miranda e às crianças. Miranda achou-o muito elegante.

— Andas a fazer dieta? — perguntou.

— Tenho andado a jogar squash. Quem era ao telefone?

— Era o Kit. Afinal, sempre vem.

Olhou para a cara do pai, desejosa de ver a reação dele.

— Só acredito quando o vir.

— Oh, paizinho! Podias mostrar um pouco mais de entusiasmo.

Ele deu-lhe uma palmadinha na mão.

— Gostamos todos muito do Kit, mas sabemos como ele é. Gostava muito que ele viesse, mas não vou ficar a contar com isso. — O seu tom era ligeiro, mas Miranda percebeu que ele estava a tentar esconder um sentimento de dor. — Ele continua a querer dormir no anexo.

— Disse porquê?

— Não.

— Se calhar, vai trazer uma rapariga, e não quer que se ouçam os gemidos de prazer dela — disse Tom.

Fez-se silêncio na cozinha. Miranda estava incrédula. Donde tinha saído aquilo? Tom tinha onze anos e nunca falava de sexo. Passado um momento, desataram todos a rir.

Tom ficou muito corado e acrescentou: — Li isso num livro.

Devia estar a querer armar-se em adulto à frente de Sophie, pensou Miranda. Ainda era uma criança, mas já não por muito mais tempo.

— Sabem bem que para mim é indiferente onde dormem — rematou Stanley. Olhou para o relógio com um ar preocupado. — Tenho de ir ver o noticiário da hora de almoço.

— Lamento muito o que aconteceu ao técnico lá do laboratório — disse Miranda. — O que é que o levou a fazer aquilo?

— Toda a gente tem ideias estranhas, mas a uma pessoa que vive sozinha não há ninguém que diga para não ser maluco.

A porta abriu-se, e Olga entrou. Como sempre, já vinha a falar quando entrou.

— Este tempo é um pesadelo! Só se vêem carros a despistarem-se. O que é isso que estão a beber, é vinho? Dêem-me um copo antes que eu rebente. Nellie, não me cheires aí. É considerado feio pela sociedade. Olá, papai, como estás?

— Nella merda — respondeu Stanley.

Miranda reconheceu uma das expressões da mãe. Significava “na merda.” Mamma Marta imaginara ingenuamente que, se dissesse asneiras em italiano, os filhos não entenderiam.

— Já sei do tipo que morreu — disse Olga. — É mau para ti?

— Vamos ficar a saber quando virmos o noticiário.

Olga vinha com o marido, Hugo, um homem pequeno, com um ar encantador e travesso.

Quando cumprimentou Miranda com um beijo, deixou ficar os lábios sobre a face dela um tudo-nada mais do que seria preciso.

— Onde é que o Hugo põe as malas? — perguntou Olga.

— Lá em cima — respondeu Miranda.

— Quer dizer que já decidiste que o anexo é para ti.

— Não, é para o Kit.

— Por favor! — protestou Olga. — Uma cama de casal enorme, uma casa de banho linda e uma kitinete, tudo só para uma pessoa, enquanto nós os quatro temos de partilhar a minúscula casa de banho lá de cima?

— Ele pediu especificamente para lá ficar.

— Eu também estou a pedir especificamente para ficar lá.

Miranda sentiu-se irritada com a irmã.

— Por amor de Deus, Olga. Para variar, pensa noutra pessoa sem ser em ti

própria. Sabes bem que o Kit não vem cá desde... desde aquela confusão. Só quero que ele se sinta bem.

— Ou seja, vai ficar com o melhor quarto porque roubou o papá. Achas lógico?

— Vamos lá, vocês as duas — interveio o pai, exatamente com o mesmo tom de voz de quando eram pequenas. — Neste caso, acho que a Olga tem razão. O Kit está a ser egoísta ao pedir o anexo só para ele. A Miranda e o Ned podem lá dormir.

— Assim ninguém tem o que quer — disse Olga.

Miranda suspirou. Para que estava ela a discutir? Conhecia o pai tão bem como ela.

Tentava sempre dar-lhes o que queriam, mas quando dizia não, era não mesmo. Sabia ser indulgente, mas não tolerava que fossem mal-educados para ele.

— E para aprenderem a não discutir — rematou Stanley.

— Não, não é. Há trinta anos que impõe essas decisões de Salomão, e ainda não aprendemos.

Stanley sorriu.

— Tens razão. Falhei redondamente na educação dos meus filhos. Queres que comece outra vez do princípio?

— É tarde de mais.

— Graças a Deus.

Miranda só esperava que Kit não ficasse tão ofendido que desse meia-volta e se fosse embora. A discussão acabou com a entrada de Caroline e Craig, os filhos de Hugo e Olga.

Caroline, de dezessete anos, trazia uma gaiola com várias ratazanas brancas. Nellie cheirou-a, muito excitada. Caroline relacionava-se com os animais como forma de evitar as pessoas. Era uma fase por que muitas raparigas passavam, mas Miranda achava que aos dezessete anos já deveria estar ultrapassada.

Craig, de quinze anos, trazia dois sacos de plástico cheios de presentes embrulhados.

Tinha o mesmo sorriso malicioso de Hugo, e era alto como Olga. Pousou os sacos, cumprimentou todos com superficialidade e dirigiu-se logo a Sophie. Miranda lembrou-se de que os dois já se tinham visto uma vez, na festa de aniversário de Olga.

— Tens um piercing no umbigo! — exclamou Craig para Sophie. — Que fixe! Doeu-te?

Miranda deu pela presença de uma desconhecida na cozinha. Tinha ficado parada junto à porta que dava para o hall — devia, por isso, ter entrado pela

porta da frente. Era alta e muito bonita: com umas maçãs do rosto altas, um nariz curvado, uma enorme cabeleira ruiva e uns olhos verdes maravilhosos. Trazia um fato castanho com riscas brancas que estava um pouco amarrotado, e a sua maquilhagem cuidadosa não conseguia esconder completamente os sinais de cansaço sob os olhos. Entretinha-se a observar com um ar divertido a cena animada que decorria na cozinha apinhada. Miranda perguntou a si própria há quanto tempo estaria ela ali a vê-los em silêncio.

Os outros também repararam nela e a pouco e pouco foram ficando em silêncio. Por fim, Stanley voltou-se e, saindo de um salto da sua cadeira, exclamou: — Ah, Tom! — deixando Miranda admirada com o seu ar de satisfação. — Ainda bem que vieste. Meninos, esta é a minha colega, Antonia Gallo.

A mulher sorriu como se achasse que não havia nada mais encantador do que uma família quezilenta. Tinha um sorriso rasgado, generoso, e uns lábios grossos. Miranda percebeu que era a ex-polícia que tinha apanhado Kit a roubar a empresa. Apesar disso, Stanley parecia gostar dela.

Stanley apresentou-os, e Miranda reparou no tom orgulhoso da voz do pai.

— Toni, esta é a minha filha Olga, o marido, Hugo, e os filhos, a Caroline com as ratazanas de estimação, e o Craig, o alto. A minha outra filha, Miranda, o filho dela, o Tom, o namorado, Ned, e a filha do Ned, a Sophie. — Toni foi olhando para cada um dos membros da família, acenando afavelmente com a cabeça e mostrando-se verdadeiramente interessada. Era difícil decorar oito nomes de uma vez, mas Miranda tinha um pressentimento de que Toni ia fixá-los todos. — Aquele é o Luke, a descascar cenouras, e temos a Lori, ao pé do fogão. Nellie, a senhora não quer provar o teu osso de couro, embora tenha ficado muito sensibilizada com a tua generosidade.

— Tenho muito gosto em conhecê-los — disse Toni.

Parecia estar a ser sincera mas, ao mesmo tempo, parecia sob tensão.

— Deve ter sido um dia difícil — disse Miranda. — Lamento muito a morte do técnico.

— Foi a Toni que o encontrou — esclareceu Stanley.

— Meu Deus!

Tom acenou com a cabeça.

— Graças a Deus, temos a certeza de que ele não contagiou ninguém. Agora só esperamos que os meios de comunicação não nos crucifiquem.

Stanley viu as horas.

— Desculpem — disse aos familiares. — Vamos ver o noticiário no meu escritório. — Segurou a porta para Toni passar e saíram os dois.

Os miúdos começaram outra vez a tagarelar, e Hugo disse qualquer coisa a

Ned sobre a equipa escocesa de rugby. Miranda voltou-se para Olga, já esquecida da discussão.

— Uma mulher atraente... — comentou com um ar pensativo.

— Pois é — anuiu Olga. — Terá o quê, a minha idade?

— Sim, trinta e sete, trinta e oito. E o papá está mais magro.

— Eu reparei.

— As crises aproximam as pessoas.

— E mesmo.

— Então, o que é que achas?

— O mesmo que tu. Miranda despejou o copo.

— Bem me parecia.

13h

Toni tinha ficado acabrunhada com a cena na cozinha: adultos e crianças, criados e animais de estimação, a beberem vinho, a fazerem comida, a brigarem e a rirem-se de piadas. Tinha sido o mesmo que entrar numa festa excelente, mas onde não conhecesse ninguém. Quisera juntar-se a eles, mas sentira-se excluída. Era aquilo a vida de Stanley.

Ele e a mulher tinham criado aquele grupo, aquela casa, aquele calor. Admirava-o por isso e invejava os filhos dele. Provavelmente não faziam ideia de quão privilegiados eram. Toni deixara-se ficar ali vários minutos, divertida e, ao mesmo tempo, fascinada.

Não era de admirar que ele fosse tão ligado à família.

Sentira-se emocionada e desanimada. Se se permitisse fazer isso, poderia fantasiar sobre pertencer àquela família, estar sentada ao lado de Stanley na qualidade de mulher dele, amá-lo a ele e aos filhos, desfrutando do conforto de estarem na companhia uns dos outros. No entanto, reprimiu aquele sonho. Era impossível, e não devia torturar -se.

Era a própria força dos laços familiares que a obrigava a ficar de fora.

Quando finalmente haviam dado pela presença dela, as duas filhas dele, Olga e Miranda, tinham olhado para ela com dureza, naquela que constituíra uma observação atenta: pormenorizada, hostil, sem desculpas. Lori, a cozinheira, olhara-a da mesma forma, ainda que mais discretamente.

Compreendia a reação das filhas. Marta mandara naquela cozinha durante trinta anos.

Ter-se-iam sentido desleais para com ela, se não tivessem sido hostis para Toni.

Qualquer mulher de quem Stanley gostasse poderia transformar-se numa ameaça. Podia significar uma ruptura para a família. Podia mudar as atitudes do pai delas, desviar o seu afecto para outras direções. Podia dar-lhe filhos, meios-irmãos ou meias-irmãs que não iam ter qualquer interesse pela história da família original, nem se sentiriam ligados a elas pelos laços inquebrantáveis de uma infância partilhada. Ficaria com uma parte da herança delas, porventura tudo. Teria Stanley sentido aquela corrente? Ao segui-lo em direção ao escritório, Toni sentiu mais uma vez a exasperante frustração de não saber o que lhe ia na cabeça.

A decoração era marcadamente masculina, com uma secretária vitoriana de pedestal, uma estante cheia de volumosos textos de micro-biologia e um sofá de

pele já gasto à frente de uma lareira. A cadela foi atrás dele e estirou-se à frente da lareira fazendo lembrar um tapete preto de pêlo encaracolado. Sobre a lareira havia uma moldura com uma fotografia de uma adolescente de cabelo escuro e tênis brancos — a mesma rapariga que aparecia vestida de noiva na fotografia que Stanley tinha na parede do seu gabinete na empresa. Os calções deixavam ver que tinha umas pernas altas e atléticas. A maquilhagem acentuada e a fita no cabelo indicavam a Toni que a fotografia tinha sido tirada nos anos sessenta.

— A Marta também era cientista? — perguntou Toni.

— Não. Era formada em Inglês. Quando a conheci, dava aulas de Italiano num liceu em Cambridge.

Toni ficou admirada. Tinha imaginado que Marta partilhara a paixão de Stanley pelo seu trabalho. Pelos vistos, não era preciso ser-se doutorada em Biologia para casar com ele, pensou Toni.

— Era bonita.

— Assombrosa — respondeu Stanley. — Bela, alta, sexy, estrangeira, diabólica no tênis.

Arrasava todos os corações. Foi como se tivesse sido atingido por um raio. Cinco minutos depois de a conhecer, já estava apaixonado por ela.

— E ela por ti ?

— Isso demorou mais tempo. Estava rodeada por admiradores. Os homens caíam como moscas à volta dela. Nunca percebi por que acabou por me escolher a mim. Costumava dizer que não conseguia resistir a um intelectual.

Não havia ali nenhum mistério, pensou Toni. Marta tinha gostado do mesmo que Toni gostava: a força de Stanley. Bastava olhar para ele para ver que estava ali um homem que fazia o que dizia, que era o que parecia ser, um homem em quem se podia confiar.

Mas também possuía outros atrativos: era meigo, inteligente e vestia bem.

Toni tinha vontade de dizer: Mas o que é que sentes agora? Continuas casado com a memória dela? Porém, Stanley era seu patrão. Não tinha o direito de lhe fazer perguntas sobre os seus sentimentos mais profundos. E, além disso, Marta estava ali, sobre a lareira, a empunhar a raqueta de tênis como se fosse um bastão.

Toni sentou-se no sofá ao lado de Stanley e tentou afastar as suas emoções e concentrar-se na crise que tinham entre mãos.

— Ligaste para a embaixada americana? — perguntou-lhe.

— Liguei. Consegui acalmar o Mahoney por momentos, mas vai ver o noticiário, tal como nós.

Havia muita coisa que dependia dos próximos minutos, pensou Toni. A empresa poderia ser destruída ou salva, Stanley podia ficar na falência, ela podia

perder o emprego e o mundo podia perder os serviços de um grande cientista. “Não entres em pânico”, disse para si própria; “sê prática”. Tirou um bloco da mala. Cynthia Creighton estava a gravar o noticiário na empresa, por isso, Toni poderia voltar a vê-lo mais tarde, mas queria tomar já nota do que lhe ocorresse. O noticiário da Escócia antecedia o do Reino Unido. A morte de Michael Ross continuava a ser o tema de abertura, mas a notícia foi introduzida pelo pivô e não por Cari Osborne. Era bom sinal, pensou Toni, esperançada. Tinha-se acabado a ciência ridiculamente imprecisa de Cari. O vírus foi corretamente referido como Madoba-2. O apresentador teve o cuidado de salientar que a morte de Michael seria investigada pelo xerife.

— Até agora, tudo bem — murmurou Stanley.

— Tenho a sensação de que algum responsável da estação viu a notícia vergonhosa que o Cari Osborne deu de manhã e decidiu aprimorar a cobertura do caso — afirmou Toni.

A imagem seguinte era dos portões do Kremlin.

— Os defensores dos direitos dos animais aproveitaram a tragédia para organizar um protesto junto à Oxenford Medical — continuou o apresentador. Toni estava agradavelmente surpreendida. Aquela frase era bastante mais favorável do que ela esperaria. Sugeria que os manifestantes eram cínicos e manipuladores dos meios de comunicação.

Depois de algumas imagens da manifestação, a notícia voltou para o átrio da empresa.

Toni ouviu a sua própria voz, com um sotaque escocês marcado do que estava à espera, a explicar como funcionava o sistema de segurança do laboratório. Não estava a ser muito eficaz: apenas uma voz a falar, em tom monocórdico, de alarmes e guardas. Teria sido melhor deixar as câmaras filmarem a entrada estanque do BSN4, com o sistema de reconhecimento de impressões digitais e as portas iguais às dos submarinos. As imagens eram sempre melhores do que as palavras.

Depois surgiu uma imagem de Cari Osborne a perguntar: “Qual é exatamente o perigo que esse coelho representa para a população em geral?”

Toni chegou-se à frente no sofá. Era o momento crítico.

Foram alternando a imagem entre Cari e Stanley, com Cari a sugerir cenários catastróficos e Stanley a dizer como eram improváveis. Toni sabia que aquilo não era bom. Os espetadores iriam gravar a ideia de os outros animais poderem ser contagiados, apesar de Stanley ter afastado com firmeza essa hipótese.

Na tela apareceu Carl a dizer. “Mas o Michael podia ter transmitido o vírus a outras pessoas” e, a seguir, Stanley a responder com um ar grave: “Se espirrasse.”

Infelizmente, foi naquele ponto que cortaram o diálogo entre ambos.

— Bolas! — resmungou Stanley.

— Ainda não acabou — disse Toni. Podia melhorar — ou piorar.

Toni tinha esperança de que mostrassem a sua intervenção apressada, quando tentara contrariar a impressão de complacência, dizendo que a Oxenford Medical não estava a tentar minimizar o risco. Mas, em vez disso, surgiu uma imagem de Susan Mackintosh ao telefone, com uma voz por cima a explicar que a empresa estava a ligar para todos os funcionários para saber se tinham estado em contacto com Michael Ross. Tudo bem, pensou Toni com alívio. O perigo tinha sido descrito sem tibiezas, mas a empresa estava a tomar ações positivas.

A última imagem da conferência de imprensa foi um grande plano de Stanley, com um ar responsável, a dizer: “Com o tempo, acabaremos por vencer a influenza, a SIDA e até o cancro — e isso será feito por cientistas como nós, que trabalham em laboratórios como este.”

— Foi bom — disse Toni.

— Vai prevalecer sobre o diálogo com o Osborne a propósito do contágio dos outros animais?

— Acho que sim. Foste muito tranquilizador.

Na imagem, viam-se funcionários do refeitório a distribuírem bebidas quentes pelos manifestantes debaixo de neve.

— Ótimo! Usaram esta imagem — exclamou Toni.

— Não tinha visto isto — disse Stanley. — Quem é que teve a ideia?

— Eu.

Cari Osborne apontou o microfone à cara de uma das empregadas e perguntou-lhe: “Estas pessoas estão a manifestar-se contra a sua empresa. Por que está a servir-lhes café?

“Porque está frio cá fora”, respondeu a mulher.

Toni e Stanley riram-se, deliciados com a perspicácia da mulher e com o efeito positivo que as suas palavras tinham sobre a empresa.

O apresentador tornou a aparecer e disse: — O primeiro-ministro da Escócia emitiu um comunicado esta manhã onde dizia: “Falei com os representantes da Oxenford Medical, com a Polícia de Inverburn e com as autoridades sanitárias de Inverburn, e fiquei com a certeza de que está a ser feito tudo o que é possível para garantir que não haja riscos para a população. ” Vamos agora passar a outra notícia.

Toni desabafou:

— Meu Deus, acho que ganhamos o dia!

— Distribuir as bebidas quentes foi uma ótima ideia. Quando é que te ocorreu?

— No último minuto. Vamos ver o que diz o noticiário do Reino Unido. No noticiário principal, a notícia de Michael Ross surgiu em segundo lugar, depois de um terramoto na Rússia. Foram utilizadas algumas das imagens anteriores, mas não aquelas em que aparecia Cari Osborne, que só era conhecido na Escócia. Havia um clip de Stanley a dizer. “O vírus não é muito infeccioso de umas espécies para outras. Pensamos que, para infectar o Michael, o coelho deve ter-lhe mordido.” Seguiu-se uma declaração circunspecta do Ministro do Ambiente, em Londres. A notícia continuou no mesmo tom, sem a histeria do noticiário escocês. Toni estava profundamente aliviada.

— É bom saber que nem todos os jornalistas são como o Cari Osborne — disse Stanley.

— Convidou-me para jantar — confessou Toni, sem perceber por que estava a dizer-lhe aquilo.

Stanley pareceu surpreendido.

— Ha La facia peggio dei culo! — exclamou. — É preciso descaramento.

Toni riu-se. O que ele tinha dito era: “A cara dele ainda é pior que o cu”; devia ser uma das expressões de Marta.

— É um homem atraente — comentou.

— Não acredito que penses isso.

— Pelo menos, é bem-parecido.

Toni percebeu que estava a tentar fazer-lhe ciúmes e disse para si própria: “Não te ponhas com jogos.”

— O que é que lhe disseste? — perguntou Stanley.

— Claro que recusei.

— Era o que eu estava à espera. — Stanley parecia embaraçado e acrescentou: — Não tenho nada a ver com isso, mas ele não te merece, nem de longe. — Voltou as suas atenções para a televisão e mudou para um canal generalista.

Ficaram alguns minutos a ver as imagens das vítimas do terramoto na Rússia e das equipas de salvamento. Toni sentia que tinha sido uma patetice falar a Stanley do convite de Osborne, mas tinha ficado satisfeita com a reação dele.

Seguiu-se a notícia sobre Michael Ross, mas mais uma vez num tom absolutamente factual. Stanley desligou a televisão.

— Bem, não fomos crucificados pela televisão.

— Amanhã não há jornais, é dia de Natal — observou Toni. — Na quinta-feira a história já perdeu a atualidade. Acho que estamos salvos, isto desde que não haja desenvolvimentos inesperados.

— Pois. Se agora perdêssemos outro coelho, ficávamos outra vez em apuros.

— Não vai haver mais incidentes de segurança no laboratório — disse Toni

com firmeza. -

Vou tomar todas as providências.

Stanley acenou com a cabeça.

— Tenho de confessar que lidaste extraordinariamente bem com tudo isto. Estou-te muito grato.

Toni ficou radiante.

— Dissemos a verdade, e eles acreditaram em nós — retorquiu. Sorriram um para o outro, num momento de intimidade e felicidade.

Depois o telefone tocou.

Stanley esticou o braço por cima da secretária para atender.

— Oxenford — disse. — Sim, passa a chamada para aqui, por favor. Estou desejoso de falar com ele. — Olhou para Toni e disse com os lábios: — É o Mahoney.

Toni levantou-se com nervosismo. Ela e Stanley estavam convencidos de que tinham controlado bem a publicidade — mas seria essa a opinião do governo americano?

Perscrutou o rosto de Stanley, enquanto falava ao telefone.

— Olá, Larry. Viste as notícias?... Ainda bem que pensas assim... Evitamos as reações histéricas que tu temias... Sabes, a minha diretora das instalações, a Antonia Gallo, é que lidou com a imprensa... sim, fez um ótimo trabalho, estou plenamente de acordo...

Tens toda a razão. A partir de agora vamos ser muito firmes em relação às questões de segurança... Obrigado por teres telefonado. Adeus.

Stanley desligou e sorriu para Tom.

— Estamos salvos. — Exuberante, pôs os braços à volta dela e abraçou-a.

Toni encostou a cara ao ombro dele. O tecido do colete dele era surpreendentemente macio. Sentiu o seu perfume tênue mas acolhedor e apercebeu-se de que há muito tempo que não estava tão perto de um homem. Pôs os braços à volta dele e abraçou-o também, sentindo a pressão dos seios contra o peito dele.

Teria ficado assim para sempre, mas passados alguns segundos, ele retirou suavemente os braços, com um ar envergonhado. Como se quisesse repor o decoro, deu-lhe um aperto de mão.

— Os louros são inteiramente teus.

O breve momento de contacto físico tinha-a excitado. “Meu Deus, como eu estou”, pensou. “Como foi possível isto ter acontecido tão rapidamente?”

— Queres ver o resto da casa? — perguntou-lhe Stanley.

— Gostava muito. — Tom estava satisfeita. Era raro um homem oferecer-se para mostrar a casa aos convidados. Era um outro momento de intimidade.

As duas divisões que ela já tinha visto, a cozinha e o escritório, ficavam na parte de trás da casa, voltadas para um pátio rodeado por anexos. Stanley levou Toni até à parte da frente, mostrando-lhe em primeiro lugar a casa de jantar com vista para o mar. Parecia ser uma extensão da antiga casa. A um canto havia um armário com taças de prata.

— São as taças que a Marta ganhou no tênis — disse Stanley, com orgulho. — O serviço dela parecia um lança-foguetes.

— Ela chegou muito longe no tênis?

— Qualificou-se para o torneio de Wimbledon, mas não chegou a competir porque ficou grávida da Olga.

Do outro lado do hall, também com vista para o mar, havia uma sala de estar com uma árvore de Natal. Os presentes estavam espalhados pelo chão por baixo da árvore. Havia outra imagem de Marta, um quadro de corpo inteiro, retratando-a por volta dos quarenta anos, mais cheia e com alguma flacidez no pescoço. A sala era acolhedora, agradável, mas sem ninguém, e Toni percebeu que o verdadeiro coração da casa era a cozinha.

O traçado da casa era simples: a sala e a casa de jantar na parte da frente, a cozinha e o escritório na parte de trás.

— Lá em cima não há muita coisa para ver — disse Stanley, mas subiu à mesma, e Toni foi atrás dele. Estaria a visitar a sua futura casa? Era uma fantasia estúpida, que afastou de imediato da sua mente. Ele estava apenas a ser simpático.

E, contudo, tinha-a abraçado.

Na parte mais antiga da casa, por cima do escritório e da sala, havia três quartos pequenos e uma casa de banho. Ainda tinham vestígios das crianças que neles tinham crescido. Havia um cartaz dos Clash numa parede, um velho bastão do críquete com o punho a desfazer-se a um canto, um conjunto completo das Crônicas de Nárnia numa prateleira.

Na parte nova da casa havia uma suite, com quarto de vestir e casa de banho. A cama, enorme, estava feita, e todas as divisões estavam impecáveis. Toni sentiu-se ao mesmo tempo excitada e desconfortável por estar no quarto de Stanley. Porém, via-se uma fotografia de Marta sobre a mesa-de-cabeceira, desta vez uma fotografia a cores tirada quando ela se encontrava na casa dos cinquenta. O cabelo já estava grisalho e o rosto magro, sem dúvida por causa do cancro que a tinha matado. Era uma fotografia pouco abonatória. Tom pensou que Stanley devia amá-la ainda para querer ter perto de si até mesmo aquela recordação tão infeliz.

Não sabia o que a esperaria a seguir. Tomaria alguma iniciativa, com a mulher a vê-los da mesa-de-cabeceira e os filhos no andar de baixo? Parecia-lhe

que não era esse o estilo dele. Ainda que isso lhe passasse pela cabeça, não iria atirar-se repentinamente a uma mulher. Acharia que a etiqueta o obrigava a cortejá-la como seria normal. Que se lixe o jantar e a ida ao cinema, era o que Toni tinha vontade de dizer. Agarra-me, por amor de Deus. Mas manteve-se em silêncio, e Stanley, depois de lhe mostrar a casa de banho em mármore, voltou para o andar de baixo.

Claro que aquela visita era um privilégio e devia tê-la aproximado de Stanley; mas na realidade tinha-se sentido excluída, como se estivesse a ver através de uma janela uma família reunida à mesa, bastando-a si própria, centrada nos seus membros. Teve a sensação de que estava a viver um anticlímax.

No hall, a cadela tentou chamar a atenção de Stanley, dando-lhe com o focinho.

— A Nellie quer ir à rua — disse Stanley. — Olhou pela pequena janela ao lado da porta. — Já não está a nevar. Vamos apanhar um pouco de ar?

— Vamos.

Toni vestiu a parka, e Stanley foi buscar um velho anorak azul. Ao saírem, depararam com um mundo pintado de branco. O Porsche Boxster de Toni estava ao lado do Ferrari F^O

de Stanley, ambos cobertos de neve, como bolos cobertos de açúcar. A cadela dirigiu-se para a falésia, seguindo obviamente um percurso habitual. Stanley e Toni foram atrás dela. Toni reparou que a cadela era estranhamente parecida com a falecida Marta, com o seu pêlo negro e encaracolado.

Os seus pés afastaram a neve ainda em pó, revelando por baixo as ervas próprias do litoral. Atravessaram um longo relvado. Algumas árvores cresciam contorcidas, oblíquas, sob a força do vento constante. Cruzaram-se com dois dos miúdos que vinham de um passeio pela falésia: o rapaz mais velho com o sorriso atraente e a rapariga amuada com o piercing no umbigo. Toni lembrava-se dos seus nomes: Craig e Sophie. Quando Stanley fizera as apresentações na cozinha, fixara avidamente todos os detalhes.

Percebeu que Craig estava a esforçar-se imenso por conquistar Sophie, mas a rapariga, continuava a andar de braços cruzados e a olhar para o chão. Toni invejou a simplicidade das escolhas com que se viam confrontados. Eram jovens, solteiros, no limiar da idade adulta, sem nada para fazer a não ser abraçar a aventura da vida. Apetecia-lhe dizer a Sophie que não se fizesse dura. “Aceita o amor enquanto podes”, pensou; “pode não te aparecer sempre com tanta facilidade.”

— Quais são os teus planos para o Natal? — perguntou Stanley.

— Não podiam ser mais diferentes dos teus. Vou para um spa com alguns

amigos, todos solteiros ou casais sem filhos, para um Natal de adultos. Sem peru, nem botas de Natal, nem Pai Natal. Só mimos e conversas de adultos.

— Parece maravilhoso. Pensava que costumavas passar o Natal com a tua mãe.

— Foi assim nos últimos anos. Mas este ano a minha irmã Bella resolveu levá-la para casa dela, o que, aliás, me deixou muito admirada.

— Admirada?

Toni fez uma careta.

— A Bela tem três filhos e acha que isso serve de desculpa para não assumir outras responsabilidades. Não sei se é justo, mas gosto muito da minha irmã e, por isso, aceito as atitudes dela.

— Queres ter filhos ?

Toni susteve a respiração. Era uma pergunta profundamente íntima. Não sabia que resposta preferiria ele, por isso, disse a verdade.

— Talvez. Foi a coisa que a minha irmã sempre mais quis. A vida dela foi dominada pelo desejo de ter filhos. Eu não sou assim. Invejo-te por teres a família que tens — é óbvio que te amam e respeitam e gostam de estar contigo. Mas não estou necessariamente disposta a sacrificar tudo na vida para ser mãe.

— Não sei se é preciso sacrificar tudo — retorquiu Stanley. “Podia não ser preciso”, pensou Toni, “mas Marta não pudera estar em Wimbledon.” No entanto, não foi isso que disse.

— E tu ? Podias começar outra família.

— Isso não — respondeu ele rapidamente. — Os meus filhos iam ficar muito aborrecidos.

Toni sentiu-se um pouco desiludida pela determinação dele em relação àquela questão.

Chegaram ao extremo da falésia. À esquerda, o promontório tinha um declive até à praia, agora coberta de neve. À direita, havia uma ravina a pique para o mar. Desse lado, havia uma sólida vedação de madeira com quase um metro e meio de altura, suficientemente alta para impedir a passagem de crianças, mas sem obstruir a vista. Debruçaram-se ambos e ficaram a ver as ondas trinta metros abaixo. O mar erguia-se e baixava como o tronco de um gigante a dormir.

— Que sítio maravilhoso! — exclamou Toni.

— Há quatro horas pensei que ia ficar sem ele.

— Sem a tua casa?

Stanley acenou com a cabeça.

— Tive de hipotecar a casa como garantia do empréstimo. Se for à falência, o Banco tira-me a casa.

— Mas a tua família...

— Ficariam destroçados. E agora, desde que a Marta morreu, são a única coisa que me interessa.

— A única? — perguntou Toni.

— Pensando bem, sim — respondeu Stanley, encolhendo os ombros.

Ela olhou para ele. A sua expressão era séria, mas desprovida de sentimentalismo. Por que estaria a dizer-lhe aquilo? Devia ser uma mensagem, concluiu Toni. Não era verdade que os filhos fossem a única coisa que lhe interessava — estava profundamente envolvido no seu trabalho. No entanto, queria que ela percebesse como a unidade da família era importante para ele. Depois de os ter visto juntos na cozinha, era fácil para Toni perceber isso. Mas por que tinha ele escolhido aquele momento para o dizer? Talvez tivesse medo de lhe ter transmitido uma ideia errada.

Toni precisava de saber a verdade. Tinham acontecido muitas coisas nas últimas horas, mas todas elas ambíguas. Ele tinha-lhe tocado, tinha-a abraçado, tinha-lhe mostrado a casa e tinha-lhe perguntado se queria ter filhos. Tudo aquilo quereria dizer alguma coisa ou não? Precisava de saber.

— Estás a dizer-me que nunca farias nada que pudesse pôr em causa o que eu pude presenciar na cozinha, ou seja, a unidade da tua família?

— Sim, é isso. É aí que todos eles vão buscar força, quer se apercebam disso ou não.

Toni olhou-o nos olhos.

— E isso é tão importante para ti que nunca pensarias em ter outra família.

— Exactamente.

A mensagem era clara, pensou Toni. Stanley gostava dela, mas não iria passar daí. O

abraço no escritório tinha sido uma manifestação espontânea de triunfo; a visita à casa um momento irrefletido de intimidade; e agora estava a fazer marcha-atrás. A razão tinha prevalecido. Sentiu as lágrimas a bailarem-lhe nos olhos. Horrorizada pela possibilidade de estar a revelar as suas emoções, voltou-se e disse: — Este vento...

Foi salva por Tom, que apareceu a correr pela neve e a gritar: — Avô! Avô! O tio Kit já chegou!

Regressaram a casa com o miúdo, ambos calados e embaraçados.

As marcas recentes de duas filas de pneus terminavam junto de um Peugeot coupé preto.

Não era um grande carro, mas tinha estilo — era o carro perfeito para Kit, pensou Toni amargamente. Não queria encontrar-se com ele. Não teria descartado essa possibilidade numa altura melhor mas, naquele momento, estava

demasiado abalada para aguentar um encontro cheio de fricção. Contudo, tinha deixado a mala dentro de casa e, por isso, foi obrigada a entrar depois de Stanley.

Kit estava na cozinha a receber as saudações da família — como se fosse o filho pródigo, pensou Toni. Miranda abraçou-o, Olga beijou-o, Luke e Lori fizeram um sorriso rasgado, e Nellie ladrou a pedir a atenção dele. Toni ficou parada junto à porta da cozinha a ver Stanley cumprimentar o filho. Kit parecia desconfiado. Stanley, por seu turno, parecia ao mesmo tempo satisfeito e entristecido, como lhe acontecia quando falava de Marta. Kit estendeu-lhe a mão, mas o pai abraçou-o.

— Fico muito feliz por teres vindo, meu rapaz — exclamou. — Muito feliz mesmo.

— É melhor ir buscar a mala ao carro — disse Kit. — Fico no anexo, não é?

Miranda, aparentemente com algum nervosismo, corrigiu: — Não, ficas lá em cima.

— Mas...

Olga interrompeu-o.

— Não armes confusão. O papá já decidiu, e a casa é dele.

Toni viu um clarão de raiva nos olhos de Kit, que disfarçou rapidamente.

— Tudo bem.

Estava a tentar transmitir a ideia de que lhe era indiferente, mas não era isso que sugeria o clarão nos seus olhos. Toni pensou que plano secreto teria ele para ter tanta vontade de dormir fora da casa principal.

Foi ao escritório de Stanley. A recordação do abraço voltou em força. Nunca estaria mais perto de fazer amor com ele do que estivera no momento desse abraço. Limpou os olhos à manga do casaco.

O bloco e a mala estavam sobre a secretária antiga, tal como os tinha deixado. Guardou o bloco na mala, pôs a alça ao ombro e voltou para o hall .

Olhou para a cozinha e viu Stanley a dizer qualquer coisa à cozinheira. Acenou-lhe, e ele interrompeu a conversa e foi ter com ela.

— Obrigado por tudo, Toni.

— Feliz Natal.

— Para ti também. — Saiu rapidamente.

Kit estava lá fora, a abrir a mala do carro. Olhando de relance lá para dentro, Toni viu umas caixas cinzentas com material de informática. Kit era especialista nessa área, mas para que precisava de levar tanta coisa para passar o Natal em casa do pai?

Esperava conseguir passar por ele sem lhe falar mas, quando estava a abrir a porta do carro, ele levantou a cabeça e viu-a a olhar para ele.

— Feliz Natal, Kit — disse Toni educadamente.

Ele tirou uma pequena mala de viagem da mala e fechou-a violentamente.
— Vai-te lixar, minha cabra — retorquiu Kit, e entrou em casa.

14h

Craig estava entusiasmado por estar outra vez com Sophie. Tinha ficado fascinado por ela na festa de aniversário da sua mãe. Era bonita à sua maneira — olhos escuros e cabelo escuro — e, embora fosse baixa e magra, tinha um corpo cheio de formas. Não fora, no entanto, a sua beleza que o cativara, mas a sua atitude. Não queria saber de nada, e isso fascinava-o. Não havia nada que a impressionasse: nem o Ferrari F5 do avô, nem a perícia de Craig no futebol — jogava na seleção escocesa dos sub-dezesseis -

nem o facto de a mãe dele ser conselheira da Rainha. Sophie vestia o que gostava, ignorava os letreiros "Proibido Fumar" e, se alguém a aborrecia, voltava costas a meio de uma frase. Na festa, tinha tido uma discussão com o pai por querer fazer um piercing no umbigo — algo que ele proibia terminantemente — e agora ali estava ela com o umbigo furado.

Era difícil alguém relacionar-se com ela. Ao mostrar-lhe Steepfall, Craig constatara que nada lhe agradava. O silêncio parecia ser a sua forma de elogiar qualquer coisa. Em caso contrário, proferia pequenas palavras de rejeição: "Que nojo!" ou "Que estúpido!" ou "Que estranho!" Porém, como nunca lhe tinha voltado as costas, Craig pôde perceber que não estava a aborrecê-la.

Levou-a ao celeiro. Era o edifício mais antigo da propriedade, construído no século XVIII.

O avô tinha mandado pôr lá aquecimento, luz e canalizações, mas ainda se via a antiga estrutura de madeira. O rés-do-chão era uma sala de jogos, com uma mesa de bilhar, uns matraquilhos e uma televisão enorme.

— Este sítio é fixe para se estar — disse Craig.

— É giro — concordou Sophie, na maior manifestação de entusiasmo até ao momento.

Apontou para uma plataforma levantada. — O que é aquilo?

— Um palco.

— Para que precisam de um palco?

— A minha mãe e a tia Miranda costumavam fazer peças de teatro quando eram pequenas.

Uma vez representaram Antônio e Cleópatra aqui no celeiro só com quatro pessoas na plateia.

— Que estranho.

Craig mostrou-lhe duas camas de campismo.

— Eu e o Tom dormimos aqui — disse. — Vamos lá acima. Vou mostrar-te o

teu quarto.

Subia-se por uma escada de mão para o sítio onde outrora se guardava o feno. Não tinha parede, apenas um corrimão por segurança. Estavam lá duas camas feitas. A única mobília era um cabide para pendurar roupa e um espelho alto. A mala de Caroline estava aberta no chão

— Não tem muita privacidade — disse Sophie.

Craig já tinha reparado nisso. A disposição das camas parecera-lhe muito promissora.

Claro que a sua irmã mais velha, Caroline, e o primo, Tom, estariam por perto mas, mesmo assim, tinha uma sensação vaga, mas excitante de que tudo poderia acontecer.

— Olha — disse ele, abrindo um velho biombo. — Se fores muito tímida, podes despir-te aqui atrás.

Os olhos dela faiscaram de ressentimento.

— Não sou tímida — disse, como se a sugestão de Craig fosse insultuosa.

Craig achou aquele assomo de raiva terrivelmente excitante.

— Só estava a perguntar — desculpou-se ele, sentando-se numa das camas. — É bastante confortável. Muito melhor do que as nossas camas de campismo.

Sophie encolheu os ombros.

A fantasia dele era que Sophie se sentaria na cama ao seu lado. Numa das versões, ela empurrava-o para trás, fingindo que estava a lutar com ele e, no meio da briga, acabavam por se beijar. Na outra versão, ela pegava-lhe na mão e dizia-lhe como a sua amizade era importante para ela e, a seguir, beijava-o. Mas na vida real ela não era nem brincalhona nem sentimental. Voltou-se e admirou a decoração desoladora do celeiro com uma expressão de repulsa. Craig percebeu que não passava pela cabeça dela beijá-lo. Sophie cantarolou em voz baixa “Estou a sonhar com um Natal de merda.”

— A casa de banho fica aqui por baixo, atrás do palco. Não tem banheira, mas o duche é ótimo.

— Que luxo! — Levantou-se da cama e desceu a escada, ainda a cantar a adaptação obscena do clássico de Natal de Bing Crosby.

Bem, pensou Craig, ainda só estamos cá há umas horas. Tenho cinco dias para a conquistar. Desceu também. Havia ainda uma coisa que talvez a entusiasmasse.

— Tenho mais uma coisa para te mostrar. Levou-a para fora do celeiro.

Chegaram a um enorme pátio quadrado com uma casa de cada um dos lados: a casa principal, a casa de hóspedes, o celeiro de onde tinham acabado de sair e a garagem para três carros. Craig levou Sophie até à parte da frente da casa, evitando a cozinha, onde poderiam dar-lhes alguma tarefa. Quando entraram, viu

que ela tinha flocos de neve presos nos seus cabelos brilhantes. Parou e ficou a olhar, extasiado.

— O que foi? — perguntou Sophie.

— Tens neve no cabelo — disse Craig. — Está lindo.

Ela abanou a cabeça com impaciência, e os flocos de neve desapareceram.

— És estranho — exclamou.

"Está bem", pensou Craig. "Já percebi que não gostas de elogios."

Subiram a escada. Na parte antiga da casa havia três quartos e uma casa de banco antiquada. A suite do avô ficava na extensão da casa. Craig bateu à porta, para ver se o avô lá estava. Não houve resposta e, por isso, entrou.

Atravessou rapidamente a casa de banho, o quarto com a grande cama de casal e o quarto de vestir. Abriu a porta de um armário e afastou uma fila de fatos, às riscas, de tweed e de xadrez, quase todos cinzentos e azuis. Pôs-se de joelhos, meteu o braço dentro do armário e empurrou a parede do fundo. Um painel quadrado com uns sessenta centímetros abriu-se, ficando preso por uma dobradiça. Craig passou de gatas pelo buraco.

Sophie foi atrás dele.

Craig puxou a porta do armário, fechou-a e depois fechou o alçapão. Tacteou no escuro à procura de um interruptor e acendeu a luz, uma lâmpada sem abajur que pendia de uma trave do telhado.

Estavam num sótão. Havia um sofá velho com o estofo a sair pelos buracos do forro. Ao lado dele via-se uma pilha de velhos álbuns de fotografias. Existiam também várias caixas de cartão e de madeira que, em visitas anteriores, Craig descobrira conterem as cadernetas da escola da mãe, romances de Enid Blyton com a inscrição, numa letra de criança: "Este livro pertence a Miranda Oxenford com nove anos e meio", e uma coleção de taças, jarras e cinzeiros feios que tanto podiam ter sido presentes de que ninguém tinha gostado ou compras pouco sensatas. Sophie percorreu com os dedos as cordas de uma viola coberta de pó: estava desafinada.

— Pode-se fumar aqui — anunciou Craig.

Os maços de tabaco vazios, de marcas já esquecidas como Woodbmes, Players, Sênior Service, espalhados pelo chão, tinham-no levado a pensar que devia ter sido ali que a mãe adquirira o vício do tabaco. Havia também papéis de chocolates: talvez a gordura da tia Miranda tivesse alguma coisa que ver com eles. Concluíra também que devia ter sido o tio Kit a levar para lá uma coleção de revistas com títulos como Só Para Homens, Jogos de Cuequinhas e Quase Ilegal.

Craig tivera esperanças de que Sophie não desse pelas revistas, mas os seus olhos recaíram imediatamente sobre elas. Pegou numa.

— Uau, olha só para isto, pornografia! — exclamou, subitamente mais animada do que estivera durante toda a manhã. Sentou-se no sofá e começou a folheá-la.

Craig desviou os olhos. Já tinha visto as revistas todas, mas estava pronto a negá-lo. A pornografia era coisa de rapazes, e rigorosamente privada. A verdade, porém, é que Sophie estava a ler a Hustler mesmo à frente dele, a ver atentamente cada página como se estivesse a estudar para um exame. Para a distrair, disse: — Esta parte da casa era a leitaria, quando isto era uma quinta. O avô mandou construir a cozinha no sítio onde era a leitaria mas, como o telhado era muito alto, pôs um tecto falso e guardou este espaço para arrumações.

Sophie nem sequer levantou os olhos da revista.

— Estas mulheres estão todas depiladas! — disse, deixando-o ainda mais embaraçado. -

Que nojo!

— Podemos espreitar para a cozinha — insistiu Craig. — Por aqui, que é onde o cano do fogão passa pelo tecto.

Deitou-se no chão e espreitou por uma abertura entre as tábuas e um cano de metal.

Conseguia ver a cozinha toda: a porta que dava para o hall , a comprida mesa de pinho, os armários de ambos os lados, as portas laterais para a casa de jantar e a lavandaria, o fogão e as duas portas, uma de cada lado do fogão, uma para a despensa e a outra para o átrio onde estavam guardadas as botas, e a porta lateral da casa. Quase todos os membros da família estavam à volta da mesa. A irmã de Craig, Caroline, estava a dar de comer às ratazanas, Miranda estava a deitar vinho num copo, Ned estava a ler o Guardian e Lori estava a pôr um salmão numa panela comprida, própria para cozer peixe.

— Acho que a Tia Miranda está a ficar com os copos — disse Craig.

Aquela frase despertou o interesse de Sophie. Pousou a revista e deitou-se ao lado de Craig para espreitar.

— Eles não nos vêem? — perguntou em voz baixa.

Craig observou-a enquanto espreitava pela abertura. Tinha posto o cabelo por trás das orelhas. A pele do seu rosto parecia insuportavelmente macia.

— Da próxima vez que estiveres na cozinha, olha cá para cima — disse Craig. — Vais ver que há uma luz no tecto mesmo por trás da abertura e, por isso, é difícil distingui-la, mesmo sabendo que existe.

— Quer dizer que ninguém sabe que estamos aqui?

— Bem, toda a gente sabe que há aqui um sótão. E cuidado com a Nellie. Assim que nos mexemos, põe-se logo a olhar para cima, com a cabeça de lado, à escuta. Sabe que estamos aqui e, se alguém estiver a olhar para ela, pode

descobrir também.

— Mesmo assim, é muito fixe. Olha o meu pai. Está a fingir que está a ler o jornal, mas está sempre a fazer olhinhos à Miranda. Que nojo! — Voltou-se de lado, apoiou-se num cotovelo e tirou um maço de tabaco do bolso das calças. — Queres um?

Craig abanou a cabeça.

— Quem joga futebol a sério não pode fumar.

— Como é que podes dizer que jogas futebol a sério? É uma porcaria de um jogo!

— O desporto tem muito mais piada se formos bons.

— Pois, tens razão — disse ao mesmo tempo que soprava o fumo. Ele admirou os lábios dela. — Deve ser por isso que não gosto de desporto. Sou uma pata-choca.

Craig percebeu que tinha quebrado uma barreira. Ela estava finalmente a falar com ele. E

dizia coisas inteligentes.

— És boa em quê? — perguntou-lhe.

— Em nada, quase.

Ele hesitou, mas depois disse abruptamente: — Uma vez, numa festa, uma moça me disse que eu sabia beijar bem.

Dito aquilo, susteve a respiração. Precisava de quebrar o gelo com ela — mas seria cedo de mais?

— Oh? — Sophie mostrou-se interessada, mas de uma forma acadêmica. — O que é que fazes?

— Podia mostrar-te.

Pelo rosto dela passou uma expressão de pânico.

— Nem pensar!

Levantou a mão, como que para o afastar, embora ele não se tivesse mexido.

Percebeu que tinha sido demasiado impetuoso. Apetecia-lhe esbofetear-se.

— Não te preocupes — disse com um sorriso para esconder o seu desapontamento. — Não vou fazer nada que tu não queiras. Prometo.

— É que eu tenho namorado.

— Ah, estou a ver.

— Pois. Mas não digas a ninguém.

— Como é que ele é?

— O meu namorado? Anda na universidade.

Desviou a cara e semicerrou os olhos, para os proteger do fumo do cigarro.

— Em Glasgow?

— Sim. Tem dezenove anos. Pensa que eu tenho dezessete.

Craig não sabia se devia acreditar nela.

— Anda a estudar o quê?

— O que é que isso interessa? Uma coisa chata. Direito, acho eu.

Craig tornou a espreitar pela abertura. Lori estava a espalhar salsa picada sobre as batatas que fumegavam numa tigela. De repente, sentiu fome.

— O almoço está pronto — anunciou. — Vou mostrar-te a outra saída.

Foi até ao fundo do sótão e abriu uma porta grande. Havia uma saliência e depois uma altura de quase cinco metros até ao chão. Por cima da porta, na parte de fora da casa, havia uma roldana: era assim que o sofá e as caixas tinham sido levados lá para cima.

— Não consigo saltar daqui — disse Sophie.

— Não é preciso. — Craig limpou a neve do rebordo com as mãos e depois percorreu-o até ao fim e deu um salto de meio metro para um telhado inclinado sobre o átrio onde se guardavam as botas. — É fácil.

Com uma expressão ansiosa, Sophie seguiu os passos dele. Quando chegou ao fim da saliência, ele estendeu a mão para a ajudar. Ela aceitou-a, agarrando-a com uma força desnecessária. Ajudou-a a descer para a aba do telhado. Depois saltou outra vez para o rebordo para fechar a porta e voltou para junto de Sophie. Desceram cuidadosamente o telhado escorregadio. Craig deitou-se de barriga para baixo e deixou-se escorregar.

Depois saltou para o chão.

A seguir, Sophie fez o mesmo. Quando estava deitada no telhado com as pernas a balançar do beiral, Craig esticou os dois braços, agarrou-a pela cintura e levantou-a. Era leve.

— Obrigada — disse Sophie. Parecia triunfante, como se tivesse vencido uma experiência difícil.

“Não tinha sido assim tão difícil”, pensou Craig, quando iam a entrar em casa para almoçarem. “Talvez ela não seja tão segura como finge ser.”

15h

O Kremlin estava bonito. A neve acumulava-se nas gárgulas e nas ameias, nas grades das portas e nos peitoris das janelas, delineando a branco os ornamentos vitorianos. Toni estacionou e entrou. Reinava o silêncio. A maior parte das pessoas já tinha ido para casa com medo de ficar presa na neve — não que fosse preciso arranjar uma desculpa para sair mais cedo na véspera de Natal.

Estava magoada e sensível. Era como se tivesse sofrido um acidente emocional. Tinha de afastar da mente, com toda a firmeza, quaisquer pensamentos de amor. Talvez mais tarde, quando estivesse sozinha na cama, pudesse pensar nas coisas que Stanley dissera e fizera; mas agora tinha de trabalhar.

Obtivera um êxito retumbante — fora por isso que Stanley a abraçara — mas ainda tinha uma preocupação que não a largava. As palavras de Stanley ecoavam-lhe no cérebro: Se agora perdêssemos outro coelho, ficávamos outra vez em apuros. Era verdade. Um outro incidente do mesmo gênero traria de novo o caso à ribalta, mas seria dez vezes pior. Não haveria trabalho de relações públicas que pudesse abafá-lo. Não vai haver mais incidentes de segurança no laboratório, dissera Tom. Vou tomar todas as providências.

Agora tinha de provar que essas palavras correspondiam à verdade.

Foi para o seu gabinete. A única ameaça que conseguia imaginar era dos ativistas dos direitos dos animais. A morte de Michael Ross podia inspirar outras pessoas a “libertar” animais do laboratório. Ou então Michael podia andar metido com ativistas que tivessem outro plano. Podia até ter-lhes dado informações privilegiadas que os ajudassem a furar a segurança do Kremlin.

Ligou para a divisão regional da Polícia de Inverburn e pediu para falar com o Detetive Superintendente Frank Hackett, o seu ex-companheiro.

— Conseguiste safar-te, não foi? — disse ele. — Tiveste uma sorte dos diabos. Devias ter sido crucificada.

— Dissemos a verdade, Frank. Sabes bem que a honestidade é a melhor política.

— A mim não disseste a verdade. Um hamster chamado Fluffy! Fizeste-me passar por parvo.

— Tenho de reconhecer que não foi bonito da minha parte. Mas não devias ter contado a história ao Cari. Estamos empatados, não é?

— O que é que queres?

— Achas que houve alguém a ajudar o Michael a roubar o coelho?

— Não tenho opinião.

— Dei-te o livro de moradas. Presumo que tenhas andado a verificar os contatos. Por exemplo, os tipos de “Os Animais São Livres” — o seu protesto é pacífico ou poderiam fazer algo mais perigoso?

— A minha investigação ainda não está concluída.

— Vá lá, Frank, só queria um pouco de orientação. Devo ou não preocupar -me com a possibilidade de outro incidente?

— Lamento muito, mas não posso ajudar-te.

— Frank, houve um tempo em que nos amamos. Fomos companheiros durante oito anos.

Tem mesmo de ser assim?

— Estás a servir-te da nossa antiga relação para me convenceres a dar-te informações confidenciais?

— Não. Que se lixem as informações! Posso arranjá-las noutro lado. Só não queria ser tratada como inimiga por alguém que amei. Há alguma lei que diga que não podemos ser simpáticos um para o outro?

Ouviu-se um estalido e depois um sinal contínuo. Frank tinha desligado.

Toni suspirou. Ele mudaria alguma vez? Quem lhe dera que ele arranjasse outra namorada. Talvez isso o acalmasse.

Ligou para Odette Cressy, a sua amiga da Scotland Yard.

— Vi-te na televisão — disse Odette.

— E o que é que achaste?

— Muito autoritária — respondeu Odette dando uma risadinha. — Como se nunca na vida entrasses num nightclub com um vestido transparente. Mas eu conheço-te...

— Agora vê lá, não digas a ninguém.

— O teu incidente com o Madoba-2 não parece ter qualquer relação com... com a minha área.

Estava a referir-se ao terrorismo.

— Ainda bem — disse Toni. — Gostaria de saber uma coisa, em termos puramente teóricos.

— Claro.

— Os terroristas podiam arranjar amostras de um vírus como o Ebola com relativa facilidade. Bastava que fossem a um hospital algures na África central, onde a única segurança é um tipo de dezenove anos esparramado no átrio de entrada a fumar cigarros. Por que haviam de tentar algo tão extraordinariamente difícil como roubar um laboratório de alta segurança?

— Por duas razões. Uma, por não saberem que era assim tão fácil arranjar o Ébola em África. A outra, que o Madoba-2 não é o mesmo que o Ébola. É pior.

Toni lembrou-se do que Stanley lhe tinha dito e estremeceu.

— A taxa de sobrevivência é zero.

— Exactamente.

— E os tipos de “Os Animais São Livres”? Já os investigaste?

— Claro. São inofensivos. A pior coisa que podem fazer é cortar uma estrada.

— Isso é uma ótima notícia. Só quero ter a certeza de que não acontece outro incidente do mesmo gênero.

— Em minha opinião, é pouco provável.

— Obrigada, Odette. És uma amiga, e isso é raro nos tempos que correm.

— Pareces um bocado em baixo.

— O meu ex está a dar-me cabo da cabeça.

— É só isso? Já estás habituada a ele. Aconteceu alguma coisa com o professor?

Toni nunca conseguia enganar Odette, nem mesmo ao telefone.

— Disse que a família é a coisa mais importante do mundo para ele e que nunca faria nada que os aborrecesse.

— Sacana.

— Quando encontrares um homem que não seja sacana, pergunta-lhe se tem um irmão.

— Onde é que vais passar o Natal?

— Vou para um spa. Massagem, limpeza de pele, manicure, longos passeios.

— Sozinha?

Toni sorriu.

— És muito querida por te preocupares comigo, mas não estou assim tão mal.

— Com quem é que vais?

— Com uma data de gente. Com a Bonnie Grant, uma velha amiga — andamos juntas na universidade, éramos as únicas duas raparigas da faculdade de Engenharia. Divorciou-se há pouco tempo. O Charles e o Damien, que tu conheces. E dois casais que não conheces.

— Os maricas vão animar-te.

— Pois vão. — Quando Charles e Damien se soltavam, faziam Toni rir até as lágrimas. — E tu?

— Ainda não sei bem. Sabes como detesto fazer pianos.

— Viva a espontaneidade!

— Feliz Natal.

Desligaram, e Toni chamou Steve Tremlett, supervisor dos seguranças.

Tinha arriscado ao escolher Steve. Era amigo de Ronnie Sutherland, o antigo

chefe de segurança que colaborara na conspiração de Kit Oxenford. Não havia provas de que Steve soubesse da fraude. Mas Toni temera que ele tivesse ficado ressentido com ela por ter despedido o amigo. Decidira dar-lhe o benefício da dúvida e nomeara-o supervisor.

Ele tinha-a recompensado pela confiança depositada nele mostrando-se leal e eficiente.

Chegou passado um minuto. Era um homem baixo, bem-arranjado, de trinta e cinco anos, o cabelo louro já com entradas e quase rapado como era moda. Trazia uma pasta de cartão. Toni indicou-lhe uma cadeira, e ele sentou-se.

— A Polícia acha que o Michael Ross não estava a trabalhar com ninguém — declarou Toni.

— Sempre o achei muito solitário.

— Mesmo assim, temos de manter as instalações sob uma vigilância extrema, esta noite.

— Não vai haver problema.

— Vamos confirmar isso. Tens a escala de serviço?

Steve entregou-lhe uma folha de papel. Normalmente havia três guardas de serviço durante a noite e aos fins-de-semana e feriados. Um ficava na guarita ao pé do portão, outro na recepção e outro na sala de controlo a ver os monitores. Quando tinham de se afastar dos seus postos de trabalho, levavam telefones que eram extensões sem fios da rede do edifício. De hora a hora, o guarda da recepção fazia a ronda pelo edifício principal, e o guarda que estava junto ao portão fazia a ronda pelo exterior do edifício. A princípio, Toni achara que três guardas era muito pouco para uma operação de alta segurança, mas a verdadeira segurança era a tecnologia sofisticada. A componente humana era apenas um apoio. Mesmo assim, tinha duplicado o número de guardas para os feriados do Natal, para que houvesse dois guardas em cada posto. Além disso, a ronda seria feita de meia em meia hora.

— Já vi que vais ficar a trabalhar esta noite.

— Dá-me jeito o dinheiro das horas extraordinárias.

— Está bem.

Normalmente os seguranças faziam turnos de doze horas, mas acontecia por vezes trabalharem vinte e quatro horas, quando havia falta de pessoal ou em situações de emergência, como a daquela noite.

— Mostra-me a lista de números de emergência.

Steve deu-lhe uma folha numa mica que tirou da pasta. Tinha todos os números para onde ele deveria ligar em caso de incêndio, inundação, corte de energia, avaria nos computadores, deficiências no sistema telefônico ou outros problemas.

— Quero que ligues para todos esses números na próxima hora — disse Toni. — Pergunta-lhes se o número vai estar em funcionamento durante o Natal.

— Muito bem.

Tom devolveu-lhe a folha.

— Não hesites em ligar para a Polícia de Inverburn, se houver o que quer que seja que te preocupe.

Ele fez um sinal de assentimento.

— Por acaso, o meu cunhado Jack está de serviço esta noite. A minha mulher vai levar os miúdos para casa deles para passarem lá o Natal.

— Sabes quantas pessoas vão estar de serviço na Polícia esta noite?

— No turno da noite? Um inspetor, dois sargentos e seis agentes. E haverá um superintendente pronto a ser chamado.

Era um pequeno complemento mas não haveria muito mais a fazer quando os pubs fechassem e os bêbedos fossem para casa.

— Por acaso não sabes quem é o superintendente que está de serviço?

— Sei. É o teu Frank.

Tom não fez comentários.

— Vou estar com o telemóvel ligado dia e noite e não espero ir a nenhum sítio onde não haja rede. Se acontecer qualquer coisa fora do normal, quero que me ligues imediatamente, sejam que horas forem. Está bem?

— Claro.

— Não me importo que me acordes a meio da noite.

Iria dormir sozinha, mas não disse isso a Steve, que podia considerá-lo uma confidência embaraçosa.

— Estou a perceber — disse Steve, e talvez estivesse mesmo.

— É tudo. Vou sair daqui a cinco minutos. — Viu as horas; eram quase quatro. — Feliz Natal, Steve.

— Para ti, também.

Steve saiu. A noite estava a chegar, e Toni viu o seu reflexo na janela. Estava desgrenhada e com um ar exausto. Fechou o computador e trancou a secretária.

Tinha de se ir embora. Precisava de ir a casa mudar de roupa e depois ir de carro até ao spa, que ficava a quase oitenta quilômetros de distância. Quanto mais depressa se metesse à estrada melhor: segundo as previsões, o tempo ia piorar, mas podia ser que se enganassem.

Estava a custar-lhe deixar o Kremlin. A segurança daquele prédio era a sua missão.

Tinha tomado todas as precauções possíveis e imaginárias, mas detestava delegar a responsabilidade.

Obrigou-se a levantar-se. Era diretora das instalações, não segurança. Se já

tinha feito tudo o que era possível para salvaguardar aquela casa, podia ir-se embora. Se não, era incompetente e devia demitir-se.

Além disso, sabia a verdadeira razão por que queria ficar. Mal voltasse as costas ao trabalho, ia começar imediatamente a pensar em Stanley.

Pôs a mala ao ombro e saiu do edifício.

Estava a nevar com mais intensidade.

16h

Kit mostrava-se furioso com a distribuição dos quartos. Estava na sala de estar com o pai, o sobrinho Tom, o cunhado Hugo e o namorado de Miranda, Ned. Mamma Marta olhava para eles do quadro na parede. Kit sentia sempre que ela estava com um ar impaciente naquele quadro, como se estivesse desejosa de despir o vestido de noite, pôr um avental e começar a fazer lasanha.

As mulheres da família estavam a preparar o almoço de Natal do dia seguinte, e os miúdos mais velhos encontravam-se no celeiro. Os homens entretinham-se a ver um filme na televisão. O herói, papel desempenhado por John Wayne, era um rufia de vistas curtas, que Kit achou parecido com Harry Mac. Estava a ser difícil para ele seguir o enredo. Sentia-se demasiado tenso.

Tinha dito especificamente a Miranda que precisava do anexo. A irmã ficara tão comovida por ele ir passar o Natal com a família que só faltara pedir-lhe de joelhos que não mudasse de ideias. Mas, apesar de ele ter concordado em fazer o que ela queria, ela não cumprira a única condição que ele impusera. Era mulher.

O velho, porém, não fora tão sentimental. Estava tão sensível como um polícia de Glasgow num sábado à noite. Era óbvio que tinha passado por cima de Miranda, com o apoio de Olga. Kit pensou que os nomes das suas irmãs deviam ser Goneril e Regan, as filhas predadoras do Rei Lear.

Kit teria de sair de Steepfall nessa noite e voltar na manhã seguinte sem ninguém dar por isso. Se tivesse ficado no anexo, seria mais fácil. Podia fingir que ia para a cama, apagava as luzes e depois escapulia-se em silêncio. Já tinha posto o carro no pátio à frente da garagem, longe da casa, para que ninguém ouvisse o motor a trabalhar. Voltaria a meio da manhã, quando ninguém esperasse que ele já estivesse levantado, entraria calmamente em casa e iria inocentemente para a cama.

Assim seria muito mais difícil. O quarto dele ficava ao pé do de Olga e Hugo, na parte antiga da casa onde era impossível o chão não ranger. Teria de esperar até estarem todos na cama. Quando a casa estivesse em silêncio, teria de sair do quarto, descer as escadas em bicos de pés e sair para a rua sem fazer o mínimo barulho. Se alguém abrisse uma porta — por exemplo, Olga, para ir à casa de banho do outro lado do patamar -, o que iria ele dizer? “Vou só apanhar um pouco de ar.” A meio da noite, estando a nevar? E como faria de manhã? Era quase inevitável que alguém o visse entrar. Ver -se-ia obrigado a dizer que tinha ido dar um passeio a pé ou de carro. E depois, mais tarde, quando a Polícia estivesse a fazer perguntas, alguém se lembraria do seu incaracterístico passeio

matinal?

Tentou afastar essa preocupação da mente. Deparava-se com um problema mais imediato. Tinha de roubar o smart card que o pai utilizava para entrar no BSN4.

Podia ter comprado os cartões que quisesse a um fornecedor de equipamentos de segurança, mas os smart cards traziam já do fabricante um código específico que garantia que só funcionavam num local. Qualquer cartão comprado a outro fornecedor teria um código errado para o Kremlin.

Nigel Buchanan interrogara-o insistentemente sobre o roubo do cartão.

— Onde é que o teu pai o guarda?

— Normalmente no bolso do casaco.

— E se não estiver lá?

— Deve estar na carteira ou na pasta.

— Como vais poder roubá-lo sem seres visto?

— A casa é grande. Roubo-o quando ele estiver a tomar banho ou a passear.

— E ele não vai dar pela falta dele?

— Só quando precisa de o utilizar, e isso nunca será antes de sexta-feira. Nessa altura já o terei posto onde o tirei.

— Tens a certeza?

Nessa altura, Elton interrompera-os para dizer com o seu acentuado sotaque do sul de Londres:

— Puxa, Nigel. Estamos contando com Kit para entrar num laboratório de alta segurança. Estamos bem tramados, se ele nem sequer conseguir roubar uma merda de um cartão do sacana do pai.

O cartão de Stanley teria o código correto para acesso ao local, mas o chip teria os dados das impressões digitais de Stanley e não de Kit. No entanto, ele tinha pensado numa maneira de contornar esse problema.

O filme estava a atingir o auge. John Wayne ia começar a matar pessoas. Era um bom momento para Kit executar uma manobra clandestina.

Levantou-se, balbuciou qualquer coisa sobre ir à casa de banho e saiu. Quando chegou ao hall, espreitou para a cozinha. Olga estava a rechear um peru enorme, e Miranda a lavar couves-de-bruxelas. Numa parede havia duas portas, uma que dava para a lavandaria e outra para a casa de jantar. Enquanto estava a olhar, Lori saiu da lavandaria com uma toalha de mesa dobrada e entrou na casa de jantar. Kit entrou no escritório do pai e fechou a porta. O sítio mais provável para encontrar o smart card era num dos bolsos do casaco do pai, tal como dissera a Nigel. Estava a contar que o casaco estivesse pendurado no cabide atrás da porta ou nas costas da cadeira da secretária, mas viu imediatamente que não se encontrava ali. Já que lá estava, decidiu esgotar outras possibilidades. Era

arriscado — podia entrar alguém e, se isso acontecesse, o que diria? Porém, tinha de tentar. A alternativa era não haver assalto, nem trezentas mil libras, nem bilhete para Lucca -, mas, o pior de tudo, era a dívida a Harry Mac continuar por pagar. Lembrou-se do que Daisy lhe tinha feito nessa manhã e estremeceu.

A pasta do pai estava no chão ao lado da secretária. Kit vasculhou-a rapidamente. Tinha uma pasta cheia de gráficos sem nenhum significado para Kit; o Times desse dia com as palavras cruzadas quase feitas, meia tablete de chocolate e o pequeno bloco de cabedal onde o pai anotava as coisas que tinha para fazer. Kit já reparara que os velhos tinham sempre listas daquelas. Por que os assustaria tanto a possibilidade de se esquecerem de alguma coisa?

O tampo da secretária estava arrumado, e Kit não viu nenhum cartão nem nada onde pudesse estar guardado um cartão: só uma pilha de pastas, um frasco com lápis e um livro intitulado Sétimo Relatório do Comité Internacional sobre Taxonomia de Vírus.

Começou a abrir as gavetas. A sua respiração estava ofegante e sentia o coração acelerado. Contudo, vendo bem, se fosse apanhado, o que fariam — chamavam a Polícia?

Disse para si próprio que não tinha nada a perder e continuou, ainda que as suas mãos estivessem muito trémulas. Há trinta anos que o pai utilizava aquela secretária, e era desconcertante a quantidade de objetos inúteis que se acumulavam sobre ela: porta-chaves, canetas secas, uma calculadora antiquada, papel timbrado com números de telefone já em desuso, tinteiros, manuais de programas de computador obsoletos — há quanto tempo ninguém utilizava o Plan-Perfect Mas de smart card, nada.

Kit saiu do escritório. Ninguém o tinha visto entrar e ninguém o vira sair.

Subiu a escada em silêncio. O pai não era um homem desarrumado e raramente per dia coisas. Não teria deixado a carteira num lugar improvável como, por exemplo, o armário das botas. A única possibilidade que restava era o quarto.

Kit entrou e fechou a porta.

A presença da mãe estava a desaparecer gradualmente. Da última vez que ali es tivera, ainda havia coisas dela espalhadas ali: um estojo de escrita em cabedal, um conjunto de escovas de prata que pertencera à mãe dela, uma fotografia de Stanley numa moldura antiga. Tudo isso tinha desaparecido, se bem que os cortinados e a colcha fossem os mesmos, feitos de um arrojado tecido azul e branco, típico dos gostos chocantes da mãe.

De cada um dos lados da cama havia duas cômodas vitorianas de mogno, que eram utilizadas como mesas-de-cabeceira. O pai sempre dormira do lado direito da enorme cama de casal. Abriu as gavetas da cômoda desse lado e encontrou

uma lanterna, provavelmente para os cortes de energia, e um livro de Proust, talvez para as insônias.

Viu as gavetas da cômoda do lado da mãe, mas estavam vazias.

A suite do pai tinha três divisões: primeiro o quarto, depois o quarto de vestir e por fim a casa de banho. Kit entrou no quarto de vestir, um espaço quadrado, rodeado de roupeiros, alguns pintados de branco, outros com portas de espelho. Lá fora estava a anoitecer, mas ainda conseguia ver suficientemente bem para o que precisava de fazer e, por isso, não acendeu a luz.

Abriu a porta do armário onde estavam os fatos do pai. Num cabide estava o casaco do fato que Stanley trazia vestido naquele dia. Kit meteu a mão no bolso de dentro e tirou uma carteira de pele preta, já velha e gasta. Tinha algumas notas e uma série de cartões de plástico. Um deles era um smart card do Kremlin.

— Bingo! — exclamou Kit em voz baixa.

Nesse momento, a porta do quarto abriu-se.

Kit não tinha fechado a porta que dava para o quarto de vestir e viu pela porta a sua irmã Miranda entrar com um cesto de plástico cor-de-laranja com roupa.

Kit estava na linha de visão dela, junto da porta aberta do armário dos fatos, mas, como havia pouca luz, ela não o viu imediatamente, e Kit pôde esconder-se rapidamente atrás da porta do quarto de vestir. Se espreitasse pela ranhura da porta, via-a reflectida no espelho que estava na parede do quarto.

Acendeu as luzes e começou a desfazer a cama. Pelos vistos, ela e Olga andavam a fazer algumas das tarefas que cabiam a Lori. Kit decidiu que teria de esperar.

Por momentos, sentiu alguma repugnância por si próprio. Estava a agir como um intruso na casa da sua própria família. Estava a roubar o pai e a esconder -se da irmã. Como teria chegado àquele ponto?

Sabia a resposta. A culpa fora do pai, que não o ajudara quando ele precisara. Era aí que residia a causa de tudo.

O certo, porém, é que iria deixá-los a todos. Nem sequer lhes diria para onde ia.

Começaria uma nova vida noutro país. Mergulharia na rotina tranquila de Lucca, comendo tomates e pasta, bebendo vinho da Toscana e jogando às cartas fazendo pequenas apostas ao serão. Seria como uma figura no plano de fundo de um quadro grande, o transeunte que não olha para o mártir moribundo. Ficaria em paz.

Miranda começou a fazer a cama com lençóis lavados e, nesse momento, entrou Hugo.

Tinha vestido uma camisola vermelha e umas calças de bombazina verdes. Parecia um duende do Natal. Fechou a porta atrás de si. Kit franziu a testa. Que segredos teria Hugo a discutir com a irmã da mulher?

— O que é que queres, Hugo? — perguntou Miranda. Parecia desconfiada.

Hugo olhou para ela com um sorriso de conspiração, mas disse: — Pensei que talvez precisasses de ajuda. — Foi para o outro lado da cama e começou a entalar os lençóis.

Kit estava atrás da porta do quarto de vestir com a carteira do pai numa mão e o smart card do Kremlin na outra mas, se se mexesse, corria o risco de ser descoberto.

Miranda atirou uma fronha lavada para o outro lado da cama.

— Toma — disse.

Hugo enfronhou a almofada, e depois puseram a colcha.

— Parece que não te via há uma eternidade — disse Hugo. — Estava com saudades tuas.

— Não digas disparates — retorquiu Miranda com frieza.

Kit estava, ao mesmo tempo, intrigado e fascinado. O que estaria a acontecer ali?

Miranda endireitou a colcha. Hugo contornou a cama, e ela pegou no cesto da roupa e pô-lo à sua frente como se fosse um escudo. Hugo fez um dos seus sorrisos maliciosos e disse:

— E que tal um beijo em nome dos bons velhos tempos?

Kit estava baralhado. De que velhos tempos estava Hugo a falar? Era casado com Olga há quase vinte anos. Teria beijado Miranda quando ela tinha catorze anos?

— Pára com isso, imediatamente! — disse Miranda com firmeza.

Hugo agarrou o cesto da roupa e empurrou-o. A parte de trás das pernas de Miranda ficaram encostadas à beira da cama. Involuntariamente, sentou-se. Soltou o cesto e tentou equilibrar-se com as mãos. Hugo empurrou o cesto para o lado, debruçou-se sobre Miranda e empurrou-a para trás, ajoelhando-se na cama com uma perna de cada lado do corpo dela. Kit estava estupefacto. Sempre desconfiara de que Hugo fosse um mulherengo, só por causa da maneira como se atirava a qualquer mulher bonita, mas nunca imaginara que pudesse envolver-se com Miranda.

Hugo puxou-lhe a saia larga, de pregas, para cima. Miranda tinha umas ancas e umas coxas volumosas. Trazia umas cuecas de renda pretas e um cinto de ligas e, para Kit, isso foi uma revelação ainda mais surpreendente.

— Larga-me — disse Miranda.

Kit não sabia o que havia de fazer. Não tinha nada que ver com aquilo e, por

isso, não ia interferir; mas estava a custar-lhe ficar ali a ver. Mesmo que voltasse as costas, não conseguiria deixar de ouvir o que estava a acontecer. Talvez conseguisse passar por eles à socapa enquanto estavam envolvidos. Não, o quarto era demasiado pequeno.

Lembrou-se do alçapão ao fundo do armário que dava para o sótão, mas não conseguia chegar lá sem se arriscar a ser visto. Acabou por ficar ali paralisado, a ver.

— Só uma rapidinha — disse Hugo. — Ninguém vai saber.

Miranda conseguiu libertar o braço direito e deu uma valente bofetada na cara de Hugo.

Depois levantou com força um joelho, atingindo um ponto qualquer na virilha dele.

Contorceu-se, empurrou-o e pôs-se de pé.

Hugo ficou deitado na cama.

— Isso doeu! — protestou.

— Ainda bem — retorquiu Miranda. — Ouve bem o que vou dizer: não voltes a fazer isto.

Hugo apertou a braguilha e levantou-se.

— Porquê? O que é que fazes? Vais contar ao Ned?

— Devia contar-lhe, mas não tenho coragem. Dormi contigo uma vez, quando estava só e deprimida, e nunca deixei de me arrepender amargamente do que fizera.

Então era isso, pensou Kit. Miranda tinha ido para a cama com o marido de Olga. Sentia-se chocado. Não estava surpreendido com o comportamento de Hugo — havia muitos homens que gostavam desse arranjinho fácil de dormirem com a irmã da mulher. Mas Miranda era de uma moral impoluta em relação a essas coisas. Kit seria capaz de jurar que ela jamais dormiria com o marido de outra mulher, quanto mais com o marido da irmã.

— Foi a coisa mais vergonhosa que fiz em toda a minha vida — continuou Miranda. — Não quero que o Ned descubra. Nunca!

— Nesse caso, estás a ameaçar fazer o quê? Contar à Olga?

— Divorciava-se de ti e nunca mais falava comigo. Seria uma bomba nesta família.

Podia não ser assim tão grave, pensou Kit; mas Miranda queria acima de tudo manter a família sempre unida.

— Não tens muito para onde te virar, pois não? — observou Hugo, com um ar satisfeito. — Se não podemos ser inimigos, por que é que não me dás um beijo e voltamos a ser amigos?

— Porque tu me metes nojo — respondeu Miranda, com uma voz gélida.

— Ah, então está bem. — Hugo parecia resignado mas não envergonhado. — Então, odeia-me. Eu vou continuar a adorar-te. — Fez o seu sorriso mais encantador e saiu do quarto a coxear ligeiramente.

Quando a porta bateu, Miranda exclamou: — Sacana de merda!

Kit nunca a tinha ouvido falar assim.

Miranda pegou no cesto da roupa mas, em vez de sair, como seria de esperar, começou a andar em direção a ele. Devia ir mudar as toalhas da casa de banho. Kit não tinha tempo para sair dali. Com apenas três passos, ela chegou à entrada do quarto de vestir e acendeu a luz.

Kit só teve tempo para guardar o smart card no bolso das calças. Ela viu-o logo a seguir e deu um gritinho:

— Kit! O que é que estás aqui a fazer? Pregaste-me cá um susto! — Pálida, acrescentou: -

Deves ter ouvido tudo.

— Desculpa — disse Kit, encolhendo os ombros. — Não foi por querer.

O rosto dela passou num ápice de pálido a corado.

— Não vais dizer nada, pois não?

— Claro que não.

— A sério, Kit. Não podes contar a ninguém. Seria horrível. Podia ser o fim de dois casamentos.

— Eu sei, eu sei.

Miranda viu a carteira na mão dele.

— O que é que estás a fazer?

Ele hesitou, mas depois teve um momento de inspiração.

— Precisava de dinheiro — confessou e mostrou-lhe as notas.

— Oh, Kit! — O seu tom era de tristeza, não de crítica. — Por que é que tens de andar sempre à procura de dinheiro fácil?

Ele reprimiu uma resposta indignada. Miranda acreditara na história dele, e isso é que era importante. Não disse nada e tentou mostrar-se envergonhado.

— A Olga está sempre a dizer que preferes roubar um xelim a ganhar uma libra honestamente — continuou Miranda.

— Está bem. Não batas mais no ceguinho.

— Não devias tirar dinheiro da carteira do pai. É horrível!

— Estou um bocado desesperado.

— Eu dou-te dinheiro!

Pousou o cesto da roupa. A saia tinha dois bolsos. Meteu a mão num deles e tirou algumas notas amarrotadas. Escolheu duas de cinquenta, endireitou-as e deu-as a Kit.

— Podes pedir-me a mim. Eu não te deixo ficar mal.

— Obrigado, Mandy — disse Kit, utilizando o nome de infância dela.

— Não tornes a roubar o papá.

— Está bem.

— E, por amor de Deus, não contes a ninguém o que aconteceu comigo e com o Hugo.

— Juro — disse Kit.

17h

Toni estava a dormir profundamente há uma hora quando o despertador a acordou.

Viu que tinha adormecido sobre a cama completamente vestida. Estava tão cansada que nem sequer o casaco e os sapatos tirara, mas a soneca tinha-a deixado mais fresca.

Estava habituada a horários estranhos por causa dos turnos da noite na Polícia, e conseguia adormecer em qualquer lado e acordar instantaneamente.

Vivia num andar de uma casa vitoriana em propriedade horizontal. Tinha um quarto, uma sala de estar, uma cozinha pequena e uma casa de banho. Em Inverburn havia um porto de ferry-boats, mas da casa dela não se via o mar. Não gostava particularmente de ali viver: tinha sido o local onde se refugiara quando se separara de Frank, e não guardava muitas recordações felizes daquela casa. Estava lá há dois anos, mas continuava a considerá-la temporária.

Levantou-se. Despiu o fato com que andava há dois dias e uma noite e atirou-o para o cesto da roupa para levar para a lavandaria. Só de roupa interior e roupão, andou rapidamente pela casa a preparar uma mala para as cinco noites no spa. Tinha planeado fazer a mala na noite anterior e sair ao meio-dia, por isso tinha de recuperar o atraso.

Estava ansiosa por ir até ao spa. Era mesmo do que estava a precisar. As massagens levar-lhe-iam as mágoas; o suor na sauna libertá-la-ia das toxinas; pintaria as unhas, cortaria o cabelo e arranjaria as pestanas. Mas o melhor de tudo seria poder divertir -se e contar histórias com um grupo de velhos amigos e esquecer as preocupações.

A mãe já devia estar em casa de Bella. Era uma mulher inteligente, ainda que estivesse a perder as capacidades mentais. Tinha sido professora de Matemática no liceu e sempre ajudara Toni nos estudos, até mesmo no último ano do curso de Engenharia. Agora não conseguia verificar o troco que lhe davam nas lojas. Toni amava-a profundamente e custava-lhe muito assistir ao declínio dela.

Bella era um nadinha descuidada. Limpava a casa quando lhe apetecia, fazia comida quando tinha fome e, às vezes, esquecia-se de mandar os filhos para a escola. O marido, Bernie, era cabeleireiro, mas tão depressa estava a trabalhar como não estava, isto por causa de uma vaga dor no peito. Quando lhe perguntavam: “Como estás?”, a resposta normalmente era: “O médico deu-me mais quatro semanas de baixa.”

Tom esperava que a mãe estivesse bem em casa de Bela. Bella era

desmazelada, e a mãe nunca parecera importar-se muito com isso. Sempre gostara de ir até àquela zona ventosa de Glasgow e comer batatas mal fritas com os netos. Na verdade, porém, estava a ficar senil. Continuaria a ser tão filosófica como sempre fora em relação à forma desorganizada como Bella cuidava da casa? E Bella, saberia lidar com a crescente teimosia da mãe?

Uma vez, Tom deixara escapar uma observação irritada sobre Bella, e a mãe dissera com azedume: “Ela não se esforça tanto como tu e, por isso, é mais feliz.” As conversas da mãe estavam a ficar desprovidas de tacto mas, por vezes, as suas observações eram de uma acutilância dolorosa.

Depois de fazer a mala, Toni foi lavar o cabelo e tomou um banho de imersão para arrancar a tensão daqueles dois dias. Adormeceu na banheira. Acordou assustada, mas só tinha passado um minuto — a água continuava quente. Saiu da banheira e enxugou-se vigorosamente.

Olhou para o espelho de corpo inteiro e pensou: “Tenho tudo o que tinha há vinte anos -

só que está sete centímetros mais abaixo. Uma das coisas boas de Frank, pelo menos nos primeiros tempos, fora o prazer que retirava do corpo dela. “Tens umas mamas lindas” dizia de vez em quando. Toni achava que eram grandes de mais para a sua estatura, mas Frank tinha uma verdadeira adoração por elas. “Nunca vi uma rata desta cor” dissera-lhe uma vez quando estava a penetrá-la. “Parece um biscoito de gengibre.”

Quanto tempo demoraria até que alguém voltasse a maravilhar-se com a cor dos seus pêlos púbicos?

Vestiu umas calças de ganga desbotadas e uma camisola verde-escura. Quando estava a fechar a mala, o telefone tocou. Era a irmã.

— Olá, Bella — disse Toni. — Como está a mãe?

— Não está cá.

— O quê? Ficaste de ir buscá-la à uma da tarde!

— Eu sei, mas o Bernie é que tinha o carro, e não pude sair.

— E ainda não saíste? — Toni olhou para o relógio. Eram cinco e meia. Imaginou a mãe em casa, sentada no hall, de casaco e chapéu, com a mala ao lado da cadeira, a ver as horas passarem, e sentiu-se irritada. — O que é que te passou pela cabeça?

— Sabes, o problema é que o tempo piorou.

— Está a nevar em toda a Escócia, mas não está assim tão mau.

— É que o Bernie não quer que eu guie de noite.

— Não serias obrigada a guiar de noite, se tivesses ido buscá-la à hora a que prometeste!

— Ó querida, estás a ficar zangada. Eu sabia que isto ia acontecer.

— Não estou zangada... — Toni fez uma pausa.

A irmã já a tinha apanhado mais vezes com aquele truque. Daí a pouco estariam a falar sobre a necessidade de Toni controlar a zanga e não do facto de Bela não ter respeitado um compromisso.

— Deixa lá o que eu sinto — disse Toni. — E a mãe? Não achas que deve estar desapontada?

— Claro que sim, mas não posso fazer nada contra o tempo.

— O que é que vais fazer?

— Não há nada que possa fazer.

— Então, vais deixá-la passar o Natal no lar?

— A menos que possas ir buscá-la. Estás a quinze quilômetros dela.

— Bela, fiz uma reserva num spal. Tenho sete amigos à minha espera para passarmos cinco dias juntos. Paguei um depósito de quatrocentas libras e estou a precisar desesperadamente de descansar.

— Acho que estás a ser um bocado egoísta.

— Espera aí! Passei os últimos três natais com a mãe, e eu é que estou a ser egoísta?

— Não sabes como a minha vida é difícil, com três filhos e um marido doente e sem poder trabalhar. Tu tens montes de dinheiro e só tens de cuidar de ti.

"E não sou estúpida ao ponto de me casar com um mandrião e ter três filhos dele", pensou Toni, mas não o disse. Não valia a pena discutir com Bella. A vida dela já era castigo que chegasse.

— Portanto, estás a pedir-me que cancele as minhas férias, que vá buscar a mãe ao lar e que passe o Natal com ela.

— É contigo — disse Bella, num tom piedoso. — Faz o que a tua consciência te mandar.

— Obrigada pelo conselho. É muito útil. — A consciência de Toni dizia-lhe que devia ficar com a mãe, e Bela sabia isso. Toni não conseguia deixar a mãe passar o Natal num lar, sozinha no quarto, ou a comer um peru desenxabido com couves frias num refeitório, ou a receber um presente barato num papel piroso das mãos da diretora do lar vestida de Pai Natal. Nem queria pensar nisso.

— Está bem, eu vou buscá-la.

— É pena não conseguires dizer isso com uma voz mais amável — comentou a irmã.

— Ora, vai-te lixar, Bela! — exclamou Toni e desligou.

Sentindo-se muito deprimida, ligou para o spa e cancelou a reserva. Depois pediu para falar com um dos amigos. Passado algum tempo, foi Charlie que veio ao telefone. Tinha um sotaque de Lancashire.

— Onde é que estás? — perguntou ele. — Nós estamos todos no jacuzzi. Nem sabes o que estás a perder!

— Não posso ir — disse num tom muito infeliz e explicou o que tinha acontecido.

Charlie ficou furioso.

— Não é justo para ti — exclamou. — Precisas de descansar.

— Eu sei, mas não consigo imaginá-la sozinha naquele sítio enquanto os outros vão estar com as famílias.

— Ainda por cima, tiveste alguns problemas hoje no teu trabalho.

— Pois. Foi pena, mas acho que a Oxenford Medical se saiu bem — desde que não aconteça mais nada.

— Vi-te na televisão.

— E o que é que achaste?

— Estavas um espanto, embora goste mais do teu patrão.

— Eu também, mas tem três filhos adultos que não quer aborrecer. Por isso, acho que é uma causa perdida.

— Com os diabos, tiveste um dia mesmo mau!

— Peço desculpa a todos.

— Não vai ser a mesma coisa sem ti.

— Tenho de desligar, Charlie. Tenho de ir buscar a minha mãe o mais depressa possível. Feliz Natal. — Pousou o auscultador e sentou-se a olhar para o telefone. — Que miséria de vida! — desabafou em voz alta. — Que vida de merda!

18h

A relação de Craig com Sophie estava a avançar muito devagar.

Tinha passado a tarde toda com ela. Tinha-a derrotado no pingue-pongue e sido derrotado no bilhar. Tinham os mesmos gostos musicais — ambos preferiam bandas com guitarras em vez do drum and bass. Ambos liam romances de terror, apesar de ela gostar de Stephen King e ele preferir Anne Rice. Craig falou-lhe do casamento dos pais, que era tumultuoso mas apaixonado, e Sophie falou-lhe do divórcio de Ned e Jennifer, que tinha sido rancoroso.

Contudo, Sophie não lhe dera qualquer sinal de encorajamento. Nunca lhe tocara casualmente no braço, nunca olhara atentamente para o seu rosto quando ele estava a falar com ela, nem nunca trouxera à baila temas românticos como curtir e namorar. Em vez disso, ele passou o tempo a falar-lhe do mundo que o excluía, um mundo de nightclubs — como é que ela lá entrava, tendo catorze anos? -, de amigas que se drogavam e de rapazes com motos.

À medida que o jantar se ia aproximando, começou a ficar desesperado. Não queria passar cinco dias atrás de Sophie para no fim ela lhe dar um beijo. A sua ideia era conquistá-la logo no primeiro dia e passar o resto dos dias a conhecê-la. Era óbvio que não era esse o timing dela. Precisava de descobrir um atalho para o coração dela.

Sophie dava a sensação de o considerar incapaz de merecer qualquer atenção romântica. Aquela conversa sobre os mais velhos implicava que ele era apenas um miúdo, apesar de ter mais um ano e sete meses do que Sophie. Tinha de arranjar uma maneira de provar que era tão adulto e sofisticado como ela.

Sophie não seria a primeira rapariga que ele beijara. Tinha andado com Caroline Stratton, uma rapariga do seu liceu, durante seis semanas mas, embora ela fosse bonita, tinha-se fartado dela. Linda Riley, a irmã gorducha de um amigo seu do futebol, tinha sido mais excitante e deixara-o fazer várias coisas que nunca havia feito, mas depois voltara o seu afecto para o teclista de uma banda rock de Glasgow. E depois havia ainda várias raparigas que tinha beijado uma ou duas vezes.

No entanto, aquele caso era diferente. Desde que conhecera Sophie na festa de anos da mãe, não tinha havido um único dia nesses quatro meses em que não pensasse nela.

Tinha copiado para o seu computador uma fotografia que o pai tirara na festa, onde se via Craig a gesticular e Sophie a rir-se, e até a tinha posto como

proteção da tela. Olhava para outras raparigas, mas comparava-as sempre com Sophie, concluindo que uma era demasiado pálida, outra demasiado gorda, outra não tinha nada de especial e todas eram insuportavelmente convencionais. Não se importava que ela fosse difícil — estava habituado a mulheres difíceis; a sua mãe era uma delas. Decididamente havia qualquer coisa em Sophie que o perturbava profundamente.

Às seis horas, estirado no sofá no celeiro, decidiu que já tinha visto MTV que chegasse para um dia.

— Queres ir até lá a casa? — perguntou-lhe.

— Fazer o quê?

— Devem estar todos à mesa da cozinha.

— E então ?

"Deve ser simpático", pensou Craig. A cozinha era acolhedora, sentia-se o cheiro do jantar, o pai contava histórias com piada e a tia Miranda ia bebendo vinho, e sabia bem.

Ciente de que nada disso impressionaria Sophie, disse: — Deve haver lá bebidas.

— Boa! Quero um cocktail! — exclamou Sophie, levantando-se.

"Vai sonhando", pensou Craig. O avô nunca iria servir bebidas alcoólicas a uma miúda de catorze anos. Se estivessem a beber champanhe, talvez lhe desse meio copo. Todavia Craig deixou-a ficar com a ilusão. Vestiram os casacos e saíram.

Já estava noite cerrada, mas o pátio estava profusamente iluminado por candeeiros distribuídos pelas paredes dos edifícios circundantes. A neve continuava a revolutear no ar, e o chão estava muito escorregadio. Atravessaram em direção à casa principal e dirigiram-se para a porta lateral. Antes de entrarem, Craig olhou para a esquina da casa e viu o Ferrari do avô ainda estacionado à frente da casa, com quase cinco centímetros de neve amontoada no spoiler traseiro. Luke ainda não devia ter tido tempo de o ir arrumar.

— Da última vez que cá estive — disse Craig -, o avô deixou-me ir arrumar o carro dele na garagem.

— Não sabes guiar — retorquiu Sophie com cepticismo.

— Não tenho carta, mas isso não significa que não saiba guiar. — Estava a exagerar. Tinha guiado duas vezes a picape Mercedes do pai, uma vez numa praia e outra num campo de aviação desativado, mas nunca em estrada.

— Está bem. Então, vai estacioná-lo — encorajou Sophie.

Craig sabia que devia pedir autorização. Mas se dissesse isso, ia parecer que estava a voltar com a palavra atrás. O avô podia dizer que não, e Craig perderia a oportunidade de se afirmar perante Sophie. Por isso, disse: — Está bem.

O carro estava destrancado e a chave na ignição.

Sophie encostou-se à parede da casa, junto à porta lateral, de braços cruzados, com uma expressão que dizia: Muito bem, mostra lá. Craig não ia deixá-la levar a melhor.

— Por que é que não vens comigo? — perguntou. — Estás com medo?

Entraram os dois no carro.

Não era fácil. Os assentos eram muito baixos, quase ao nível da parte de baixo das portas, e Craig teve de pôr uma perna lá dentro e depois deslizar pelo apoio do braço.

Bateu com a porta.

A alavanca das mudanças era terrivelmente utilitária, apenas um tubo de alumínio com uma maneta em cima. Craig confirmou que estava em ponto morto e depois rodou a chave na ignição. O carro começou a trabalhar com um barulho que parecia de um 747.

Craig tinha, de certo modo, alimentado a esperança de que o barulho fizesse Luke sair de casa a correr e de braços no ar. Mas o Ferrari estava ao pé da porta da frente e a família estava na cozinha, na parte de trás da casa voltada para o pátio. O estampido do carro não conseguiu penetrar nas grossas paredes de pedra da antiga casa.

O carro tremia como se estivesse a haver um tremor de terra, enquanto o motor desenvolvia preguiçosamente a sua potência. Craig sentia no corpo as vibrações do carro através do assento de cabedal preto.

— Que fixe! — exclamou Sophie muito excitada.

Craig acendeu os faróis. Dois cones de luz estenderam-se desde a parte da frente do carro até ao fundo do jardim, coberto de flocos de neve. Pôs a mão na maneta das mudanças, carregou na embreagem e depois olhou para trás. A rampa ia em linha recta até à garagem; só depois curvava em direção à falésia.

— Vá lá! — disse Sophie. — Guia.

Craig pôs um ar desinteressado para esconder a sua relutância.

— Tem calma — disse. Soltou o travão de mão. — Espero que gostes. — Carregou na embreagem e meteu a marcha atrás. Tocou no acelerador o mais ao de leve que conseguiu. O motor rosnou ameaçadoramente. Depois foi libertando a embreagem, quase um milímetro de cada vez. O carro começou a arrastar-se para trás.

Agarrou o volante sem fazer força, sem o rodar para nenhum dos lados, e o carro começou a andar a direito. Depois de soltar completamente a embreagem, tornou a tocar no acelerador. O carro disparou para trás, passando a garagem. Sophie deu um grito de medo. Craig passou o pé do acelerador para o travão. O carro derrapou na neve mas, para grande alívio de Craig, não se desviou da linha

a direito. Quando o carro parou, lembrou-se no último minuto de carregar na embreagem para não ir abaixo.

Sentiu-se satisfeito consigo próprio. Tinha conseguido manter o controlo. Melhor ainda, tinha assustado Sophie, enquanto aparentemente ele continuava calmo. Talvez ela acabasse com aqueles seus ares de superioridade.

A garagem ficava em ângulo recto com a casa. A porta estava agora à esquerda do Ferrari. Via-se o carro de Kit, um Peugeot coupé preto, estacionado à frente da garagem, num dos lados. Craig encontrou um comando por baixo do tablier do Ferrari e accionou-o.

A terceira porta da garagem abriu-se.

O pátio fronteiro à garagem estava coberto por uma camada de neve. Num dos cantos havia um conjunto de arbustos e na extremidade mais distante uma árvore grande.

Bastava a Craig evitar essas duas coisas e enfiar o carro no lugar.

Já mais confiante, meteu a primeira, carregou no acelerador e depois soltou a embreagem. O carro avançou. Rodou o volante que, com a primeira, não tinha direção assistida e, por isso, era pesado. O carro voltou obedientemente para a esquerda.

Carregou ligeiramente no acelerador, e o carro ganhou velocidade, mas só o suficiente para se tornar excitante. Voltou para a direita, apontando para a porta aberta, mas ia depressa de mais. Pôs o pé no travão.

Foi esse o erro.

O carro ia a andar depressa sobre a neve com as rodas viradas para a direita. Assim que Craig tocou no travão, os pneus traseiros perderam a tração. Em vez de continuar a andar para a direita em direção à porta aberta da garagem, o carro deslizou de lado sobre a neve. Craig percebeu o que estava a acontecer, mas não sabia o que fazer.

Girou o volante mais para a direita, mas isso ainda fez o carro derrapar mais, deslizando irremediavelmente sobre a superfície escorregadia como um barco empurrado por um vento forte. Carregou no travão e na embreagem ao mesmo tempo, mas o efeito foi nulo.

Viram o edifício da garagem a fugir para o lado direito do para-brisas. Craig pensou que ia chocar com o Peugeot de Kit, mas para seu grande alívio o Ferrari passou por milímetros ao lado do outro carro. Perdendo a aceleração, o carro abrandou. Por um momento, Craig pensou que tinha conseguido dominá-lo, mas, antes de o carro parar completamente, bateu de lado na árvore.

— Que espetáculo! — exclamou Sophie.

— Não foi nada.

Craig deixou o carro em ponto morto, tirou o pé da embreagem e saltou do

carro. Deu a volta pela parte da frente. O impacto parecera ligeiro, contudo, à luz dos candeeiros na parede da garagem, viu com grande desânimo que a reluzente ala azul tinha uma amolgadela enorme e indisfarçável.

— Merda! — lastimou-se.

Sophie saiu e foi ver.

— Não está muito amolgado — disse.

— Não digas asneiras.

O tamanho da amolgadela não interessava. A carroçaria estava estragada, e a culpa era de Craig. Sentiu uma náusea no estômago. Que belo presente de Natal para o avô.

— Pode ser que não reparem — disse Sophie.

— Claro que vão notar — contrapôs Craig, cheio de raiva. — O avô vai dar por isso assim que olhar para o carro.

— Pode ser que ainda demore. Com este tempo, não é provável que ele saia de carro.

— Que diferença faz? — perguntou Craig com impaciência. Sabia que estava a ser petulante, mas não lhe interessava. — Vou ter de confessar.

— Era melhor não estares por perto quando descobrirem.

— Não estou a ver... — Fez uma pausa.

Estava a ver. Se confessasse imediatamente, o Natal ficaria estragado. Mamma Marta teria dito: “Vai haver um bordello”, que era a palavra que ela utilizava para discussão.

Caso não dissesse nada e confessasse mais tarde, talvez não houvesse tanta confusão.

De qualquer forma, a perspectiva de adiar a descoberta por alguns dias era tentadora.

— Vou ter de o meter na garagem — disse, pensando em voz alta.

— Estaciona-o com o lado amolgado encostado à parede — sugeriu Sophie. — Assim, quem passar por aqui não dá por nada.

A ideia de Sophie estava a começar a fazer sentido para Craig. Havia mais dois carros na garagem: um jipe Toyota Land Cruiser Amazon enorme, com tração às quatro rodas, que o avô costumava guiar quando o tempo estava como naquele dia, e o velho Ford Mondeo de Luke, que ele e Lori utilizavam para se deslocar para a sua casa, a pouco mais de um quilômetro dali. Luke ia de certeza buscar o carro à garagem nessa noite quando fosse para casa. Se o tempo piorasse muito, podia pedir o Land Cruiser emprestado e deixar ali o Ford. Em qualquer dos casos, teria de entrar na garagem. Mas, se o Ferrari estivesse encostado à parede, seria impossível ver a amolgadela.

O motor ainda estava a trabalhar. Craig sentou-se ao volante. Meteu a

primeira e avançou muito devagar. Sophie correu para a garagem e ficou sob a luz dos faróis.

Quando o carro entrou na garagem, foi fazendo sinais com as mãos para indicar a Craig até onde podia aproximar-se da parede.

À primeira tentativa, ficou a meio metro da parede. Não podia ser. Tinha de tentar outra vez. Olhou nervosamente pelo espelho retrovisor, mas não viu ninguém por perto. Sentiu-se grato por aquele frio que mantinha toda a gente dentro de casa.

À terceira tentativa conseguiu pôr o carro a uns dez centímetros da parede. Saiu e foi ver.

Era impossível ver a amolgadela fosse de que lado fosse.

Fechou a porta e depois ele e Sophie encaminharam-se para a cozinha. Craig sentia-se desanimado e culpado, mas Sophie estava divertidíssima.

— Foi um espetáculo! — admitiu.

Craig percebeu que tinha finalmente conseguido impressioná-la.

19h

Kit montou o computador no quarto de arrumações, um pequeno espaço a que só havia acesso através do seu quarto. Ligou o computador, um scanner e um leitor de smart carás que tinha comprado por duzentas e setenta libras no eBay.

Aquele quarto fora sempre a sua toca. Quando era pequeno, a casa só tinha três quartos: o da mãe e do pai, o maior de todos, o de Olga e Miranda, o segundo, cabendo a Kit um berço naquele espaço contíguo ao quarto das irmãs. Depois de ter sido construída a extensão da casa, e de Olga ter ido para a universidade, Kit tinha ficado com o quarto e também com aquele espaço, mas o quarto das arrumações fora sempre o seu antro.

Ainda estava mobilado como a sala de estudo de um menino da escola, com uma secretária barata, uma estante, uma pequena televisão e um sofá-cama, que dava para uma pessoa dormir e tinha sido muitas vezes utilizado pelos amigos da escola que ficavam lá em casa. Sentado à secretária, pensou melancolicamente nas entediantes horas que ali passara a fazer trabalhos de casa, a estudar Geografia, Biologia, reis medievais e verbos irregulares, Avé César! Tinha aprendido tanta coisa e esquecido tudo.

Pegou no cartão roubado ao pai e passou-o no leitor. A parte de cima saía da ranhura, mostrando claramente as palavras impressas “Oxenford Medical”. Esperava que ninguém entrasse no quarto. Estavam todos na cozinha. Lori estava a fazer osso bucco segundo a famosa receita de Mamma Marta. Kit sentia o cheiro de orégano. O pai tinha aberto uma garrafa de champanhe. Já deviam ter chegado à fase em que se punham a contar histórias que começavam sempre por “Lembram-se de quando...?”

O chip do cartão continha a informação sobre as impressões digitais do pai. Não era uma imagem simples, pois isso seria demasiado fácil de falsificar — uma fotografia do dedo podia enganar qualquer scanner normal. Kit tinha feito um instrumento que media vinte e cinco pontos da impressão digital, utilizando diferenças eléctricas mínimas entre as partes côncavas e as convexas. Tinha feito também um programa que armazenava todos esses dados em código. No seu apartamento tinha vários protótipos do scanner das impressões digitais e como não podia deixar de ser, uma cópia do programa por ele feito.

A seguir deu instruções ao computador que lesse o smart cará. O único perigo era que alguém na Oxenford Medical — porventura Toni Gallo — tivesse modificado o software, o que faria com que o programa de Kit deixasse de funcionar; podia, por exemplo, pedir um código de acesso antes de ler o cartão.

Era pouco provável que alguém se tivesse dado a esse trabalho e gastado dinheiro para precaver uma possibilidade que parecia inimaginável — embora fosse concebível. Não tinha falado a Nigel daquele potencial entrave.

Esperou alguns segundos, ansioso, a olhar para o monitor que, por fim, tremeluziu e mostrou uma página de códigos: os dados da impressão digital de Stanley. Kit suspirou de alívio e salvou o ficheiro.

A sua sobrinha Caroline entrou no quarto, trazendo uma ratazana.

Estava vestida com roupas já não adequadas à sua idade, um vestido às flores e umas meias brancas. A ratazana tinha o pêlo branco e os olhos cor-de-rosa. Caroline sentou-se no sofá a fazer festas à ratazana.

Kit reprimiu uma blasfêmia. Não podia dizer-lhe que estava a fazer uma coisa secreta e preferia estar sozinho. Mas também não podia continuar enquanto ela ali estivesse.

Aquela rapariga sempre fora um estorvo. Desde pequenina que adorava o tio Kit. Quando era novo, rapidamente se fartara daquela veneração e de a ver sempre atrás de si.

Porém, era difícil uma pessoa ver-se livre dela. Tentou ser simpático.

— Como é que está a ratazana? — perguntou.

— Chama-se Leonard — respondeu Caroline, num tom de reprovação.

— Leonard? Onde é que o compraste?

— Na Paradise Pets, em Schachiehal Street. — Soltou a ratazana que correu pelo braço dela e foi empoleirar-se no ombro. ; ; , Kit achou que a rapariga estava louca por andar assim com uma ratazana como se fosse um bebé. Caroline era parecida com a mãe, Olga, com uns longos cabelos negros e umas sobrancelhas também grossas e escuras, mas, ao contrário do ar duro e seco de Olga, Caroline parecia mole como uma papa. Como só tinha dezessete anos, podia ser que aquilo lhe passasse.

Kit esperava que ela estivesse demasiado concentrada em si própria para reparar no cartão metido no leitor com as palavras “Oxenford Medical” à mostra. Até ela veria que não era normal ele ter um cartão de acesso ao Kremlin nove meses depois de ter sido despedido.

— O que é que estás a fazer? — perguntou-lhe.

— Estou a trabalhar — respondeu Kit. — Tenho de acabar isto hoje.

— Tinha vontade de tirar o cartão do leitor, mas tinha medo de que isso chamasse a atenção dela.

— Eu não te incomodo. Podes continuar.

— Não está a acontecer nada lá em baixo?

— Mamãe e tia Miranda estão a pôr os presentes na sala de estar e, por isso, mandaram-me embora.

— Ah! — Voltou-se para o computador e mudou o software para o modo “Só leitura”. O seu próximo passo seria fazer o scanning das suas impressões digitais, mas não podia deixar que ela visse. Talvez não percebesse o que aquilo significava, mas podia falar disso a alguém que percebesse. Fingiu estar concentrado no monitor, dando volta à cabeça à procura de uma maneira de se ver livre dela. Passado um minuto, teve um momento de inspiração. Fingiu espirrar.

— Santinho — disse Caroline.

— Obrigado. — Tornou a espirrar. — Sabes, acho que é o pobre do Leonard que está a fazer-me espirrar.

— Porquê? — perguntou ela, indignada.

— Sou um bocado alérgico, e este quarto é muito pequeno.

Caroline levantou-se.

— Não queremos pôr as pessoas a espirrar, pois não, Lennie? — E saiu.

Kit fechou a porta, depois sentou-se e pôs o indicador direito sobre o vidro do scanner. O

programa leu a sua impressão digital e codificou os dados. Kit guardou o ficheiro.

Por fim, copiou os dados da sua impressão digital para o smart card, sobrepondo-os aos do pai. Nenhuma outra pessoa poderia fazer aquilo, a menos que tivesse uma cópia do software de Kit e um smart card com o código correto de acesso ao local. Mesmo que estivesse a recriar todo o sistema, Kit não se daria ao trabalho de fazer com que os cartões não fossem regraváveis. Contudo, Toni Gallo poderia tê-lo feito. Olhou ansiosamente para a tela, em parte à espera de que aparecesse uma mensagem a dizer “NÃO TEM ACESSO”.

Porém, essa mensagem não apareceu. Desta vez, Toni não tinha sido mais esperta do que ele. Tornou a ler os dados do chip, para se certificar de que o procedimento tinha sido concluído com êxito. E assim acontecera de facto: o cartão tinha agora os dados das impressões digitais de Kit e não de Stanley.

— Boa! — disse em voz alta, num tom triunfante.

Tirou o cartão da máquina e guardou-o no bolso. Dar-lhe-ia acesso ao BSN4. Quando acenasse o cartão perante o leitor e encostasse o dedo aa tela digital, o computador leria os dados do cartão e compará-los-ia com a impressão digital. Ao verificar que coincidiam, a porta abrir-se-ia.

Quando voltasse do laboratório, faria o processo contrário, apagando os dados das suas impressões digitais do cartão e tornando a instalar os de Stanley. No dia seguinte, guardaria calmamente o cartão na carteira do pai. O computador do Kremlin registaria que Stanley Oxenford tinha entrado no BSN4 às primeiras horas do dia vinte e cinco de Dezembro. Stanley protestaria, garantindo que a

essa hora estava em casa, na cama, e Toni Gallo garantiria à Polícia que ninguém poderia ter utilizado o cartão de Stanley por causa da verificação das impressões digitais.

— Baril!

Estava satisfeito por imaginar até que ponto iriam ficar intrigados.

Alguns sistemas biométricos de segurança comparavam as impressões digitais com os dados armazenados num computador central. Se no Kremlin fosse utilizada essa configuração, Kit teria precisado de aceder à base de dados. Mas os empregados tinham uma aversão irracional à ideia de os seus dados pessoais estarem guardados nos computadores das empresas. Sobretudo os cientistas, muitos deles leitores do Guardian, eram extremamente ciosos dos seus direitos civis. Kit tinha preferido guardar os registos das impressões digitais no smart card, e não na base de dados central, para garantir que o novo sistema de segurança seria mais bem aceite pelo pessoal. Não previra que um dia seria ele próprio a tentar furar o esquema que tinha concebido.

Sentia-se satisfeito. A Fase Um estava concluída. Tinha um cartão de acesso ao BSN4.

No entanto, antes de poder utilizá-lo, tinha de entrar no Kremlin.

Tirou o telefone do bolso. Marcou o número do telemóvel de Hamish McKinnon, um dos guardas de serviço no Kremlin naquela noite. Hamish era o vendedor de droga da empresa, fornecendo marijuana aos cientistas mais novos e ecstasy às secretárias para os fins-de-semana. Não vendia heroína nem crack, pois sabia que qualquer pessoa com uma dependência mais grave acabaria por delatá-lo, mais cedo ou mais tarde. Kit tinha pedido a Hamish que fosse o seu homem de mão lá dentro naquela noite, confiante de que Hamish não daria com a língua nos dentes, tendo ele próprio os seus segredos a esconder.

— Sou eu — disse Kit, quando Hamish atendeu. — Podes falar?

— Feliz Natal também para ti, Ian, meu grande sacana — disse Hamish alegremente. -

Espera um bocadinho. Vou até lá fora... Assim já ouço melhor.

— Está tudo bem?

A voz de Hamish adquiriu um tom mais grave.

— Está, mas ela reforçou a segurança. Pôs dois guardas em cada posto. Estou com o Willie Crawford.

— Onde é que estás?

— Na guarita do portão.

— Perfeito. Está tudo tranquilo?

— Como num cemitério.

— Quantos guardas ao todo?

— Seis. Dois aqui, dois na recepção e dois na sala de controlo.

— Está bem. Nós tratamos disso. Avisa-me, se acontecer alguma coisa de anormal.

— Está bem.

Kit desligou e marcou um número que lhe dava acesso ao computador da central telefônica do Kremlin. O número era utilizado pela Hibernian Telecom, a empresa que tinha instalado o telefone, para detecção de avarias. Kit tinha trabalhado em colaboração com a Hibernian, porque os alarmes que instalara funcionavam através das linhas telefônicas. Sabia o número e o código de acesso. Teve, mais uma vez, um momento de tensão, receando que o número ou o código pudessem ter sido alterados nos nove meses que haviam decorrido desde que deixara a empresa. Mas não tinham.

O seu telemóvel estava ligado ao computador portátil através de uma ligação sem fios que funcionava em distâncias até mais ou menos quinze metros — mesmo através de paredes, o que poderia vir a ser útil mais tarde. Utilizou, entã o, o computador para aceder ao computador da central telefônica do Kremlin. O sistema tinha um detector de interferências, mas não registava qualquer alarme nos casos em que eram a linha telefônica e o código da empresa a ser utilizados.

Primeiro desligou todos os telefones do Kremlin à excepção do da recepção.

A seguir desviou todas as chamadas de e para o Kremlin para o seu telemóvel. Já tinha programado o seu computador de forma a reconhecer os números com mais probabilidades de aparecerem, como o de Tom Gallo. Iria ele próprio responder às chamadas ou utilizar gravações ou, ainda, transferir as chamadas e ficar a ouvir as conversas.

Por último, fez todos os telefones do edifício tocarem durante cinco segundos para chamar a atenção dos seguranças.

Depois desligou e sentou-se na beira da cadeira, à espera.

Estava mais ou menos certo do que iria acontecer a seguir. Os guardas tinham uma lista de pessoas a contactar em diferentes casos de emergência. A primeira coisa que fariam seria ligar para a companhia dos telefones.

Não teve de esperar muito tempo. O telemóvel tocou. Deixou-o tocar e olhou para o monitor do computador. Passado um momento, apareceu a seguinte mensagem na tela: “Kremlin chama Toni”.

Não era daquilo que estava à espera. Deviam ter ligado primeiro para a Hibernian.

Porém, estava preparado. Ativou rapidamente uma mensagem gravada. O guarda que estava a tentar contactar Toni Gallo ouviu uma voz de mulher a dizer que o telemóvel que estava a tentar contactar estava desligado ou fora de rede e a pedir-lhe que tentasse mais tarde. O guarda desligou.

O telefone de Kit tornou a tocar quase de imediato. Kit esperava que os guardas estivessem finalmente a ligar para a empresa dos telefones, mas tornou a ficar desapontado. Na tela apareceu a mensagem: “Kremlin chama DRP”. Os guardas estavam a ligar para a Divisão Regional da Polícia de Inverburn. Kit ficou satisfeito por estarem a alertar a Polícia. Passou a chamada para o número correto e ficou a ouvir a conversa.

— Daqui fala Steve Tremlett, supervisor da segurança da Oxenford Medical. Queria participar uma ocorrência estranha.

— O que se passa, Mr. Tremlett?

— Não é nenhuma emergência grave, mas temos um problema com os nossos telefones e não sei se não irá impedir os alarmes de funcionarem.

— Vou tomar nota da ocorrência. Consegue mandar arranjar os telefones?

— Vou pedir que mandem uma equipa, mas na véspera de Natal sabe-se lá a que horas virão.

— Quer que mande aí um carro-patrulha?

— Não faria mal nenhum. Se não estiverem muito ocupados...

Kit gostaria que a Polícia fosse ao Kremlin. Tornaria o seu plano mais convincente.

— Vão estar ocupados mais logo, quando os pubs fecharem — disse o polícia. — Mas por agora está tudo sossegado.

— Está bem. Diga-lhes que eu lhes ofereço uma caneca de chá.

Desligaram. O telemóvel de Kit tocou pela terceira vez e na tela apareceu a mensagem: “Kremlin chama Hibernian”. Finalmente, pensou com alívio. Era a chamada que esperava.

Carregou num botão e disse ao telefone: — Hibernian Telecom, em que posso ajudar?

— Estou a ligar da Oxenford Medical — disse Steve. — Temos um problema com o nosso sistema telefônico.

Kit exagerou o seu sotaque escocês para disfarçar a voz.

— É em Greenmantle Road, Inverburn?

— É, sim.

— Qual é o problema?

— Nenhum telefone funciona a não ser este. Claro que não está ninguém a trabalhar, mas o problema é que o sistema de alarme utiliza as linhas telefônicas e precisamos de garantir que está tudo operacional.

Nesse momento, o pai de Kit entrou no quarto.

Kit ficou petrificado, paralisado pelo medo e pelo terror, como se tivesse voltado aos seus tempos de criança. Stanley olhou para o computador e para o telemóvel e ergueu as sobrancelhas. Kit controlou-se. Já não era nenhum miúdo

com medo de um ralhete.

Tentando fazer uma voz calma, disse ao telefone: — Eu ligo-lhe daqui a dois minutos. — Carregou nalgumas teclas do teclado do computador, e a tela ficou às escuras.

— Estás a trabalhar? — perguntou o pai.

— Tenho de acabar isto.

— Na véspera de Natal?

— Prometi que entregava este programa até ao dia vinte e quatro de Dezembro.

— A esta hora o teu cliente já foi para casa, como todas as pessoas de bom senso.

— Mas o computador vai mostrar que mandei o e-mail com o programa antes da meia-noite da véspera de Natal e, assim, não vai poder dizer que me atrasei.

Stanley sorriu e acenou com a cabeça.

— Fico contente por estares a ser tão consciencioso.

Ficou em silêncio durante alguns segundos, sendo óbvio que tinha mais qualquer coisa para dizer. Como era típico dos cientistas, não se importava de fazer longas pausas nas conversas. O importante era ser preciso.

Kit ficou à espera, tentando esconder a sua impaciência exasperante. Depois o telemóvel tocou.

— Merda! — exclamou.

Pediu desculpa ao pai. Olhou para a tela. Não era uma chamada desviada do Kremlin, mas alguém que estava a ligar diretamente para ele. Era Hamish McKinnon, o segurança. Tinha de atender. Encostou bem o telefone ao ouvido, para que o pai não pudesse ouvir o que o seu interlocutor dissesse.

— Está lá?

Hamish disse muito excitado:

— Os telefones deixaram todos de funcionar!

— Não faz mal. Já era de esperar. Faz parte do programa.

— Tinhas dito para te avisar, se acontecesse alguma coisa...

— Sim, sim, e fez muito bem em telefonar, mas agora tenho de desligar. Muito obrigado.

Desligou.

O pai decidiu-se finalmente a falar.

— A nossa briga já pertence ao passado?

Kit não gostava daquele tipo de conversas. Dava a entender que ambas as partes eram igualmente culpadas. Todavia, queria desesperadamente voltar a telefonar e, por isso, disse:

— Sim, acho que sim.

— Sei que achas que fui injusto para ti — disse o pai, lendo-lhe a mente. — Não percebo a tua lógica, mas aceito que estejas convencido das tuas razões. E eu também sinto que fui vítima de injustiça. Contudo temos de tentar esquecer isso e voltar a ser amigos.

— É o que diz a Miranda.

— Não tenho a certeza de que já tenhas atirado isso para trás das costas. Tenho a sensação de que ainda tens ressentimentos.

Kit tentou impedir que a expressão do seu rosto mudasse, para não revelar a culpa que sentia.

— Estou a fazer o melhor que posso — disse. — Mas não é fácil.

Stanley pareceu satisfeito.

— Bem, não posso pedir-te mais do que isso. — Pousou a mão no ombro de Kit, inclinou-se e deu-lhe um beijo no alto da cabeça. — Vim dizer-te que o jantar está quase pronto.

— Estou quase a acabar. Desço daqui a cinco minutos.

— Ótimo. — Stanley saiu.

Kit afundou-se na cadeira. Estava a tremer com um misto de vergonha e alívio. O seu pai era astuto e não se deixava enganar — mas Kit tinha sobrevivido ao interrogatório. No entanto, enquanto durara, fora aterrador.

Quando as mãos pararam de tremer, tornou a ligar para o Kremlin.

Atenderam imediatamente.

— Oxenford Medical — disse a voz de Steve Tremlett.

— Daqui fala da Hibernian Telecom. — Kit não se esqueceu de alterar a voz. Não conhecia bem TremJett e já tinham passado nove meses desde que saíra da Oxenford Medical.

Por isso, era pouco provável que Steve reconhecesse a voz dele mas, mesmo assim, preferiu não arriscar. — Não consigo entrar em seu computador central.

— Não é de admirar. Essa linha também não deve estar funcionando. Vão ter de mandar alguém aqui.

Era o que Kit queria, mas teve o cuidado de não se mostrar ansioso.

— Vai ser difícil arranjar alguém para ir aí na véspera de Natal.

— Não me venha com essa. — A voz de Steve deixou transparecer alguma raiva. -

Garantiram-me que prestariam assistência sempre num espaço de quatro horas, todos os dias do ano. Pagamos para prestarem esse serviço. Neste momento são dez para as oito, e vou registar esta chamada.

— Está bem. Não se enerve. Vou mandar alguém o mais depressa possível.

— Daqui a quanto tempo?

— Vou tentar que estejam aí antes da meia-noite.

— Obrigado. Fico à espera. — Steve desligou.

Kit pousou o telemóvel. Estava a suar. Limpou a cara à manga da camisa. Até agora tinha corrido tudo na perfeição.

20h

Stanley soltou a bomba durante o jantar.

Miranda mostrava-se alegre. O osso bucco estava apetitoso, e o pai tinha aberto duas garrafas de Brunello di Montelpulciano. Kit denotava uma certa agitação, correndo escada acima sempre que o seu telemóvel tocava, mas todos os outros estavam bastante descontraídos. Os quatro miúdos comeram depressa e depois foram para o celeiro ver o DVD do filme Gritos 2, deixando os seis adultos à volta da mesa da casa de jantar: Miranda e Ned, Olga e Hugo, o papá à cabeceira da mesa, e o Kit do outro lado. Lori serviu o café, enquanto Luke metia a louça na máquina.

A certa altura, Stanley disse:

— O que é que achavam se eu voltasse a namorar?

Ficaram todos em silêncio. Até Lori reagiu: parou de servir o café e ficou muito direita, a olhar para ele como que em choque.

Miranda tinha desconfiado, mas, de qualquer forma, era perturbador ouvi-lo dizer aquilo.

— Estás a falar da Tom Gallo, não é? — perguntou.

Ele pareceu sobressaltar-se e disse:

— Não.

— Ora... — retorquiu Olga.

Miranda também não acreditava nele, mas não se atreveu a desmenti-lo.

— Não estou a falar de ninguém em particular. Só estou a discutir um princípio genérico -

prosseguiu Stanley. — A Mamma Marta morreu há um ano e meio, Deus a tenha em descanso. Durante quase quatro décadas foi a única mulher da minha vida. A verdade, porém, é que tenho sessenta anos e provavelmente ainda tenho mais vinte ou trinta anos de vida. Posso não querer passar esse tempo sozinho.

Lori lançou-lhe um olhar ofendido, dando a entender que ele não estava sozinho; tinha-a a ela e a Luke. Olga disse num tom irritado: — Então, para que está a consultar-nos? Não precisa da nossa autorização para dormir com a sua secretária ou com quem quiser.

— Não estou a pedir autorização. Só quero saber o que irão sentir se isso acontecer. E já agora não vai ser a minha secretária. A Dorothy está muito bem casada.

Miranda interveio, sobretudo para impedir que Olga se saísse com uma tirada mais dura: — Acho que ia ser difícil para nós ver-te com outra mulher nesta

casa, papá. No entanto, queremos que sejas feliz, e tenho a certeza de que faríamos todos o possível para recebermos bem uma pessoa que tu amasses.

Stanley lançou-lhe um olhar circunspecto.

— Não é propriamente um apoio entusiástico, mas obrigado por tentares ser positiva.

— De mim não vai ter a mesma reação — disse Olga. — Por amor de Deus, o que quer que eu lhe diga? Está a pensar casar com essa mulher? Ter mais filhos?

— Não estou a pensar em casar com ninguém — contrapôs Stanley, de mau humor. Olga estava a irritá-lo por se recusar a discutir nos termos que ele queria. A Mamma sempre o irritara por causa disso. — Mas também não estou a excluir nenhuma hipótese -

acrescentou.

— É um escândalo! — gritou Olga. — Em criança quase nunca o via. Estava sempre no laboratório. Eu e a Mamma estávamos em casa com a Mandy, ainda bebé, desde as sete e meia da manhã até às nove da noite. Parecíamos uma família monoparental, e tudo por causa da sua carreira, para poder inventar antibióticos de espetro estreito e um remédio para as úlceras e outro para o colesterol, e ficar famoso e rico. Pois bem, agora quero ter a recompensa desse sacrifício.

— Tiveste uma educação muito cara — contrapôs Stanley.

— Só isso não chega. Quero que os meus filhos herdem o dinheiro que o papá ganhou.

Não quero que tenham de o dividir com uma ninhada de miúdos mal-educados nascidos de uma puta qualquer que soube aproveitar-se de um viúvo.

Miranda soltou um grito de protesto. Hugo, embaraçado, aconselhou: — Não fujas à questão, Olga, querida, diz o que estás a pensar.

Com uma expressão carregada, Stanley disse: — Não estou a planear andar com nenhuma puta.

Olga percebeu que tinha ido longe de mais.

— Não queria dizer essa última parte — confessou.

Para ela, aquilo equivalia a pedir desculpa Kit disse num tom irreverente:

— Não vai fazer grande diferença. A Mamma era alta, atlética, não era intelectual e era italiana. A Toni Gallo é alta, atlética, não é intelectual e é espanhola. Só não sei se saberá cozinhar.

— Não sejas estúpido — disse-lhe Olga. — A diferença é que nos últimos quarenta anos a Toni não fez parte desta família, não é uma de nós. É uma estranha.

Kit respondeu com um ar de superioridade: — Não me chames estúpido.

Pelo menos eu vejo o que está debaixo do meu nariz.

O coração de Miranda deu um salto. Do que estaria ele a falar? Olga teve a mesma dúvida.

— O que é que eu não estou a ver debaixo do meu nariz?

Miranda olhou sub-repticiamente para Ned. Tinha medo que mais tarde ele perguntasse o que tinha querido Kit dizer. Era costume ficar a pensar naquele tipo de coisas. Kit recuou.

— Ora, parem de me fazer perguntas. São cá uns chatos!

— Não estás preocupado com o teu futuro financeiro? — perguntou Olga a Kit. — A tua herança está tão ameaçada como a minha. Tens assim tanto dinheiro que não te importas?

Kit riu-se, mas sem humor.

— Pois, pois...

— Não achas que estás a ser um bocado mercenária? — perguntou Miranda a Olga.

— Só estou a responder ao que o papá perguntou.

— Pensei que pudessem sentir-se mal por verem outra mulher ocupar o lugar de sua mãe — disse Stanley. — Nunca pensei que a grande preocupação fosse o meu testamento.

Miranda sentiu na pele o sofrimento do pai, mas estava mais preocupada com o que Kit pudesse dizer. Em criança, nunca tinha muito jeito para guardar segredos. Ela e Olga eram sempre obrigadas a esconder tudo dele. Se lhe fizessem alguma confidência, ele não demorava cinco minutos a contar tudo à Mamma. E agora Kit sabia o segredo mais recôndito de Miranda. Já não era criança, mas a verdade é que nunca tinha crescido. E

isso era perigoso. O seu coração estava a bater descompassadamente. Talvez conseguisse controlá-lo, se participasse na conversa. Dirigiu-se a Olga: — O importante é mantermos a família unida. Seja qual for a decisão do papá, não podemos deixar que isso nos afaste.

— Não me venhas com sermões sobre a família — disse Olga, muito zangada. — Fala com o teu irmão.

— Não me metam ao barulho! — gritou Kit.

— Não quero voltar a ouvir falar desse assunto — interrompeu Stanley.

Porém Olga insistiu:

— Foi ele que esteve quase a dar cabo desta família.

— Vai à merda, Olga! — exclamou Kit.

— Calma — disse Stanley com firmeza. — Podemos ter uma discussão acalorada sem ser preciso descer aos insultos e à obscenidade.

— Ora, papá — contrapôs Olga. Estava furiosa, porque lhe tinham chamado

mercenária e precisava de contra-atacar. — O que é que pode ser mais ameaçador para a família do que um de nós andar a roubar os outros?

Kit estava vermelho de vergonha e raiva.

— Já te digo — anunciou.

Miranda sabia o que vinha aí. Aterrorizada, esticou o braço para Kit e pôs a mão ao alto a fazer-lhe sinal para que parasse.

— Tem calma, Kit, por favor — disse muito agitada.

Mas ele não estava a ouvi-la.

— Vou dizer-te o que é que pode ser mais ameaçador para a família.

Miranda gritou:

— Cala-te!

Stanley percebeu que havia qualquer coisa que ele desconhecia e franziu a testa, algo perplexo.

— De que estão vocês a falar?

— Estou a falar de alguém que...

Miranda levantou-se.

— Não!

— De alguém que anda a dormir...

Miranda pegou num copo de água e atirou-a à cara de Kit. Houve um silêncio súbito.

Kit limpou a cara com o guardanapo. Com toda a gente a olhar para ele em silêncio e choque, continuou:

— ... que anda a dormir com o marido da irmã.

Olga estava confusa.

— Isso não faz sentido. Nunca dormi com o Jasper... nem com o Ned.

— Não estava a falar de ti — disse Kit.

Olga olhou para Miranda, que desviou a cara.

Lori, ainda parada com a cafeteira na mão, susteve a respiração, chocada, tendo repentinamente percebido.

— Valha-me Deus! Nunca ia imaginar uma coisa dessas! — exclamou Stanley.

Miranda olhou para Ned. Estava horrorizado.

— É verdade? — perguntou.

Miranda não respondeu.

Olga voltou-se para Hugo.

— Tu e a minha irmã?

Hugo tentou fazer o seu sorriso de menino maroto. Olga levantou o braço e deu-lhe uma bofetada. Pelo som, parecia mais um soco do que uma bofetada.

— Ai! — gritou ele e balançou para trás na cadeira.

— Meu malandro, sacana, mentiroso... — Estava à procura de palavras. — Verme. Porco.

Cabrão. — Depois voltou-se para Miranda. — E tu!

Miranda não conseguia olhar para ela. Estava de olhos postos na mesa. À sua frente estava uma pequena chávena de café, de porcelana fina, com uma risca azul. Era a preferida da Mamma.

— Como é que tiveste coragem? — perguntou-lhe Olga. — Como?

Um dia Miranda tentaria explicar; mas naquele momento tudo o que dissesse iria parecer uma desculpa. Por isso, limitou-se a abanar a cabeça.

Olga levantou-se e saiu da sala.

Hugo estava acabrunhado.

— É melhor eu... — balbuciou e saiu atrás dela.

De repente, Stanley apercebeu-se de que Lori estava ali a assistir a tudo. Tarde de mais, disse-lhe:

— É melhor ires ajudar o Luke na cozinha, Lori.

Ela deu um salto, como se tivesse acordado.

— Sim, senhor Professor.

Stanley olhou para Kit.

— Foste brutal. — Tinha a voz a tremer de raiva.

— Pois, está bem. Agora a culpa é minha — disse Kit com petulância. — Não fui eu que dormi com o Hugo, pois não? — Atirou com o guardanapo e saiu.

Ned estava de rastos.

— Com licença — disse, e saiu também.

Só Miranda e o pai ficaram na casa de jantar. Stanley levantou-se e foi para junto dela.

Pôs-lhe a mão no ombro.

— Vais ver que vão acabar por se acalmar todos — disse. — Foi grave, mas vai passar.

Miranda voltou-se para ele e encostou a cara ao tecido macio do colete.

— Desculpa, papá — disse, e começou a chorar.

21h

O tempo começava a ficar pior. A viagem de Toni até ao lar tinha sido demorada, mas a viagem de regresso ainda estava a ser mais lenta. Havia uma fina camada de neve na estrada, endurecida pelos pneus dos carros e demasiado sólida para começar a transformar-se em lama. Os condutores nervosos seguiam a passo, retardando todos os outros. O Porsche Boxster vermelho de Toni era o carro perfeito para ultrapassar os mais lentos, mas o piso estava muito escorregadio, e Toni não podia fazer nada para encurtar a viagem.

A mãe ia sentada a seu lado, com um ar feliz, com um casaco de malha verde e um chapéu de feltro. Não estava nada zangada com Bella, o que deixara Toni desapontada e, ao mesmo tempo, com vergonha por sentir isso. Lá no fundo, queria que a mãe estivesse furiosa com Bella, tal como ela ficara. Seria uma forma de se vingar. Mas, aparentemente, a mãe pensava que tinha sido Toni a culpada de ter estado tanto tempo à espera. Toni dissera muita irritada:

— Não percebes que era a Bela que devia ter-te vindo buscar há horas?

— Percebo, querida, mas a tua irmã tem de tratar da família dela.

— E eu tenho um emprego de responsabilidade.

— Bem sei, é para substituir o facto de não teres filhos.

— Por isso, não faz mal a Bella tê-la deixado pendurada, mas comigo já faz mal.

— Pois, querida.

Toni tentou seguir o exemplo da mãe e ser magnânima. Contudo, não conseguia deixar de pensar nos seus amigos no spa, sentados no jacuzzi, ou a contarem piadas, ou a beberem café junto à lareira. Charles e Damien iriam ficar cada vez mais hilariantemente efeminados à medida que a noite fosse avançando e eles se fossem descontraindo.

Michael iria contar histórias sobre a sua mãe irlandesa, um verdadeiro vulcão em Liverpool, onde vivia. Bonnie iria recordar os tempos da faculdade, as dificuldades em que ela e Toni se tinham visto, sendo as duas únicas alunas num curso de Engenharia com trezentos estudantes.

De certeza que estavam todos a divertir-se imenso, enquanto Toni ia a conduzir por uma estrada coberta de neve e com a mãe ao lado.

Disse para si própria que tinha de parar de ser ridícula. “Sou adulta”, pensou, “e os adultos têm responsabilidades. Além disso, a mãe pode já não viver muito mais anos e, por isso, devo aproveitar para estar ao pé dela enquanto posso.”

Constatou que lhe era mais difícil ter uma atitude positiva, quando pensava

em Stanley.

Tinha-se sentido tão próxima dele naquela manhã, e agora a distância entre eles parecia maior do que o Grand Canyon. Estava constantemente a pensar se não teria sido demasiado insistente. Tê-lo-ia obrigado a escolher entre a família e ela? Se tivesse sido mais cautelosa, talvez ele não se tivesse sentido obrigado a tomar uma decisão. Mas não se podia dizer que se tivesse atirado a ele, e as mulheres tinham de encorajar um pouco os homens, pois, se assim não fosse, eles nunca diziam nada.

Não valia a pena estar com arrependimentos, disse para si própria. Tinha-o perdido e ponto final.

Viu à sua frente as luzes de uma estação de serviço.

— Precisas de ir à casa de banho, mãe? — perguntou.

— Preciso.

Toni abrandou e parou junto à bomba. Atestou o carro e depois levou a mãe lá dentro. A mãe foi à casa de banho, enquanto Toni foi pagar. Quando voltou para o carro, o seu telemóvel tocou. Pensou que poderia ser do Kremlin e apressou-se a atender.

— Toni Gallo.

— Daqui fala Stanley Oxenford.

— Oh!

Ficou surpreendida. Não estava à espera daquilo.

— Se calhar, estou a ligar em má altura — disse ele educadamente.

— Não, não, não — garantiu Toni, deslizando no banco. — Pensei que fosse do Kremlin e fiquei preocupada, com medo que tivesse acontecido alguma coisa. — Fechou a porta do carro.

— Pelo que sei, está tudo bem. E o teu spa?

— Não estou no spa — confessou ela, contando-lhe o que acontecera.

— Que frustração! Deve ter sido terrível!

Toni sentia o coração a bater mais depressa, mas não via razão para isso.

— E por aí, está tudo bem?

Intrigava-a o motivo que o teria levado a telefonar. Ao mesmo tempo, olhou para o edifício mal iluminado da área de serviço. A mãe devia estar a aparecer.

— O jantar de família acabou muito mal. Não é novidade nenhuma — às vezes temos as nossas discussões.

— O que é que aconteceu?

— Talvez seja melhor não contar.

“Então, por que é que me telefonaste?”, pensou Toni. Era muito raro Stanley fazer um telefonema sem um objectivo. Estava sempre tão atento a tudo que Toni imaginava-o com uma lista à sua frente com os assuntos sobre os quais

tinha de falar.

— Resumidamente, o Kit contou que a Miranda dormiu com o Hugo, o marido da irmã.

— Meu Deus!

Toni imaginou-os, um a um: Kit, bonito e malicioso; Miranda, gordinha e engraçada; Hugo, o conquistador; e a formidável Olga. Uma história de estalo, mas o mais surpreendente era Stanley estar a contá-la a Toni. Mais uma vez, estava a tratá-la como se fossem amigos íntimos. No entanto, desconfiou dessa ideia. Se alimentasse as suas esperanças, ele voltaria a destruí-las. Mesmo assim, não lhe apetecia pôr fim à conversa.

— Como é que isso te fez sentir? — perguntou.

— Bem, o Hugo sempre foi muito atiradiço. A Olga já deve conhecê-lo, ao fim de vinte anos de casamento. Sentiu-se humilhada e ficou como louca — aliás, neste preciso momento, estou a ouvi-la gritar — mas acho que vai acabar por lhe perdoar. Miranda explicou-me em que circunstâncias aquilo aconteceu. Não teve nenhum caso com o Hugo, apenas dormiu com ele uma vez, por estar muito deprimida com o fim do seu casamento; e, desde então, nunca mais deixou de sentir vergonha do que tinha feito. Acho que a Olga vai acabar por lhe perdoar também. Estou mais preocupado com o Kit. — A sua voz ficou triste. — Sempre quis que o meu filho fosse um miúdo corajoso e de princípios, e que se transformasse num adulto recto e respeitado por todos. Mas é fraco e velhaco.

Num momento de revelação, Toni apercebeu-se de que Stanley estava a falar com ela como teria falado com Marta. Depois de uma discussão daquelas, teriam certamente ido os dois para o quarto falar do comportamento dos filhos. Sentia a falta da mulher, e Toni estava a substitui-la. Mas aquele pensamento não a alegrava; pelo contrário: sentia-se ofendida. Ele não tinha o direito de a utilizar daquela forma. Sentia-se explorada. E tinha mesmo de ir ver se a mãe estava bem.

Estava prestes a dizer-lhe isso, quando ele acrescentou: — Mas não quero estar a aborrecer-te com estas coisas. Telefonei por outro motivo.

"Já parecia mais o Stanley a falar", pensou. E a mãe podia esperar mais alguns minutos.

— Depois do Natal, gostava que jantasses comigo uma noite. Pode ser? — perguntou Stanley.

"O que seria agora?", pensou Toni.

— Claro que sim — respondeu.

O que significaria aquilo?

— Sabes como sou contra os homens que se atiram às mulheres que trabalham com eles.

Deixam-nas numa situação muito difícil. Não podem deixar de pensar que, se recusarem, a sua carreira pode ser prejudicada.

— Eu não tenho esses problemas — disse Toni, num tom um pouco duro. Estaria ele a dizer que aquele jantar não tinha nada de romântico e, por isso, não tinha de se preocupar?

Percebeu que estava a respirar com dificuldade e esforçou-se por manter um tom de voz normal. — Tenho todo o gosto em jantar contigo.

— Estive a pensar na conversa que tivemos hoje de manhã, na falésia.

"Também eu", pensou Toni.

— Contei uma coisa, mas estou muito arrependido de ter deixado escapar — continuou Stanley.

— O quê? — Toni quase não conseguia respirar. — O que foi?

— Que nunca teria outra família.

— Não era isso que querias dizer?

— Disse-o porque estava a ficar... com medo. É estranho, não é? Com esta idade, e com medo.

— Com medo de quê?

Houve uma longa pausa e depois ele disse: — Dos meus sentimentos.

Toni ia deixando cair o telefone. Sentiu-se corar do pescoço à ponta dos cabelos.

— Sentimentos — repetiu. — Se esta conversa estiver a deixar-te embaraçada, basta dizeres-me, e eu não torno a falar do assunto.

— Continua.

— Quando me disseste que o Osborne te tinha convidado para sair, percebi que não ias ficar sozinha para sempre, talvez nem por muito mais tempo. Se estiver a fazer figura de pateta, por favor, diz-me já, e acaba com o meu sofrimento.

— Não... — Toni engoliu em seco. Percebeu que estava a ser extraordinariamente difícil para ele. Há quarenta anos que não devia falar assim com uma mulher. Tinha de o ajudar. Tinha de lhe mostrar que não estava a ficar ofendida. — Não estás a ser nada pateta.

— Hoje de manhã, pensei que talvez sentisses alguma coisa de especial por mim, e foi isso que me deixou assustado. É verdade o que estou a dizer? Quem me dera poder estar a ver a tua cara.

— Estou muito feliz — disse Toni em voz baixa. — Muito.

— A sério?

— Sim.

— Quando é que posso estar contigo? Tenho mais coisas para te dizer.

— Estou com a minha mãe. Estamos numa área de serviço. Ela vem a sair da

casa de banho neste momento. — Toni saiu do carro, ainda com o telefone encostado ao ouvido. -

Falamos amanhã de manhã.

— Não desligues ainda. Tenho tanta coisa para te dizer.

Toni acenou para a mãe e gritou-lhe: “Aqui!” A mãe viu-a e dirigiu-se para ela. Toni abriu a porta do carro e ajudou-a a entrar, dizendo: — Vou só acabar de falar.

— Onde estás? — perguntou Stanley.

Toni fechou a porta do lado da mãe.

— A uns quinze quilômetros de Inverburn, mas a andar terrivelmente devagar.

— Quero ver-te amanhã. Ambos temos obrigações familiares, mas também temos direito a algum tempo para nós.

— Havemos de arranjar uma maneira. — Abriu a porta do seu lado. — Agora tenho de desligar. A minha mãe está a ficar com frio.

— Adeus — disse Stanley. — Telefona-me sempre que te apetecer. A qualquer hora.

— Adeus. — Toni fechou o telefone e entrou para o carro.

— Que grande sorriso — disse a mãe. — Estás muito animada, quem era ao telefone? Alguém simpático?

— Sim — respondeu Toni. — Uma pessoa mesmo muito simpática.

22h30

Kit esperou no quarto, impaciente pelo momento em que todos se deitassem. Precisava de sair o mais depressa possível, mas se alguém o ouvisse sair, o plano iria por água abaixo e, por isso, teria mesmo de esperar.

Sentou-se junto à velha secretária do quarto das arrumações. O computador ainda estava ligado à corrente, para poupar a bateria: iria precisar dele mais logo. Guardara o telemóvel no bolso.

Tinha interceptado três chamadas de e para o Kremlin. Duas eram telefonemas pessoais inofensivos para os guardas, e fizera a ligação. A terceira era uma chamada do Kremlin para Steepfall. Kit pensou que Steve Tremlett, não conseguindo contactar Toni Gallo, devia ter querido informar Stanley do problema com os telefones. Accionou uma mensagem gravada a dizer que havia avaria na linha.

Enquanto esperava, foi escutando, impaciente, os sons da casa. Ouviu Olga e Hugo a discutirem no quarto ao lado do seu — Olga a disparar perguntas e afirmações como se fosse uma pistola, e Hugo sucessivamente abjecto, suplicante, persuasivo, irônico e outra vez abjecto. No andar de baixo, Luke e Lori continuaram a fazer barulho com as panelas e a loiça na cozinha por mais meia hora, e depois ouviu-se a porta da frente a bater, quando saíram para irem para a sua casa a menos de dois quilômetros de distância. Os miúdos estavam no celeiro, e Miranda e Ned deviam ter ido para a casa de hóspedes.

Stanley fora o último a ir para a cama. Tinha ido para o escritório, fechara a porta e fizera uma chamada — Kit sabia quando alguém fazia uma chamada porque aparecia uma luz a dizer “ocupado” em todas as extensões da casa. Pouco depois Kit ouviu-o subir a escada e fechar a porta do quarto. Olga e Hugo foram ambos à casa de banho e depois ficaram em silêncio; ou se tinham reconciliado ou estavam exaustos. A cadela, Nellie, devia estar na cozinha, deitada ao lado do fogão, o sítio mais quente da casa.

Kit esperou um pouco mais, dando tempo a todos de adormecerem.

Sentia-se vingado pela discussão que a família tivera à mesa. O pecadilho de Miranda provara que não era ele o único pecador da família. Tinham-lhe levado a mal pelo facto de ter revelado um segredo, mas era sempre melhor pôr aquelas coisas em pratos limpos. Por que razão exageravam tanto as transgressões dele e escondiam discretamente as delas? Eles que se zangassem à vontade. Tinha gostado de ver Olga dar uma bofetada a Hugo. “A minha irmã mais velha tem cá uma direita!”, pensou divertido.

Não sabia se já teria coragem para sair. Estava preparado. Tinha tirado o anel de brasão que podia ser reconhecido, e trocado o relógio de pulso Armani por um discreto Swatch.

Tinha vestido umas calças de ganga e uma camisola preta quente; levaria as botas na mão e só as calçaria lá em baixo.

Levantou-se mas, nesse momento, ouviu a porta das traseiras bater. Praguejou de frustração. Alguém tinha entrado — talvez um ou dois miúdos, para assaltarem o frigorífico.

Esperou até ouvir outra vez a porta — seria sinal de que tinham saído. Mas, em vez disso, ouviu alguém a subir as escadas.

Pouco depois, ouviu a porta do seu quarto abrir-se. Os passos atravessaram o quarto, e Miranda apareceu na arrecadação. Trazia umas galochas e um Barbour por cima da camisa de dormir e, na mão, um lençol e um edredão. Sem dizer nada, dirigiu-se ao sofá de cambalhota e abriu-o. Kit estava fora de si.

— Por amor de Deus, o que é que queres?

— Vou dormir aqui — respondeu Miranda com toda a calma.

— Não podes — disse ele, em pânico.

— Não percebo porquê.

— Porque o teu quarto é no anexo.

— Tive uma discussão com o Ned, graças à revelação que fizeste ao jantar, meu merdoso.

— Não te quero aqui!

— Estou-me nas tintas para o que tu queres!

Kit tentou manter a calma. Viu com desânimo Miranda fazer a cama no sofá. Como iria ele sair do quarto com a irmã ali a ouvir tudo? Ainda por cima, estava irritada e podia ficar horas acordada. E, de manhã, ia de certeza levantar-se antes de ele voltar e dar pela falta dele. O seu álibi estava a cair por terra.

Tinha de sair imediatamente. Ia fingir que estava ainda mais irritado do que na realidade estava.

— Vai à merda! — exclamou. Desligou o computador e fechou a tampa. — Não vou ficar aqui contigo — anunciou ele, passando para o quarto.

— Onde vais?

Sem que ela o visse, pegou nas botas.

— Vou ver televisão para a sala.

— Não a ponhas alto — disse Miranda, atirando com a porta que separava as duas divisões.

Kit saiu.

Percorreu o patamar às escuras e desceu a escada, sempre em bicos de pés. As tábuas rangeram, mas a casa era antiga e ninguém estranhava aqueles

barulhos. Pela pequena janela ao lado da porta entrava uma luz fraca que iluminava o cabide com os chapéus, o pilar das escadas e a pilha de listas telefônicas sobre a mesa do telefone. Nellie veio da cozinha e ficou ao pé da porta a abanar a cauda, esperando com o seu irreprimível optimismo canino que ele fosse levá-la a passear.

Kit sentou-se nas escadas e calçou as botas, sempre à escuta de alguma porta a abrir -se no andar de cima. Era um momento perigoso, e sentiu um arrepio de medo enquanto apertava as botas. Havia sempre pessoas a levantarem-se a meio da noite: Olga podia querer beber água, Caroline podia vir do celeiro à procura de um comprimido para as dores de cabeça, Stanley podia ter uma súbita inspiração científica e ir para o computador.

Apertou os atacadores e vestiu a parka preta. Estava pronto para sair. Se alguém o visse naquele momento, sairia na mesma. Nada o deteria. O problema seria a manhã seguinte.

Sabendo que ele saíra, podiam adivinhar onde tinha ido, e para o plano dele funcionar era preciso que ninguém percebesse o que tinha acontecido.

Afastou Nellie e abriu a porta. A casa nunca ficava fechada à chave. Stanley achava que era pouco provável que aparecessem ladrões num lugar tão isolado e, de qualquer forma, a cadela era o melhor sistema de alarme.

Saiu. Estava muito frio e nevava intensamente. Empurrou o focinho de Nellie para dentro e fechou a porta com um ligeiro estalido.

As luzes à volta da casa ficavam acesas toda a noite, mas, mesmo assim, quase não conseguia ver a garagem. O chão estava coberto com uma camada de neve com vários centímetros de altura. Ficou com as meias e as bainhas das calças encharcadas num ápice. Quem lhe dera ter podido trazer as galochas.

O carro estava fora da garagem, com um manto de neve no tejadilho. Esperava sinceramente que pegasse. Entrou e pousou o computador no banco ao lado do seu para poder reagir rapidamente às chamadas de e para o Kremlin. Girou a chave na ignição. O

carro engasgou-se mas, passados poucos segundos, o motor arrancou.

Esperava que ninguém o tivesse ouvido.

A neve era tanta que não o deixava ver. Foi obrigado a acender os faróis e a rezar para que ninguém estivesse a espreitar por uma janela.

Afastou-se. O carro ia a derrapar de forma alarmante sobre a camada de neve. Teve o cuidado de nunca virar o volante de repente. Foi em ponto morto até à rampa, desviou-se cuidadosamente do promontório, entrou no bosque e seguiu pelo caminho que ia dar à estrada principal.

Ali a neve não estava tão imaculada. Tinha marcas de pneus em ambas as direções.

Voltou para Norte, o lado oposto ao do Kremlin, e entrou na estrada. Dez minutos depois saiu para uma estrada lateral que contornava as montanhas. Ali não havia marcas de pneus, e abrandou ainda mais, lamentando o facto de não ter um jipe.

Por fim viu um letreiro que dizia “Escola de Voo de Inverburn”. Virou para uma entrada.

Os portões estavam abertos. Os faróis do carro iluminaram um hangar e uma torre de controlo.

O lugar parecia deserto. Por momentos, Kit teve uma certa esperança de que os outros não aparecessem, e ele pudesse desistir de tudo. A ideia de poder pôr fim àquela tensão era tão tentadora que começou a sentir-se deprimido. “Controla-te”, pensou. “Esta noite vai ser o fim de todos os teus problemas.”

A porta do hangar estava parcialmente aberta. Kit entrou devagar. Lá dentro não havia nenhum avião — o campo só estava em atividade nos meses de Verão — mas viu imediatamente um Bentley Continental claro, que reconheceu como sendo o carro de Nigel Buchanan. Ao lado do carro estava uma picape com a inscrição “Hibernian Telecom”.

Os outros não estavam à vista, mas distinguiu uma luz tênue nas escadas. Pegando no computador, Kit subiu a escada para a torre de controlo.

Nigel estava sentado à secretária, com uma camisola de gola alta cor -de-rosa e um casaco de desporto. Parecia calmo e tinha o telemóvel encostado ao ouvido. Elton estava encostado à parede, com uma gabardina castanha com a gola levantada. Tinha um saco de lona grande aos pés. Daisy estava enterrada numa cadeira, com umas botas pesadas apoiadas no parapeito da janela. Trazia umas luvas de pelica clara, com um incongruente toque feminino.

Nigel estava a falar ao telefone, dizendo com o seu discreto sotaque londrino: — Aqui está a nevar imenso, mas segundo as previsões a tempestade vai poupar -nos...

Sim, vais poder aterrar amanhã de manhã, não há problema nenhum... Estaremos aqui muito antes das dez... Vou estar na torre de controlo. Assim que apareceres, falo logo contigo... Não vai haver problema nenhum desde que tragas o dinheiro, todo, em notas de cinquenta, como combinamos.

Kit sentiu-se excitado ao ouvir falar em dinheiro. Dentro de doze horas e alguns minutos teria trezentas mil libras nas mãos. Era verdade que teria de dar imediatamente a maior parte desse dinheiro a Daisy, mas ainda ficaria com cinquenta mil. Que espaço ocupariam cinquenta mil libras em notas de cinquenta? Não sabia se o dinheiro caberia nos bolsos. Devia ter trazido uma pasta...

— Obrigado — disse Nigel. — Adeus. — Voltou-se. — Boa, Kit. Mesmo à

hora!

— Estavas a falar com quem? — perguntou Kit. — Com o comprador?

— Com o piloto. Vem de helicóptero.

Kit franziu a testa.

— O que dirá o plano de voo dele?

— Vai levantar voo em Aberdeen e aterrar em Londres. Ninguém vai saber que fez uma paragem não prevista na Escola de Voo de Inverburn.

— Ótimo.

— Ainda bem que concordas — disse Nigel com algum sarcasmo.

Kit estava constantemente a interrogá-lo sobre aspectos da sua responsabilidade, com receio que Nigel, apesar de ser muito experiente, não tivesse tantos conhecimentos ou não fosse tão inteligente como ele. Nigel respondia às perguntas dele de uma forma pretensamente divertida, pensando obviamente que Kit, sendo um amador, tinha a obrigação de confiar nele.

— Vamos preparar-nos, está bem? — disse Elton.

Tirou do saco quatro fatos-macacos com a inscrição “Hibernian Telecom” nas costas.

Kit disse a Daisy:

— As luvas não jogam lá muito bem com o fato-macaco.

— É pena — retorquiu Daisy.

Kit olhou fixamente para ela por uns instantes e depois baixou os olhos. Ela não era boa peça, e preferia que não estivesse ali. Não só tinha medo dela como a odiava, e estava decidido a pô-la fora de ação, não só para marcar a sua autoridade como para se vingar do que ela lhe tinha feito naquela manhã. Iam entrar em confronto mais cedo ou mais tarde, e ele temia que isso acontecesse, mas, ao mesmo tempo, desejava que acontecesse.

A seguir, Elton distribuiu cartões de identidade falsos com a indicação “Hibernian Telecom — Equipa de Manutenção”. O cartão de Kit tinha uma fotografia de um homem mais velho, sem qualquer semelhança com ele. O homem da fotografia tinha o cabelo preto a tapar as orelhas, um estilo que Kit não se lembrava de alguma vez ter sido mo da, e ainda um enorme bigode à Zapata e uns óculos.

Elton tornou a meter a mão no saco e deu a Kit uma peruca preta, um bigode preto, uns óculos com uma armação grossa e lentes escuras. Deu-lhe também um espelho e um tubo de cola. Kit colou o bigode ao lábio superior e pôs a cabeleira. O seu cabelo era castanho-claro e curto. Ao olhar para o espelho, ficou satisfeito por ver que o disfarce mudava radicalmente o seu aspecto. Elton tinha feito um bom trabalho.

Kit confiava em Elton. O seu humor era a cobertura de uma eficiência

implacável. Faria o que fosse preciso para levar o trabalho até ao fim, pensou Kit.

Naquela noite, Kit tencionava evitar qualquer dos guardas que tivessem trabalhado no Kremlin quando ele também lá trabalhara. No entanto, se tivesse de falar com algum deles, achava que não iria ser reconhecido. Tinha tirado as jóias com que habitualmente andava e trataria de disfarçar a voz.

Elton também tinha disfarces para Nigel, Daisy e para si próprio. Ninguém os conhecia no Kremlin e, por isso, não havia perigo de serem reconhecidos; no entanto, mais tarde, os guardas descreveriam os assaltantes à Polícia e os disfarces eram uma forma de garantir que essas descrições não tivessem qualquer semelhança com o seu aspecto real.

Kit viu que Nigel também tinha uma cabeleira. O cabelo de Nigel era louro e curto, mas a cabeleira era grisalha e comprida, dando àquele londrino elegante o ar de um velho Beatle. Também arranjara uns óculos com umas armações completamente fora de moda.

Daisy tinha posto uma longa cabeleira loura na sua cabeça rapada. As lentes de contacto coloridas transformaram os seus olhos castanhos em azul-claros. Estava ainda mais detestável do que era habitual. Por vezes, Kit dava consigo a pensar como seria a vida sexual dela. Tinha conhecido um homem que dizia que dormira com ela, mas a única coisa que ele dizia a esse propósito era “Ainda tenho as marcas”. Sob o olhar de Kit, tirou as argolas da sobrancelha, do nariz e do lábio inferior, ficando apenas com um ar menos estranho.

O disfarce de Elton era o mais subtil. Tinha apenas uns dentes postiços que lhe tornavam o maxilar saliente, mas que lhe davam um ar completamente diferente. O rapaz bonito tinha desaparecido, e no seu lugar estava um idiota.

Estavam prontos. Houve um momento de silêncio durante o qual olharam uns para os outros. Depois, Nigel disse:

— Vamos a isto!

Saíram da torre de controlo, descendo as escadas para o hangar. Elton sentou-se ao volante da picape. Daisy sentou-se ao lado dele. Nigel ocupou o terceiro lugar. Não havia mais nenhum lugar à frente. Kit teria de se sentar na parte de trás da picape, no chão, ao pé das ferramentas.

Enquanto estava a olhar para eles, sem saber o que fazer, Daisy chegou-se mais para Elton e, pousando-lhe uma mão no joelho, perguntou: — Gostas de louras?

Elton olhou fixamente para a frente, sem expressão, e disse-lhe apenas: — Sou casado.

Daisy chegou a mão mais para cima, em direção à coxa.

— Aposto que gostas de uma branca, para variar, ou não?

— Sou casado com uma branca — respondeu ele agarrando-lhe no pulso e tirando-lhe a mão de cima da perna.

Kit decidiu que tinha chegado o momento de lhe fazer frente. Com o coração na boca, disse:

— Daisy, vai lá para trás.

— Vai à merda! — respondeu ela.

— Não estou a pedir. Estou a mandar. Vai lá para trás.

— Tenta obrigar-me.

— Está bem.

— Força — incitou ela com um sorriso de desdém. — Estou desejosa.

— A operação está cancelada — disse Kit. Estava a ofegar, cheio de medo, mas manteve um tom de voz calmo. — Desculpa, Nigel. Boa noite a todos. — Afastou-se da picape com as pernas a tremer.

Conseguia ver a parte da frente da picape. Estavam a discutir. Daisy estava a gesticular. Passado um minuto, Nigel saiu da picape e segurou a porta. Daisy continuava a discutir. Depois Nigel deu a volta, abriu a porta de trás e voltou para a frente.

Daisy acabou por sair. Lançou um olhar malévolo a Kit. Nigel disse-lhe qualquer coisa.

Por fim, entrou para a parte de trás e atirou com a porta.

Kit voltou para a picape e sentou-se à frente. Elton começou a andar, saiu da garagem e depois parou. Nigel fechou a porta do hangar e entrou na picape.

— Espero que tenham acertado na previsão do tempo — resmungou Elton. — Maldita neve.

Dirigiram-se para o portão.

O telemóvel de Kit tocou. Abriu a tampa do computador portátil. Na tela apareceu a seguinte mensagem: “Toni chama Kremlin”.

23h30

A mãe de Toni adormeceu no momento em que saíram da estação de serviço. Toni parou o carro, inclinou mais o assento e dobrou o cachecol a fazer de almofada. A mãe estava a dormir como um bebé. Toni achava estranho estar a tratar da mãe como se estivesse a tratar de um bebé. Sentia-se mal.

Porém, não havia nada que pudesse pô-la triste depois da conversa que tinha tido com Stanley. Declarara-lhe os seus sentimentos, no estilo contido que lhe era característico.

Acarinhou a ideia enquanto percorria lentamente quilômetro após quilômetro em direção a Inverburn.

A mãe continuava a dormir profundamente quando chegaram aos arredores da cidade.

Ainda havia gente na rua. O trânsito tinha impedido a neve de se acumular nas ruas, e Tom conseguiu guiar sem nunca sentir que podia perder o controlo do carro. Aproveitou a oportunidade para ligar para o Kremlin a fim de ver se estava tudo bem. Foi Steve Tremlett que atendeu.

— Oxenford Medical.

— Daqui é a Toni. Está tudo bem?

— Olá, Toni. Temos um pequeno problema, mas estamos a resolvê-lo.

Toni sentiu um calafrio.

— O que é que aconteceu?

— Os telefones deixaram de funcionar. Este da recepção é o único que está a funcionar.

— Como é que isso aconteceu?

— Não faço ideia. Talvez tenha sido por causa da neve. Toni abanou a cabeça, incrédula.

— Esse sistema telefônico custou centenas de milhares de libras. Não devia avariar -se por causa do mau tempo. Podemos mandar arranjá-los?

— Podemos. Chamei os tipos da Hibernian Telecom. Devem estar a chegar.

— E os alarmes?

— Não sei se estão a funcionar ou não.

— Bolas. Já ligaste para a Polícia?

— Já. Esteve aqui um carro-patrulha há bocado. Os polícias andaram a dar uma vista de olhos, mas não viram nada de anormal. Entretanto foram-se embora. Foram prender mais uns bêbedos na cidade.

Um homem apareceu a cambalear à frente de Toni, e ela teve de guinar o

volante para se desviar dele.

— Dá para ver — exclamou.

Houve uma pausa.

— Onde estás?

— Em Inverburn.

— Pensava que ias para umas termas ou lá o que era.

— Pois ia, mas tive um problema familiar. Depois telefona-me a dizer a que conclusão chegaram os homens, está bem? Liga-me para o telemóvel.

— Está bem.

Toni desligou.

— Bolas! — disse para si própria. Primeiro a mãe, agora isto.

Foi desbravando caminho pela teia de ruas residenciais que subiam a colina sobranceira ao porto. Quando chegou a sua casa, estacionou, mas não saiu.

Tinha de ir ao Kremlin.

Se estivesse no spa, nem lhe passaria pela cabeça voltar atrás — era demasiado longe.

No entanto estava em Inverburn. Com aquele tempo, a viagem demoraria algum tempo -

talvez uma hora em vez dos habituais dez ou quinze minutos -, mas era perfeitamente possível. O único problema consistia na presença da mãe.

Toni fechou os olhos. Seria mesmo preciso ir lá? Mesmo que Michael Ross tivesse agido em conluio com a organização “Os Animais São Livres”, parecia pouco provável que eles pudessem ter alguma coisa que ver com a avaria dos telefones. Não era fácil sabotá-los.

Por outro lado, ainda no dia anterior garantira que era impossível tirar um coelho do BSN4.

Suspirou. Só havia uma decisão a tomar. Era responsável pela segurança dos laboratórios e, por isso, não podia ficar em casa e ir para a cama enquanto estava a acontecer qualquer coisa de estranho na Oxenford Medical.

A mãe não podia ficar sozinha, e àquela hora da noite Toni não podia pedir a nenhum vizinho que ficasse com ela. Teria de levá-la consigo até ao Kremlin.

Quando meteu a primeira, viu um homem sair de um Jaguar claro estacionado um pouco mais adiante. Pareceu-lhe ver nele qualquer coisa de familiar e, por isso, hesitou em arrancar. O homem ia pelo passeio em direção a ela. Pelo andar dele, pareceu-lhe que estava ligeiramente embriagado, mas sob controlo. Aproximou-se da janela dela, e Toni reconheceu Cari Osborne, o repórter. Tinha um pequeno embrulho na mão.

Toni tornou a pôr o carro em ponto morto e abriu a janela.

— Olá, Cari — disse. — O que estás aqui a fazer?

— Estava à tua espera. Estava quase a desistir.

A mãe acordou e disse:

— Olá. É o teu namorado?

— É o Cari Osborne, e não é meu namorado.

Com a sua habitual falta de tacto, a mãe disse: .

— Se calhar, gostava de ser.

Toni voltou-se para Cari, que ostentava um sorriso rasgado.

— Esta é a minha mãe, Kathleen Gallo.

— É uma honra conhecê-la, Mrs. Gallo.

— Por que é que estavas à minha espera? — perguntou-lhe Tom.

— Trouxe-te um presente — disse Cari e mostrou-lhe o que tinha na mão. Era um cachorrinho. — Feliz Natal. — Pôs-lhe o cachorro no colo.

— Por amor de Deus, Cari, não sejas ridículo! — exclamou ela, ao mesmo tempo que pegava naquele monte peludo e tentava devolver-lho.

Ele afastou-se e, levantando as mãos, disse: — É teu!

Sentiu o pêlo macio e quente do cãozinho nas suas mãos, e havia uma parte de si que queria ficar com ele. Mas sabia que não podia. Saiu do carro.

— Não quero ter um animal em casa — disse com firmeza. — Sou uma mulher solteira, com um emprego exigente e uma mãe idosa, e não posso dar ao cão os cuidados e a atenção de que precisa.

— Vais conseguir. Que nome pensas dar-lhe? Cari é um nome bonito.

Toni olhou para o cachorro. Era um cão pastor que tinha umas oito semanas, com umas manchas cinzentas no pêlo. Conseguia pegar nele só com uma mão. Lambeu-a com a língua áspera e olhou para ela com uma expressão de súplica. Toni teve de se fazer dura.

Dirigiu-se para o carro dele e pôs o cachorro no banco da frente.

— Põe-lhe tu o nome — disse. — Eu já tenho preocupações que cheguem.

— Pensa bem — disse Cari, desapontado. — Vou ficar com ele esta noite e amanhã ligo-te.

Toni voltou para o seu carro.

— Por favor, não me telefones.

Meteu a primeira.

— Tens um coração de pedra — lastimou-se Cari, enquanto ela se afastava.

Por qualquer razão, aquelas palavras impressionaram-na. “Não tenho um coração de pedra”, pensou. Inesperadamente, os seus olhos encheram-se de lágrimas. “Tive de aguentar a morte do Michael Ross, uma matilha de jornalistas fanáticos, Kit Oxenford chamou-me cabra, a minha irmã tramou-me, cancelei umas férias que estava ansiosa de ter. Sou responsável por mim, pela mãe e pelo Kremlin e, por isso, não posso ter ainda um cachorro, e pronto.”

Depois lembrou-se de Stanley e percebeu que a opinião de Cari Osborne lhe era completamente indiferente.

Esfregou os olhos com as costas da mão e tentou ver por entre o turbilhão dos flocos de neve. Saiu da sua rua de casas vitorianas, dirigindo-se para a rua principal pela qual se saía da cidade.

— O Cari parece simpático — comentou a mãe.

— Mas, por acaso, não é nada simpático, mãe. É fútil e desonesto.

— Ninguém é perfeito. Não deve haver muitos homens à escolha para uma mulher da tua idade.

— Não há quase nenhum.

— Não queres acabar sozinha, pois não?

Toni sorriu para si própria.

— Acho que isso não vai acontecer.

O trânsito começou a diminuir de intensidade à medida que se ia afastando do centro da cidade, e a neve ia ganhando espessura sobre a estrada. Enquanto contornava cuidadosamente uma série de rotundas, reparou num carro que parecia segui-la de perto.

Espreitou pelo espelho retrovisor e identificou o Jaguar de Cari Osborne.

Parou, e ele parou também.

Toni saiu do carro e aproximou-se da janela dele.

— O que é agora?

— Sou jornalista, Toni. É véspera de Natal, é quase meia-noite, estás com a tua mãe mas, mesmo assim, vais a guiar, aparentemente em direção ao Kremlin. Tem de haver aí uma história.

— Merda! — exclamou Toni.

DIA DE NATAL

Meia-noite

O Kremlin parecia uma casa de conto de fadas, com a neve a cair intensamente sobre o telhado e as torres inundadas de luz. Quando a picape com a indicação “Hibernian Telecom” se aproximou do portão principal, Kit teve, por momentos, a fantasia de que era o Cavaleiro Negro que ia tomar de assalto o local.

Sentiu-se aliviado quando lá chegou. O temporal estava a transformar-se numa violenta tempestade de neve, ao contrário das previsões, e a viagem do campo de aviação até ali tinha demorado mais do que esperava. O atraso tinha-o deixado assustado. Cada minuto que passava aumentava as probabilidades de ocorrerem pequenos obstáculos que ameaçassem o seu plano complexo.

A chamada de Toni Gallo deixara-o preocupado. Tinha-a passado para Steve Tremlett, receando que, se a tivesse posto a ouvir uma mensagem gravada, ela se tivesse dirigido para o Kremlin para ver o que estava a acontecer. Mas, depois de ouvir a conversa, concluiu que era provável que ela acabasse mesmo por lá ir. Era um grande azar ela encontrar-se em Inverburn em vez de estar num spa a oitenta quilômetros dali.

A primeira das duas barreiras ergueu-se, e Elton avançou a picape até junto da guarita.

Havia lá dois guardas, como Kit já esperava. Elton abriu a janela. Um dos guardas apareceu à porta e disse:

— Folgamos em ver-vos, rapazes.

Kit não conhecia o homem mas, recordando a conversa com Hamish, concluiu que devia ser Willie Crawford. Olhando para trás dele, viu o próprio Hamish.

— Foram simpáticos em terem vindo mesmo no Natal — observou Willie.

— É o nosso trabalho — disse Elton.

— São três?

— Mais a louraça que vem lá atrás.

Ouviu-se alguém resmungando: — Cala a boca, merda.

Kit reprimiu um gemido. Como era possível brigarem num momento crucial como aquele?

— Parem com isso, os dois — murmurou Nigel.

Willie parecia não ter ouvido a troca de imprecações.

— Preciso da identificação de cada um — disse.

Apresentaram todos os cartões falsos. Elton tinha-os feito a partir da

recordação que Kit tinha dos cartões da Hibernian Telecom. O sistema telefônico quase nunca se avariava e, por isso, Kit achou que era pouco provável que algum guarda se lembrasse de como eram os cartões verdadeiros. Mas, ao ver o guarda a inspecionar os cartões como se fossem notas duvidosas de cinquenta libras, Kit susteve a respiração. Willie anotou o nome que figurava em cada cartão. Depois devolveu-lhos sem qualquer comentário. Kit voltou a cara de lado e respirou fundo.

— Vão até à entrada principal — disse Willie. — Sigam sempre o caminho entre os candeeiros. — O caminho estava coberto de neve, não deixando ver nada. — Na recepção está Mr. Tremlett que vos indicará para onde devem ir.

A segunda barreira levantou-se, e Elton avançou.

Já estavam lá dentro.

Kit sentia-se quase doente, tanto era o medo. Já violara as normas uma vez, com o esquema que o levara a ser despedido, mas nessa altura não sentira que estava a cometer um crime; era mais uma vigarice como as muitas que tinha feito desde os onze anos. Agora, porém, tratava-se de um roubo na verdadeira acepção da palavra, um roubo que podia levá-lo à cadeia. Engoliu a custo e tentou concentrar-se. Pensou na soma exorbitante que estava a dever a Harry Mac. Lembrou-se do terror que sentira nessa manhã, quando Daisy lhe prendera a cabeça debaixo de água e pensara que estava a morrer. Tinha de levar aquilo até ao fim.

— Vê se não chateias a Daisy — disse Nigel a Elton em voz baixa.

— Estava só a brincar — defendeu-se Elton.

— Ela não tem sentido de humor.

Mesmo que tivesse ouvido, Daisy não respondeu.

Elton estacionou junto da entrada principal, e saíram. Kit pegou no computador portátil.

Nigel e Daisy tiraram as caixas de ferramentas que estavam na parte de trás da picape.

Elton tinha uma pasta de cabedal cor de vinho com um ar caro, muito fininha e com uma pega de latão — típica do gosto dele mas, na opinião de Kit, pouco apropriada a um técnico de uma empresa de telefones.

Passaram entre os leões de pedra do pórtico e entraram no átrio. A fraca intensidade das luzes de segurança reforçava o aspecto de igreja que a arquitetura vitoriana dava ao local: os pinázios das janelas, os arcos em ogiva, as traves de madeira do telhado. A falta de luz não impedia que as câmaras de vigilância continuassem a gravar — Kit sabia que atuavam através de infravermelhos.

No moderno balcão da recepção a meio do átrio estavam dois guardas. Um

era uma jovem atraente, que Kit não reconheceu, e o outro era Steve Tremlett. Kit deixou-se ficar para trás, pois não queria Steve perto de mais.

— Vão querer ir à sala do computador central, não é? — perguntou Steve.

— Sim, para começar — respondeu Nigel.

Steve ergueu as sobrancelhas ao ouvir aquele sotaque londrino, mas não fez comentários.

— A Susan vai mostrar-vos o caminho. Eu tenho de ficar ao pé do telefone.

Susan usava o cabelo curto e um piercing na sobrancelha. Tinha uma camisa com dragonas, uma gravata, umas calças de sarja escura da farda e uns sapatos pretos de atacadores. Dirigiu-lhes um sorriso simpático e conduziu-os por um corredor com painéis de madeira escura.

Kit sentiu-se invadir por uma estranha calma. Estava dentro do Kremlin, acompanhado por um segurança e prestes a cometer um roubo. Tinha uma sensação de fatalismo. Os dados estavam lançados, arriscara uma aposta e agora não havia mais nada a fazer a não ser ganhar ou perder.

Entraram na sala de controlo.

Estava mais limpa e arrumada do que Kit se lembrava, com os fios escondidos por calhas e livros de registo numa prateleira. Devia ser um dos resultados da influência de Toni.

Também ali havia dois guardas e não apenas um, como era habitual. Estavam sentados junto a uma mesa comprida, a olhar para os monitores. Susan apresentou-os: Don e Stu.

Don era um índio de pele escura e com um vincado sotaque de Glasgow, e Stu era ruivo e sardento. Kit não reconheceu nenhum deles. Um guarda a mais não fazia diferença, disse Kit para si próprio: eram só mais dois olhos dos quais era preciso esconder as coisas, mais um cérebro a distrair, mais uma pessoa a manter na apatia.

Susan abriu a porta para a sala dos equipamentos.

— O CPU está aqui.

No instante seguinte, já Kit estava dentro do “santuário”. “Tão fácil como isto!”, pensou, apesar das semanas de preparativos. Era ali que estavam os computadores e outros instrumentos que comandavam não só o sistema telefônico, mas também a iluminação, as câmaras de segurança e os alarmes. Só chegar ali era um triunfo.

— Obrigado — disse a Susan. — A partir daqui já nos orientamos.

— Se precisarem de alguma coisa, estaremos na recepção — disse Susan e saiu.

Kit pousou o seu computador portátil numa prateleira e ligou-o ao computador da segurança. Puxou uma cadeira e voltou o monitor de forma a que

não fosse visto por alguém que se aproximasse da porta. Sentiu o olhar de Daisy em cima dele, desconfiado e malévolo.

— Vai para a sala ao lado — disse-lhe. — Fica de olho nos guardas.

Ela lançou-lhe um olhar rancoroso, mas depois anuiu.

Kit respirou fundo. Sabia exatamente o que fazer. Tinha de ser rápido mas cuidadoso.

Primeiro, acedeu ao programa que controlava as imagens de vídeo das trinta e sete câmaras de televisão em circuito fechado. Olhou para a entrada do BSN4 e pareceu-lhe tudo normal. Olhou para a recepção e viu Steve, mas Susan não estava lá. Observando as outras câmaras, conseguiu localizar Susan, que estava a vigiar um outro local do edifício. Registou as horas.

A gigantesca memória do computador armazenava as imagens das câmaras durante quatro semanas. Só depois disso eram apagadas. Kit sabia como alterar o programa, pois fora ele que o instalara. Localizou as imagens do BSN4 na noite anterior àquela hora. Viu-as para ter a certeza de que nenhum cientista louco tinha estado a trabalhar no laboratório a meio da noite: todas as imagens mostravam salas vazias. Ótimo.

Nigel e Elton estavam a observá-lo, em silêncio e tensos.

Pôs então essas imagens nos monitores para onde os guardas estavam a olhar.

A partir daquele momento, qualquer pessoa poderia entrar no BSN4 e fazer o que quisesse sem que eles soubessem.

Os monitores estavam equipados com detectores sensíveis à substituição de equipamentos, como por exemplo se a imagem viesse de um outro gravador de vídeo. No entanto, aquelas imagens não estavam a chegar de uma fonte exterior mas diretamente da memória do computador e, por isso, o alarme não seria accionado.

Kit entrou na sala de controlo. Daisy estava enterrada numa cadeira, com o seu blusão de cabedal por cima do fato-macaco da Hibernian Telecom. Kit observou os monitores.

Parecia tudo normal. Don, o guarda de cor, olhou para ele com uma expressão de interrogação. Para disfarçar, Kit perguntou-lhe: — Há algum telefone a funcionar aqui?

— Não — informou Don.

Na parte de baixo de cada ecrã havia uma faixa de texto com a indicação da hora e do dia. A hora era a mesma nos monitores que estavam a passar as imagens do dia anterior — Kit tinha garantido isso. Mas essas imagens mostravam a data do dia anterior.

Kit tinha a certeza de que nunca ninguém olhava para a data. O que

interessava aos guardas nos monitores era a atividade; não liam um texto que lhes dizia aquilo que já sabiam.

Esperava ter razão.

Don mostrou-se intrigado pela atenção que o empregado dos telefones estava a dar aos monitores.

— Posso ajudá-lo nalguma coisa? — perguntou em tom de desafio.

Daisy resmungou qualquer coisa e mexeu-se na cadeira, como um cão que tivesse detectado tensão entre seres humanos.

O telemóvel de Kit tocou.

Voltou para a sala dos equipamentos. A mensagem na tela do computador indicava: "Kremlin chama Toni". Devia ser Steve a avisar Toni de que a equipa de técnicos dos telefones tinha chegado. Decidiu passar a chamada: talvez tranquilizasse Tom e a fizesse desistir de ir ao Kremlin. Carregou numa tecla e ficou a ouvir a conversa no telemóvel.

— Toni Gallo — disse ela.

Ia no carro; Kit estava a ouvir o motor.

— Daqui fala o Steve, do Kremlin. A equipa de manutenção da Hibernian Telecom já chegou.

— Já resolveram o problema?

— Começaram agora a trabalhar. Espero não te ter acordado.

— Não, não estou na cama. Estou a ir para aí.

Kit soltou uma imprecação. Era o que ele temia.

— Não vale a pena — disse Steve a Toni.

"Boa!", pensou Kit.

— Talvez não — respondeu Toni. — Mas fico mais descansada. "A que horas chegas?", pensou Kit.

Steve teve a mesma ideia.

— Onde é que estás agora?

— Estou a poucos quilômetros, mas as estradas estão terríveis. Não consigo andar a mais de trinta ou quarenta quilômetros por hora.

— Vens no Porsche?

— Vou.

— Estamos na Escócia. Devias ter comprado um Land Rover.

— Devia era ter comprado um tanque!

"Vá lá", pensou Kit, "quanto tempo?"

Toni respondeu à pergunta.

— Ainda demoro pelo menos meia hora, talvez uma hora.

Desligaram, e Kit praguejou entre dentes.

Disse para si próprio que a visita de Toni não seria uma fatalidade. Não

haveria nada que lhe desse a entender que estava a haver um assalto. Durante vários dias ninguém daria pela falta de nada. Pareceria apenas que tinha havido um problema com os telefones, problema esse que tinha sido resolvido por uma equipa de assistência. Só quando os cientistas voltassem ao trabalho é que alguém iria descobrir que tinha havido um assalto no BSN4.

O grande perigo seria se Toni percebesse que era Kit que estava sob aquele disfarce.

Estava completamente diferente, tinha tirado o anel e o relógio e conseguiria facilmente disfarçar a voz, dando-lhe um sotaque mais escocês; mas aquela cabra tinha um faro aguçado, e Kit não podia arriscar. Se Toni conseguisse lá chegar, teria de se manter o mais possível longe dela e deixar que fosse Nigel a falar com ela. Mesmo assim, o risco de que alguma coisa corresse mal aumentaria dez vezes.

Naquele momento, porém, não havia nada a fazer, a não ser agir depressa.

A sua próxima tarefa era meter Nigel no laboratório sem nenhum dos guardas ver. O

grande problema eram as rondas. De hora a hora um dos guardas da recepção fazia a ronda por todo o edifício. O percurso era sempre igual e demorava vinte minutos. Depois de ter passado pela entrada do BSN4, o guarda só voltaria daí a uma hora.

Kit tinha visto Susan a fazer a ronda há alguns minutos, quando ligara o seu computador ao programa de vigilância. Viu as imagens provenientes da recepção e reparou que ela estava sentada ao lado de Steve. Já tinha terminado a ronda. Viu as horas. Tinha trinta minutos até ela fazer nova ronda.

Kit tinha alterado as imagens das câmaras do laboratório de alta segurança, mas havia ainda uma câmara do lado de fora da porta, apontada para a entrada do BSN4. Reviu as imagens da noite anterior. Precisava de meia hora sem ninguém a passar à frente da câmara. Parou no momento em que apareceu na imagem o guarda a fazer a ronda.

Começando a partir daí, transferiu essas imagens para o monitor da sala ao lado. Don e Stu veriam apenas um corredor vazio durante uma hora ou até ao momento em que Kit repusesse o sistema. O monitor mostraria a data e a hora erradas, mas uma vez mais Kit apostava que os guardas não iriam dar por nada.

Olhou para Nigel e disse:

— Vamos.

Elton ficou na sala dos equipamentos para garantir que ninguém mexia no computador portátil.

Quando passou pela sala de controlo, Kit disse a Daisy: — Nós vamos buscar o nanômetro à picape. Fica aqui.

Não tinham nanômetro nenhum, mas Don e Stu não sabiam isso. Daisy resmungou qualquer coisa e voltou a cara de lado. Não estava a desempenhar muito bem o seu papel. Kit esperava que os guardas achassem que ela tinha apenas mau feitio.

Kit e Nigel dirigiram-se rapidamente até ao BSN4. Kit acenou o smart cará do pai à frente do scanner e depois encostou o indicador esquerdo ao painel. Esperou até o computador central comparar a informação do painel com a do cartão. Reparou que Nigel trazia a elegante pasta de Elton.

A luz por cima da porta teimava em continuar vermelha. Nigel olhou para Kit com uma expressão ansiosa. Kit disse para si próprio que tinha de funcionar. O chip continha os dados das suas impressões digitais — tinha verificado. Não podia haver nada de errado.

Ouviu então uma voz de mulher dizer atrás de si: — Lamento, mas não podem entrar aí.

Kit e Nigel voltaram-se. Susan estava atrás deles, com uma expressão simpática, mas ansiosa. Kit pensou, em pânico, que ela devia estar na recepção. Só deveria fazer outra ronda daí a trinta minutos...

A menos que Toni Gallo tivesse redobrado as rondas, para além do número de guardas.

Ouviu-se um sinal sonoro parecido com uma campainha. Olharam os três para a luz por cima da porta. Passou a verde, e a pesada porta abriu-se lentamente através de um sistema motorizado.

— Como é que abriram a porta: — perguntou Susan, agora já com o medo espelhado na voz.

Kit olhou involuntariamente para o cartão roubado que tinha na mão.

Susan seguiu o olhar dele.

— Não deviam ter um cartão de acesso! — exclamou, incrédula.

Nigel avançou para ela, e Susan girou sobre os calcanhares e desatou a correr.

Nigel correu atrás dela, mas tinha o dobro da sua idade. “Nunca conseguirá apanhá-la”, pensou Kit. Soltou um grito de raiva: como era possível que tudo começasse tão cedo a correr tão mal?

Nesse momento, surgiu Daisy, vinda de um corredor que ia dar à sala de controlo.

Kit nunca pensou ficar satisfeito por ver aquela cara tão feia. Não pareceu surpreendida pela cena com que deparou: a guarda a correr em direção a ela, Nigel a correr atrás dela, e Kit petrificado. Kit percebeu que ela devia ter estado a ver os monitores na sala de controlo. Devia ter visto Susan a sair da recepção e a dirigir-se para o BSN4. Tinha-se apercebido do perigo e resolvera atuar.

Ao ver Daisy, Susan hesitou, mas depois continuou a correr, aparentemente decidida a afastá-la do seu caminho.

Os lábios de Daisy quase esboçaram um sorriso. Puxou o braço para trás e desferiu um soco com a mão enluvada na cara de Susan, produzindo um som assustador, como um melão a cair num chão de mosaico. Susan caiu como se tivesse chocado com uma parede. Daisy esfregou os nós dos dedos, com um ar satisfeito.

Depois Susan pôs-se de joelhos. Os soluços faziam borbulhar o sangue que lhe cobria o nariz e a boca. Daisy tirou do bolso do blusão um bastão flexível com uns vinte centímetros de comprimento. Devia ser de aço e revestido a couro, pensou Kit. Ao vê-la levantar o braço, Kit gritou:

— Não!

Mas Daisy deu com o bastão na cabeça de Susan, que caiu sem um ai.

— Pára com isso! — gritou Kit.

Daisy levantou o braço para tornar a bater a Susan, mas Nigel avançou e agarrou-lhe o pulso.

— Não é preciso matá-la — disse.

Daisy recuou com relutância.

— Vaca tresloucada! — gritou Kit. — Vamos ser todos acusados de homicídio!

Daisy olhou para a luva castanha que lhe cobria a mão direita. Tinha sangue nos nós dos dedos. Lambeu-o com um ar pensativo.

Kit olhou para a mulher que jazia no chão, inconsciente. A visão daquele corpo dobrado e imóvel era chocante.

— Isto não devia ter acontecido! — exclamou, alarmado. — E agora o que é que vamos fazer com ela?

Daisy endireitou a cabeleira loura.

— Amarra-a e esconde-a em qualquer lado.

O cérebro de Kit voltou a funcionar depois do choque causado por aquela repentina cena de violência.

— Isso. Vamos pô-la no BSN4. Os guardas não podem lá entrar.

— Arrasta-a lá para dentro — ordenou Nigel a Daisy. — Vou procurar qualquer coisa para a amarrar. — E dito isto entrou num gabinete ali ao lado.

O telemóvel de Kit tocou, mas ele ignorou-o.

Utilizou o cartão para abrir outra vez a porta, que se tinha fechado automaticamente.

Daisy pegou num extintor vermelho e utilizou-o para prender a porta, mas Kit disse-lhe: — Não podes fazer isso. Acciona o alarme — e tirou o extintor.

Daisy parecia céptica.

— O alarme dispara se mantivermos uma porta aberta?

— Dispara! — confirmou Kit com impaciência. — Isto aqui tem sistemas de gestão do ar. Eu sei. Fui eu que montei os alarmes. Agora cala-te e faz o que te mandam!

Daisy pôs os braços à volta do tronco de Susan e puxou-a sobre a alcatifa. Nigel saiu do gabinete com um longo fio de eletricidade. Entraram todos no BSN4. A porta fechou-se atrás deles.

Estavam num pequeno átrio que dava para os vestiários. Daisy deixou Susan ao pé da parede que ficava por baixo da autoclave, através da qual os artigos esterilizados eram retirados do laboratório. Nigel amarrou-lhe as mãos e os pés com o fio de eletricidade.

O telefone de Kit parou de tocar.

Saíram os três do laboratório. Para sair não era preciso um cartão autorizado: para a porta se abrir bastava carregar num botão verde na parede.

Kit estava a tentar desesperadamente pensar sobre o que fazer a seguir. Todo o seu plano estava comprometido. Agora era completamente impossível o roubo não ser descoberto.

— Daqui a nada dão pela falta da Susan — disse, num tom pretensamente calmo. — O Don e o Stuart vão verificar que ela desapareceu dos monitores. E, mesmo que não dêem por isso, o Steve vai achar estranho ela não voltar da ronda. Seja como for, não temos tempo para entrar e sair do laboratório antes de eles accionarem o alarme. Merda, está tudo a correr mal!

— Tem calma — disse Nigel. — Ainda podemos resolver isto, desde que não entres em pânico. Basta arrumarmos os outros guardas, como a arrumamos a ela.

O telefone de Kit tornou a tocar. Sem o computador, não sabia quem estava a ligar.

— Deve ser a Toni Gallo. O que é que nós fazemos, se ela aparecer? Não podemos fingir que não está a acontecer nada, se os guardas estiverem todos amarrados!

— Resolvemos esse problema quando ela chegar.

O telefone de Kit continuou a tocar.

0h30

Toni não ia a mais de quinze quilômetros por hora, debruçada sobre o volante para conseguir ver a estrada por entre a neve que quase a cegava. Os faróis iluminavam apenas uma enorme nuvem de flocos de neve, que pareciam encher todo o universo.

Estava há tanto tempo a fixar a vista, que lhe doíam as pálpebras, como se tivesse posto sabonete nos olhos.

O seu telemóvel passava a funcionar em mãos-livres quando o punha numa base no tablier do Porsche. Tinha ligado para o Kremlin e estava a ouvir o telefone a tocar, sem ninguém o atender.

— Acho que não está lá ninguém — disse a mãe.

Os técnicos devem ter desligado todo o sistema, pensou Toni. Os alarmes estariam a funcionar? E se acontecesse alguma coisa de grave enquanto as linhas estavam sem funcionar? Sentindo-se perturbada e frustrada, carregou numa tecla para desligar a chamada.

— Onde é que estamos? — perguntou a mãe.

— Boa pergunta. — Toni conhecia bem aquela estrada, mas não conseguia ver nada. Tinha a sensação de estar a guiar há uma eternidade. De vez em quando, olhava para o lado à procura de marcos. Pareceu-lhe reconhecer uma casa de pedra com um portão de ferro forjado diferente do que era habitual. Lembrou-se de que ficava apenas a alguns quilômetros do Kremlin, e isso animou-a um pouco. — Daqui a um quarto de hora estamos lá, mãe — disse.

Olhou pelo espelho retrovisor e viu os faróis que vinham atrás dela desde Inverburn: a praga do Cari Osborne no Jaguar, a segui-la pacientemente àquele ritmo lento. Num outro dia teria tido todo o prazer em trocar-lhe as voltas.

Estaria a perder o seu tempo? Nada lhe daria mais satisfação do que chegar ao Kremlin e ver tudo calmo: os telefones arranjados, os alarmes a funcionarem, os guardas entediados e ensonados. Assim, poderia ir para casa, para a cama e pensar no seu encontro com Stanley no dia seguinte.

Pelo menos, iria gostar de ver a expressão de Cari Osborne quando percebesse que tinha andado horas debaixo de uma tempestade de neve, a meio de noite, no dia de Natal, para fazer a cobertura da história de uma avaria nos telefones.

Parecia estar numa recta e arriscou-se a acelerar um pouco. Mas, afinal, a recta era pequena e pouco depois chegou a uma curva para a direita. Não podia travar, com medo de derrapar, e por isso meteu outra mudança para fazer o carro

abrandar e depois manteve o pé no acelerador enquanto descrevia a curva. Sentiu a traseira do carro a derrapar um pouco, mas os largos pneus traseiros prenderam o carro à estrada.

Viu uns faróis em direção a si e conseguiu perceber que havia um espaço de uns cem metros entre os dois carros. Contudo, nesse espaço, não havia muito a ver: apenas neve com uns vinte a vinte e cinco centímetros de altura, um muro de pedra do lado esquerdo e uma elevação branca à direita.

Reparou, com algum nervosismo, que o carro em sentido contrário vinha bastante depressa.

Lembrava-se daquela parte da estrada. Era uma longa curva de noventa graus que rodeava o sopé da colina. Manteve-se na sua mão.

Porém, o mesmo não aconteceu com o outro carro.

Viu-o deslizar para o meio da estrada e pensou: “Idiota, travaste na curva e a traseira derrapou.”

No instante seguinte, percebeu, horrorizada, que o carro vinha em direção a si.

Passou do meio da estrada para a faixa onde ela seguia. Era uma viatura ligeira com quatro homens lá dentro. Estavam a rir-se e, na fração de segundo em que conseguiu vê-los, percebeu que eram jovens demasiado embriagados para perceberem o perigo que estavam a correr.

— Cuidado! — exclamou em vão.

A parte da frente do Porsche estava prestes a embater na parte lateral do carro que vinha a derrapar. Sem pensar, guinou o volante para a esquerda. A frente do carro obedeceu.

Quase simultaneamente, carregou a fundo no acelerador. O carro deu um salto e derrapou. Por segundos, o outro carro ficou ao lado do seu, apenas a alguns centímetros de distância.

O Porsche estava a avançar para a esquerda. Toni rodou o volante para corrigir o movimento do carro e deu um toque no acelerador. O carro endireitou-se, e os pneus agarraram-se à estrada.

Pensou que o outro carro acabaria por embater na traseira do Porsche, mas logo a seguir pensou que afinal não iria bater por uma unha negra. Depois ouviu um estrondo, forte mas com um som superficial, e percebeu que o outro carro tinha batido no para-choques.

Não tinha sido um grande embate, mas desestabilizou o Porsche, que derrapou para a esquerda, outra vez fora de controlo. Toni rodou desesperadamente o volante para a esquerda, no sentido em que o carro estava a derrapar; no entanto, antes que a sua ação surtisse efeito, o carro embateu no muro de pedra à beira da estrada, produzindo um estrondo terrível, acompanhado

do barulho de vidros partidos. Logo a seguir, o carro parou.

Toni olhou para a mãe, muito preocupada. Estava a olhar para a frente, de boca aberta, incrédula — mas ilesa. Toni sentiu um momento de alívio — e depois pensou em Osborne.

Olhou receosamente pelo espelho retrovisor, convencida de que o outro carro iria chocar com o Jaguar de Osborne. Viu as luzes vermelhas do carro e as luzes brancas do Jaguar.

O carro dançou na estrada, e o Jaguar desviou-se para a berma; depois o condutor conseguiu controlar o carro, e eles seguiram viagem.

O Jaguar parou, e o carro com os jovens embriagados desapareceu na noite.

Provavelmente continuavam a rir-se.

— Ouvi um estrondo. Aquele carro bateu-nos? — perguntou a mãe, com a voz a tremer.

— Bateu — disse Toni. — Felizmente escapamos.

— Acho que devias guiar com mais cuidado — aconselhou a mãe.

0h35

Kit estava a tentar dominar o pânico. O seu plano brilhante tinha-se desmoronado. Agora era impossível o roubo só ser descoberto quando o pessoal voltasse ao trabalho, depois dos feriados. Na melhor das hipóteses, seria ocultado até às seis da manhã, quando o turno de guardas mudasse. Mas, caso Toni Gallo ainda viesse a caminho, o tempo que lhe restava era ainda mais diminuto.

Se o seu plano tivesse resultado, não teria havido violência. Mesmo naquelas circunstâncias não teria sido estritamente necessária, pensou com um misto de frustração e impotência. Susan podia ter sido capturada e amarrada sem ser preciso atingi -la daquela forma. Infelizmente, Daisy não conseguia resistir a uma oportunidade de fazer uso da sua brutalidade. Kit esperava sinceramente que os outros guardas pudessem ser controlados sem mais cenas repugnantes de derramamento de sangue.

Nigel e Daisy começaram a correr para a sala de controlo, de arma em riste.

Kit ficou horrorizado.

— Tínhamos concordado que não haveria armas! — protestou.

— Ainda bem que te ignoramos — respondeu Nigel.

Ao chegarem à porta, Kit olhou para as armas, aterrorizado. Eram pistolas semiautomáticas.

— Não percebem que assim é roubo à mão armada?

— Só se formos apanhados — contrapôs Nigel rodando o puxador e abrindo a porta com um pontapé.

Daisy irrompeu pela sala adentro a gritar histericamente: — Já para o chão! Os dois!

Houve apenas um momento de hesitação, até o choque e estupefação dos guardas se transformar em terror; nessa altura deitaram-se imediatamente no chão.

Kit sentia-se impotente. Sentia-se tentado a entrar na sala e dizer: Mantenham a calma e façam o que nós dissermos e, assim, não vos acontece nada. Mas tinha perdido o controlo da situação. Não podia fazer nada a não ser seguir em frente e tentar que não houvesse mais nenhum azar.

Elton apareceu à porta da sala de equipamentos. Percebeu imediatamente o que estava a acontecer. Daisy gritou para os guardas: — Cara no chão, olhos fechados e mãos atrás das costas! Rápido, rápido, se não querem levar um tiro nos tomates!

Obedeceram-lhe, o que, mesmo assim, não a impediu de dar um pontapé com a sua pesada bota na cara de Don, que estremeceu e soltou um grito, mas continuou deitado.

Kit pôs-se à frente de Daisy e gritou: — Chega!

Elton abanou a cabeça, espantado.

— É completamente doida!

Se bem que aterrorizado com o ar malévolo e satisfeito de Daisy, Kit continuou a olhar fixamente para ela. Tinha demasiadas coisas em jogo para deixar que ela deitasse tudo a perder.

— Ouve bem o que eu te digo! — gritou. — Ainda não estás no laboratório e, por este andar, não vais lá chegar. Se queres aparecer de mãos a abanar ao pé do cliente às dez horas, continua assim.

Daisy desviou-se do dedo que ele estava a apontar-lhe, mas Kit foi atrás dela.

— Acabou-se a brutalidade!

Nigel apoiou-o.

— Tem calma, Daisy. Faz o que ele diz. Vê se consegues amarrar estes dois sem lhes dares mais pontapés.

— Vamos pô-los no mesmo sítio onde está a rapariga — disse Kit.

Daisy prendeu-lhes as mãos com fio eléctrico. Depois ela e Nigel obrigaram-nos a andar sob a ameaça das armas. Elton ficou para trás, atento aos monitores a fim de vigiar Steve, que continuava na recepção. Kit seguiu os prisioneiros até ao BSN4 e abriu a porta. Puseram Don e Stu no chão ao pé de Susan e amarraram-lhes os pés. Don tinha um golpe enorme na testa, que sangrava abundantemente. Susan parecia consciente, mas aturdida.

— Falta um — disse Kit, quando saíram. — É o Steve, que está no átrio. Mas não quero cenas desnecessárias de violência!

Daisy resmungou qualquer coisa, mostrando o seu descontentamento.

— Vê se não dizes mais nada à frente dos guardas sobre o cliente e o encontro às dez horas — aconselhou Nigel, dirigindo-se a Kit. — Se falares de mais, podemos ser obrigados a matá-los.

Kit apercebeu-se do que tinha feito e ficou horrorizado. Sentiu-se um idiota.

O seu telefone tocou.

— Deve ser a Toni—disse. —Vou ver. — Correu para a sala de equipamentos.

A mensagem na tela do computador dizia: “Toni chama Kremlin”. Transferiu a chamada para o telefone da recepção e ficou a ouvir.

— Olá, Steve. É a Toni. Alguma novidade?

— A equipa de assistência ainda cá está.

— Mas de resto está tudo bem?

Com o telefone encostado ao ouvido, Kit entrou na sala de controlo e pôs-se atrás de Elton para ver Steve pelo monitor.

— Acho que sim. A Susan Mackintosh já devia ter voltado da ronda, mas deve ter ido à casa de banho.

Kit praguejou.

— Está a demorar muito? — perguntou Toni, num tom ansioso.

No monitor a preto e branco, Kit viu Steve olhar para o relógio.

— Cinco minutos.

— Dá-lhe mais cinco minutos e depois vai à procura dela.

— Está bem. Onde é que estás?

— Não estou longe, mas tive um acidente. Um carro cheio de bêbedos bateu na traseira do Porsche.

Quem me dera que te tivessem "matado", pensou Kit.

— Estás bem? — perguntou Kit.

— Estou, mas o carro ficou bastante danificado. Felizmente, vinha um outro carro atrás de mim e vai dar-me boleia.

Quem seria?

— Merda! — exclamou Kit. — Ainda por cima vem ela e outro tipo qualquer.

— Quanto tempo demoras?

— Vinte minutos, talvez meia hora.

Kit sentiu os joelhos fraquejarem. Cambaleou e sentou-se na cadeira de um dos guardas.

Vinte minutos — trinta no máximo! Eram precisos quase vinte minutos só para vestir o fato para entrar no BSN4! Toni despediu-se e desligou. Kit correu para o corredor.

— Ela chega daqui a vinte ou trinta minutos — gritou. — E, ainda por cima, vem alguém com ela, não sei quem. Temos de ser rápidos.

Correram pelo corredor. Daisy, à frente, entrou de rompante no átrio e gritou: — Para o chão — já!

Kit e Nigel entraram a seguir a ela e pararam abruptamente. O átrio estava vazio.

— Merda! — disse Kit.

Há vinte segundos, Steve estava ali mesmo, à secretária. Não podia estar longe. Kit olhou em redor da sala pouco iluminada, viu as cadeiras para os visitantes, a mesinha com revistas científicas, o expositor com folhetos sobre o trabalho da Oxenford Medical, as vitrinas com modelos de moléculas complexas. Olhou também para o esqueleto das traves do telhado na penumbra, como se Steve pudesse ter-se escondido ali.

Nigel e Daisy correram pelos corredores circundantes, abrindo as portas.

Kit viu dois autocolantes numa porta, um com a figura de um homem e outro com a de uma mulher: a casa de banho. Atravessou o átrio a correr. Havia um pequeno corredor que dava acesso a duas casas de banho, uma para os homens, outra para as senhoras.

Kit entrou na dos homens. Parecia estar vazia.

— Mr. Tremiett?

Abriu as portas de todos os cubículos. Não estava lá ninguém.

Quando saiu, viu Steve a voltar para o balcão da recepção. Devia ter estado na casa de banho das senhoras à procura de Susan, pensou Kit.

Steve voltou-se, ao ouvir Kit, e perguntou-lhe: — Estava à minha procura?

— Estava.

Kit percebeu que não conseguiria dominar Steve sem ajuda. Era mais novo e mais atlético, mas Steve, um homem de trinta e tal anos em boa condição física, não deveria ceder sem dar luta.

— Preciso de lhe perguntar uma coisa — disse Kit, tentando ganhar tempo. Acentuou o seu sotaque escocês mais do que seria natural para garantir que Steve não reconheceria a sua voz.

Steve levantou o alçapão e entrou no balcão oval.

— O que é? — perguntou.

— Só um minuto. — Kit voltou-se e gritou para Nigel e Daisy: — Ei! Vocês os dois!

Steve parecia preocupado.

— O que é que está a acontecer? Não podem andar aí a cirandar pelo prédio.

— Eu já lhe explico.

Steve olhou fixamente para ele e franziu a testa.

— Já cá tinha vindo alguma vez?

Kit engoliu em seco.

— Não, nunca.

— Parece que estou a conhecê-lo.

Kit ficou com a boca seca e com dificuldade em falar: — Sou da equipa de emergência — adiantou ele, interrogando-se onde estariam os outros. -

Não estou a gostar disto.

Steve levantou o auscultador do telefone que estava sobre o balcão. Onde estariam Nigel e Daisy? Kit tornou a gritar:

— Venham cá, vocês os dois!

Steve marcou um número, e o telemóvel tocou no bolso de Kit. Steve ouviu. Franziu a testa, sem perceber, e depois fez uma expressão de alarme que mostrava que tinha compreendido.

— Vocês viciaram os telefones!

— Fique calmo e não lhe acontece nada! — disse Kit.

Mal as palavras saíram da sua boca, percebeu logo o erro cometido: tinha confirmado as suspeitas de Steve.

Steve agiu rapidamente. Saltou por cima do balcão e correu para a porta.

— Pare! — gritou Kit.

Steve tropeçou, caiu, mas tornou a levantar-se.

Daisy apareceu a correr, viu Steve e dirigiu-se para a porta principal na tentativa de o impedir de passar.

Steve viu que não conseguia sair e então virou para o corredor que ia dar ao BSN4. Daisy e Kit correram atrás dele.

Kit lembrava-se de haver uma saída que dava para as traseiras do edifício. Se Steve conseguisse alcançá-la, podiam não conseguir apanhá-lo.

Daisy ia bastante à frente de Kit, a balançar os braços como uma sprinter, e Kit lembrou-se dos seus ombros musculosos na piscina; mas Steve parecia uma lebre a correr, afastando-se cada vez mais deles. Ia conseguir fugir.

Nessa altura, Steve chegou à porta que dava para a sala de controlo. Elton apareceu no corredor, interceptando-o. Steve ia depressa de mais para conseguir desviar-se. Elton esticou um pé e pregou uma rasteira a Steve, que levantou voo.

Quando caiu no chão, de cara para baixo, Elton atirou-se para cima dele, pondo os joelhos sobre as costas dele, e encostou-lhe o cano da pistola à cara.

— Não te mexas, se não queres levar um tiro na cara — disse, num tom calmo mas convincente.

Steve ficou imóvel.

Elton levantou-se, mas continuou a apontar a arma a Steve.

— É assim que se faz — disse a Daisy. — Sem sangue.

Daisy fez uma expressão de desdém.

Nigel apareceu a correr.

— O que é que aconteceu?

— Esquece! — gritou Kit. — Estamos a ficar sem tempo!

— E os dois guardas do portão? — perguntou Nigel.

— Não te preocupes com eles! Não sabem o que está a acontecer aqui e é provável que não descubram nada. Ficam toda a noite lá fora. — Apontou para Elton. — Vai buscar o meu computador à sala dos equipamentos e espera por nós na picape. — Depois voltou-se para Daisy. — Vai buscar o Steve, prende-o no BSN4 e vai para a picape. Temos de entrar no laboratório — e já!

0h45

Sophie tinha levado uma garrafa de vodka para o celeiro.

A mãe de Craig havia dito que queria as luzes apagadas à meia-noite, mas não tinha ido lá ver e, por isso, os miúdos estavam sentados à frente da televisão a ver um filme de terror. Ensonada, a irmã de Craig, Caroline, fazia festas a uma ratazana branca, fingindo que achava o filme uma patetice. O primo mais novo, Tom, estava a encher -se de chocolates e a esforçar-se por não adormecer. A sexy Sophie estava a fumar, sem dizer nada. Craig tanto pensava, preocupado, no Ferrari amolgado, como procurava uma oportunidade de beijar Sophie. No entanto, parecia-lhe que o ambiente não era suficientemente romântico. Haveria maneira de o fazer melhorar?

A vodka surpreendeu-o. Tinha pensado que aquela conversa dela sobre cocktails fora só para dar nas vistas, mas ela subiu a escada para o andar de cima do celeiro, onde estava a sua mala, e voltou com uma garrafa de Smirnoff na mão, já a meio.

— Alguém quer? — perguntou.

Todos quiseram.

Os únicos copos que tinham eram de plásticos com desenhos de Winnie the Pooh, Tigger e Eeyore. No celeiro havia um frigorífico com refrigerantes e gelo. Tom e Caroline misturaram a vodka com Coca-Cola. Craig, sem saber o que fazer, imitou Sophie e bebeu apenas com gelo. O sabor era muito amargo, mas gostou da sensação de calor quando lhe escorregou pela garganta.

O filme estava numa parte aborrecida. Craig perguntou a Sophie: — Sabes que prenda vais ter no Natal?

— Dois decks e uma mesa de mistura para poder fazer de DJ. Etu?

— Umas férias na neve a fazer snowboard. Uns tipos que eu conheço vão para Val de Tsère na Páscoa, mas é caro, e então pedi que me dessem dinheiro. Queres ser DJ?

— Acho que tenho jeito para isso.

— É essa a carreira que queres seguir?

— Não sei. — Sophie olhou-o com desdém. — E tu, qual é a carreira que queres seguir?

— Ainda não decidi. Gostava de ser jogador de futebol profissional, mas aos quarenta anos estamos acabados. Além disso, posso não ser suficientemente bom. Gostava de ser cientista como o avô.

— Deve ser um bocado chato.

— Não! Ele descobre remédios fantásticos, é patrão dele mesmo, ganha montes de dinheiro e tem um Ferrari F50 — o que é que isso tem de chato?

Sophie encolheu os ombros.

— Não me importava de ter o carro. — Sophie deu uma risadinha. — Sem a amolgadela, claro.

A ideia do estrago que tinha feito no carro do avô já não estava a deixar Craig deprimido.

Sentia-se muito descontraído e despreocupado. Alimentou a ideia de beijar Sophie naquele preciso momento, ignorando os outros. A única coisa que o fez recuar foi a possibilidade de ela o rejeitar à frente da irmã, o que seria humilhante.

Quem lhe dera perceber as raparigas. Nunca ninguém lhe dizia nada. Provavelmente o seu pai sabia tudo o que havia a saber. As mulheres pareciam engraçar instantaneamente com Hugo, mas Craig não conseguia perceber porquê e, quando lhe perguntava, o pai limitava-se a rir. Num raro momento de intimidade com a mãe, perguntara-lhe o que é que atraía as raparigas num homem. “A amabilidade” respondera a mãe. Era obviamente uma treta. Quando as empregadas dos restaurantes ou das lojas atendiam o pai com um sorriso de orelha a orelha, coradas, e se afastavam a balançar as ancas, não era por acharem que ele tinha sido amável para elas. Mas então o que seria?

Todos os amigos de Craig tinham teorias sólidas sobre sex appeal, mas todas elas eram diferentes. Um deles achava que as raparigas gostavam dos rapazes que eram dominadores e lhes diziam o que deviam fazer; outro dizia que o segredo era ignorá-los; outros diziam que as raparigas só se interessavam pelos rapazes atléticos ou bonitos ou ricos. Craig tinha a certeza de que estavam todos errados, mas não tinha nenhuma teoria da sua lavra.

Sophie despejou o copo e perguntou:

— Querem mais?

Todos quiseram.

Craig começou a aperceber-se de que afinal o filme era hilariante.

— Vê-se mesmo que aquele castelo é feito de contraplacado — disse com um riso abafado.

— E as mulheres estão todas maquilhadas e com penteados à moda dos anos sessenta, apesar de a história ser na Idade Média.

De repente, Caroline disse:

— Meu Deus, tenho tanto sono! — dito isto, levantou-se, subiu a escada com alguma dificuldade e desapareceu.

Uma já está; só falta outro, pensou Craig. Afinal, talvez o ambiente ficasse romântico.

A bruxa velha da história tinha de tomar banho em sangue de uma virgem para voltar a ser jovem. A cena da banheira era hilariante, ao mesmo tempo excitante e nojenta, e Craig e Sophie não conseguiam parar de rir.

— Vou vomitar — anunciou Tom.

— Oh, não! — protestou Craig levantando-se de um salto. Sentiu-se momentaneamente tonto, mas recuperou depressa. — Vai depressa para a casa de banho!

Agarrou Tom pelo braço e levou-o para lá.

Tom começou a vomitar um segundo antes de chegar à casa de banho. Craig ignorou a porcaria que havia no chão e levou-o até ao pé da sanita. Tom vomitou mais. Craig segurou-o pelos ombros e tentou não respirar. “Lá se vai o ambiente romântico”, pensou.

— Ele está bem? — perguntou Sophie, aparecendo à porta.

— Está. — Craig fez um ar de professor presunçoso. — Uma mistura pouco aconselhável de chocolate, vodka e sangue de virgem.

Sophie deu uma gargalhada. Depois, para grande surpresa de Craig, tirou um bocado de papel higiênico, pôs-se de joelhos e começou a limpar o chão.

Tom endireitou-se.

— Já está? — perguntou-lhe Craig.

Tom respondeu com um aceno de cabeça.

— De certeza?

— De certeza.

Craig puxou o autoclismo.

— Agora lava os dentes.

— Porquê?

— Para não cheirares tão mal.

Tom lavou os dentes.

Sophie atirou o maço de papel higiênico para a sanita e tirou mais. Craig ajudou Tom a ir da casa de banho para a sua cama de campanha no chão.

— Despe-te — disse-lhe. Abriu a mala de Tom e descobriu um pijama com desenhos do Homem-Aranha. Tom vestiu-o e enfiou-se na cama. Craig dobrou a roupa dele.

— Desculpa não ter aguentado — disse Tom.

— Acontece aos melhores — respondeu Craig. — Esquece.

Puxou a roupa até ao queixo de Tom.

— Bons sonhos.

Voltou para a casa de banho. Sophie tinha limpo tudo com uma eficiência surpreendente e estava a deitar desinfectante na sanita. Craig lavou as mãos, e ela pôs-se ao lado dele junto do lavatório e fez o mesmo. Era um ato de

camaradagem.

Em voz baixa e com um tom divertido, Sophie disse: — Quando lhe disseste para lavar os dentes, ele perguntou porquê?

Craig sorriu para ela através do espelho.

— Não estava a planear beijar ninguém esta noite e, por isso, não percebia para que havia de dar-se a esse trabalho.

— Pois.

Craig achou-a mais bela do que nunca, no momento em que sorriu para ele também através do espelho, com os seus olhos negros a brilharem de divertimento. Pegou numa toalha e deu-lhe a outra ponta. Limparam as mãos. Craig puxou a toalha, atraindo-a, e beijou-a.

Ela beijou-o também. Craig afastou ligeiramente os lábios e deixou que ela sentisse a ponta da sua língua. Sophie parecia não muito segura de como reagir. Seria possível que, com tanta fanfarronice, ela afinal não estivesse nada habituada a beijar?

— Vamos para o sofá? — sugeriu Craig num sussurro. — Nunca gostei de curtir na retrete.

Ela deu uma risada e saiu primeiro. Craig pensou que não era assim tão espirituoso quando estava sóbrio.

Sentou-se no sofá ao lado de Sophie e pôs o braço por cima dela. Ficaram um minuto a ver o filme, e depois ele tornou a beijá-la.

0h55

A zona dos vestiários estava separada da zona de perigo biológico por uma porta estanque. Kit girou a roda de quatro raios e abriu a porta. Já tinha estado no laboratório antes de ter sido equipado, quando ainda não havia lá vírus perigosos, mas nunca tinha entrado nas instalações de um laboratório BSN4 — não tinha recebido formação adequada. Com a sensação de que tinha a sua vida nas próprias mãos, entrou na sala do duche. Nigel foi atrás dele, levando a pasta de Elton, que estava com Daisy na picape à espera deles.

Kit fechou a porta. As portas estavam ligadas por um dispositivo electrônico que fazia com que a seguinte se abrisse só quando a anterior estivesse fechada. Sentiu os ouvidos a estalarem. A pressão ia diminuindo gradualmente quando se entrava no BSN4, para que qualquer eventual fuga de ar ocorresse de fora para dentro, impedindo a saída de agentes perigosos.

Passaram por outra porta, entrando numa sala onde havia fatos espaciais azuis pendurados em cabides. Kit descalçou-se.

— Descobre um do teu tamanho e veste-o — disse a Nigel. — Temos de ignorar algumas das precauções de segurança.

— Isso não me agrada.

Também não agradava a Kit, mas não tinham outra alternativa.

— O procedimento normal demora demasiado tempo. Temos de nos despir completamente, incluindo a roupa interior, as jóias, tudo, e depois vestir fatos de cirurgião antes destes.

Tirou um fato de um cabide e começou a vesti-lo.

— E sair ainda é mais demorado. Temos de tomar duche com o fato vestido, primeiro com uma solução de descontaminação e depois com água, num ciclo pré-estabelecido que demora cinco minutos. Depois tiramos o fato espacial e o outro e temos de tomar duche nus durante cinco minutos. É preciso limpar as unhas, assoarmo-nos, pigarrear e cuspir.

Só depois é que nos vestimos. Se fizermos isso tudo, quando sairmos estarão cá metade dos polícias de Inverburn. Vamos esquecer os duches. Tiramos os fatos e zarpamos.

Nigel estava aterrorizado.

— E isso não é perigoso?

— É como andar de carro a duzentos à hora. Podes morrer, mas talvez não morras, desde que não faças isso por hábito. Despacha-te. Veste o raio do fato!

Kit fechou o capacete. A viseira de plástico dava-lhe uma visão ligeiramente

distorcida.

Correu o fecho diagonal na parte da frente do fato e depois ajudou Nigel.

Decidiu que podiam dispensar as habituais luvas cirúrgicas. Prendeu as luvas do fato aos pulsos grossos e rígidos de Nigel com fita isoladora e depois pediu-lhe que lhe fizesse o mesmo.

Passaram do vestiário para a sala da descontaminação, um cubículo com aspersores nas paredes laterais e também na parte de cima. Sentiram a pressão baixar de novo — vinte e cinco ou cinquenta pascais de uma sala para outro, recordou Kit. Do duche passaram para o laboratório propriamente dito.

Kit teve um momento de puro medo. Havia qualquer coisa no ar daquela sala que podia matá-lo. Toda aquela conversa fiada sobre atalhar os procedimentos de segurança e conduzir a duzentos quilômetros à hora parecia-lhe agora uma terrível imprudência.

"Posso morrer", pensou. "Posso contrair uma doença e ter uma hemorragia tão grande que o sangue sai pelos ouvidos, pelo nariz e pelo pênis. Que estou eu a fazer aqui?

Como pude ser tão estúpido?"

Respirou lentamente para se acalmar. Não vais estar exposto à atmosfera do laboratório; vais estar a respirar ar puro vindo do exterior, disse para si próprio. Nenhum vírus consegue penetrar por este fato. Estou muito mais protegido de um contágio do que se estivesse a bordo de um 747 apinhado para Orlando. Vê se te acalmas.

Do tecto pendiam mangueiras amarelas. Kit pegou numa, ligou-a ao orifício no cinto de Nigel e viu o fato de Nigel começar a ser insuflado. Fez o mesmo a si próprio e ouviu o jorro de ar a entrar. O seu terror começou a diminuir.

Junto da porta havia uma fila de botas de borracha, mas Kit ignorou-as. O principal objectivo das botas eram protegerem os pés dos fatos e impedir que se estragassem.

Observou o laboratório, tentando orientar-se, esquecer o perigo e concentrar-se no que tinha de fazer. As paredes estavam reluzentes devido à tinta tixotrópica utilizada para manter as paredes estanques. Os microscópios e os computadores estavam assentes em bancadas de aço inoxidável. Havia um fax para as notas que fosse preciso enviar para o exterior porque não se podia levar papel para os duches nem pô-lo na autoclave. Kit reparou nos frigoríficos onde estavam guardadas amostras, nos armários de biossegurança onde se encontravam os materiais perigosos e na fila de gaiolas com coelhos protegidas por uma cobertura de plástico. A luz vermelha por cima da porta piscava quando o telefone tocava, porque era difícil ouvir com os fatos vestidos. A luz azul era sinal de emergência. As câmaras de televisão em circuito fechado cobriam toda a

área do laboratório. Kit apontou para uma porta.

— Acho que o cofre é por ali. — Atravessou a sala, com a mangueira a distender-se à medida que se ia deslocando. Abriu a porta de uma sala que não era maior do que um armário onde se encontrava um frigorífico dotado de um fecho com um teclado numérico.

As teclas com leds estavam alteradas de forma a que a ordem dos números em cada espaço nunca fosse a mesma. Assim, era impossível descobrir o código observando os dedos de alguém quando estivesse a marcar o número. No entanto, o fecho tinha sido instalado por Kit que obviamente sabia a combinação — a menos que tivesse sido alterada.

Digitou os números e puxou o manípulo. A porta abriu-se. Nigel espreitou por cima do ombro dele.

Havia diversas seringas com doses medidas do precioso antiviral, prontas a utilizar. As seringas estavam arrumadas em pequenas caixas de papelão. Kit apontou para a prateleira. Levantou a voz para que Nigel conseguisse ouvi-lo através do fato.

— Está aqui o medicamento.

— Não é o medicamento que eu quero — retorquiu Nigel. Kit pensou que devia ter percebido mal.

— O quê? — gritou.

— Não quero o medicamento. Kit não estava a perceber.

— O que é que estás a dizer? Então estamos aqui para quê?

Nigel não respondeu.

Na segunda prateleira havia amostras de diferentes vírus prontos a utilizar para infectar as cobaias. Nigel observou cuidadosamente as etiquetas e depois escolheu uma amostra de Madoba-2. — Para que diabo queres isso? — perguntou Kit. Sem responder, Nigel tirou as restantes amostras do mesmo vírus, doze caixas ao todo.

Bastava uma para matar uma pessoa. Doze podiam desencadear uma epidemia. Kit teria tido relutância em tocar nas caixas, mesmo com um fato de biossegurança. O que teria Nigel em mente?

— Pensava que estavas a trabalhar para um gigante farmacêutico — disse Kit.

— Eu sei.

Nigel iria pagar trezentas mil libras a Kit pelo trabalho daquela noite. Kit não sabia quanto receberiam Elton e Daisy, mas, mesmo que fosse menos, Nigel iria gastar ao todo meio milhão de libras. Para que valesse a pena gastar assim tanto, devia receber um milhão, talvez dois, do cliente. O medicamento valia isso. Mas quem iria pagar ura milhão de libras por uma amostra de um vírus mortal?

Assim que fez a pergunta a si próprio, Kit descobriu a resposta.

Nigel levou as caixas das amostras para o laboratório e colocou-as num recipiente de biossegurança, uma caixa de vidro com uma abertura na parte da frente, por onde os cientistas podiam meter os braços para fazerem experiências. Uma bomba garantia que o ar fluía de fora para dentro. Não se considerava necessário que aquelas caixas fossem completamente estanques, dado que os cientistas estavam equipados com fatos espaciais.

A seguir, Nigel abriu a pasta de cabedal. A parte de cima estava revestida de sacos de plástico de refrigeração. Kit sabia que as amostras dos vírus tinham de ser mantidas a baixas temperaturas. A parte de baixo tinha um forro de poliestireno do tipo utilizado para embalar objetos delicados. Por cima do forro, como se fosse uma jóia preciosa, estava um vulgar frasco de perfume, vazio. Kit reconheceu o frasco. Era da marca Diablerie. A sua irmã Olga usava aquele perfume.

Nigel pôs o frasco dentro da caixa hermética. Ficou manchado pela condensação.

— Disseram-me para ligar o extractor de ar — disse. — Onde é que está o interruptor?

— Espera! — ordenou Kit. — O que é que estás a fazer? Tens de me dizer!

Nigel descobriu o interruptor e ligou-o.

— O cliente quer que o produto seja entregue num recipiente facilmente transportável -

disse, com um ar paciente. — Estou a transferir as amostras para este frasco dentro da caixa porque seria perigoso fazê-lo noutro sítio. — Tirou a tampa do vaporizador de perfume e depois abriu uma das caixas com a amostra do vírus. Lá dentro havia um frasco de pirex com marcas de graduação feitas a branco de um dos lados. Com alguma dificuldade, por causa das luvas do fato, Nigel desenroscou a tampa do frasco e despejou o seu conteúdo para dentro do vaporizador de Diablerie. Tornou a pôr a tampa no frasco e abriu outro.

— As pessoas a quem vais vender isso... — disse Kit. — Sabes para que o querem?

— Consigo adivinhar.

— Vai matar pessoas — centenas, talvez milhares!

— Eu sei.

O frasco de perfume era o mecanismo perfeito para a entrega. Era um meio simples de criar um aerossol. Cheio com o líquido incolor que continha o vírus, parecia completamente inocente e passaria despercebido em qualquer barreira de segurança.

Uma mulher poderia tirá-lo da mala em qualquer local público e, com um ar

perfeitamente inocente, borrifar o ar com o vapor que seria fatal para quem o inalasse. Matar -se-ia a si própria também, como os terroristas costumam fazer. Mataria mais pessoas do que qualquer bombista suicida. Horrorizado, Kit exclamou: — Estás a falar de um assassínio em massa!

— Pois estou.

Nigel voltou-se para olhar para Kit. Os seus olhos azuis intimidavam mesmo através de duas viseiras.

— E tu estás metido nele, e és tão culpado como qualquer outro, por isso cala-te e deixa-me concentrar.

Kit gemeu. Nigel tinha razão. Nunca lhe passara pela cabeça estar envolvido em mais do que um roubo. Tinha ficado horrorizado ao ver Daisy agredir Susan. Mas isto era mil vezes pior — e Kit não podia fazer nada. Se tentasse impedir o assalto naquele momento, provavelmente Nigel matá-lo-ia — e se as coisas corressem mal, e o vírus não fosse entregue ao cliente, Harry McGarry matá-lo-ia por não pagar a dívida. Tinha de continuar até ao fim e receber o seu pagamento. Caso contrário, era um homem morto.

Também tinha de garantir que Nigel manuseava devidamente o vírus; caso contrário, morreria também.

Com os braços dentro do recipiente de biossegurança, Nigel despejou o conteúdo de todos os frascos com amostras para o frasco de perfume e depois pôs a tampa do spray.

Kit tinha a certeza de que a parte de fora do frasco de perfume estava contaminada, mas alguém devia ter avisado Nigel de que isso aconteceria, pois ele passou-o pelo tanque de desinfecção, cheio de líquido de descontaminação, e tirou-o pelo outro lado. Limpou o frasco e tirou da mala dois sacos Ziploc. Pôs o frasco dentro de um deles, selou-o, e depois pôs o saco dentro do segundo. Por fim, pôs o frasco embrulhado nos dois sacos dentro da pasta e fechou a tampa.

— Estamos despachados — disse.

Saíram do laboratório. Nigel levava a pasta. Passaram pelo duche de descontaminação sem o utilizarem — não havia tempo. Na sala dos fatos, tiraram os fatos que tanto os atrapalhavam e calçaram os sapatos. Kit manteve-se bem longe do fato de Nigel — de certeza que as luvas estavam contaminadas com vestígios do vírus.

Passaram pelo duche normal, também sem o utilizarem, passaram pelo vestiário e saíram para o átrio. Os quatro guardas estavam amarrados e encostados à parede.

Kit viu as horas. Tinham passado trinta minutos desde que escutara a conversa de Toni Gallo com Steve.

— Espero que a Toni não esteja cá.

— Se estiver, tratamos dela.

— É ex-polícia. Não vai ser tão fácil dominá-la como aos guardas. Além disso, pode reconhecer-me, mesmo com este disfarce.

Carregou no botão verde que abria a porta. Ele e Nigel correram pelo corredor até ao átrio principal. Para grande alívio de Kit, estava vazio: Toni Gallo ainda não tinha chegado. Conseguimos, pensou. No entanto, ela podia chegar a qualquer momento.

A picape estava junto à porta principal, com o motor a trabalhar. Elton mantinha-se ao volante e Daisy na parte de trás. Nigel saltou lá para dentro, logo seguido por Kit, e ambos gritaram:

— Vai! Vai! Vai!

Elton arrancou ainda antes de Kit fechar a porta.

A estrada estava coberta por uma grossa camada de neve. A picape derrapou imediatamente, deslizando de lado, mas Elton conseguiu controlá-la. Pararam ao pé do portão.

Willie Crawford apareceu à porta.

— Já está tudo arranjado? — perguntou. Elton desceu o vidro.

— Ainda não — respondeu. — Temos de ir buscar umas peças. Voltamos daqui a pouco.

— Com este tempo, vão demorar um bom bocado — disse o guarda, querendo manter conversa.

Kit reprimiu um gemido de impaciência. Lá atrás, Daisy perguntou em voz baixa: — É preciso eu matar esse cabrão? Elton respondeu calmamente: — Viremos o mais depressa que pudermos.

Depois fechou a janela.

Passado um momento, a barreira ergueu-se, e saíram.

Nesse momento viram os faróis de um carro que vinha de sul. Kit conseguiu ver que era um Jaguar claro.

Elton voltou para norte e afastou-se do Kremlin a grande velocidade.

Kit olhou pelo espelho retrovisor para observar o percurso dos faróis do carro. Virou para os portões do Kremlin.

“A Toni Gallo”, pensou Kit. “Um minuto atrasada.”

1h15

Toni ia no lugar do passageiro no carro de Cari Osborne, quando ele travou junto à guarita do Kremlin. A mãe de Toni ia no banco de trás.

Deu a Cari o seu cartão de acesso e o cartão de pensionista da mãe.

— Dá isso ao guarda juntamente com o teu cartão da imprensa. — Todos os visitantes tinham de mostrar a sua identificação.

Cari abriu a janela e entregou os documentos ao guarda. Toni viu Hamish McKinnon.

— Olá, Hamish, sou eu — gritou. — Trago dois visitantes comigo.

— Viva, Ms. Gallo — disse o guarda. — A senhora que vai atrás leva um cão?

— Não perguntes — disse-lhe Toni.

Hamish copiou os nomes e devolveu o cartão da imprensa e o de pensionista.

— O Steve está na recepção — comunicou ele a Toni.

— Os telefones já estão a funcionar?

— Ainda não. Os técnicos acabaram de sair para ir buscar uma peça qualquer.

Levantou a barreira e Cari avançou.

Toni reprimiu a irritação que estava a sentir em relação à Hibernian Telecom. Numa noite daquelas, deviam ter levado as peças todas de que pudessem precisar. O tempo continuava a piorar e, em breve, as estradas podiam ficar intransitáveis. Duvidou que eles voltassem durante a noite.

Aquilo comprometia o pequeno plano que tinha arquitectado. Planeara ligar a Stanley logo de manhã e dizer-lhe que tinha havido um pequeno problema no Kremlin durante a noite, mas que ela o resolvera — e depois combinar encontrar-se com ele mais para o fim do dia. Agora tinha a sensação de que as notícias que tinha para lhe dar talvez não fossem assim tão satisfatórias.

Cari parou junto à entrada principal.

— Espera aqui — disse-lhe Toni, e saiu do carro sem lhe dar tempo de contestar. Não queria que ele entrasse no prédio, se pudesse evitá-lo. Subiu a correr a escadaria ladeada pelos leões de pedra e empurrou a porta. Ficou admirada por não ver ninguém no balcão da recepção.

Hesitou. Talvez um dos guardas andasse a fazer a ronda, mas não deviam ter ido os dois. Podiam estar em qualquer sítio do edifício, e não havia ninguém a vigiar a entrada.

Dirigiu-se para a sala de controlo. Os monitores mostrariam onde estavam os

guardas.

Ficou surpreendida ao ver a sala de controlo também sem ninguém.

Sentiu o coração gelar. Aquilo era muito grave. Quatro guardas ausentes do seu posto -

não era apenas uma divergência dos procedimentos a seguir. Havia ali qualquer coisa de errado.

Tornou a olhar para os monitores. Todas as salas que mostravam estavam vazias. Se havia quatro guardas no edifício, devia aparecer um deles num monitor em poucos segundos. Mas não registava movimento em sítio nenhum.

Depois houve algo que chamou a sua atenção. Olhou com mais atenção para a imagem vinda do BSN4.

A data indicada era 24 de Dezembro. Olhou para o relógio. Passava da uma da manhã.

Era Dia de Natal, 25 de Dezembro. Estava a ver imagens antigas. Alguém tinha adulterado as imagens.

Sentou-se ao computador e acedeu ao programa. Bastaram-lhe três minutos para ver que todas as câmaras apontadas ao BSN4 estavam a transmitir imagens do dia anterior.

Corrigiu-as e olhou para os ecrãs.

No átrio que dava para os vestiários havia quatro pessoas sentadas no chão. Olhou para o monitor horrorizada. “Por favor, meu Deus, faz com que não estejam mortas”, pensou.

Uma delas mexeu-se.

Observou a imagem mais de perto. Eram os guardas, todos com as suas fardas escuras e as mãos atrás das costas, como se estivessem amarrados.

— Não, não! — disse em voz alta.

A verdade, porém, é que não havia maneira de fugir à terrível conclusão de que o Kremlin tinha sido assaltado.

Ficou arrasada. Primeiro o Michael Ross e agora aquilo. Onde teria errado? Tinha feito todos os possíveis para garantir a segurança daquelas instalações — e falhara redondamente. Não estivera à altura das funções de que Stanley a incumbira.

Dirigiu-se para a porta. O seu primeiro instinto fora correr para o BSN4 e soltar os guardas, mas depois a sua formação de polícia impôs-se. Pára, avalia a situação, planeia a resposta. Quem tivesse feito aquilo podia estar ainda no edifício, embora suspeitasse que os responsáveis deviam ser os homens da Hibernian Telecom que tinham acabado de sair. Qual a coisa mais importante que tinha a fazer? Garantir que não era a única pessoa a saber o que tinha acontecido.

Pegou no telefone que estava na secretária. Obviamente, não funcionava.

Provavelmente, a avaria do sistema telefônico tinha que ver com a situação. Tirou o telemóvel do bolso e ligou para a Polícia.

— Daqui fala a Toni Gallo, responsável pela segurança da Oxenford Medical. Houve um problema. Quatro dos guardas que estavam a fazer a segurança foram atacados.

— Os autores do ataque ainda estão no edifício?

— Acho que não, mas não tenho a certeza.

— Há feridos ?

— Não sei. Assim que desligar, vou ver — mas primeiro quis comunicar-vos.

— Vamos tentar enviar um carro-patrulha, apesar de as estradas estarem terríveis -

respondeu um agente que parecia ser ainda novo e algo inseguro.

Toni tentou impressioná-lo, transmitindo a urgência da situação.

— Pode ter havido um acidente biológico. Ontem morreu um jovem infectado com um vírus que escapou daqui.

— Vamos fazer todos os possíveis.

— É o Frank Hackett que está de serviço esta noite, não é? Por acaso não está por aí?

— Não, está de chamada.

— Então, recomendo-lhe vivamente que lhe ligue para casa, o acorde e lhe diga o que aconteceu.

— Vou seguir a sua sugestão.

— Temos aqui um problema com os telefones, provavelmente causado pelos intrusos. É

melhor ficar com o número do meu telemóvel. — Ditou-lho. — Peça ao Frank que me ligue imediatamente.

— Já tomei nota do seu recado.

— Importa-se de me dizer o seu nome?

— Agente David Reid.

— Obrigada, agente Reid. Vamos ficar à espera do carro-patrulha.

Toni desligou. Tinha a certeza de que o guarda não tinha percebido a importância do que lhe dissera, mas iria certamente passar a mensagem a um superior. Fosse como fosse, não tinha tempo para discussões. Saiu rapidamente da sala de controlo e dirigiu-se para o BSN4. Acenou o cartão à frente do leitor, encostou o indicador ao scanner e entrou.

Viu Steve, Susan, Don e Stu, todos em fila encostados à parede, com as mãos e os pés amarrados. Susan parecia ter chocado com uma árvore: tinha o nariz

inchado e sangue no queixo e no peito. Don tinha uma ferida terrível na testa.

Toni ajoelhou-se e começou a desamarrá-los.

— O que é que aconteceu aqui? — perguntou.

1h30

A picape da Hibernian Telecom avançava sobre uma camada de neve com trinta centímetros de altura. Elton ia a quinze quilômetros à hora com uma mudança de força para impedir que o carro derrapasse. O veículo era bombardeado por espessos flocos de neve, que formavam duas cunhas no fundo do para-brisas, o que fazia com que o limpa-para-brisas descrevesse um arco cada vez menor. A certa altura Elton deixou de conseguir ver e teve de parar para limpar a neve.

Kit estava destroçado. Tinha pensado que ia participar num assalto sem grandes consequências. O pai perderia dinheiro, mas, por outro lado, Kit conseguiria pagar a Harry Mac uma dívida que, em última análise, o pai pagaria. Por isso, não era uma grande injustiça. Mas a realidade era diferente. Só podia haver uma razão para alguém comprar o Madoba-2: o desejo de fazer um grande número de vítimas. Kit nunca pensara ser culpado de uma coisa tão grave.

Tentou imaginar quem seria o cliente que Nigel representaria: fanáticos japoneses, fundamentalistas islâmicos, uma fação dissidente do IRA, suicidas palestinianos ou um grupo de americanos paranóicos com armas potentes escondidos em cabanas longínquas nas montanhas do estado de Montana. Não interessava. Quem tivesse o vírus usá-lo-ia, e muita gente morreria a sangrar dos olhos.

Mas o que podia ele fazer? Se tentasse abortar o assalto e levar as amostras do vírus outra vez para o laboratório, Nigel matá-lo-ia ou deixaria que Daisy o fizesse. Pensou em abrir a porta da picape e saltar. Ia bastante devagar. Conseguiria desaparecer no meio da neve antes de o apanharem. Porém, eles continuariam com o vírus, e ele continuaria a dever duzentas e cinquenta mil libras a Harry.

Tinha de aguentar aquilo até ao fim. Talvez, no fim de tudo, pudesse mandar uma mensagem anônima à Polícia, acusando Nigel e Daisy, e fazer votos para que o vírus fosse encontrado antes de ser utilizado. Ou talvez fosse mais inteligente levar o seu plano até ao fim e desaparecer. Ninguém iria querer causar uma epidemia em Lucca.

Talvez o vírus fosse libertado no avião em que ele seguisse para Itália e, assim, pagaria pelo que tinha feito. Far-se-ia justiça.

Espreitando por entre a tempestade de neve, viu um letreiro iluminado a dizer “Motel”.

Elton saiu da estrada. Havia uma luz por cima da porta e oito ou nove carros

no parque de estacionamento. O motel estava aberto. Kit não percebia quem é que iria passar o Natal num motel. Talvez hindus, ou homens de negócios sem família, ou amantes clandestinos.

Elton parou ao lado de uma picape Vauxhall Astra.

— A ideia era deixar esta picape aqui — disse. — É demasiado fácil de identificar. Em princípio, deveríamos ir para o campo de aviação no Astra, mas não sei se vamos conseguir.

Lá de trás, Daisy perguntou:

— Ó estúpido, por que não trouxeste um Land Rover?

— Porque o Astra é um dos carros mais vulgares da Grã-Bretanha, dos que menos dá nas vistas, minha vaca!, e porque não estava previsto nevar.

— Parem com isso, os dois — disse Nigel calmamente. Tirou a peruca e os óculos. — Tirem os seus disfarces. Não sabemos daqui a quanto tempo os guardas vão descrever os assaltantes à polícia.

Os outros fizeram o mesmo.

— Podemos ficar aqui, alugar um quarto e esperar que deixe de nevar — sugeriu Elton.

— É perigoso — respondeu Nigel. — Estamos a poucos quilômetros do laboratório.

— Se não podemos circular, a Polícia também não. Assim que o tempo melhorar, arrancamos.

— Temos um encontro marcado com o cliente.

— Ele não vai trazer o helicóptero no meio deste temporal.

— Pois não.

O telemóvel de Kit tocou. Olhou para o computador. Era uma chamada normal; não tinha sido desviada do Kremlin. Atendeu.

— Está lá?

— Sou eu. — Kit reconheceu a voz de Hamish McKinnon. — Estou a falar do meu telemóvel.

Tenho de ser rápido, enquanto o Willie está na casa de banho.

— O que é que aconteceu?

— Ela chegou assim que vocês saíram.

— Eu vi o carro.

— Descobriu os outros guardas amarrados e chamou a Polícia.

— E a Polícia vai conseguir ir aí com este tempo?

— Disseram que iam tentar. Ela veio agora mesmo à guarita avisarmos de que eles vinham aí. Quando chegarem... Desculpa, tenho de desligar.

Kit guardou o telefone.

— A Toni Gallo descobriu os guardas — anunciou. — Chamou a Polícia.

Vão a caminho.

— Está decidido — disse Nigel. — Vamos para o Astra.

1h45

Quando Craig fez deslizar a mão por baixo da camisola de Sophie, ouviu passos. Retirou a mão e olhou à sua volta.

A irmã vinha a descer do andar de cima em camisa de dormir.

— Estou um bocado esquisita — disse, e atravessou a sala em direção à casa de banho.

Frustrado, Craig dirigiu a sua atenção para o filme que estava a dar na televisão. A bruxa velha, transformada numa jovem encantadora, estava a seduzir um lindo cavaleiro.

Caroline apareceu, dizendo:

— A casa de banho cheira a vomitado.

Subiu a escada e voltou para a cama.

— Não há aqui privacidade nenhuma — comentou Sophie em voz baixa.

— E como tentar fazer amor na estação central de Glasgow — disse Craig, mas tornou a beijá-la. Desta vez, ela entreabriu os lábios e as línguas de ambos encontraram-se. Craig ficou tão deliciado que gemeu de prazer.

Pôs a mão dentro da camisola dela e pousou-a sobre um seio. Era pequeno e quente.

Tinha um soutien de algodão fino. Apertou-lhe ligeiramente o seio, e ela soltou um gemido de prazer involuntário.

Ouviu-se então a voz de Tom:

— Vocês os dois são capazes de parar de fazer barulho? Não consigo dormir!

Deixaram de se beijar. Craig tirou a mão de dentro da camisola dela. Estava capaz de explodir, tal era a frustração.

— Desculpa — murmurou.

— Por que é que não vamos para outro lado? — disse Sophie. — Para onde?

— E se fôssemos para aquele sótão que me mostraste hoje à tarde?

Craig ficou entusiasmado com a ideia. Estariam sozinhos e ninguém os incomodaria.

— Brilhante! — exclamou, e levantou-se.

Vestiram os casacos e calçaram as botas, e Sophie pôs um gorro de lã cor-de-rosa com um pompom. Dava-lhe um ar engraçado e inocente.

— Uma delícia — disse Craig.

— O quê?

— Tu.

Sophie sorriu. Antes ter-lhe-ia dito que era “um chato” por lhe dizer aquelas

coisas, mas a relação entre eles havia mudado. Talvez tivesse sido por causa da vodka. Contudo Craig achava que o ponto de viragem ocorrera na casa de banho, quando tinham cuidado ambos de Tom. Talvez Tom, ao agir como uma criança indefesa, os tivesse obrigado a comportarem-se como adultos. Depois disso, era difícil voltar atrás e ficar outra vez amuado e distante.

Craig nunca poderia imaginar que a forma de chegar ao coração de uma rapariga podia ser a limpar vomitado.

Abriu a porta do celeiro. Um vento frio fez rodopiar os flocos de neve à volta deles como se fossem confetti. Craig saiu rapidamente, segurou a porta para Sophie passar e depois fechou-a.

Steepfall parecia o lugar mais romântico do mundo. A neve cobria o telhado íngreme, amontoava-se nos parapeitos das janelas e preenchia o pátio com uma camada de quase trinta centímetros de altura. As lanternas das paredes circundantes tinham auréolas de luz dourada sob a qual dançavam flocos de neve. A neve cobria também um carrinho de mão, uma pilha de lenha e uma mangueira de jardim, transformando-os em esculturas de gelo.

— Parece um postal de Natal — exclamou Sophie de olhos esbugalhados.

Craig pegou-lhe na mão. Atravessaram o pátio com passos leves, como pássaros saltitantes. Contornaram a esquina da casa e dirigiram-se para a porta das traseiras.

Craig retirou uma camada de neve da tampa de um contentor do lixo. Pôs-se em cima dele e içou o corpo para o telhado do átrio onde estavam guardadas as botas.

Olhou para trás. Sophie estava a hesitar.

— Anda! — sussurrou, estendendo-lhe a mão.

Ela agarrou-a e subiu para cima do caixote do lixo. Com a outra mão, Craig agarrou-se ao beiral do telhado para não cair e depois ajudou-a a subir para o sítio onde ele estava. Por um momento, ficaram deitados lado a lado na neve, como dois amantes na cama. Craig pôs-se de pé.

Saltou para o peitoril que ficava por baixo da porta do sótão, afastou a neve com o pé e abriu a porta. Depois voltou para junto de Sophie.

Ela pôs-se de gatas mas, quando tentou pôr-se de pé, as botas de borracha escorregaram e caiu. Ficou assustada.

— Agarra-te a mim — disse Craig e ajudou-a a levantar-se. O que estavam a fazer não era muito perigoso, e Sophie estava a exagerar, mas Craig não se importou, pois assim tinha a possibilidade de se mostrar forte e protetor.

Ainda a agarrar a mão dela, Craig subiu para o peitoril. Ela subiu também e agarrou-o pela cintura. Gostaria de ter ficado ali, com ela a agarrá-lo com tanta força, mas continuou, caminhando de lado sobre o peitoril até à porta aberta, e

depois ajudou-a a entrar.

Fechou a porta e acendeu a luz. Aquele sítio era perfeito, pensou Craig muito excitado.

Estavam sozinhos, a meio da noite, e ninguém iria ali incomodá-los. Podiam fazer o que lhes apetecesse.

Deitou-se no chão e espreitou pelo buraco que dava para a cozinha. Havia uma luz acesa por cima da porta que dava para o átrio das botas. Nellie estava à frente do fogão, de orelhas no ar, à escuta: sabia que ele estava ali.

— Vai dormir — murmurou. Não sabia se ela o tinha ouvido ou não, mas o certo é que deitou a cabeça e fechou os olhos.

Sophie estava sentada no sofá velho, a tremer.

— Tenho os pés gelados.

— Tens neve dentro das botas.

Ajoelhou-se à frente dela e tirou-lhe as galochas. Tinha as meias encharcadas. Craig tirou-lhas também. Os seus pequenos pés brancos pareciam ter saído do congelador.

Tentou aquecê-los com as mãos. Depois, num momento de inspiração, desabotoou o casaco, levantou a camisola e encostou as solas dos pés dela ao seu tronco.

— Oh, meu Deus, sabe tão bem! — exclamou Sophie.

“Nas fantasias dele, ela já lhe tinha dito aquilo muitas vezes, mas não nas mesmas circunstâncias”, pensou Craig.

2h

Toni estava sentada na sala de controlo a ver os monitores. Steve e os outros guardas tinham-lhe relatado tudo o que havia acontecido, desde o momento em que a “equipa de assistência” tinha entrado no prédio até ao momento em que dois deles saíram do BSN4, atravessaram o pequeno átrio e desapareceram, levando um deles uma pequena pasta de pele cor de vinho. Don contara-lhe, enquanto Steve lhe prestava os primeiros socorros, que um dos homens se esforçara por impedir atos de violência. As palavras que ele tinha gritado estavam gravadas no cérebro de Toni: Se queres aparecer de mãos a abanar ao pé do cliente às dez horas, continua assim.

Era óbvio que se haviam deslocado ali para roubar qualquer coisa do laboratório e a tinham levado na tal pasta. Toni tinha um terrível pressentimento de que sabia o que era.

Estava a passar as imagens do BSN4 entre as 0:55 e a 1:15. Embora na altura os monitores não tivessem mostrado aquelas imagens, o computador tinha-as guardado.

Naquele momento estava a ver dois homens dentro do laboratório com os fatos de biossegurança.

Sobressaltou-se quando viu um dos homens abrir a porta da pequena sala onde estava o cofre. Digitou os números no teclado — sabia o código! Abriu a porta do frigorífico, e depois o outro homem começou a retirar amostras. Tom parou a imagem.

A câmara estava colocada por cima da porta, apontada ao frigorífico e, por cima do ombro dele, via-se que tinha as mãos cheias de caixas brancas. Os dedos de Toni deslocaram-se sobre o teclado, e a imagem a preto e branco aumentou. Viu o símbolo internacional de perigo biológico nas caixas. Estava a roubar amostras de vírus.

Aumentou mais a imagem e abriu o programa de optimização da imagem. A pouco e pouco o letreiro de uma das caixas tornou-se visível: “Madoba-2”. Era o que temia, mas a confirmação foi um rude golpe para ela. Ficou a olhar fixamente para o monitor, gelada de medo, com o coração a bater no peito como um sino funerário. O Madoba-2 era o vírus mais mortal que se podia imaginar, um agente de tal forma contagioso que tinha de ser protegido por vários níveis de segurança e só podia ser manuseado por pessoal altamente treinado e com fatos isolantes. E agora estava nas mãos de uma quadrilha de ladrões que andavam com ele dentro de uma maldita pasta.

Podiam ter um acidente de viação; podiam entrar em pânico e deitar a pasta fora; o vírus podia ir parar às mãos de pessoas que não faziam a menor ideia do que aquilo representava — os riscos eram tremendos. E, mesmo que não o libertassem por acidente, o "cliente" deles fá-lo-ia deliberadamente. Alguém estava a planear utilizar aquele vírus para matar centenas ou milhares de pessoas, talvez para desencadear uma epidemia que podia dizimar populações inteiras.

E tinham obtido essa arma mortífera graças a ela.

Em desespero, reiniciou as imagens e viu, horrorizada, um dos assaltantes despejar o conteúdo dos frascos para um spray de perfume chamado "Diablerie". Era obviamente o mecanismo de entrega. Aquele banal frasco de perfume era agora uma arma de destruição em massa. Viu-o guardá-lo cuidadosamente nos dois sacos e colocá-lo dentro da pasta, aninhado sobre a camada de poliestireno.

Já vira o suficiente. Sabia o que havia a fazer. A Polícia tinha de se preparar para uma operação em larga escala — e depressa. Se agissem rapidamente, poderiam apanhar os ladrões antes de o vírus ser entregue ao comprador.

Desligou os monitores e saiu da sala de controlo.

Os guardas estavam no átrio principal, sentados nos sofás reservados para os visitantes, a beber chá, convencidos de que a crise tinha acabado. Tom decidiu esperar alguns segundos para recuperar o controlo.

— Temos coisas importantes a fazer — disse energicamente. — Stu, vai para a sala de controlo e retoma o teu trabalho, por favor. Steve, vai para a recepção. Don, fica onde estás.

Don tinha um penso improvisado sobre o corte na testa.

Susan Mackintosh estava deitada no sofá utilizado pelos visitantes enquanto esperavam.

Já lhe tinham limpado o sangue da cara, mas fora atingida com gravidade. Tom ajoelhou-se ao lado dela e deu-lhe um beijo na testa.

— Coitadinha — disse-lhe. — Como é que te sentes?

— Bastante tonta.

— Lamento muito que isto tenha acontecido.

Susan esboçou um sorriso débil.

— Valeu a pena por esse beijo.

Toni deu-lhe uma palmadinha no ombro.

— Já estás a recuperar.

A sua mãe estava sentada ao lado de Don.

— Aquele rapaz simpático, o Steven, fez-me um chá.

O cachorro estava deitado sobre um jornal aos pés dela. Deu-lhe um bocadinho de bolacha.

— Obrigada, Steve — disse Toni.

— Dava um ótimo namorado para ti — sugeriu a mãe.

— É casado — respondeu Toni.

— Hoje em dia, isso já não faz diferença.

— Para mim faz — replicou Toni voltando-se para Steve. — Onde está o Cari Osborne?

— Na casa de banho dos homens.

Toni acenou com a cabeça e pegou no telemóvel. Estava na altura de ligar à Polícia.

Lembrou-se do que Steve Tremlett lhe tinha dito sobre o pessoal de serviço na divisão regional da Polícia de Inverburn naquela noite: um inspetor, dois sargentos e seis agentes, mais um superintendente de piquete. Não chegava nem de perto para lidar com uma crise daquela dimensão. Sabia o que faria, se fosse ela que estivesse no comando.

Chamaria vinte ou trinta agentes. Mandaria vir limpa-neve, montaria bloqueios nas estradas e teria um grupo de guardas armados prontos para fazer a detenção. E faria tudo isso rapidamente.

Sentia-se revigorada. O horror do que tinha acontecido começou a atenuar - se na sua mente à medida que se foi concentrando no que era preciso fazer. A ação estimulava-a sempre, e não havia melhor ação do que o trabalho de polícia.

Ligou outra vez para David Reid. Quando se identificou, ele disse-lhe: — Mandei um carro, mas voltou para trás. O tempo...

Toni estava horrorizada. Pensava que vinha a caminho um carro da Polícia.

— Está a falar a sério? — perguntou, levantando a voz.

— Já viu como estão as estradas? Há carros abandonados por todo o lado. Não vale a pena estar a mandar um carro-patrulha para ficar preso na neve.

— Meu Deus! Que bananas que a Polícia anda a recrutar!

— Não vale a pena estar a utilizar esse tipo de linguagem, minha senhora.

Toni controlou-se.

— Tem razão. Desculpe.

Lembrava-se do que tinha aprendido no seu curso de polícia: quando a resposta da Polícia a uma crise era deficiente, isso devia-se muitas vezes à incorreta identificação do incidente nos primeiros minutos, quando era um elemento inexperiente como o agente Reid a receber o relatório inicial. A primeira coisa que Toni tinha a fazer era garantir que ele transmitisse as informações essenciais ao seu superior hierárquico.

— A situação é a seguinte. Ponto um: os ladrões roubaram uma quantidade significativa de um vírus chamado Madoba-2, que é letal para os humanos. Trata-se, por isso, de um caso de risco biológico.

— Risco biológico — repetiu ele, obviamente a escrever.

— Ponto dois: os assaltantes são três homens — dois brancos e um negro — e uma mulher branca. Andam numa picape com a inscrição “Hibernian Telecom”.

— Pode dar-me a descrição deles?

— Vou pedir ao supervisor dos guardas de segurança que lhe ligue daqui a pouco a dar essa informação. Ele viu-os, mas eu não. Ponto três: temos aqui duas pessoas feridas, uma foi atingida com um bastão e a outra levou um pontapé na cabeça.

— Os ferimentos são graves?

Toni achava que já lhe tinha dito isso, mas parecia que ele estava a fazer perguntas que constavam de uma lista.

— A guarda que foi atingida com o bastão devia ser vista por um médico.

— Está bem.

— Ponto quatro: os assaltantes estavam armados.

— Que tipo de armas?

Toni voltou-se para Steve, que sabia tudo sobre armas.

— Viste as armas?

Steve acenou com a cabeça.

— Tinham os três pistolas automáticas Browning de nove milímetros com cartuchos para treze tiros. Pareceram-me armas que deviam ter pertencido ao exército.

Toni repetiu a descrição a Reid, que concluiu: — Então, foi assalto à mão armada.

— Sim, mas o mais importante é que não podem estar longe e a picape é fácil de identificar. Se agirmos depressa, podemos apanhá-los.

— Esta noite não se pode fazer nada com pressa.

— É óbvio que precisamos de limpa-neves.

— A Polícia não tem limpa-neves.

— Deve haver vários na zona; quase sempre é preciso limpar as estradas no Inverno.

— Limpar a neve das estradas não é uma função da Polícia; é da responsabilidade das autoridades locais. ;

Toni estava à beira de gritar de frustração, mas mordeu a língua.

— O Frank Hackett está aí?

— O superintendente Hackett não está disponível.

Toni sabia que Frank estava de piquete, tinha-lho dito o Steve.

— Se não o acordar, acordo-o eu.

Desligou e marcou o número da casa de Frank. Era um profissional conscienciosо; devia estar a dormir ao pé do telefone. Frank atendeu.

— Hackett.

— É a Toni. A Oxenford Medical foi assaltada. Levantaram uma grande quantidade de Madoba-2, o vírus que matou o Michael Ross.

— Como é que deixaste que isso acontecesse?

Era a pergunta que ela estava a fazer a si própria, mas custou-lhe ouvi-lo dizer aquilo.

— Se és assim tão esperto, descobre uma maneira de apanhares os ladrões antes de eles fugirem — ripostou com azedume.

— Não mandamos para aí um carro há uma hora?

— Nunca chegou cá. Os teus polícias valentes viram a neve e tiveram medo.

— Bem, se o carro da Polícia não pode andar, o dos suspeitos também não.

— O carro da Polícia pode andar desde que mandes um limpa-neves.

— Não tenho um limpa-neves.

— Mas a Câmara tem vários. Telefona-lhes.

Seguiu-se uma longa pausa.

— Não me parece — disse Frank, por fim.

Toni estava capaz de o matar. Frank gostava de usar da sua autoridade para não fazer as coisas. Fazia-o sentir-se poderoso. E gostava sobretudo de a desafiar — tinha sido sempre demasiado assertiva para o gosto dele. Como era possível ter vivido tanto tempo com aquele homem? Reprimiu a resposta que tinha na ponta da língua e disse: — O que estás a pensar fazer, Frank?

— Não posso mandar homens desarmados perseguir um gangue armado. Vou precisar de reunir os agentes com treino de armas de fogo, levá-los ao depósito de armas, equipá-los com coletes à prova de bala, armas e munições. Isso vai demorar umas duas horas.

— Entretanto os ladrões fogem com um vírus que pode matar milhares de pessoas!

— Vou emitir um alerta para a picape.

— Podem mudar de carro. Podem ter um jipe estacionado algures.

— Mesmo assim, não vão longe.

— E se tiverem um helicóptero?

— Refreia a tua imaginação, Toni. Não há ladrões com helicópteros na Escócia.

Não estavam a falar de hooligans locais que tivessem roubado jóias ou dinheiro — mas Frank nunca conseguira perceber devidamente os riscos biológicos.

— Frank, usa tu a tua imaginação! Estes tipos querem causar uma epidemia!

— Não queiras ensinar-me a fazer o meu trabalho. Já não és polícia.

— Frank...

Calou-se. Ele tinha desligado.

Frank, és um estúpido, um sacana! — gritou para o telefone mudo e depois desligou.

Ele teria sido sempre assim tão mau? Tom tinha a sensação de que, quando viviam juntos, Frank era mais razoável. Talvez tivesse tido uma influência boa sobre ele. Era inegável que ele tinha querido aprender com ela. Lembrava-se do caso de Dick Buchan, um homem que violara várias mulheres e se recusara a dizer a Frank onde estavam os corpos, apesar de longas horas de intimidações, gritos e ameaças de violência. Toni falara calmamente com Dick sobre a mãe dele e levara-o a confessar em vinte minutos.

Depois disso, Frank pedia-lhe conselho sempre que tinha em mãos alguma grande investigação. Contudo, depois de se separarem, parecia que ele tinha regredido.

Olhou para o telefone, de testa franzida, dando voltas à cabeça. Como iria conseguir pressionar Frank? Tinha um ascendente sobre ele — a história de Johnny Kirk. Na pior das hipóteses, podia servir-se disso para fazer chantagem com ele. Mas primeiro tinha de tentar fazer outra chamada. Procurou na lista de contatos do seu telemóvel o número de Odette Cressy, a sua amiga da Scotland Yard.

Foi uma longa espera até atenderem o telefone.

— Daqui fala a Toni — disse. — Desculpa ter-te acordado.

Odette disse para uma outra pessoa:

— Desculpa, querido, é trabalho. Toni ficou admirada.

— Não esperava que estivesses acompanhada.

— É só o Pai Natal. O que houve?

Toni contou-lhe.

— Meu Deus, era exatamente isso que temíamos! — exclamou Odette.

— Ainda não acredito que deixei uma coisa destas acontecer.

— Há alguma coisa que possa sugerir quando e como planeiam utilizá-lo?

— Duas coisas — disse Toni. — Uma: não se limitaram a roubar o vírus — puseram-no num vaporizador de perfume. Está pronto a usar.

O vírus pode ser libertado em qualquer local público — num cinema, num avião, no Harrod's. Ninguém vai dar por nada.

— Um vaporizador?

— Diablerie.

— Boa — assim, pelo menos, sabemos do que andamos à procura. E mais?

— O guarda ouviu-os falar de um encontro com o cliente às dez horas.

— Às dez. Temos de ser rápidos.

— Exactamente. Se eles entregarem o produto ao cliente às dez da manhã,

pode estar em Londres esta noite. Podem lançá-lo amanhã no Albert Hall.

— Bom trabalho, Toni. Quem me dera que nunca tivesses saído da Polícia.

Toni começou a sentir-se mais animada.

— Obrigada.

— Mais alguma coisa?

— Quando saíram daqui, viraram para norte. Vi a picape deles. Mas está a cair um nevão, e as estradas estão a ficar intransitáveis. Talvez não estejam muito longe do sítio onde me encontro.

— Isso significa que talvez tenhamos oportunidade de os apanharmos antes de entregarem a mercadoria.

— Pois, mas não consegui convencer a Polícia local da urgência da situação.

— Deixa isso por minha conta. O terrorismo é da alçada do Governo. Daqui a pouco os rapazes aí da terra vão receber uma chamada do número dez de Downing Street. Do que é que precisas — de helicópteros? O HMS Gannet está a uma hora daí.

— Põe-nos em standby. Acho que os helicópteros não vão conseguir voar no meio desta tempestade e, mesmo que conseguissem, os tripulantes não iam conseguir ver nada cá em baixo. Preciso é de um limpa-neves. Deviam limpar a estrada de Inverburn até aqui, e a Polícia devia montar aqui a sua base de atuação. Depois podiam começar a procurar os fugitivos.

— Vou tratar disso. Vai-me ligando, está bem?

— Obrigada, Odette — disse Toni e desligou. Voltou-se e viu Cari Osborne atrás de si, a tomar notas.

2h30

Elton conduzia o Vauxhall Astra devagar, através de uma camada de neve recente de mais de trinta centímetros de altura. Nigel ia sentado ao lado dele, agarrado à pasta de pele com o seu conteúdo letal. Kit seguia no banco de trás com Daisy. Estava sempre a olhar por cima do ombro de Nigel para ver a pasta, imaginando um acidente de automóvel em que a pasta ficasse esmagada e o frasco se partisse, espalhando no ar o líquido que os mataria a todos.

Estava louco de impaciência — a velocidade a que seguiam não era superior à de uma bicicleta. Queria chegar o mais depressa possível ao campo de aviação e colocar a pasta num lugar seguro. Cada minuto que passavam na estrada era um perigo constante.

Contudo, não estava muito seguro de que conseguissem lá chegar. Desde que haviam saído do parque de estacionamento da Dew Drop Inn, nunca mais tinham visto nenhum veículo em movimento. De vez em quando passavam por um carro ou um camião abandonado, alguns na berma da estrada, mas outros em plena faixa de rodagem. Um deles era um Range Rover da Polícia voltado de lado.

De repente, viram aparecer à frente dos faróis um homem a acenar os braços freneticamente. Estava de fato e gravata, sem sobretudo ou chapéu. Elton olhou para Nigel, que murmurou:

— Nem penses em parar.

Elton continuou a guiar em direção ao homem, que se afastou com um salto no último minuto. Quando passaram por ele, Kit viu de relance uma mulher com um vestido de noite e uma echarpe fina sobre os ombros, parada ao lado de um Bentley com uma expressão de desespero. Passaram pelo desvio para Steepfall, e Kit teve saudades do tempo em que, ainda menino, àquela hora estaria deitado em casa do pai, sem saber nada sobre vírus, computadores ou probabilidades no blackjack. Estava a nevar tanto que não se via quase nada pelo para-brisas a não ser a cor branca. Elton estava quase cego; ia a guiar por instinto, por optimismo e graças às espreitadelas que dava pelas janelas. A velocidade a que seguiam abrandou ainda mais: primeiro foi como se fossem a correr, e depois a andar. No Toyota Lana Cruiser Amazon do pai, estacionado apenas a alguns quilômetros dali, teriam muito mais hipóteses.

Quando começaram a subir uma encosta, os pneus desataram a deslizar na neve. O

carro foi perdendo velocidade até que parou e, para horror de Kit, começou a andar para trás. Elton tentou travar, mas isso só fez com que deslizasse ainda

mais depressa. Girou o volante, e a traseira do carro guinou para a esquerda. Elton rodou rapidamente o volante para o lado contrário, e o carro parou de lado.

Nigel praguejou. Daisy inclinou-se para a frente e disse a Elton: — Para que é que fizeste isso, idiota?

— Sai do carro e empurra, Daisy — retorquiu Elton.

— Vai-te lixar.

— A sério. Estamos quase no cimo da encosta. Se empurrarem, conseguimos chegar lá.

— Vamos empurrar todos — disse Nigel.

Nigel, Daisy e Kit saíram do carro. Estava um frio terrível, e os flocos de neve fustigavam os olhos de Kit. Puseram-se atrás do carro, debruçados sobre ele. Só Daisy é que usava luvas. Kit tinha a sensação de que o metal do carro, de tão frio, quase lhe cortava as mãos desprotegidas. Elton soltou a embreagem devagar, e começaram a empurrar. Em poucos segundos, os pés de Kit ficaram encharcados. No entanto, os pneus agarraram-se à estrada. Elton afastou-se deles e subiu até ao cimo da encosta.

Eles foram a pé, a escorregar na neve, a arfar com o esforço e a tremer de frio. Iriam ser obrigados a fazer aquilo em todas as colmas ao longo dos próximos quinze quilômetros?

Nigel teve a mesma dúvida. Quando tornaram a entrar no carro, perguntou a Elton: — Achas que vamos conseguir chegar lá neste carro?

— Nesta estrada até talvez consigamos, mas ainda temos uma picada de cinco ou seis quilômetros até chegarmos ao campo de aviação.

Kit decidiu-se.

— Sei onde é que há um todo-o-terreno, um Toyota Lana Cruiser.

— Também podemos ficar presos na estrada nesse carro — disse Daisy. — Lembram-se do Range Rover da Polícia por que passamos?

— De certeza que é melhor do que o Astra — replicou Nigel. — Onde é que está esse carro?

— Em casa do meu pai. Para ser mais exato, na garagem, cuja porta não se vê lá muito bem da casa.

— A que distância fica?

— Temos de andar mais ou menos dois quilômetros para trás e depois menos do que isso por um desvio.

— O que é que estás a sugerir?

— Deixamos este carro no meio das árvores ao pé da casa, vamos buscar o Land Cruiser e seguimos até ao campo de aviação. Depois, o Elton vai lá pôr a Land Cruiser e leva o Astra.

— Nessa altura já será de dia. E se alguém o vê a pôr o carro na garagem do

teu pai?

— Não sei. Temos de inventar uma história qualquer, mas não deve ser pior do que ficarmos aqui presos.

— Alguém tem uma ideia melhor? — perguntou Nigel.

Ninguém tinha.

Elton fez inversão de marcha e desceu a colina em segunda. Poucos minutos depois, Kit disse-lhe:

— Vira para essa estrada.

Elton parou.

— Nem pensar. Olha para a camada de neve. Tem quase meio metro de altura e há horas que não passa aqui nenhum carro. Nem cinquenta metros andamos.

Kit teve a mesma sensação de pânico de quando perdia ao blackjack: havia um poder superior que só estava a dar-lhe cartas erradas.

— A que distância estamos da casa do teu pai? — perguntou Nigel.

— Mais ou menos... — Kit engoliu em seco. — Mais ou menos um quilômetro.

— É muito com esta merda deste tempo — afirmou Daisy.

— A alternativa — sugeriu Nigel — é ficarmos aqui à espera de que apareça um carro e desviá-lo.

— Vamos ter de esperar muito tempo — disse Elton. — Desde que saímos do laboratório que não vemos um carro a andar nesta estrada.

— Vocês os três podem ficar aqui à espera enquanto eu vou buscar o Land Cruiser -

propôs Kit.

Nigel abanou a cabeça.

— Pode acontecer-te alguma coisa. Podes ficar preso na neve, e nunca mais te encontrávamos. É melhor ficarmos juntos.

Kit calculou que havia outro motivo: Nigel não confiava em Kit, se estivesse sozinho.

Temia que ele chamasse a Polícia. Essa ideia nem passava pela cabeça de Kit, mas Nigel talvez não estivesse tão certo disso.

Houve um longo silêncio. Continuaram sentados, com dificuldade em se afastarem do calor que saía do aquecimento do carro. Elton acabou por desligar o carro e saíram.

Nigel continuava a segurar a pasta. Era ela o motivo de tudo o que estavam a passar. Kit levava o computador portátil. Podia ter de interceptar chamadas de e para o Kremlin.

Elton descobriu uma lanterna no porta-luvas e deu-a a Kit, dizendo-lhe: —

Vai tu à frente.

Sem mais discussões, Kit começou a andar pelo meio da neve que lhe chegava aos joelhos. Ouvia os outros a gemerem e a praguejarem, mas nunca olhou para trás. Ou acompanhavam o passo dele, ou ficavam para trás.

O frio era insuportável. Nenhum deles estava vestido para aquilo. Estavam a contar ficar dentro de casa ou do carro. Nigel tinha um casaco de desporto, Elton uma gabardina e Daisy um blusão de cabedal. Kit era o que tinha roupa mais quente — um anorak. Kit levava umas botas Timberland, Daisy umas botas para andar de moto, e Nigel e Elton sapatos normais.

Passado pouco tempo, já Kit estava a tremer de frio. Doíam-lhe as mãos, apesar de tentar mantê-las enfiadas nos bolsos do blusão. Tinha as calças encharcadas até aos joelhos por causa da neve e as botas cheias de neve derretida. As orelhas e o nariz pareciam congelados.

O caminho que tão bem conhecia, que tinha percorrido milhares de vezes a pé ou de bicicleta durante a infância, estava enterrado sob a neve, invisível, e rapidamente começou a ficar desorientado. Estavam numa charneca na Escócia, sem sebes nem muros a marcar os limites da estrada, como acontecia em outras zonas da Grã-Bretanha.

Os campos, quer de um, quer do outro lado da estrada, não estavam cultivados e, por isso, ninguém sentia necessidade de os delimitar.

Teve a sensação de que se tinha desviado do caminho, parou e, com as mãos nuas, escavou a neve.

— O que foi agora? — perguntou Nigel, irritado.

— Só um minuto.

Kit descobriu turfa congelada, o que significava que tinha saído da estrada pavimentada.

A questão era: para que lado? Soprou para as mãos geladas a fim de tentar aquecê-las.

Para a direita, parecia haver uma encosta. A estrada devia ser por ali. Andou alguns metros naquela direção e tornou a escavar a neve, descobrindo então macadame.

— Por aqui! — disse, com mais confiança do que sentia.

Com o tempo, a neve derretida que ensopara as calças e as meias começou a congelar outra vez — ou seja, tinha gelo encostado à pele. Depois de terem caminhado durante meia hora, teve a sensação de que estavam a andar às voltas. Tinha perdido o sentido de orientação. Numa noite normal, as luzes no exterior da casa seriam visíveis ao longe, mas naquela noite não havia qualquer luz por entre a neve que pudesse dar -lhe um sinal.

Nem se sentia o cheiro nem o som do mar: podia estar a cem quilômetros

dali. Percebeu que, caso se perdessem, morreriam de frio. Estava completamente aterrorizado.

Os outros seguiam-no exaustos e em silêncio. Até Daisy tinha parado de reclamar.

Estavam ofegantes, a tremer e sem energia para falarem.

Por fim, Kit sentiu que a escuridão se adensava à sua volta. Parecia que estava a nevar com menos intensidade. Quase chocou com o tronco de uma árvore enorme. Tinha chegado ao bosque que havia junto da sua casa. Sentiu-se tão aliviado que lhe apeteceu pôr-se de joelhos a dar graças. Dali para a frente já conseguia descobrir o caminho.

Enquanto prosseguia pelo caminho sinuoso no meio das árvores, ouviu alguém a bater os dentes como se fossem castanholas. Esperava que fosse Daisy.

Tinha deixado de sentir os dedos das mãos e dos pés, mas ainda conseguia mexer as pernas. Ali, debaixo das árvores, a neve não era tão espessa e, por isso, Kit conseguia andar mais depressa. Uma luz ténue lá ao longe sugeriu-lhe que estava a aproximar-se das luzes da casa. Por fim, saiu do bosque. Caminhou na direção da luz e chegou à garagem.

As portas grandes estavam fechadas, mas havia uma porta lateral que nunca estava trancada e foi por aí que Kit entrou. Os outros três entraram também.

— Graças a Deus! — exclamou Elton, num tom sinistro. — Pensei que ia morrer nesta merda desta terra.

Kit acendeu a lanterna. Viu o Ferrari azul do pai, com as suas curvas voluptuosas, estacionado muito perto da parede. A seguir estava o Ford Mondeo branco de Luke. Que estranho! Normalmente Luke e Lori iam de carro para casa deles ao fim do dia. Teriam passado a noite lá em casa ou...?

Apontou a lanterna para o outro lado da garagem, onde normalmente estava estacionado o Toyota Land Cruiser Amazon.

Não estava lá.

Kit teve vontade de chorar.

Percebeu imediatamente o que tinha acontecido. Luke e Lori viviam num anexo a uns dois quilômetros dali. O acesso era muito mau. Com aquela tempestade, Stanley dissera-lhes para levar o jipe. Tinham deixado lá o Ford, que era tão bom para andar na neve como o Astra.

— Merda! — exclamou Kit.

— Onde está o Toyota? — perguntou Nigel.

— Não está cá — disse Kit. — Meu Deus, agora é que estamos tramados.

3h30

Carl Osborne estava a falar ao telemóvel.

— Já está alguém na redação? Ótimo. Passem a chamada para lá. Toni atravessou o átrio principal, aproximando-se de Cari.

— Espera, por favor.

Ele tapou o telefone com a mão e perguntou: — O que foi?

— Por favor desliga e ouve-me. Só por um momento.

— Preparem-se para um registo de voz — disse ao telefone. — Volto a ligar dentro de poucos minutos.

Desligou e olhou para Toni, expectante.

Toni estava desesperada. Uma notícia alarmante de Cari podia causar danos terríveis.

Não gostava de pedir nada a ninguém, mas tinha de tentar impedi-lo de continuar.

— Isto pode ser o meu fim — confessou ela. — Deixei o Michael Ross roubar um coelho e agora permiti que uma quadrilha de ladrões levasse uma amostra do vírus.

— Lamento muito, Toni, mas vivemos num mundo cruel.

— Pode ser também o fim da empresa — insistiu.

Estava a ser mais franca do que gostaria, mas tinha de ser assim.

— A publicidade negativa pode assustar os nossos... investidores. Cari não perdia uma oportunidade.

— Os americanos, queres tu dizer.

— Não interessa quem são. A questão é que a empresa pode ser destruída. — E Stanley também, pensou, mas não disse. Estava a tentar parecer razoável e não emotiva, se bem que a sua voz estivesse prestes a ceder. — Eles não merecem!

— O teu querido professor Oxenford não merece, não é?

— Por amor de Deus, a única coisa que ele pretende é encontrar curas para doenças.

— E ao mesmo tempo ganhar dinheiro.

— Tal como tu, quando contas a verdade aos espetadores da televisão escocesa.

Carl olhou para ela, sem perceber se estava ou não a ser sarcástica. Depois abanou a cabeça.

— Uma notícia é uma notícia. Além disso, vai sempre acabar por se saber. Se não for eu a dá-la, serão outros a fazê-lo.

— Eu sei — disse Toni, olhando pelas janelas do átrio. O mau tempo parecia não estar a abrandar. Na melhor das hipóteses, podia ser que houvesse uma melhoria de manhã. -

Dá-me só três horas — pediu. — Dá a notícia às sete.

— Que diferença faz?

Se calhar, não faria diferença nenhuma, pensou Toni, mas era a única hipótese que lhe restava.

— Talvez nessa altura já possamos dizer que a Polícia apanhou a quadrilha ou, pelo menos, que esperam apanhá-los a qualquer momento.

Talvez a empresa e Stanley pudessem sobreviver àquela crise, se fosse rapidamente solucionada.

— Nem pensar. Entretanto, pode alguém ficar com a história. Assim que a Polícia souber, toda a gente fica a saber. Não posso correr esse risco.

Fez a ligação.

Toni olhou fixamente para ele. A verdade já era suficientemente má. Vista pela lente distorcida de uma televisão sensacionalista, seria uma catástrofe.

— Gravem isto — disse Cari ao telemóvel. — Podem passá-la com uma imagem minha a falar ao telefone. Estão prontos?

Toni tinha vontade de o matar.

— Estou nas instalações da Oxenford Medical, onde, pelo segundo dia consecutivo, um acidente de biossegurança ocorreu nesta empresa farmacêutica escocesa.

Seria possível impedi-lo de continuar? Toni olhou à sua volta. Steve estava atrás do balcão da recepção. Susan estava deitada, muito pálida, mas Don parecia estar bem. A sua mãe estava a dormir e o cachorro também. Podia contar com a ajuda de dois homens.

— Com licença — disse a Cari.

Ele tentou ignorá-la.

— Amostras de um vírus mortal, o Madoba-2...

Toni pôs a mão sobre o telefone.

— Desculpa, mas não podes utilizar o telefone aqui.

Ele voltou-se e tentou continuar.

— Amostras de um vírus mortal...

Ela empurrou-o e tornou a pôr a mão sobre o telefone e sobre a boca dele.

— Steve! Don! Venham cá depressa!

Cari disse ao telefone:

— Estão a tentar impedir-me de dar a notícia. Estão a gravar?

Toni falou suficientemente alto para as suas palavras serem audíveis do outro lado da linha.

— Os telemóveis podem interferir com o equipamento electrônico dos laboratórios, que é muito sensível e, por isso, não podem ser utilizados aqui. — Não era verdade, mas serviria de pretexto. — Desliga imediatamente!

Cari afastou o telefone dela e gritou: — Larga-me!

Toni fez um sinal a Steve, que arrancou o telefone das mãos de Cari e o desligou.

— Você não pode fazer isso! — disse Cari.

— Claro que posso. Você é um visitante, e eu sou o responsável pela segurança.

— Tretas! Isto não tem nada que ver com segurança.

— Diga o que quiser. Sou eu que mando aqui.

— Então vou lá para fora.

— Vai morrer congelado.

— Não pode impedir-me de sair.

Toni encolheu os ombros.

— É verdade. Mas não faço tenções de te devolver o telefone.

— Nesse caso, estás a roubá-lo.

— A confiscá-lo por razões de segurança. Enviaremos pelo correio.

— Vou à procura de uma cabina.

— Boa sorte.

Não havia nenhum telefone público numa área de quase dez quilômetros.

Cari vestiu o casaco e saiu. Toni e Steve ficaram a vê-lo pela janela. Entrou para o carro e pô-lo a trabalhar. Depois voltou a sair e tirou a neve que cobria o para-brisas. Os limpa-para-brisas começaram a trabalhar. Tornou a entrar para o carro e arrancou.

— Deixou cá o cão — comentou Steve.

A neve tinha abrandado um pouco. Toni praguejou por entre dentes. Não acreditava que o tempo fosse melhorar na pior altura.

Quando o Jaguar começou a subir em direção à saída, tinha um monte de neve à sua frente e foi obrigado a parar a uns cem metros do portão, sorriu.

— Nunca pensei que ele chegasse tão longe.

Acendeu-se uma luz dentro do carro. Toni franziu o sobrolho, preocupada.

— Se calhar vai ficar ali com o carro a trabalhar e o aquecimento no máximo até se acabar a gasolina — disse Steve.

Toni espreitou por entre a neve, para tentar ver melhor.

— O que é que ele está a fazer? — perguntou Steve. — Parece que está a falar com ele mesmo.

Toni percebeu o que estava a acontecer e sentiu o coração cair-lhe aos pés.

— Merda! Ele está a falar, mas não é consigo próprio.

— O quê?

— Tem outro telefone no carro. É jornalista e, por isso, tem um equipamento sobressalente. Bolas, nunca me passou pela cabeça!

— Vou lá para tentar impedi-lo?

— É tarde de mais. Quando lá chegares, já terá dito o suficiente. Porra!

Estava tudo a correr mal. Apetecia-lhe desistir, ir-se embora, descobrir um quarto às escuras, deitar-se e fechar os olhos. Em vez disso, porém, recuperou as energias.

— Quando ele voltar cá para dentro, vai lá e vê se ele deixou a chave na ignição. Se tiver deixado, tira-a. Pelo menos, assim não volta a telefonar.

— Está bem.

O telemóvel de Toni tocou e ela atendeu.

— Toni Gallo.

— É a Odette. — Parecia abalada.

— O que aconteceu?

— Últimas notícias. Um grupo terrorista denominado Scimitar tem andado a comprar Madoba-2.

— Scimitar? Um grupo árabe?

— Parece, mas não temos a certeza. O nome pode ser para induzir em erro. Mas os assaltantes devem estar trabalhando para eles.

— Meu Deus! Sabes mais alguma coisa?

— O objetivo é libertá-lo amanhã, 26 de dezembro, num local público na Grã-Bretanha.

Toni ficou sem respirar. Ela e Odette já tinham especulado sobre aquela possibilidade, mas a confirmação era chocante. As pessoas passavam o Dia de Natal em casa e saíam no dia a seguir ao Natal. Em todo o país as pessoas iriam a jogos de futebol, corridas de cavalos, ao cinema, ao teatro, jogar bowling. Muitas apanhariam o avião para estâncias de esqui e praias nas Caraíbas. As possibilidades eram infindáveis.

— Mas onde? — perguntou Toni.

— Não sabemos. Por isso, temos de apanhar esse gangue. A polícia local vai a caminho com um limpa-neves.

— Ótimo!

Toni sentiu-se mais animada. Se os ladrões fossem apanhados, tudo mudaria. Não só o vírus seria recuperado, evitando-se o perigo, como a Oxenford Medical não ficaria tão malvista aos olhos da imprensa. E Stanley seria poupado.

— Também alertei as corporações das cidades limítrofes e de Glasgow — continuou Odette. — Mas acho que a ação vai concentrar-se em Inverburn. O superintendente é um tal Frank Hackett. O nome não me é estranho. Por acaso

não é o teu ex-companheiro?

— É, e isso complicou a situação. Ele gosta de me dizer “não”.

— Vais ver que está manso que nem um cordeiro. Recebeu um telefonema do Chanceler do Ducado de Lancaster. Parece estranho, não é? Mas é ele o responsável pelo serviço de informações do governo. Um departamento a que chamamos COBRA. Por outras palavras, é o dirigente máximo da força antiterrorista. O teu ex deve ter saltado da cama como se tivesse o rabo a arder.

— Não tenhas pena dele. Não merece.

Depois disso, já recebeu outro telefonema do meu chefe, outra experiência inesquecível.

O pobre diabo vai a caminho daí com o limpa-neve.

— Preferia um limpa-neves sem o Frank.

— Ele está passando um mau bocado. Sê simpática para ele.

— Pois sim — disse Toni

3h45

Daisy estava a tremer tanto que quase nem conseguia segurar a escada. Elton subiu os degraus, levando numa das mãos, enregelada, uma tesoura de podar. As luzes no exterior da casa brilhavam sob o filtro da neve que continuava a cair. Kit observava-os da porta da garagem, com os dentes a bater. Nigel estava dentro da garagem de braços entrelaçados à volta da pasta de cabedal.

A escada estava encostada a uma das paredes de Steepfall. Os fios do telefone iam de uma das esquinas da casa à altura do telhado até à garagem onde, tanto quanto Kit sabia, percorriam uma conduta subterrânea até à estrada principal. Cortar os cabos naquele sítio iria isolar toda a propriedade de qualquer contacto telefônico. Era apenas uma precaução, mas Nigel insistira, e Kit encontrara a escada e a tesoura na garagem.

Kit tinha a sensação de que estava a viver um pesadelo. Sabia que o trabalho que iria fazer naquela noite podia ser perigoso, mas nem nos seus piores momentos pudera imaginar que àquela hora iria estar junto à casa da sua família com um criminoso, a preparar-se para cortar as linhas telefônicas, ao lado de outro que tal agarrado a uma pasta onde se encontrava um vírus que podia matá-los todos.

Elton soltou a mão esquerda da escada, equilibrou-se cuidadosamente e segurou a tesoura com ambas as mãos. Inclinou-se para a frente, prendeu um cabo entre as duas lâminas, apertou o punho, mas deixou cair a tesoura. Aterrou na neve de bicos para baixo a menos de quinze centímetros de Daisy, que soltou um grito.

— Cala-te! — disse Kit, em voz baixa.

— Ele podia ter-me matado! — protestou Daisy.

— Vais acordar toda a gente!

Elton desceu a escada, pegou na tesoura e tornou a subir.

Tinham de passar pelo anexo onde viviam Luke e Lori para irem buscar o Toyota Land Cruiser, mas Kit sabia que não conseguiriam ir imediatamente. Estavam quase a cair de exaustão. Pior ainda, Kit não tinha a certeza de conseguir encontrar a casa de Luke.

Estivera quase a perder-se no caminho para Steepfal . Estava a nevar mais do que nunca. Se tentassem ir já para lá, acabariam por perder-se ou morrer gelados, ou ambas as coisas. Tinham de esperar até o nevão abrandar ou até que a luz do dia lhes permitisse encontrar o caminho mais facilmente. E era para garantirem que ninguém iria descobrir onde eles se encontravam que estavam a cortar as

linhas telefônicas.

À segunda tentativa, Elton conseguia cortar os fios. Enquanto ele vinha a descer, Kit apanhou os cabos soltos, enrolou-os e encostou-os à parede da garagem, onde davam menos nas vistas.

Elton levou a escada para a garagem e deixou-a cair no chão de cimento, com grande estrépito.

— Tentem não fazer tanto barulho! — recomendou Kit.

Nigel olhou à sua volta, vendo as paredes de pedra do estábulo convertido em garagem, e constatou que não podiam ficar ali.

— É melhor aqui do que lá fora — disse Kit.

— Estamos encharcados, cheios de frio, além de aqui não haver aquecimento. Podemos morrer.

— Pois é! — anuiu Elton, desesperado.

— Vamos pôr os carros a trabalhar — sugeriu Kit. — Assim a garagem sempre aquece.

— Não sejas estúpido — retorquiu Elton. — O fumo dos escapes mata-nos antes de termos tempo de aquecer.

— Podíamos levar o Ford lá para fora e ficar sentados dentro dele.

— Vão-se lixar! — explodiu Daisy. — Eu quero uma chávena de chá, comida quente e uma bebida qualquer. Vou para dentro de casa.

— Não!

A ideia de ver aqueles três dentro da casa onde estava a sua família deixou Kit horrorizado. Era como levar cães danados lá para dentro. E a pasta com o vírus? Como podia ele permitir que levassem tal coisa para a cozinha?

— Eu concordo com ela — disse Elton. — Vamos para dentro de casa.

Kit estava muito arrependido de lhes ter dito como podiam cortar os fios dos telefones.

— Mas como é que eu explico sua presença? — perguntou.

— Vão estar todos a dormir.

— E se ainda estiver a nevar quando se levantarem?

— Vais fazer o seguinte — sugeriu Nigel. — Dizes que não nos conheces. Encontraste-nos na estrada. O nosso carro ficou preso na neve a alguns quilômetros daqui. Tiveste pena de nós e trouxeste-nos para tua casa.

— Ninguém sabe que eu saí de casa!

— Dizes que foste tomar um copo.

— Ou encontrar-te com uma rapariga — sugeriu Elton.

— Que idade tens? — perguntou Daisy. — Ainda precisas de pedir autorização ao papá antes de sair de casa?

Kit ficou furioso com o ar paternalista de uma criminosa como Daisy.

— Só estou preocupado em arranjar uma história em que eles acreditem, minha estúpida.

Quem é que seria suficientemente anormal para sair de casa no meio de um temporal como este para ir tomar um copo, quando há tanta bebida em casa?

— Alguém suficientemente anormal para perder duzentas e cinquenta mil libras no blackjack — retorquiu Daisy.

— Arranja uma história plausível, Kit — disse Nigel. — Temos de ir lá para dentro antes que os pés nos caiam.

— Deixaram os disfarces na picape. A minha família vai ver os rostos.

— Não faz mal. Somos apenas viajantes com azar. Vai haver centenas de pessoas como nós. De certeza que os noticiários vão dizer isso. A tua família não vai associar -nos às pessoas que assaltaram o laboratório.

— A ideia não me agrada — disse Kit.

Tinha medo de desafiar aqueles três criminosos, mas estava suficientemente desesperado para o fazer.

— Não vou levar-vos para dentro de casa.

— Não estamos a pedir-te autorização — contrapôs Nigel em tom de desdém. — Se não nos mostrares onde é a entrada, nós descobrimos.

O que eles não percebiam, pensava Kit em desespero, é que todas as pessoas da família eram muito inteligentes. Nigel, Elton e Daisy teriam grande dificuldade em enganá-los.

— Vocês não parecem um grupo de pessoas inocentes que se perderam.

— O que é que queres dizer com isso? — perguntou Nigel.

— Não são uma família escocesa normal — explicou Kit. — Tu és de Londres, o Elton é preto e a Daisy é uma psicopata. As minhas irmãs vão reparar nisso.

— Vamos ser bem-educados e falar pouco.

— O melhor seria não dizerem nada. Ao mínimo descuido, o plano vai todo por água abaixo.

— Claro. Vamos querer que eles pensem que somos inofensivos.

— Sobretudo a Daisy — referiu Kit voltando-se para ela. — Vê se controlas as mãos, pode ser?

Nigel apoiou Kit.

— Pois, Daisy. Tenta não ser violenta. Comporta-te como uma rapariga só por algumas horas, está bem?

— Está bem, está bem — disse Daisy, e voltou-lhes as costas.

Kit percebeu que em dado momento daquela discussão tinha cedido.

— Merda! — exclamou. — Lembrem-se de que precisam de mim para vos mostrar onde está o Land Cruiser. Se acontecer alguma coisa de mal à minha

família, podem esquecer o jipe.

Com uma sensação fatalista de que não conseguia impedir-se de caminhar em direção a uma catástrofe, conduziu-os à porta das traseiras. Estava destrancada, como sempre.

Quando a abriu, disse: “Tudo bem, Nellie, sou eu”, para que ela não ladrasse.

Quando entrou no átrio onde estavam as botas, o ar quente abateu-se sobre ele como uma bênção. Ouviu Elton dizer atrás de si: — Oh, meu Deus, aqui está-se melhor!

Kit voltou-se e disse-lhes em surdina: — Falem baixo, por favor!

Parecia um professor a tentar sossegar os seus alunos irrequietos num museu.

— Quanto mais tempo estiverem a dormir, melhor para nós, não percebem isso?

Levou-os para a cozinha.

“Porta-te bem, Nellie”, disse em voz baixa. “São amigos meus.”

Nigel deu uma palmadinha a Nellie, que abanou a cauda. Tiraram os casacos ensopados.

Nigel pousou a pasta sobre a mesa da cozinha e disse: — Põe a chaleira ao lume, Kit.

Kit pousou o computador e ligou a televisão que estava sobre a bancada da cozinha.

Procurou um canal de notícias e depois encheu a chaleira.

Uma locutora bonita dizia:

— Uma alteração inesperada na direção do vento trouxe a tempestade de neve para a Escócia, cujo território foi atingido em quase toda a sua extensão.

— Bem podes dizê-lo — comentou Daisy.

A locutora tinha uma voz sedutora, como se estivesse a convidar os telespetadores para tomarem um copo em casa dela.

— Em algumas zonas está a nevar ininterruptamente há mais de doze horas, atingindo camadas que ultrapassam os trinta centímetros.

— Trinta centímetros! Eu dou-te os trinta centímetros! — refilou Elton.

Estavam a ficar mais descontraídos, percebeu Kit com nervosismo. Estava ainda mais tenso do que antes.

A locutora falou de acidentes rodoviários, estradas bloqueadas e veículos abandonados.

— Que diabo! Pára lá com isso e diz mas é quando é que vai passar! — exclamou Kit, irritado.

— Faz o chá, Kit — exclamou Nigel.

Kit pôs em cima da mesa as canecas, um açucareiro e um jarro de leite. Nigel, Daisy e Elton sentaram-se à volta da mesa de pinho, como era costume a

sua família fazer. A chaleira apitou. Kit fez um bule de chá e uma cafeteira de café.

As imagens da televisão mudaram: apareceu um técnico de meteorologia à frente de um gráfico. Ficaram todos em silêncio.

— A tempestade irá desaparecer amanhã de manhã, tão rapidamente como apareceu -

disse o meteorologista.

— Boa! — exclamou Nigel num tom triunfante.

— Até ao meio-dia, a neve deverá estar derretida.

— Sê mais preciso! — disse Nigel, exasperado. — Antes do meio-dia, mas a que horas?

— Ainda vamos conseguir — disse Elton.

Serviu-se de chá e juntou açúcar e leite.

Kit partilhava do optimismo dele.

— Assim que nascer o dia, vamos embora — disse, mais animado, por ainda entrever uma possibilidade.

— Espero bem que possamos — acrescentou Nigel.

Elton bebeu o chá em pequenos goles.

— Isto assim já é melhor. Deve ter sido esta a sensação que Lázaro teve quando se ergueu de entre os mortos.

Daisy levantou-se. Abriu a porta que dava para a casa de jantar e espreitou lá para dentro. Estava às escuras.

— O que é isto aqui? — perguntou.

— Onde é que pensas que vais? — disse Kit.

— Preciso de álcool no chá. — Daisy acendeu a luz e entrou. Passado um momento, emitiu um som de triunfo e Kit ouviu-a abrir o armário das bebidas.

O pai de Kit entrou na cozinha, vindo do átrio, com um pijama cinzento e um roupão de caxemira preto.

— Bom dia. O que é isto?

— Olá, pai — disse Kit. — Vou já explicar.

Daisy voltou da casa de jantar segurando na mão enluvada uma garrafa de Glenmorangie.

Stanley ergueu as sobrancelhas ao vê-la.

— Quer um uísque? — perguntou-lhe.

— Não, obrigada — respondeu Daisy. — Tenho aqui uma garrafa cheia.

4h15

Toni ligou para Stanley assim que teve um momento livre. Ele não ia poder fazer nada, mas iria querer saber o que estava a acontecer. Além disso, Toni não queria que ele soubesse pelos meios de comunicação.

Receava ter aquela conversa com Stanley. Teria de lhe dizer que era responsável por uma catástrofe que poderia arruinar a vida dele. Como se sentiria ele em relação a ela depois disso?

Marcou o número e ouviu o sinal de "desligado". O telefone devia estar avariado. Talvez a neve tivesse destruído as linhas. Ficou aliviada por não ter de lhe dar aquela notícia terrível.

Ele não andava com telemóvel, mas tinha um telefone no Ferrari. Ligou para esse número e deixou uma mensagem. "Stanley, é a Toni. Más notícias — o laboratório foi assaltado. Por favor liga para o meu telemóvel assim que puderes." Quando ele ouvisse a mensagem, podia já ser tarde de mais, mas pelo menos tinha tentado.

Olhou com impaciência para as janelas do átrio principal. Onde estava a Polícia com o limpa-neves? Viriam de sul, de Inverburn, pela estrada principal. O limpa-neves devia andar a uns vinte quilômetros por hora, consoante a profundidade de neve que tivesse de tirar. Deviam demorar uns vinte a trinta minutos. Já deviam ter chegado. Vá lá, vá lá!

Esperava que, depois de lá chegarem, arrancassem rapidamente em direção a norte no encalço da picape da Hibernian. Seria fácil ver a picape, com as suas letras brancas garrafais sobre um fundo escuro.

Mas, de repente, apercebeu-se de que os ladrões deviam ter pensado nisso.

Provavelmente haviam mudado de viatura pouco depois de terem saído do Kremlin. Se fosse ela, era o que teria feito. Teria arranjado um carro que não desse nas vistas, por exemplo um Ford Fiesta, igual a dezenas de outros modelos, e tê-lo-ia deixado estacionado, por exemplo, no parque de um supermercado ou de uma estação de comboios. Os ladrões poderiam encaminhar-se rapidamente para o parque e, poucos minutos depois de abandonarem o local do crime, prosseguir viagem num veículo completamente diferente.

Aquela possibilidade deixou-a desanimada. Como iria a Polícia identificar os ladrões?

Teriam de mandar parar todos os carros à procura de um, cujos ocupantes fossem três homens e uma mulher.

Muito agitada, tentou descobrir se havia alguma coisa que pudesse fazer para acelerar o processo. Admitindo que os ladrões tinham trocado de carro ali nas redondezes, quais eram as possibilidades? Precisavam de um local onde um veículo pudesse ficar estacionado durante várias horas sem atrair as atenções. Não havia estações de caminho-de-ferro nem supermercados nas imediações. O que é que existia? Foi à recepção buscar um bloco e uma esferográfica e fez uma lista: Inverburn Golf Club

Dew Drop Inn

Happy Eater

Greenfingers Garden Centre

Scottish Smoked Fish Products

Wiliams Press (Printing & Publishing) Não queria que Cari Osborne soubesse o que ela estava a fazer. Cari tinha voltado do carro para o calor do átrio e estava a ouvir tudo. Não sabia que já não podia telefonar do carro. Steve tinha ido lá fora à socapa e tirado a chave da ignição, mas, mesmo assim, Toni não podia correr riscos.

— Vamos fazer de detectives — disse em voz baixa a Steve. Rasgou o papel ao meio e deu uma parte a Steve. — Liga para esses sítios. Claro que está tudo fechado, mas talvez encontres um porteiro ou um segurança. Diz-lhes que fomos assaltados, mas não digas o que é que levaram. Diz-lhes que o veículo utilizado na fuga pode ter sido abandonado nas instalações deles. Pergunta-lhes se está alguma picape da Hibernian Telecom estacionada ao pé do edifício.

Steve acenou com a cabeça.

— Boa ideia. Se descobrirmos o trajeto deles, é uma boa ajuda para a Polícia.

— Exactamente. Mas não utilizes o telefone da tua secretária. Não quero que o Cari ouça.

Vai para o outro lado do átrio, onde ele não consiga ouvir. Liga do telemóvel que lhe tiraste.

Toni foi para longe de Cari e pegou no telemóvel. Ligou para as informações e pediu o número do clube de golfe. Ligou e ficou à espera. O telefone tocou durante mais de um minuto até que uma voz ensonada atendeu: — Está lá? Clube de golfe. Quem fala?

Toni apresentou-se e contou a história.

— Estou a tentar localizar uma picape com a inscrição “Hibernian Telecom” de um dos lados. Por acaso não se encontra no estacionamento?

— Ah, sim, entendo. O veículo utilizado na fuga, pois.

O coração de Toni deu um salto.

— Está aí?

— Não, pelo menos não estava quando cheguei. Estão ali alguns carros de pessoas que cá estiveram e depois tiveram medo de ir dirigindo no fim de almoço, entende?

— A que horas entrou de serviço?

— Às sete da noite.

— Seria possível irem estacionar aí a picape depois disso? Talvez por volta das duas da manhã?

— Talvez... Não sei dizer.

— Pode ir ver?

— Posso, claro! — exclamou o outro, e pelo tom de voz dir-se-ia que achava a ideia tremendamente original. — Não desligue. Não demoro nada. — Ouviu-se um baque, quando ele pousou o telefone.

Toni ficou à espera, ouvindo passos se afastando e depois voltando.

— Não, acho que a picape não está aqui.

— Está bem.

— Os carros estão cobertos de neve, por isso não consigo vê-los bem. Nem sei ao certo qual é o meu.

— Está bem, obrigada.

— Mas uma picape seria mais alta que os outros, não? Daria na vista. Não, a picape não está aqui.

— Agradeço muito a sua ajuda.

— O que é que eles roubaram?

Toni fingiu que não tinha ouvido a pergunta e desligou. Steve estava também ao telefone e, pela expressão dele, percebia-se que ainda não tinha encontrado nada. Ligou para a Dew Drop Inn. Foi um jovem com uma voz alegre que atendeu.

— Vincent, em que posso ajudá-la?

Toni achou que ele falava como qualquer empregado de hotel desejoso de agradar até ao momento em que alguém pede de facto alguma coisa. Tornou a contar a história toda.

— Há muitos carros no nosso parque de estacionamento. Estamos abertos no Natal -

disse-lhe Vincent. — Estou a olhar para o monitor do circuito fechado de televisão, mas não vejo picape nenhuma. Infelizmente, a câmara não apanha o parque todo.

— Importa-se de ir à janela ver melhor? É muito importante.

— Estou bastante ocupado.

“A esta hora da noite?”, pensou Toni. Adoptou um tom meigo e delicado e disse: — Poupava à Polícia o trabalho de ir aí interrogá-lo, percebe?

Resultou. Ele não queria que o sossego do seu turno noturno fosse estragado por carros da Polícia.

— Espere um momento. — Afastou-se e voltou logo de seguida. — Está aqui.

— A sério?

Tom parecia incrédula. Há muito tempo que nada lhe fazia sentir que estava com sorte.

— É uma Ford Transit azul com “Hibernian Telecom” escrito em grandes letras brancas de um dos lados. Não pode estar ali há muito tempo, porque não tem tanta neve em cima como os outros carros. Foi assim que vi as letras.

— Nem calcula a ajuda que me deu. Muito obrigada. Por acaso não reparou se falta algum carro. Podia ser o carro em que seguiram viagem?

— Lamento muito, mas não.

— Está bem. Muito obrigada, mais uma vez.

Desligou e olhou para Steve.

— Descobri a picape em que fugiram!

Ele acenou a cabeça, a olhar para a janela.

— E o limpa-neves acabou de chegar.

4h30

Daisy despejou a caneca do chá e encheu-a outra vez de uísque.

Kit sentia-se insuportavelmente tenso. Nigel e Elton talvez conseguissem fazer -se passar por inocentes automobilistas vítimas de um acidente, mas com Daisy não havia nada a fazer. Parecia pertencer a um gangue e comportava-se como uma arruaceira.

Quando pousou a garrafa na mesa da cozinha, Stanley pegou nela e disse calmamente: — Não se embriague, minha menina. Isso não é bonito. — E dito isto, tapou a garrafa.

Daisy não estava habituada a que ninguém lhe dissesse o que devia fazer. Normalmente, as pessoas tinham medo de o fazer. Olhou para Stanley como se estivesse a um passo de o matar. Ele estava muito elegante, mas com um ar vulnerável, com o pijama cinzento e o roupão preto. Kit ficou à espera da explosão.

— Um pouco de uísque faz-nos sentir melhor, mas em grandes doses faz-nos sentir pior -

disse Stanley, guardando a garrafa num armário. — Era o que o meu pai costumava dizer, e ele gostava muito de uísque.

Daisy estava a tentar controlar a raiva. O esforço era visível para Kit. Receava o que poderia acontecer, se ela desse largas à sua raiva. O momento de tensão foi interrompido pelo aparecimento de Miranda, com uma camisa de dormir cor-de-rosa às flores.

— Olá, minha querida. Já a pé? Ainda é tão cedo — observou Stanley.

— Não consegui dormir. Fui para o sofá do escritório do Kit. Não me perguntes porquê.

Olhou para os desconhecidos.

— Ainda é cedo para visitas de Natal.

— Esta é a minha filha Miranda — disse Stanley. — Mandy, apresento-te o Nigel, o Elton e a Daisy.

Kit tinha-os apresentado ao pai há alguns minutos e, sem dar pelo erro que estava a cometer, dissera os seus nomes verdadeiros. Miranda cumprimentou-os com um aceno de cabeça.

— Foi o Pai Natal que vos trouxe? — perguntou com um ar jovial.

Kit explicou.

— O carro deles avariou-se na estrada principal, ao pé do desvio. Dei-lhes boleia, e depois foi o meu carro que também se avariou. Tivemos de fazer o resto

do caminho a pé.

Ela iria acreditar? Iria perguntar o que estava dentro da pasta cor de vinho, pousada sobre a mesa como uma bomba?

Porém, a questão dela centrou-se num outro aspecto da história.

— Não sabia que tinhas saído. Onde é que foste a meio da noite e com este tempo?

— Ah, sabes como é.

Kit já tinha pensado como iria responder àquela pergunta. Pôs um ar de menino envergonhado.

— Não conseguia dormir, senti-me só e resolvi ir visitar uma antiga namorada de Inverburn.

— Qual delas? Namoraste com a maior parte das raparigas de Inverburn.

— Acho que não a conheces. — Pensou rapidamente num nome. — Lisa Fremont. -

Mordeu a língua. Era uma personagem de um filme de Hitchcock.

Miranda não reagiu ao nome.

— E ela ficou contente por te ver?

— Não estava em casa.

Miranda afastou-se e pegou na cafeteira.

Kit não sabia se ela tinha acreditado nele ou não. A história que inventara não era nada boa, mas Miranda nunca iria adivinhar o motivo por que ele estava a mentir. Iria pensar que estava envolvido com uma mulher mas não queria saber quem era — porventura uma mulher casada.

Enquanto Miranda se servia do café, Stanley perguntou a Nigel: — Donde é? Não parece escocês.

Parecia conversa de ocasião, mas Kit sabia que o seu pai estava a examiná-los.

Nigel respondeu no mesmo tom descontraído.

— Vivo no Surrey e trabalho em Londres. O meu escritório fica em Canary Wharf.

— Trabalha na área financeira.

— Forneço sistemas de alta tecnologia a países do Terceiro Mundo, sobretudo no Médio Oriente. Um xeque do petróleo quer montar a sua própria discoteca, não sabe onde há-de comprar o equipamento e então contacta-me, e eu resolvo o problema dele.

Não estava mal de todo.

Miranda foi para a mesa com a caneca de café e sentou-se em frente de Daisy.

— Que luvas tão bonitas! — disse-lhe. Daisy tinha umas luvas de camurça

castanhas, que pareciam caras e estavam completamente encharcadas. — Não quer secá-las?

Kit tornou a ficar tenso. Qualquer conversa com Daisy era um perigo.

Daisy lançou-lhe um olhar hostil, mas Miranda não viu e insistiu: — Tem de meter qualquer coisa dentro delas de forma a enchê-las para não ficarem deformadas, — disse e, ato contínuo, tirou um bocado de papel de cozinha da bancada. -

Tome, isto serve.

— Não é preciso — resmungou Daisy, de forma quase imperceptível. “Oh, meu Deus, é agora”, pensou Kit.

Nigel interveio.

— Não sejas pateta, Daisy. Vê lá não estragues as luvas. — Havia uma insistência subtil na sua voz, que fez com que as suas palavras soassem mais como uma ordem do que como uma sugestão. Estava tão preocupado como Kit. — Faz o que a senhora está a dizer. Ela está a ser simpática para ti.

Mais uma vez, Kit ficou à espera da explosão. No entanto, para sua surpresa, Daisy tirou as luvas. Kit ficou admirado quando viu como as suas mãos eram pequenas e delicadas.

Nunca tinha reparado nisso. Tudo o resto nela tinha um aspecto rude: os olhos muito pintados de preto, o nariz partido, o blusão com o fecho de correr, as botas. As mãos, porém, eram lindas, e obviamente ela sabia-o, pois estavam muito bem arranjadas e com um verniz cor-de-rosa pálido. Kit estava estupefacto. Percebeu que algures, lá no fundo, aquele monstro era uma rapariga normal. O que lhe teria acontecido? Tinha sido criada por Harry Mac, e isso explicava tudo.

Miranda ajudou-a a encher as luvas com papel de cozinha.

— Qual é a relação que há entre vocês os três? — perguntou a Daisy. O seu tom era educado, como se estivesse a fazer conversa com uma convidada de um jantar, mas a verdade é que estava a testá-la. Tal como Stanley, não imaginava como isso era perigoso.

Daisy olhou para ela em pânico. Kit achou que ela parecia uma menina da escola a quem estivesse a ser pedido o trabalho de casa, sem que ela o tivesse feito. Kit tinha vontade de preencher aquele silêncio comprometedor, mas seria estranho responder por ela.

Passado um momento, foi Nigel que abriu a boca: — Sou amigo do pai da Daisy.

Era aceitável, pensou Kit, apesar de o mais certo ser Miranda achar estranho o facto de não ter sido Daisy a responder.

— E o Elton trabalha para mim — acrescentou Nigel.

Miranda sorriu para Elton.

— É seu ajudante?

— Motorista — respondeu Elton com brusquidão.

Kit achou que era bom Nigel ser uma pessoa apresentável. O charme dele tinha de compensar a brutalidade dos outros dois.

— É uma pena o tempo ter-vos estragado o Natal na Escócia — comentou Stanley.

Nigel sorriu.

— Se eu quisesse apanhar sol, tinha ido para as Barbados.

— Você e o pai da Daisy devem ser grandes amigos, para passarem o Natal juntos.

Nigel acenou com a cabeça.

— Somos amigos há muito tempo.

Pareceu óbvio a Kit que Nigel estava a mentir. Seria por saber a verdade? Ou seria também óbvio para Stanley e Miranda? Kit não conseguia estar sentado nem mais um minuto: a tensão era insuportável. Pôs-se de pé de um salto.

— Estou cheio de fome — anunciou. — Pai, posso fazer ovos mexidos para todos?

— Claro.

— Vou ajudar-te — disse Miranda, e foi pôr fatias de pão na torradeira.

— Espero que o tempo melhore depressa — continuou Stanley. — Quando é que estão a pensar voltar para Londres?

Kit tirou um pacote de bacon do frigorífico. O seu pai estaria a ser desconfiado ou apenas curioso?

— Voltamos no dia a seguir ao Natal — respondeu Nigel.

— Uma visita de Natal muito curta — comentou Stanley, ainda a questionar cuidadosamente a história.

— É o trabalho — disse Nigel, encolhendo os ombros.

— Podem ter de ficar mais tempo do que estavam a prever. Não estou a vê-los conseguirem limpar as estradas amanhã.

Aquela observação deixou Nigel ansioso. Puxou a manga da camisola cor-de-rosa e viu as horas.

Kit percebeu que tinha de fazer qualquer coisa para mostrar que não tinha nada a ver com Nigel e os outros. Enquanto fazia o pequeno-almoço, decidiu que não iria dizer nada que pudesse parecer que estava a defender ou a desculpar os desconhecidos. Pelo contrário, devia interrogar Nigel com cepticismo, como se estivesse a desconfiar da história. Podia afastar as suspeitas de si próprio se fingisse que também tinha dúvidas quanto a eles.

Antes de poder pôr a sua resolução em prática, Elton soltou a língua.

— Então, e o seu Natal, professor? — perguntou. Kit tinha apresentado o pai como professor Oxenford. — Pelos vistos, tem a família toda ao pé de si. Tem o quê, dois filhos?

— Três.

— Mais os respetivos maridos e mulheres, já se vê.

— As minhas filhas têm companheiros. O meu filho é solteiro.

— E netos?

— Também tenho.

— Quantos? Espero que não leve a mal eu perguntar.

— Claro que não. Tenho quatro netos.

— E estão cá todos?

— Estão.

— Deve ser uma alegria para você e para Mrs. Oxenford.

— Infelizmente, a minha mulher morreu há dezoito meses.

— Os meus pêsames.

— Obrigado.

Para que seria aquele interrogatório? perguntou Kit a si próprio. Elton estava a sorrir e ligeiramente inclinado para a frente, como se as suas perguntas fossem motivadas por mera curiosidade, mas Kit percebia perfeitamente que era tudo uma charada e pensava com ansiedade se não seria igualmente óbvio para o pai.

Elton ainda não tinha acabado.

— Deve ser uma casa grande, para poderem cá dormir, o quê, dez pessoas?

— Temos alguns anexos.

— Pois, isso dá jeito. — Olhou pela janela, embora a neve tornasse difícil ver o que quer que fosse. — Casas de hóspedes?

— Uma casa de hóspedes e um celeiro.

— Muito útil. E ainda deve ter quartos para o pessoal, não?

— Os nossos empregados têm uma casa deles a pouco mais de um quilômetro daqui.

Acho que hoje não vamos pôr-lhes a vista em cima.

— Oh, que pena.

Elton remeteu-se de novo ao silêncio — depois de ter contabilizado o número exato de pessoas que se encontravam lá em casa. Kit não sabia se mais alguém tinha reparado nisso.

5h00

O limpa-neves era um camião Mercedes com uma pá montada à frente. Tinha a inscrição “Inverburn Plant Hire” de um dos lados e umas luzes cor-de-laranja a piscarem no tejadilho, mas Toni teve a sensação de que estava a ver um carro triunfal descido dos céus.

A pá estava de lado a fim de empurrar a neve para a berma da estrada. O limpa-neves desimpediu rapidamente o caminho entre o portão e a entrada principal do Kremlin, com a pá a subir automaticamente para evitar as lombas. Quando chegou à entrada principal, Toni já estava de casaco vestido, pronta para sair. Os ladrões haviam saído dali há quatro horas — mas, se tivessem ficado presos na neve, ainda talvez fosse possível apanhá-los.

A seguir ao limpa-neves vinham três carros da Polícia e uma ambulância. Os elementos da ambulância foram os primeiros a entrar. Levaram Susan numa maca, embora ela dissesse que conseguia andar. Don recusou-se a ir.

— Se um escocês fosse para o hospital cada vez que leva um pontapé na cabeça, os médicos não tinham mãos a medir — alegou.

Em seguida apareceu Frank, com um fato escuro, uma camisa branca e de gravata.

Tinha conseguido arranjar tempo para fazer a barba, talvez no carro. Toni reparou na expressão ameaçadora do seu rosto e percebeu que ele estava ansioso por uma boa discussão. Devia estar ofendido por ter sido obrigado pelos seus superiores a fazer o que Toni queria. Toni disse para si própria que tinha de ter paciência e evitar grandes revelações.

A mãe de Toni levantou os olhos do cachorrinho, a que não parava de fazer festas, e disse:

— Olá, Frank! Que surpresa! Tu e a Toni vão juntar-se outra vez?

— Hoje não — resmungou Frank, por entre dentes.

— Que pena.

Frank vinha acompanhado de dois detectives equipados com grandes malas — eram da polícia científica, presumiu Toni. Frank cumprimentou Toni com um aceno de cabeça e deu um aperto de mão a Cari Osborne. Depois dirigiu-se a Steve.

— É você o chefe dos guardas?

— Sou. Steve Tremlett. O senhor é o Frank Hackett. Já o conhecia.

— Segundo ouvi dizer, foram agredidos quatro guardas.

— Sim, eu e mais três.

— As agressões ocorreram todas no mesmo local?

O que estaria Frank a fazer? pensou Toni com impaciência. Por que estaria a fazer perguntas triviais quando o que precisavam de fazer era sair dali?

— A Susan foi atacada no corredor — esclareceu Steve. — Eu fui rasteirado mais ou menos no mesmo sítio. O Don e o Stu foram ameaçados com uma arma e levados para a sala de controlo, onde foram amarrados.

— Mostre-me os dois locais, por favor.

Toni estava boquiaberta.

— Temos de ir atrás daqueles tipos, Frank — disse Toni. — Por que é que não deixas isso para os teus homens?

— Não queiras ensinar-me como devo fazer o meu trabalho — respondeu Frank.

Parecia satisfeito por ela lhe ter dado uma oportunidade de a mandar calar. Toni gemeu para dentro. Não era altura para estarem a reeditar os seus conflitos conjugais. Frank voltou-se para Steve e disse-lhe:

— Mostre-me onde é, por favor.

Toni reprimiu um impropério e foi atrás deles. Cari Osborne fez o mesmo.

Os detectives isolaram as zonas do corredor, onde Steve tinha sido rasteirado e Susan tinha sido agredida. Depois dirigiram-se para a sala de controlo, onde Stu estava a ver os monitores. Frank selou a porta.

— Ficamos os três amarrados e presos dentro do BSN4. Não no laboratório propriamente dito, mas sim no átrio — informou Steve.

— Foi onde os encontrei — acrescentou Toni. — Porém, isso foi há quatro horas, e os assaltantes vão-se afastando cada vez mais a cada minuto que passa.

— Vamos ver esse local.

— Não, não vão — afirmou Toni. — É uma zona restrita. Podem vê-la pelo monitor dezenove.

— Não estamos a falar do laboratório propriamente dito. Por isso, calculo que não haja perigo.

Tinha razão, mas Toni não ia permitir que ele perdesse mais tempo.

— Não pode lá entrar ninguém que não tenha tido formação em acidentes biológicos. Faz parte do protocolo.

— Que se lixe o protocolo. Agora quem manda aqui sou eu!

Toni percebeu que, inadvertidamente, tinha conseguido o que mais queria evitar: um confronto direto com Frank. Tentou contornar o problema.

— Eu levo-te até à porta.

Foram até à entrada do laboratório. Frank olhou para o leitor de cartões e depois disse a Steve:

— Dê-me o seu cartão. É uma ordem.

— Eu não tenho acesso ao laboratório. Os guardas não podem entrar.

Frank voltou-se então para Toni:

— Tu tens acesso?

— Tive a formação necessária.

— Dá-me o teu cartão.

Ela entregou-lho. Frank acenou-o à frente do scanner e depois empurrou a porta.

Continuava fechada. Apontou para o pequena tela na parede.

— O que é aquilo? — perguntou.

— Um leitor de impressões digitais. O cartão não funciona sem as impressões digitais corretas. Instalamos este sistema para impedir que pessoas imprudentes entrassem ali com cartões roubados.

— O facto é que não impediu que os ladrões entrassem, pois não?

Tendo averbado uma vitória, Frank rodou sobre os calcanhares.

Ao chegar ao átrio principal, seguida de Toni, viram dois homens com coletes amarelos fosforescentes e botas de borracha, a fumarem. A princípio, Tom pensou que fossem os operadores do limpa-neve, mas, quando viu Frank dar-lhes instruções, percebeu que eram da Polícia.

— Verifiquem todos os veículos que passaram — dizia ele. — Comuniquem as matrículas por rádio para vermos se são roubados ou alugados. Vejam quem são os ocupantes. Sabem do que é que andamos à procura, não sabem? Três homens e uma mulher. Não se aproximem dos ocupantes. Eles estão armados e vocês não. É apenas uma operação de reconhecimento. Vem a caminho uma unidade armada. Se conseguirmos localizar os assaltantes, mandamos avançar essa unidade. Entendido?

Os dois homens acenaram com a cabeça.

— Sigam para norte e virem no primeiro desvio. Acho que eles foram para leste.

Toni sabia que ele estava enganado. Não queria entrar outra vez em confronto com Frank, mas não podia permitir que a equipa de reconhecimento fosse para o lado errado.

Ele iria ficar furioso, mas ela tinha de intervir.

— Os ladrões não foram para leste — disse. Frank ignorou-a.

— Vão dar à estrada principal para Glasgow.

— Os assaltantes não foram para esse lado — repetiu Toni.

Os dois agentes estavam a gostar de assistir àquela troca de palavras, olhando ora para Frank, ora para Toni, como espetadores de um jogo de ténis.

Frank corou.

— Ninguém pediu a tua opinião, Toni.

— Eles não foram por essa estrada — insistiu Toni. — Continuaram para norte.

— Chegaste a essa conclusão por intuição feminina? Um dos guardas soltou uma gargalhada.

"Por que é que não pensas antes de falar?", pensou Toni.

— O carro em que fugiram está no parque da Dew Drop Inn — disse Toni, com toda a calma. — É por esta estrada, a uns oito quilômetros para norte.

Frank ficou ainda mais corado pelo facto, embaraçoso, de ela saber qualquer coisa que ele não sabia.

— E onde arranjaste essa informação?

— Fiz trabalho de detective.

"Era melhor polícia do que tu, e ainda sou", pensou; mas guardou o pensamento para si própria.

— Telefonei para vários sítios. É melhor do que a intuição.

"Estavas a pedi-las, meu sacana."

O polícia tornou a rir-se, mas parou assim que Frank olhou para ele.

— Os ladrões podem estar no motel — continuou Toni -, mas o mais provável é que tenham trocado de carro e seguido viagem.

Frank reprimiu a sua fúria.

— Vão ao motel — ordenou aos dois polícias. — Dou-vos mais instruções quando já forem a caminho. Vão, vão!

Eles saíram à pressa. "Finalmente", pensou Toni. Frank chamou um detective à paisana que estava num dos carros e disse-lhe que fosse atrás do limpa-neves até ao hotel, que inspecionasse a picape e descobrisse se alguém tinha visto alguma coisa.

Toni concentrou-se no próximo passo. Queria seguir de perto a operação policial, mas não tinha carro, e a mãe continuava ali.

Viu Cari Osborne a falar com Frank em voz baixa. Cari apontou para o Jaguar, ainda preso a meio da rampa de acesso ao edifício. Frank fez um sinal de assentimento e disse qualquer coisa a um agente à paisana, que saiu e foi falar com o motorista do limpa-neves. Toni calculou que fossem libertar o carro de Cari.

Dirigiu-se a ele.

— Vais atrás do limpa-neves.

— Estamos num país livre.

— Não te esqueças de levar o cachorro.

— Estava a pensar deixá-lo contigo.

— Eu vou contigo.

— Deves estar louca.

— Preciso de ir a casa do Stanley. Fica em caminho, uns oito quilômetros depois da Dew Drop Inn. Podes deixar-nos lá, a mim e à minha mãe.

Depois de contar a Stanley o que tinha acontecido, podia pedir -lhe um carro, deixar a mãe em Steepfall e seguir o limpa-neves.

— Queres que leve também a tua mãe — perguntou Cari, incrédulo.

— Quero.

— Esquece.

Toni acenou com a cabeça.

— Avisa-me, se mudares de ideias.

Cari franziu a testa, admirado pela prontidão com que ela aceitara a recusa dele, mas não disse mais nada e vestiu o casaco.

Steve Tremlett abriu a boca para falar, mas Toni fez-lhe discretamente sinal com a mão para que não dissesse nada.

Cari dirigiu-se para a porta.

— Não te esqueças do cachorro! — disse Toni.

Ele pegou no cão e foi para o carro.

Toni ficou à janela a ver os carros afastarem-se. O limpa-neves tirou a neve acumulada à frente do Jaguar de Cari e depois subiu a rampa em direção ao portão. A seguir ia um carro da Polícia. Cari ficou sentado dentro do carro por um momento e depois saiu e voltou para o átrio principal.

— Onde estão as minhas chaves? — perguntou, zangado.

Toni sorriu com doçura.

— Mudaste de ideias em relação a dares-me boleia? : Steve chocalhou o molho de chaves no bolso.

Cari fez uma expressão amarga, dizendo: — Mete-te lá no raio do carro!

5h30

Miranda não se sentia descansada ao pé daquelas três estranhas personagens, Nigel, Elton e Daisy. Seriam quem diziam ser? Havia qualquer coisa neles que a fazia desejar não estar em camisa de dormir.

Tinha tido uma noite agitada. O sofá do escritório de Kit era muito desconfortável e, por isso, passara a noite a adormecer e a acordar, a sonhar com o seu envolvimento estúpido e vergonhoso com Hugo e a sentir-se mais uma vez ofendida com Ned por não a ter apoiado. Devia ter-se zangado com Kit por revelar o segredo, mas, em vez disso, limitara-se a dizer que os segredos acabavam sempre por vir à tona, mais cedo ou mais tarde.

Tinham estado os dois no carro a analisar a discussão. Miranda queria que aqueles dias servissem para a família aceitar Ned, mas estava a começar a achar que talvez fosse a altura certa para o deixar. Era demasiado fraco para o gosto dela.

Ao ouvir vozes na cozinha, ficara aliviada, pois isso significava que já podia levantar -se.

Porém, agora sentia-se perturbada. Nigel não tinha mulher, ou família, ou até uma namorada com quem quisesse passar o Natal? E Elton? Tinha a certeza de que Nigel e Elton não eram um casal gay. Nigel olhara para a camisa de dormir dela com os olhos perscrutadores de um homem que gostaria de ver o que estava lá por baixo.

Não conseguia entender o papel de Daisy. Tinha idade para ser namorada de Elton, mas não pareciam gostar muito um do outro. O que estaria ela a fazer com Nigel e o motorista?

Concluiu que Nigel não era amigo da família de Daisy. Não havia calor humano entre eles. Pareciam mais pessoas obrigadas a trabalhar juntas, apesar de não se darem muito bem. No entanto, se fossem colegas, para que haviam de mentir?

O seu pai também parecia tenso. Talvez tivesse também algumas suspeitas.

A cozinha encheu-se de aromas deliciosos: bacon frito, café acabado de fazer e torradas.

Cozinhar era uma das coisas que Kit fazia bem, pensou Miranda: a comida dele tinha sempre uma apresentação atraente. Conseguia fazer com que um prato de esparguete parecesse um manjar dos deuses. O irmão dava importância às aparências. Não conseguia aguentar-se num emprego nem manter a conta sem estar a descoberto, mas andava sempre bem vestido e tinha sempre bons carros,

por muito má que fosse a sua situação financeira. O pai achava que ele combinava alguns êxitos frívolos com fraquezas graves. A única vez que Stanley se sentira verdadeiramente feliz com Kit fora quando ele participara nas Olimpíadas de Inverno.

Kit deu a cada um deles um prato com bacon estaladiço, fatias de tomate, ovos mexidos salpicados com ervas aromáticas e torradas cortadas em triângulos e barradas com manteiga. O ambiente ficou menos tenso. Talvez fosse aquele o objectivo de Kit, pensou Miranda. Não estava com fome mas comeu uma garfada de ovos. Kit tinha-lhes posto um pouco de queijo parmesão, e estavam deliciosos.

Kit quis fazer conversa.

— Então, Daisy, o que é que fazes na vida? — perguntou, dirigindo-lhe o seu sorriso conquistador. Miranda sabia que ele estava apenas a ser bem-educado. Kit gostava de raparigas bonitas, e Daisy era tudo menos isso.

Daisy demorou muito tempo a responder. Por fim disse: — Trabalho com o meu pai.

— E qual é o ramo dele?

— O ramo dele?

— Qual é o negócio dele?

Daisy parecia ter ficado confusa com a pergunta. Nigel deu uma gargalhada e disse.

— O meu amigo Harry está metido em tanta coisa que é difícil dizer o que é que ele faz.

Kit surpreendeu Miranda ao insistir. Num tom de desafio, perguntou a Daisy: — Então, dá-nos lá exemplos de coisas que ele faça.

Ela animou-se um pouco e, como que impelida por uma inspiração repentina, respondeu: — Propriedades.

Parecia estar a repetir uma palavra que tinha ouvido.

— Gosta de ter propriedades, é isso?

— Empreendimentos.

— Nunca sei bem o que significa isso de “empreendimentos”.

Kit não tinha por hábito questionar agressivamente as pessoas, pensou Miranda. Talvez também ele estivesse com dificuldade em acreditar na história daqueles indivíduos.

Sentiu-se aliviada. Isso provava que eram mesmo desconhecidos. Miranda receara que Kit pudesse estar envolvido num negócio escuro com eles. Com ele, nunca se sabia.

Nigel explicou, com um tom de impaciência na voz: — O Harry compra, por exemplo, um velho armazém de tabaco, pede autorização para o transformar

num prédio de apartamentos de luxo, e depois vende-o a um construtor e obtém assim o seu lucro.

Miranda reparou que, mais uma vez, Nigel estava a responder por Daisy. Pelos vistos, Kit pensara o mesmo, uma vez que perguntou: — E qual é a ajuda que tu dás ao teu pai, Daisy? Tinhas jeito para vendedora.

O aspecto de Daisy parecia mais indicado para despejar inquilinos que não pagassem a renda.

Ela lançou um olhar hostil a Kit.

— Faço várias coisas — respondeu, e depois levantou o queixo como que a desafiá-lo a insistir naquelas perguntas.

— E deves fazê-las todas com muita graciosidade e eficiência — continuou Kit.

Os elogios de Kit estavam a tornar-se sarcásticos, notou Miranda, com alguma ansiedade. Daisy não parecia muito esperta, mas talvez percebesse quando estava a ser insultada.

A tensão estragou o pequeno-almoço de Miranda. Tinha de falar com o pai sobre tudo aquilo. Engoliu, tossiu e fingiu que tinha ficado engasgada. Sempre a tossir, levantou-se da mesa.

— Desculpem — disse por entre perdigotos.

O pai pegou num copo e foi à torneira enchê-lo.

Ainda a tossir, Miranda saiu da cozinha. Tal como era sua intenção, o pai foi ter com ela.

Fechou a porta da cozinha e fez sinal ao pai para que entrasse no escritório. Pelo sim, pelo não, tornou a tossir quando entraram.

O pai estendeu-lhe o copo de água, mas ela afastou-o com a mão.

— Estava a fingir — disse. — Queria falar contigo. O que é que achas daquela gente?

O pai pousou o copo no tampo de cabedal verde da secretária.

— São muito esquisitos. Pensei que o Kit estivesse metido nalgum esquema com eles, até ele começar a fazer perguntas à rapariga.

— Aconteceu o mesmo comigo. Agora, eles estão a mentir.

— De que maneira? Se querem roubar-nos, estão a avançar muito devagar.

— Não sei, mas sinto-me ameaçada.

— Queres que chame a Polícia?

— Pode ser um exagero. O certo, porém, é que gostava que alguém soubesse que esta gente está na nossa casa.

— Deixa cá pensar... a quem havemos de telefonar?

— E se ligássemos para o tio Norman? — O irmão do pai, bibliotecário da universidade, vivia em Edimburgo. Gostavam muito um do outro, mas assim à

distância, contentando-se em verem-se uma vez por ano.

— Está bem. O Norman vai compreender. Vou contar-lhe o que aconteceu e pedir-lhe que me ligue daqui a uma hora para ver se está tudo bem.

— Boa ideia.

Stanley levantou o auscultador do telefone que estava em cima da secretária e encostou-o ao ouvido. Franziu a testa, tornou a pô-lo no descanso e a levantá-lo.

— Não tem linha — anunciou.

Miranda ficou apavorada.

— Agora é que quero mesmo ligar a alguém.

O pai mexeu no teclado do computador.

— Também não tenho e-mail. Talvez seja por causa do mau tempo. Às vezes, a neve deita as linhas abaixo.

— Mesmo assim...

— Onde está o teu telemóvel?

— No anexo. Não tens um?

— Está no Ferrari.

— A Olga deve ter um.

— Não vale a pena acordá-la. — Stanley olhou pela janela. — Vou pôr um casaco por cima do pijama e vou à garagem.

— Onde está a chave?

— No chaveiro.

O chaveiro estava no átrio das galochas.

— Vou buscá-la.

Foram para o átrio. Stanley foi buscar as suas botas. Miranda pôs a mão no puxador da porta da cozinha e depois hesitou. Ouviu a voz de Olga na cozinha. Miranda não tinha falado com a irmã desde o momento em que Kit contara o segredo na noite anterior. O

que iria dizer a Olga, ou Olga dizer-lhe a ela?

Abriu a porta. Olga estava encostada à bancada da cozinha com um robe de seda preto que fazia lembrar a Miranda a toga de um advogado. Nigel, Elton e Daisy estavam sentados à mesa, como se fossem os jurados. Kit estava de pé atrás deles, a andar de um lado para outro com uma expressão ansiosa. Olga parecia de facto uma advogada pelo tom com que interrogava os desconhecidos.

— Que diabo andavam vocês a fazer tão tarde ? — perguntou a Nigel.

Miranda reparou num objecto rectangular que se percebia no bolso do robe de seda: Olga nunca ia a lado nenhum sem o telemóvel. Miranda ia dizer ao pai que não valia a pena calçar as botas, mas ficou presa pelo desempenho de Olga.

Nigel franziu as sobrancelhas, obviamente incomodado pela pergunta, mas

respondeu na mesma:

— Íamos a caminho de Glasgow.

— De onde é que vinham? Não há quase nada a norte daqui.

— De uma casa de campo.

— Se calhar conhecemos os donos. Como é que se chamam?

— O apelido é Robinson.

Miranda continuava a olhar, à espera de uma oportunidade para pedir o telefone a Olga.

— Esse nome não me diz nada. É quase tão vulgar como Smith e Brown. O que é que lá houve?

— Uma festa.

Olga ergueu as suas negras sobrancelhas.

— Vem para a Escócia para passar o Natal com um velho amigo, e depois você e a filha dele vão a uma festa e deixam o pobre homem sozinho?

— Ele não estava a sentir-se bem.

Olga voltou-se para Daisy.

— Que raio de filha é você para deixar o seu pai doente em casa na véspera de Natal?

Daisy olhou para ela sem dizer nada, mas cheia de raiva. De repente, Miranda teve medo de que Daisy se tornasse violenta. Aparentemente, Kit pensou o mesmo, porque disse: — Tem calma, Olga.

Contudo, Olga ignorou-o.

— Então? — insistiu. — Não diz nada?

Daisy pegou nas luvas. Sem saber porquê, Miranda achou aquele gesto um mau prenúncio. Calçou-as e disse:

— Não sou obrigada a responder às suas perguntas.

— Acho que é. — Olga tornou a olhar para Nigel. — Vocês são três desconhecidos e estão aqui sentados na cozinha da casa do meu pai, a encherem-se de comida e a contarem uma história que é altamente improvável. Acho que têm o dever de se explicarem.

— Achas que isso é mesmo necessário? — perguntou Kit, muito ansioso. — São pessoas que se perderam...

— Tens a certeza?.....

Olga tornou a olhar para Nigel.

Nigel parecera sempre muito descontraído, mas não conseguiu disfarçar a sua raiva ao dizer:

— Não gosto de ser interrogado.

— Se não estão a gostar, podem ir-se embora — disse Olga. — Porém, se querem continuar em casa do meu pai, têm de arranjar uma história melhor do

que essas patranhas.

— Não podemos ir embora — disse Elton, francamente indignado. — Olhe para a janela. Já viu a merda de tempo que está?

— Por favor, não utilize essa linguagem nesta casa. A minha mãe sempre proibiu obscenidades, a menos que fosse em língua estrangeira, e nós continuamos a respeitar a regra dela depois da sua morte.

Olga pegou na cafeteira e depois apontou para a pasta que estava sobre a mesa.

— O que é aquilo?

— É minha — disse Nigel.

— Mas não é em cima da mesa que se põem as bagagens. — Estendeu o braço e pegou na pasta. — Não tem muita coisa... ai! — gritou ela porque Nigel lhe agarrou o braço. — Está a aleijar-me!

A máscara de urbanidade de Nigel caiu de uma vez por todas. Falou em voz baixa, mas vincando bem as palavras:

— Pouse a pasta. Já!

Stanley apareceu ao lado de Miranda de casaco, luvas e botas.

— O que é que você está a fazer? — disse a Nigel. — Tire já as mãos de cima da minha filha!

Nellie começou a ladrar. Com um movimento rápido, Elton baixou-se e agarrou-a pela coleira.

Olga continuou teimosamente com a pasta na mão.

— Pousa a mala, Olga — disse Kit.

Daisy agarrou na mala. Olga tentou não a soltar e a tampa abriu-se. As folhas de poliestireno espalharam-se por cima da mesa da cozinha. Kit deu num grito de medo e, por momentos, Miranda pensou por que estaria ele tão assustado. Depois caiu da mala um frasco de perfume metido dentro de dois sacos de plástico herméticos.

Com a mão que estava livre, Olga deu uma bofetada a Nigel.

Nigel ripostou com outra bofetada. De repente, começou toda a gente a gritar ao mesmo tempo. Stanley soltou um urro de raiva, afastou Miranda e avançou para Nigel. Miranda gritou:

— Não...!

Daisy pôs-se à frente de Stanley, que tentou empurrá-la. Houve um movimento indistinto, e Stanley caiu para trás com um grito e a deitar sangue da boca.

Imediatamente a seguir, Nigel e Daisy puxaram das suas armas.

Ficaram todos em silêncio, excepto Nellie, que não parava de ladrar. Eton torceu-lhe a coleira, estrangulando-a até ela se calar. Fez-se então silêncio total.

— Quem são vocês? — perguntou Olga.

Stanley olhou para o frasco de perfume que estava em cima da mesa e disse cheio de medo:

— Por que é que aquele frasco está protegido por dois sacos?

Miranda saiu à socapa pela porta.

5h45

Kit estava a olhar fixamente para o frasco de Diablerie em cima da mesa da cozinha, transido de medo. Contudo, o frasco não se tinha partido; a tampa não tinha caído; os dois sacos de plástico continuavam intactos. O fluido letal continuava em segurança dentro do frágil recipiente que o continha.

Agora, de pistolas em punho, Nigel e Daisy não podiam continuar a fingir que eram vítimas inocentes da tempestade. Assim que a notícia do assalto ao laboratório fosse divulgada, eles seriam imediatamente relacionados com o roubo do vírus.

Nigel, Daisy e Elton talvez escapassem, mas Kit estava numa posição diferente. Não havia dúvidas quanto à sua identidade. Mesmo que conseguisse escapar, passaria o resto da vida a fugir à justiça.

Os pensamentos sucediam-se furiosamente na sua cabeça, à procura de uma saída.

Estavam todos petrificados, a olhar para as pistolas, pequenas mas assustadoras. Nigel deslocou a sua por uma fração, apontando-a a Kit, como se estivesse a desconfiar dele.

Nesse momento, Kit teve um rasgo de inspiração.

Não havia razão nenhuma para que a sua família suspeitasse dele. Podia ter sido enganado pelos três fugitivos. A versão dele, de que eram três desconhecidos, ainda se mantinha.

Mas como poderia ele deixar isso bem claro?

Levantou devagar as mãos no gesto habitual de rendição.

Todos olharam para ele. Por momentos, pensou que os outros membros do gangue iriam traí-lo. Nigel franziu a testa, Elton fez uma expressão de incredulidade, e Daisy um sorriso de desdém.

— Pai, desculpe-me por ter trazido estas pessoas cá para casa — disse Kit. — Não fazia ideia de que...

O pai olhou longamente para ele e depois acenou com a cabeça.

— A culpa não é tua — disse. — Não se pode impedir a entrada a desconhecidos no meio de um temporal destes. Não podias ter adivinhado — voltou-se e olhou para Nigel com um profundo desdém — que tipo de gente era.

Nigel percebeu imediatamente e apressou-se a corroborar a história de Kit.

— Desculpa a forma como estamos a recompensar a tua hospitalidade. Kit, não é?

Salvaste-nos a vida lá fora e agora estamos a apontar-te uma arma. Vivemos

num mundo cão.

A expressão de Elton ficou mais desanuviada, quando percebeu o logro que estava a ser preparado.

— Se a mandona da tua irmã não tivesse metido o nariz onde não era chamada, podíamos ter ido embora calmamente e nunca iriam descobrir que afinal não somos assim tão bons — continuou Nigel.

— Mas ela insistiu tanto...

Daisy também percebeu finalmente e desviou a cara para esconder um riso de troça.

De repente, Kit lembrou-se de que Nigel e os outros membros do gangue podiam matar a família dele. Se tinham roubado um vírus que podia matar milhares de pessoas, não hesitariam em matar os Oxenford. Era diferente, claro. A ideia de matar milhares de pessoas com um vírus era algo abstrata, ao passo que matar adultos e crianças a sangue-frio podia ser mais difícil. Porém, se fosse preciso, fá-lo-iam. Até podiam matá-lo a ele também. Estremeceu só de pensar nisso. Felizmente, ainda precisavam dele. Era ele que sabia o caminho para a casa de Luke, onde estava o Toyota Land Cruiser. Não conseguiriam encontrá-lo sem ele. Resolveu lembrar isso a Nigel na primeira oportunidade.

— O que está naquele frasco vale muito dinheiro, sabes ? — concluiu Nigel.

Para dar mais força à simulação, Kit perguntou: — O que é?

— Esquece — retorquiu Nigel.

O telemóvel de Kit tocou.

Não sabia o que havia de fazer. Devia ser Hamish que estava a ligar -lhe. Devia ter havido desenvolvimentos no Kremlin que o seu informador achasse que Kit precisava de saber.

Mas como poderia ele falar com Hamish sem se trair perante a sua família? Ficou paralisado, com toda a gente a ouvir o telefone a tocar a nona sinfonia de Beethoven.

Nigel resolveu o problema.

— Dá cá isso — ordenou-lhe.

Kit deu-lhe o telefone, e Nigel atendeu.

— Sim, é o Kit — disse, imitando bastante bem o sotaque escocês. Aparentemente, a pessoa que estava ao telefone acreditou, pois Nigel ficou em silêncio a ouvir.

— Já percebi — disse. — Obrigado. — Dito isto, desligou e guardou o telefone. — Era alguém a avisar-te de que há três pessoas perigosas nas redondezes. Parece que a Polícia anda atrás deles com um limpa-neves.

Craig não conseguia perceber Sophie. Tanto se mostrava dolorosamente tímida, como tão ousada que o deixava embaraçado. Deixou-o pôr as mãos

dentro da camisola dela e até desapertou o soutien quando viu que ele estava atrapalhado com os colchetes; achou que ia morrer de prazer quando pôs as duas mãos sobre os seios dela — mas depois não o deixou vê-los à luz da vela. Ficou ainda mais excitado quando ela desapertou as calças, como se estivesse habituada a fazer aquilo há anos; mas depois parecia não saber o que fazer a seguir. Craig pensou que, se calhar, havia algum código de conduta que ele desconhecia. Ou então, afinal, talvez ela fosse tão inexperiente como ele. Estava a beijar melhor. A princípio, mostrara-se muito hesitante, como se não tivesse a certeza de que queria mesmo beijá-lo, mas, após algumas horas de treino, parecia entusiasmada.

Craig sentia-se como um marinheiro numa tempestade. Tinha passado a noite a ser assolado por ondas de esperança e desespero, desejo e frustração, ansiedade e prazer.

A certa altura, ela sussurrara: “És tão querido. Eu não sou. Não presto.” Depois, quando ele voltara a beijá-la, o rosto dela estava cheio de lágrimas. “O que é que um tipo há-de fazer”, pensou ele, “quando uma rapariga desata a chorar e ele tem as mãos dentro das cuecas dela?” Começara a retirar a mão, pensando que era isso que ela queria, mas ela agarra-lhe o pulso e obrigara-o a deixar lá a mão. “Eu acho que és muito querida”, disse-lhe, mas achou que aquelas palavras eram pouco convincentes e acrescentou: “Acho que és maravilhosa.”

Embora estivesse confuso, sentia-se profundamente feliz. Nunca se sentira tão próximo de uma rapariga. Estava a explodir de amor, ternura e alegria. Quando ouviu o barulho vindo da cozinha, estava a conversar com ela sobre até onde devia ir.

— Queres ir até ao fim? — perguntou-lhe ela.

— Tu queres?

— Se tu quiseres.

Craig acenou com a cabeça.

— Eu queria.

— Tens preservativos?

— Tenho. — Procurou nos bolsos das calças e tirou uma embalagem.

— Com que então, tinhas tudo planeado?

— Não, não tinha.

Era mais ou menos verdade. Não tinha um plano propriamente dito.

— Mas estava à espera de que acontecesse. Desde que te conheci, nunca mais parei de pensar em ver-te outra vez. E hoje, durante o dia...

— Foste tão insistente.

— Só queria estar contigo assim.

Não estava a ser muito eloquente, mas parecia que era aquilo que ela queria ouvir.

— Então, está bem. Vamos continuar.

— Tens a certeza?

— Tenho. Vá. Depressa.

— Está bem.

— Meu Deus, o que é isto?

Craig tinha-se apercebido de que havia gente na cozinha. Tinha ouvido vagamente algumas vozes, alguém a mexer numa frigideira e depois sentira o cheiro do bacon. Não sabia que horas eram, mas achava que ainda era cedo para o pequeno-almoço. Porém, não tinha prestado grande atenção, confiante de que ninguém os interromperia no sótão, mas agora era impossível ignorar o barulho. Primeiro ouvira o avô a gritar — o que já de si era raro. Nellie começara a ladrar como louca; tinha ouvido um grito que parecia ter vindo da mãe de Craig; depois várias vozes masculinas gritaram ao mesmo tempo.

— Isto é normal? — perguntou Sophie, com uma voz assustada.

— Não — respondeu Craig. — Às vezes há discussões, mas nunca assim aos gritos.

— O que é que está a acontecer?

Hesitou. Em parte, apetecia-lhe esquecer o barulho e agir como se ele e Sophie estivessem sozinhos num universo só deles, deitados no velho sofá e tapados com os seus casacos. Teria conseguido ignorar um tremor de terra para se concentrar na pele suave de Sophie, no seu hálito quente e nos seus lábios úmidos. E, contudo, uma outra parte dele sentia que aquela interrupção não era completamente indesejada. Tinham feito quase tudo: talvez até fosse bom adiar o fim, para que pudesse ansiar ainda por alguma coisa, antecipar um último momento de prazer.

Lá em baixo, a cozinha ficara em silêncio tão depressa como antes fora palco de gritaria.

— Que estranho — disse Craig.

— É arrepiante.

Sophie parecia assustada, e isso levou Craig a decidir-se. Beijou-a mais uma vez e depois levantou-se. Puxou as calças para cima e atravessou o sótão para espreitar pelo buraco no chão. Deitou-se e espreitou pelo intervalo entre as tábuas.

Viu a mãe de pé, de boca aberta, com um ar assustado e chocado. O avô estava a limpar sangue do queixo. O tio Kit estava de mãos no ar. Havia três desconhecidos na cozinha.

Primeiro pensou que fossem três homens, mas depois viu que um deles era

uma rapariga feia com a cabeça rapada. Um dos homens, negro, estava a agarrar a coleira de Nellie e a torcê-la com força. O mais velho e a rapariga estavam de pistola em punho.

— Que horror! — murmurou Craig. — O que é que estará a acontecer ali?

Sophie deitou-se ao lado dele. Passado um momento, susteve a respiração.

— Aquilo são pistolas? — murmurou.

— São.

— Meu Deus! Que horror! Craig ficou a pensar.

— Temos de chamar a Polícia. Onde está o teu telefone?

— Deixei-o no celeiro.

— Bolas!

— O que é que havemos de fazer?

— Pensar. Pensar. Um telefone. Precisamos de um telefone — sussurrou Craig hesitante.

Estava apavorado. Apetecia-lhe ficar ali deitado e fechar os olhos com força. Podia fazer isso, se não estivesse ali aquela rapariga ao lado dele. Não sabia as regras todas, mas sabia que um homem tinha de mostrar coragem quando uma rapariga estava assustada, sobretudo quando eram amantes ou quase. Mesmo que não estivesse a sentir muita coragem, teria de fingir.

Onde estaria o telefone mais próximo?

— Há uma extensão na mesa-de-cabeceira do avô.

— Não consigo fazer nada — disse Sophie. — Estou cheia de medo.

— Então, é melhor ficares aqui.

— Está bem.

Craig levantou-se. Abotoou as calças, apertou o cinto e depois dirigiu-se para a porta pequena. Encheu o peito de ar e abriu-a. Rastejou para dentro do roupeiro do avô, empurrou a porta e entrou no quarto de vestir.

As luzes estavam acesas. Os sapatos castanhos-escuros do avô estavam lado a lado sobre a alcatifa e a camisa azul, que usara na véspera, estava sobre uma pilha no cesto da roupa suja. A cama estava aberta, como se o avô tivesse acabado de se levantar. Na mesa-de-cabeceira estava um exemplar da revista Scientific American, aberta, e o telefone.

Craig nunca ligara para o 112. O que é que uma pessoa devia dizer? Já tinha visto pessoas a ligar na televisão. Devia ser preciso dizer o nome e a morada. E depois?

“Estão uns homens armados na cozinha da nossa casa.” Parecia melodramático — mas provavelmente todas as chamadas para o 112 eram dramáticas.

Pegou no telefone. Não tinha linha.

Pôs o dedo nos botões e carregou várias vezes. Depois tornou a ouvir. Nada.

Pousou o auscultador. Por que não haveria telefones? Seria apenas uma avaria, ou teriam os desconhecidos cortado os fios?

O avô tinha telemóvel? Craig abriu a gaveta da mesa-de-cabeceira. Viu lá dentro uma lanterna e um livro, mas nenhum telemóvel. Depois lembrou-se: o avô tinha um telefone no carro, mas não costumava andar com telemóvel.

Ouviu um barulho vindo do quarto de vestir. Sophie pôs a cabeça fora do armário, com um ar muito assustado.

— Vem aí alguém! — sussurrou.

Logo a seguir, Craig ouviu passos no patamar.

Correu para o quarto de vestir. Sophie tornou a passar para dentro do sótão. Craig ajoelhou-se e entrou no armário no preciso momento em que ouviu a porta do quarto abrir-se. Não tinha tempo de fechar a porta do armário. Contorceu-se para passar pela porta baixa e depois voltou-se rapidamente e fechou-a sem fazer barulho.

— O homem mais velho disse à rapariga para ir revistar a casa — segredou Sophie. -

Chamou-lhe Daisy.

— Ouvi as botas dela no patamar.

— Chamaste a Polícia?

Craig abanou a cabeça.

— O telefone não funciona.

— Não!

Craig ouviu os passos pesados de Daisy no quarto de vestir. Era provável que visse a porta do roupeiro aberta. Iria descobrir a porta atrás dos fatos? Só se olhasse com muita atenção. Ficou à escuta. Estaria a olhar para o roupeiro aberto naquele momento? Estava a tremer. Daisy não era muito grande — talvez tivesse menos uns cinco centímetros do que ele -, mas tinha um ar assustador.

O silêncio prolongou-se. Pareceu-lhe ouvir os seus passos na casa de banho. Depois de uma pequena pausa, as botas dela atravessaram o quarto de vestir, e depois afastaram-se. A porta do quarto bateu.

— Meu Deus, estou com tanto medo! — exclamou Sophie.

— Eu também — disse Craig.

Miranda estava no quarto de Olga com Hugo.

Quando saiu da cozinha, não sabia o que havia de fazer. Não podia ir para a rua — estava de camisa de dormir e descalça. Tinha corrido escada acima com a ideia de se trancar na casa de banho, mas percebera instantaneamente que seria inútil. Ficou parada no patamar, a tremer. Estava com tanto medo que tinha vontade de vomitar. Tinha de chamar a Polícia — era essa a prioridade.

Olga tinha o telemóvel no bolso do robe, mas talvez Hugo também tivesse um.

Apesar de aterrorizada, Miranda hesitara por uma fração de segundo à porta do quarto.

A última coisa que queria era estar sozinha com Hugo num quarto. Depois ouviu alguém a sair da cozinha para o corredor. Abriu rapidamente a porta do quarto de Hugo, escapuliu-se lá para dentro e fechou-a com cuidado.

Hugo estava à janela, a olhar lá para fora. Estava nu, de costas para a porta.

— Já viste bem este maldito tempo? — exclamou, pensando obviamente que era a mulher que tinha voltado.

Por momentos, Miranda ficou a pensar no tom casual da voz dele. Pelos vistos, tinham feito as pazes, depois de terem passado metade da noite a gritar um com o outro. Seria possível que Olga tivesse perdoado o marido por ter feito amor com a irmã dela? Parecia ter sido depressa de mais — mas, se calhar, já tinham tido mais vezes aquela discussão por causa de outras mulheres. Miranda pensava muitas vezes como aguentava Olga aquele marido tão mulherengo, mas a irmã nunca falara disso. Talvez já estivessem habituados àquele padrão: infidelidade, descoberta, discussão, reconciliação e, depois, outra vez infidelidade.

— Sou eu — disse Miranda.

Ele deu meia-volta, assustado, e depois sorriu.

— E de camisa de dormir. Que agradável surpresa! Vamos para a cama, depressa!

Miranda ouviu passos na escada e, ao mesmo tempo, reparou que a barriga de Hugo estava muito maior do que quando fora para a cama com ele — parecia um pequeno gnomo arredondado. Não percebia como se tinha sentido atraída por ele.

— Temos de ligar imediatamente para a Polícia — disse-lhe. — Onde está o teu telemóvel?

— Aqui. — Hugo apontou para a mesa-de-cabeceira. — O que é que está a acontecer?

— Estão uns tipos armados na cozinha. Liga depressa para o 112!

— Quem são eles?

— Não interessa! — Ouviu passos no patamar. Ficou paralisada, com medo que a porta se abrisse, mas os passos continuaram. A sua voz transformou-se numa espécie de grito em surdina. — Devem estar à minha procura. Despacha-te!

Hugo conseguiu reagir. Pegou no telefone, deixou-o cair, apanhou-o e carregou no botão “On”.

— Esta merda demora uma eternidade! — disse, frustrado. — Disseste que estavam armados?

— Sim!

— Como é que eles entraram?

— Disseram que estavam perdidos. O que é que tem esse telefone?

— Está à procura de rede — disse Hugo. — Vá lá, vá lá!

Miranda ouviu outra vez passos lá fora. Desta vez estava preparada.

Atirou-se para o chão e escondeu-se debaixo da cama no preciso momento em que a porta se abriu.

Fechou os olhos e tentou aninhar-se o mais possível. Achou que estava a ser pateta e tornou a abrir os olhos. Viu os pés de Hugo, descalços, com os tornozelos peludos e as botas de motorizada com as biqueiras de aço. Ouviu Hugo dizer: — Olá, beleza. Quem és tu?

O seu charme não funcionou com Daisy.

— Passa para cá o telefone — ordenou ela.

— Só estava a...

— Já, gordo estúpido.

— Toma.

— Agora vem comigo.

— Deixa-me vestir qualquer coisa.

— Não vale a pena. Não te vou arrancar essa picha minúscula à dentada.

Miranda viu os pés de Hugo afastarem-se de Daisy. Ela avançou rapidamente para ele e depois ouviu-se o som de um murro, e ele deu um grito. Os dois pares de pés saíram pela porta ao mesmo tempo. Miranda deixou de os ver e, passado um momento, ouviu-os descer a escada.

“Oh, meu Deus! E agora, o que é que eu faço?” — pensou Miranda.

6h00

Craig e Sophie estavam deitados lado a lado no chão do sótão, a espreitar para a cozinha, no momento em que Daisy entrou, arrastando o pai de Craig nu.

Craig ficou chocado e perturbado. Parecia uma cena de um pesadelo ou de um quadro antigo de pecadores a serem arrastados para o Inferno. Quase não conseguia acreditar que aquela figura humilhada e impotente era o seu pai, o chefe da família, a única pessoa com coragem para fazer frente à sua mãe, tão dominadora, o homem que tinha educado Craig ao longo dos seus quinze anos de vida. Sentia-se desorientado, rebaixado, como se tivesse deixado de haver gravidade e não soubesse onde devia pôr os pés.

Sophie começou a chorar baixinho.

— Isto é horrível! — murmurou. — Vamos ser todos mortos.

A necessidade de a reconfortar deu alento a Craig. Pôs o braço sobre os seus ombros estreitos. Sophie estava a tremer.

— É horrível, mas ainda não estamos mortos — disse-lhe. — Podemos pedir ajuda.

— Como?

— Onde é que está o teu telefone?

— Deixei-o no celeiro, lá em cima, ao pé da cama. Deve ter caído, quando mudei de roupa.

— Temos de ir lá e chamar a Polícia.

— E se aqueles tipos horríveis nos vêem?

— Afastamo-nos das janelas da cozinha.

— Não podemos. A porta do celeiro é mesmo em frente.

Ela tinha razão. Craig sabia-o, mas tinha de correr o risco.

— Pode ser que não olhem lá para fora.

— E se olharem?

— Com esta neve quase nem se consegue ver o outro lado do pátio.

— Eles vão ver-nos!

Craig não sabia o que mais havia de lhe dizer.

— Temos de tentar.

— Não tenho coragem. Vamos ficar aqui.

Era tentador, mas Craig sabia que, se se escondesse e não fizesse nada para ajudar a família, iria sentir-se envergonhado.

— Se quiseres, podes ficar, enquanto eu vou ao celeiro.

— Não! Não me deixes aqui sozinha!

Ele já estava à espera de que ela dissesse aquilo.

— Então, vais ter de vir comigo.

— Não quero.

Apertou-lhe os ombros e deu-lhe um beijo na cara.

— Vamos. Coragem!

Sophie limpou o nariz à manga dele e disse: — Vou tentar.

Levantou-se, calçou as botas e vestiu o casaco. Sophie estava sentada, imóvel, a observar os movimentos dele à luz da vela. Caminhando com passos leves, com medo de que o ouvissem no andar de baixo, encontrou as botas dela e depois ajoelhou-se e calçou-lhas. Sophie cooperou passivamente, aturdida pelo choque. Ajudou-a a levantar-se e a vestir o anorak. Fechou-o, puxou-lhe o carapuço para a cabeça e depois ajeitou-lhe o cabelo com a mão. O carapuço dava-lhe um ar de miúdo da rua e, por um momento, pensou como ela era linda.

Abriu a porta grande do sótão. Uma rajada de vento gelado atirou um denso turbilhão de neve para dentro do sótão. A lâmpada por cima da porta das traseiras espalhava um semi-círculo de luz que mostrava que a camada de neve era mais espessa do que nunca.

O caixote do lixo parecia o chapéu do Ali Babá.

Naquele lado da casa havia duas janelas, uma na despensa e outra no átrio das botas.

Os sinistros desconhecidos estavam na cozinha. Se tivesse um grande azar, um deles podia entrar na despensa ou no átrio no momento errado e vê-lo — mas achou que a sorte estava a seu favor.

— Anda — disse.

Sophie foi para junto dele e olhou para baixo.

— Vai tu primeiro.

Craig debruçou-se. Havia luz no átrio das botas, mas não na despensa. Iriam vê-lo? Se estivesse sozinho, talvez estivesse aterrorizado, mas o medo de Sophie fazia-o sentir mais corajoso. Limpou a neve do peitoril com a mão e depois percorreu-o até chegar à aba do telhado do átrio. Limpou uma parte do telhado, depois endireitou-se e estendeu o braço para a ajudar. Deu-lhe a mão, e ela foi percorrendo o peitoril a pouco e pouco.

— Vá, estás a ir bem — disse-lhe, em voz baixa.

Não era difícil — o peitoril tinha uns trinta centímetros de largura — mas Sophie estava a tremer. Por fim, saltou para a aba do telhado.

— Boa! — exclamou Craig.

No entanto, depois escorregou. Estava de cócoras, mas os pés deslizaram. Craig ainda estava a dar-lhe a mão, mas não conseguia mantê-la a direito. Sophie acabou por se sentar com um baque que certamente tinha sido audível na sala de

baixo. Depois caiu para trás e deslizou de rabo pelas placas de ardósia geladas.

Craig agarrou-a com mais força e conseguiu deitar a mão ao anorak. Puxou-a para que ela não parasse de escorregar, mas os seus pés estavam sobre a mesma superfície e, então, o que aconteceu foi que ela o arrastou. Craig deslizou pelo telhado, tentando manter-se a direito e, ao mesmo tempo, impedir que ela caísse.

Quando os pés dela chegaram à calha que contornava o telhado, Sophie parou; porém, metade do corpo dela estava já para lá do beiral. Craig agarrou o casaco dela com mais força e puxou-a para junto de si, mas depois tornou a escorregar. Foi obrigado a soltar o casaco dela e a levantar os braços para tentar aguentar-se de pé.

Sophie gritou e caiu do telhado.

Foi uma queda de uns três metros de altura. Aterrou em cima da neve amontoada por trás do caixote do lixo.

Craig debruçou-se no beiral. A luz praticamente não chegava àquele canto escuro, e quase não conseguia vê-la.

— Estás bem? — perguntou. Não houve resposta. Teria ficado inconsciente? — Sophie!

— Sim, estou — respondeu ela num tom muito infeliz.

A porta das traseiras abriu-se.

Craig baixou-se rapidamente.

Um homem saiu de casa. Craig conseguia ver apenas uma cabeça com cabelo escuro ralo. Espreitou de lado. A luz que saía agora com mais intensidade da porta aberta tornava Sophie visível. O seu anorak cor-de-rosa não se distinguia por entre a neve, mas as calças escuras viam-se. Estava imóvel. Craig não conseguia vislumbrar a cara dela.

Uma voz dentro de casa gritou:

— Elton! Quem é que está aí?

Elton apontou uma lanterna para um lado e para outro, mas o feixe de luz não mostrava nada a não ser neve. Craig deitou-se sobre o telhado.

Elton voltou para a direita, afastando-se de Sophie, e avançou um pouco em direção à tempestade, com a lanterna apontada à sua frente.

Craig encostou-se mais ao telhado, na esperança de que Elton não olhasse para cima.

Depois viu que a porta do sótão tinha ficado aberta. Se Elton apontasse a lanterna para aquele lado, iria vê-la de certeza e ia querer investigar — o que seria desastroso.

Deslocando-se lentamente, Craig subiu a aba do telhado. Assim que conseguiu chegar à beira da porta, empurrou-a devagar. A porta deslizou lentamente. Craig deu-lhe um empurrão final e soltou-a e depois tornou a deitar-

se rapidamente. A porta fechou-se com um estalido audível.

Elton voltou-se. Craig estava imóvel. Viu o feixe de luz da lanterna percorrer a empena da casa e a porta do sótão.

Veio outra vez uma voz de dentro de casa: — Elton?

O feixe de luz deslocou-se.

— Não vejo nada — gritou Elton, irritado.

Craig arriscou-se a mexer a cabeça para olhar. Elton estava a dirigir-se para o outro lado, na direção de Sophie. Parou ao pé do caixote do lixo. Se espreitasse para a esquina daquele átrio e apontasse para lá a lanterna, vê-la-ia. Se isso acontecesse, decidiu Craig, daria um mergulho do telhado para cima da cabeça de Elton. Provavelmente seria agredido, mas Sophie conseguiria escapar.

Passado um momento, Elton voltou as costas, dizendo: — Aqui fora não há nada. Só a merda da neve. Tornou a entrar em casa e atirou com a porta.

Craig deu um gemido de alívio. Descobriu que estava a tremer. Tentou acalmar-se.

Pensar em Sophie ajudava. Saltou do telhado para o sítio onde ela estava. Inclinou-se para ela e perguntou-lhe:

— Aleijaste-te?

— Não, mas estou com imenso medo — respondeu Sophie, sentando-se.

— Consegues pôr-te de pé?

— Tens a certeza de que ele já se foi embora?

— Vi-o entrar e fechar a porta. Devem ter-te ouvido gritar, ou se calhar o estrondo quando caíste no telhado, mas com este temporal não devem ter a certeza do que é.

— Oh, meu Deus, só espero que sim! — exclamou Sophie, pondo-se de pé a custo.

Craig franziu a testa, pensativo. Era óbvio que os assaltantes estavam alerta. Se ele e Sophie atravessassem o pátio em direção ao celeiro, podiam ser vistos por alguém que olhasse pelas janelas da cozinha. Seria melhor irem para o jardim, contornarem a casa de hóspedes e chegar ao celeiro pelas traseiras. Mesmo assim, arriscavam-se a ser vistos quando fossem a entrar, mas aquele desvio diminuiria o tempo de exposição.

— Por aqui — disse-lhe. Deu-lhe a mão, e ela seguiu-o de bom grado.

Sentiam o vento a soprar ainda com mais força. A tempestade estava a vir do mar. Sem a proteção da casa, a neve já não saía em flocos, mas em linhas oblíquas que lhes fustigavam a cara e entravam nos olhos.

Quando deixou de ver a casa, Craig voltou para a direita. Estavam a avançar muito lentamente. A neve tinha mais de meio metro de altura e, por isso, era muito cansativo andar. Não conseguia ver a casa de hóspedes. Contando os

passos, Craig percorreu o que lhe pareceu ser toda a extensão do pátio. Completamente cego, achou que devia estar perto do celeiro e tornou a voltar-se. Contou os passos até ao momento em que deveria estar já a chocar com a parede de madeira.

Não existia ali nada.

De certeza de que não se enganara. Tinha sido meticuloso. Deu mais cinco passos.

Receava que estivessem perdidos, mas não queria que Sophie soubesse. Reprimindo uma sensação de pânico, tornou a voltar-se, dirigindo-se de novo para a casa principal.

Como a escuridão era tão densa, Sophie não podia felizmente ver a cara dele nem perceber como estava assustado.

Estavam lá fora há menos de cinco minutos, mas os pés e as mãos já lhe doíam de tão frios. Craig tinha noção de que estavam a correr um grande perigo. Se não conseguissem abrigar-se, morreriam gelados.

Sophie não era estúpida.

— Onde é que estamos? — perguntou ela.

Craig tentou responder num tom confiante, que não correspondia minimamente à verdade:

— Estamos quase a chegar ao celeiro. Só mais uns passos.

Não devia ter feito uma previsão tão precipitada. Ao fim de dez passos, continuavam no meio de uma escuridão total.

Craig percebeu que devia ter-se afastado mais da casa principal do que a princípio pensara. Por isso, quando resolvera voltar para trás, andara de menos. Tornou a virar à direita. Já tinha virado tantas vezes que já não sabia ao certo para que lado estava voltado. Deu mais dez passos e parou.

— Estamos perdidos? — perguntou Sophie numa voz débil.

— Não podemos estar longe do celeiro! — disse Craig com irritação. — Só demos alguns passos no jardim.

Sophie pôs os braços à volta dele e abraçou-o com força.

— A culpa não é tua.

Ele sabia que era, mas sentia-se grato pelo gesto dela.

— Podíamos gritar — sugeriu Sophie. — Talvez o Tom e a Caroline nos oiçam e gritem também.

— Mas os tipos que estão na cozinha também podiam ouvir-nos.

— Seria melhor do que morrermos congelados.

Sophie tinha razão, mas Craig não queria admiti-lo. Como era possível terem-se perdido num espaço tão pequeno? Recusava-se a acreditar que isso pudesse ter acontecido.

Craig abraçou-a também, mas estava desesperado. Sentira-se superior a Sophie por ela estar mais assustada do que ele e, por momentos, sentira-se muito viril e muito protetor.

Mas agora tinha feito com que ambos se perdessem. Grande homem, pensou. Grande protetor... Se o namorado dela existisse, o tal estudante de Direito, certamente faria melhor figura.

Pelo canto do olho, viu uma luz.

Voltou-se nessa direção, mas já tinha desaparecido. Os seus olhos não viam nada a não ser escuridão. Teria sido uma ilusão?

Sophie apercebeu-se da tensão dele.

— O que foi?

— Pareceu-me ter visto uma luz.

Quando voltou a cara para ela, teve a sensação de que a luz reaparecera. No entanto, quando tornou a olhar, já tinha desaparecido.

Lembrava-se vagamente de ter ouvido falar na aula de Biologia de uma coisa chamada visão periférica, que registava coisas invisíveis como se tivessem sido vistas. Havia uma explicação para isso, que tinha que ver com o ângulo morto da retina. Tornou a voltar-se para Sophie. A luz reapareceu. Mas, desta vez, Craig não se voltou para ela; tentou antes concentrar-se no que conseguia ver sem mexer os olhos. A luz tremeluziu, mas continuava lá.

Voltou-se na direção dela, e desapareceu outra vez, mas, pelo menos, sabia de que direção vinha.

— Por aqui.

Atravessaram a neve. A luz não reapareceu imediatamente, e Craig pensou que tinha tido uma alucinação, como as pessoas que vêem oásis no deserto. Depois apareceu, a tremeluzir, e desapareceu instantaneamente.

— Também vi! — gritou Sophie.

Continuaram a andar. Passados dois segundos, a luz surgiu de novo, mas desta vez continuou a brilhar. Craig sentiu um enorme alívio e apercebeu-se de que, alguns momentos antes, pensara que ia mesmo morrer e fazer com que Sophie morresse também.

Quando se aproximaram mais da luz, viu que era a que estava por cima da porta das traseiras. Tinham andado em círculo e estavam outra vez no sítio de onde haviam partido.

6h15

Miranda continuou imóvel durante muito tempo. Estava aterrorizada com a ideia de Daisy voltar, mas não conseguia fazer nada. Imaginava Daisy a entrar de rompante no quarto com as suas botas, a ajoelhar-se no chão e a espreitar para baixo da cama. Imaginava o seu rosto animalesco — a cabeça rapada, o nariz partido e os olhos escuros, com uma pintura tão ostensiva que pareciam feridos. A imagem daquele rosto era tão assustadora que, por vezes, Miranda fechava os olhos com tremenda força, ao ponto de começar a ver pontos luminosos sob as pálpebras.

Foi o facto de pensar em Tom que a fez mexer-se. Tinha de proteger o seu filho de onze anos. Mas como? Sozinha não podia fazer nada. Estava disposta a interpor -se entre a quadrilha e o filho, mas seria inútil: eles afastá-la-iam como se fosse um saco de batatas.

As pessoas civilizadas não tinham jeito para a violência — era isso que fazia delas pessoas civilizadas.

A solução era a mesma de antes. Tinha de descobrir um telefone e pedir ajuda.

Isso significava que tinha de ir à casa de hóspedes. Tinha de sair de baixo da cama, abandonar o quarto e descer a escada sem fazer barulho, na esperança de que os assaltantes não a ouvissem na cozinha e rezando para que nenhum deles resolvesse ir ao átrio, porque, se isso acontecesse, seria imediatamente descoberta. Precisava de arranjar um casaco e umas botas, pois estava descalça e só tinha a camisa de dormir em cima do corpo. Sabia que, no meio daquele temporal, não conseguiria andar três metros por entre neve com mais de meio metro de altura. Depois teria de dar a volta à casa, afastando-se das janelas, e ir até ao anexo, onde tinha deixado o telemóvel, na mala ao pé da porta. Tentou arranjar coragem. Afinal, estava com medo de quê? Era a tensão, pensou. Aquela tensão era aterrorizadora. Mas não o seria por muito mais tempo. Meio minuto para descer a escada; um minuto para vestir o casaco e calçar as botas; dois minutos, talvez três, para ir até ao anexo. Menos de cinco minutos, só isso.

Começou a sentir-se indignada. Como se atreviam eles a fazê-la sentir medo de andar pela casa do seu pai? A indignação deu-lhe coragem.

A tremer, deslizou debaixo da cama. A porta do quarto estava aberta. Espreitou, viu que o caminho estava desimpedido e saiu para o patamar. Ouviu vozes na cozinha. Olhou para baixo.

Ao fundo da escada havia um bengaleiro. A maior parte dos casacos e das

botas da família estavam guardados no átrio ao pé da porta das traseiras, mas o pai deixava sempre o casaco dele ali. Miranda viu o anorak azul do pai pendurado no bengaleiro e, por baixo do casaco, as botas de borracha debruadas a pele que ele calçava quando ia passear Nellie. Devia ser suficiente para impedir que ela morresse gelada quando atravessasse a neve em direção ao anexo. Demoraria apenas alguns segundos a calçá-

las e a escapulir-se pela porta da frente. Caso tivesse coragem para isso.

Começou a descer as escadas em bicos de pés.

As vozes vindas da cozinha subiram de tom. Estavam a discutir. Ouviu Nigel dizer “Porra!

Então vai ver outra vez!” Aquilo quereria dizer que andava alguém a revistar a casa?

Voltou-se e subiu a escada a correr, dois degraus de cada vez. Quando chegou ao patamar, ouviu passos pesados no bali — era Daisy.

Não valia a pena esconder-se outra vez debaixo da cama. Se Daisy ia outra vez revistar a casa, de certeza que ia procurar melhor. Miranda entrou no quarto do pai. Só havia um sítio onde podia esconder-se: no sótão. Quando tinha dez anos, fizera dele o seu quarto secreto. Os irmãos tinham feito o mesmo, em alturas diferentes.

A porta do quarto de vestir estava aberta.

Ouviu os passos de Daisy no patamar.

Ajoelhou-se, rastejou para dentro do armário e abriu a porta que dava para o sótão.

Depois voltou-se e fechou a porta do roupeiro. Entrou no sótão e fechou a porta secreta.

Percebeu imediatamente que tinha cometido um erro que podia ser fatal. Daisy tinha revistado a casa há meia hora e devia ter visto a porta do roupeiro aberta. Iria lembrar -se e perceber que alguém a tinha fechado posteriormente? E seria ela suficientemente esperta para perceber porquê?

Miranda ouviu passos no quarto de vestir. Susteve a respiração durante o tempo que Daisy demorou a entrar na casa de banho e a sair. Ouviu as portas dos armários a serem abertas. Mordeu o polegar para não gritar de medo. Depois ouviu o roçagar da roupa, enquanto Daisy afastava os fatos e as camisas. Era difícil ver a porta que dava para o sótão. Teria de se ajoelhar e espreitar por baixo da roupa que estava pendurada. Iria Daisy ser assim tão meticulosa?

Houve depois um longo momento de silêncio.

A seguir os passos de Daisy afastaram-se do quarto.

Miranda sentiu-se tão aliviada que teve vontade de chorar, mas não o fez: tinha de ter coragem. O que estaria a acontecer na cozinha? Lembrou-se do

buraco no chão. Deitou-se lentamente no chão para espreitar.

A figura de Hugo era tão patética que Kit quase sentiu pena dele. Era um homem baixo e gordo. Tinha o peito gordo com mamilos peludos e a barriga caída por cima da zona genital. As pernas finas que sustentavam aquele corpo redondo faziam-no parecer um boneco malfeito. Parecia ainda mais trágico devido ao contraste com a sua figura habitual. Andava normalmente muito empertigado, com fatos de bom corte que lhe adelgaçavam o corpo, e distribuía charme à sua volta com a confiança de um ídolo de espetáculos de segunda. Agora parecia meio apatetado e humilha do.

A família estava apinhada de um dos lados da cozinha, junto à porta da cozinha, longe de qualquer saída: Kit, a sua irmã Olga com o robe de seda preto, o pai com os lábios inchados por causa do soco que Daisy lhe dera, e o marido de Olga, Hugo, todo nu.

Stanley estava sentado a segurar Nellie e a fazer-lhe festas para a acalmar, receando que os assaltantes a matassem, se ela os atacasse. Nigel e Elton estavam do outro lado da mesa e Daisy andava a revistar o andar de cima.

Hugo deu um passo em frente.

— Há toalhas e outras coisas na lavandaria — disse.

A lavandaria ficava ao lado da cozinha, do mesmo lado da casa de jantar.

— Deixem-me ir buscar qualquer coisa para me agasalhar.

Daisy ouviu-o dizer aquilo quando voltou da sua inspeção. Pegou no pano da loiça e atirou-lho para a zona genital, dizendo: — Experimenta isto.

Kit lembrou-se das brincadeiras no chuveiro da escola e de como aquilo doía. Hugo soltou um grito involuntário. Voltou-se, e ela tornou a bater-lhe com o pano, atingindo-o agora nas costas. Hugo refugiou-se num canto, e Daisy soltou uma gargalhada. Hugo não podia estar mais humilhado.

Tinha sido uma cena desagradável, e Kit sentia-se ligeiramente enojado.

— Parem com isso! — gritou Nigel, zangado. — Quero saber onde está a outra irmã, a Miranda. Deve ter-se escapulido. Para onde foi?

— Revistei a casa toda duas vezes — disse Daisy. — Não está cá dentro.

— Pode estar escondida.

— Até pode ser a mulher invisível, mas não consigo encontrá-la.

Kit sabia onde ela estava. Há pouco tinha visto Nellie inclinar a cabeça e pôr uma orelha em pé. Alguém tinha entrada no sótão, e só podia ser Miranda. Kit não sabia se o pai tinha reparado na reação de Nellie. Miranda não era grande ameaça, ali em cima sem telefone e apenas com uma camisa de dormir. Mesmo assim, seria bom se arranjasse uma maneira de avisar Nigel.

— Talvez tenha ido lá para fora — sugeriu Elton. — Se calhar, aquele barulho que ouvimos era ela.

A resposta de Nigel revelou a sua exasperação.

— Nesse caso, como é que é possível que não a tenhas visto quando foste à procura?

— Porque lá fora está escuro como breu! — ripostou Elton, que estava a ficar irritado com o tom ameaçador de Nigel.

Kit concluiu que o barulho lá fora devia ter sido feito por um dos miúdos. Ouvira-se um baque e depois um grito, como se uma pessoa ou um animal tivessem batido na porta das traseiras. Podia ter sido um veado, mas os veados não gritavam; faziam uma espécie de mugido. Talvez fosse um pássaro grande que tivesse sido empurrado contra a porta pela tempestade, e um pássaro talvez emitisse um som parecido com aquele grito. No entanto, Kit achava que a hipótese mais provável era Tom, o filho de Miranda. Tinha onze anos, a idade ideal para andar fora de casa durante a noite a brincar aos comandos.

Se Tom tivesse espreitado pelas janelas e visto as armas, o que teria feito? Primeiro, iria à procura da mãe, mas não a encontraria. Iria então acordar a irmã ou talvez Ned. Em qualquer dos casos, Nigel tinha pouco tempo. Precisava de apanhar o resto da família, antes que alguém telefonasse. O certo, porém, era que Kit não podia fazer nada sem deitar por terra o seu disfarce e, por isso, deixou-se ficar sentado e calado.

— Ela andava só de camisa de dormir — disse Nigel. — Não pode ter ido longe.

— Bem, então vou ver nos anexos — sugeriu Elton.

— Espera. — Nigel franziu a testa, pensativo. —Já procuramos em todas as divisões da casa, não foi?

— Já — respondeu Daisy.

— Tiramos os telemóveis a três deles: a Kit, ao gnomo nu e à ranhosa da irmã. E temos a certeza de que não há mais ninguém cá em casa, não é?

-É.

Daisy revistara a casa, não só à procura de pessoas mas também de telefones.

— Então, é melhor ir ver nos anexos.

— Está bem — disse Elton. — O velho disse que havia uma casa de hóspedes, um celeiro e uma garagem.

— Vê primeiro na garagem. Devem ter telefones nos carros. Depois vai à casa de hóspedes e ao celeiro. Reúne o resto da família e traz todos para aqui. Tira-lhes os telefones todos. Vamos ficar aqui a vigiá-los por uma ou duas horas e depois fugimos.

“Não era um mau plano”, pensou Kit. “Se a família estivesse toda no mesmo sítio, sem telefones, não poderiam fazer nada. Ninguém ia aparecer à porta na manhã do Dia de Natal — nem o leiteiro, nem o carteiro, nem a picape da Tecso

ou da Majestic Wine — por isso, não havia perigo de ninguém de fora desconfiar. Podiam ficar ali à espera que amanhecesse.”

Elton vestiu o casaco e espreitou pela janela. Seguindo o olhar dele, Kit constatou que, com a luz dos candeeiros no exterior da casa, a neve quase não deixava ver o anexo e o celeiro do outro lado do pátio. O temporal ainda não começara a abrandar.

— Se o Elton for ao anexo, eu vou ver a garagem — sugeriu Daisy.

— É melhor despacharmo-nos — disse Elton. — Neste momento pode estar alguém a chamar a Polícia.

Daisy guardou a arma e fechou o blusão de cabedal.

— Antes de saírem, vamos trancar estes num sítio onde não possam fazer ondas — disse Nigel.

Foi nessa altura que Hugo se atirou a Nigel.

Toda a gente foi apanhada de surpresa. Kit tinha esquecido Hugo, e os outros assaltantes também. Porém, ele deu um salto para a frente, cheio de fúria e energia, e desatou a esmurrar a cara de Nigel com os dois punhos. Tinha escolhido bem o momento, pois Daisy acabara de guardar a sua arma, e Elton não chegara a empunhar a sua, pelo que Nigel era o único que estava armado, mas estava tão aflito a desviar -se dos socos de Hugo que não podia de certeza fazer uso dela.

Nigel cambaleou para trás e foi embater na bancada da cozinha. Hugo avançou para ele como um louco, a bater-lhe na cara e no corpo e a gritar qualquer coisa incompreensível.

Em poucos segundos, tinha desferido uma chuva de golpes sobre Nigel, mas este não largara a arma.

Elton foi o mais rápido a agir. Tentou agarrar Hugo e afastá-lo de Nigel. Todavia, como Hugo estava nu, era difícil prendê-lo e, por um momento, as mãos de Elton insistiam em deslizar dos ombros em movimento de Hugo.

Stanley libertou Nellie, que estava a ladrar furiosamente, e ela atirou-se a Elton, mordendo-lhe nas pernas. Já era velhota e com pouca força para morder, mas sempre era um motivo de distração.

Daisy tentou pegar na sua pistola, mas o cano ficou preso no forro do blusão e não conseguia tirá-la. Então, Olga pegou num prato e tentou atingir Daisy com ele. Daisy desviou-se, e o prato acertou-lhe num ombro de raspão.

Kit deu um passo à frente para agarrar Hugo, mas depois parou.

A última coisa que queria era que a sua família dominasse os assaltantes. Embora tivesse ficado chocado com o verdadeiro objectivo do roubo que organizara, a sua sobrevivência era o que mais o preocupava. Ainda havia menos de vinte e quatro horas, Daisy quase o tinha morto na piscina, e ele sabia que se

não pagasse ao pai dela, o seu fim seria tão doloroso como se morresse infectado pelo vírus que estava no frasco de perfume. Se fosse preciso, ajudaria Nigel contra a sua própria família — mas seria mesmo preciso? Continuava a fazer questão de manter a história de que nunca tinha visto Nigel.

Por isso, ficou a ver, impotente e assaltado por impulsos contraditórios.

Elton pôs os dois braços à volta de Hugo, prendendo-o com toda a força. Hugo debateu-se com energia, mas era mais pequeno e mais fraco do que Elton e não conseguiu libertar-se. Elton levantou-o do chão e afastou-o de Nigel.

Daisy deu um pontapé a Nellie com as suas botas pesadas, acertando-lhe nas costelas, e Nellie fugiu para um canto da cozinha a ganir.

Nigel estava a sangrar do nariz e da boca e tinha marcas vermelhas à volta dos olhos.

Lançou um olhar assassino a Hugo e levantou a mão direita, que continuava a empunhar a pistola.

Olga deu um passo em frente e gritou: — Não!

Instantaneamente, Nigel desviou o braço e apontou-lhe a arma a ela. Stanley agarrou-a, puxou-a para trás , dizendo ao mesmo tempo: — Não dispare. Por favor, não dispare.

Nigel continuou a apontar a arma a Olga e perguntou a Daisy: — Ainda tens o bastão?

Com um ar satisfeito, ela pegou no bastão. Nigel apontou para Hugo e disse-lhe: — Desanca aquele gajo.

Vendo o que ia acontecer, Hugo começou a debater-se, mas Elton agarrou-o com mais força.

Daisy deu balanço com o braço e desferiu um violento golpe com o bastão na cara de Hugo. Ouviu-se claramente o som arrepiante do seu malar a partir-se. Hugo soltou um grito. Daisy tornou a bater-lhe, e começou a escorrer sangue da boca de Hugo para o tronco despido. Com um sorriso malévolo, Daisy olhou para a barriga dele e deu-lhe um pontapé nos órgãos genitais. Depois tornou a dar-lhe com o bastão, mas desta vez na cabeça, o que fez com que Hugo perdesse os sentidos. Contudo, Daisy ficou indiferente a isso. Tornou a bater-lhe no nariz e depois deu-lhe mais um pontapé.

Olga soltou um gemido de dor e raiva, libertou-se do pai e atirou-se a Daisy.

Daisy preparou-se para lhe bater com o bastão, mas estava demasiado perto dela e falhou o golpe.

Elton soltou Hugo, que caiu sobre o chão de mosaico e tentou agarrar Olga.

Olga agarrou a cara de Daisy com as mãos e começou a arranhá-la.

Nigel tinha a arma apontada a Olga, mas estava a hesitar em disparar, certamente com medo de atingir Elton ou Daisy, que continuavam a lutar com

Olga.

Stanley voltou-se e viu em cima do fogão a pesada frigideira onde Kit tinha estado a fazer os ovos. Ergueu-a no ar e fez pontaria à cabeça de Nigel, mas, no último minuto, Nigel viu o gesto dele e desviou-se. A frigideira acertou-lhe no ombro direito. Deu um grito de dor, e a pistola saltou-lhe das mãos.

Stanley tentou apanhá-la, sem o conseguir. Foi para cima da mesa da cozinha a poucos centímetros do frasco de perfume. Depois saltou para o assento de uma das cadeiras, rebolou e caiu ao chão, junto dos pés de Kit.

Kit baixou-se e apanhou-a.

Nigel e Stanley olharam para ele. Apercebendo-se do que acontecera, Olga, Daisy e Elton pararam de lutar e voltaram-se para olhar para Kit de arma em punho.

Kit hesitou, despedaçado pela decisão que teria de tomar.

Ficaram todos a olhar para ele durante um longo momento de paralisia.

Por fim, Kit voltou a arma ao contrário, segurando-a pelo cano, e devolveu-a a Nigel.

6h30

Craig e Sophie conseguiram finalmente encontrar o celeiro.

Tinham ficado algum tempo junto à porta das traseiras, hesitantes, mas depois perceberam que iriam morrer congelados, se ficassem ali muito mais tempo. Chamando a si toda a coragem que lhes restava, atravessaram o pátio diretamente para lá, de cabeça baixa, rezando para que ninguém espreitasse pelas janelas da cozinha. Os vinte passos que separavam um lado do outro pareceram demorar uma eternidade, por entre a espessa camada de neve. Depois contornaram a parede da frente do celeiro, sempre visíveis para quem estivesse na cozinha. Craig não se atrevia a olhar para lá: tinha demasiado medo do que poderia ver. Quando finalmente chegaram à porta, deu uma olhadela rápida. A escuridão não o deixava ver a casa — apenas as janelas iluminadas. A neve ainda lhe dificultava mais a visão e, por isso, viu apenas vultos indistintos a deslocarem-se na cozinha. Pelos vistos, ninguém tinha olhado lá para fora no momento errado.

Abriu a porta do celeiro. Entraram, e fechou-a com alívio. Sentiu-se envolto pelo ar quente. Estava a tremer, e os dentes de Sophie batiam como castanholas. Ela tirou o anorak coberto de neve e sentou-se ao pé de um dos grandes radiadores. Craig gostaria de ter tempo para se aquecer também, mas não podia fazê-lo — tinha de pedir ajuda rapidamente.

O celeiro estava apenas iluminado por uma luz de presença ao pé da cama de Tom.

Craig olhou atentamente para ele, sem saber se devia acordá-lo. Parecia ter recuperado da vodka de Sophie e estava a dormir tranquilamente, com o seu pijama de Homem-Aranha.

Craig reparou que havia qualquer coisa no chão ao lado da almofada. Era uma fotografia.

Craig pegou nela e aproximou-a da luz. Parecia ter sido tirada na festa de anos da sua mãe e via-se Tom sentado ao lado de Sophie, que tinha o braço sobre os ombros dele.

Craig sorriu para si próprio. Pelos vistos, não tinha sido ele o único a ficar cativado por ela naquela tarde. Tornou a pôr a fotografia no mesmo sítio e não disse nada a Sophie.

Decidiu que não valia a pena acordar Tom. O miúdo não poderia fazer nada e ficaria aterrorizado. Mais valia estar a dormir.

Craig dirigiu-se rapidamente para a escada que dava para o quarto do andar

de cima.

Numa das camas, conseguiu distinguir o monte de cobertores que estavam a tapar a sua irmã Caroline. Parecia estar a dormir profundamente. Tal como Tom, estava melhor assim. Se acordasse e descobrisse o que estava a acontecer, iria ficar histérica. Ia tentar não a acordar.

A segunda cama não estava desfeita. No chão, ao lado da cama, estava uma mala de viagem aberta. Sophie dissera que tinha deixado cair o telemóvel para cima da roupa.

Craig atravessou o quarto, andando com cuidado por entre a penumbra. Quando se baixou, ouviu muito perto de si qualquer coisa viva a rastejar e a guinchar. Praguejou por entre dentes, com o coração quase a saltar-lhe pela boca; depois percebeu que eram as malditas ratazanas de Caroline dentro da gaiola. Empurrou a gaiola e começou à procura do telemóvel na mala de Sophie.

Tinha de o fazer apenas a tactear. No cimo de tudo havia um saco de plástico com um embrulho. De resto, era sobretudo roupa, e toda muito bem dobrada. De certeza que alguém tinha ajudado Sophie a fazer a mala, pois não acreditava que ela fosse assim tão arranjada. Distraiu-se por momentos com um soutien de seda e depois sentiu na mão a forma oblonga de um telemóvel. Abriu-o, mas a luz não se acendeu. Não conseguia ver o suficiente para descobrir onde se ligava.

Desceu rapidamente a escada, com o telefone na mão. Havia um candeeiro ao pé da estante. Acendeu-o e observou o telemóvel de Sophie. Descobriu o botão com a inscrição “Power” e carregou mas não aconteceu nada. Apetecia-lhe gritar de frustração.

— Não consigo ligar esta porcaria! — murmurou.

Sophie estendeu o braço, sem se levantar do radiador, e ele deu-lhe o telefone. Carregou no mesmo botão, franziu a testa, tornou a carregar e insistiu várias vezes. Por fim disse: — Não tem bateria.

— Merda! Onde é que está o carregador?

— Não sei.

— Está na tua mala?

— Acho que não.

Craig ficou desesperado.

— Como é que é possível que não saibas onde está o carregador do teu telemóvel?

Numa voz tímida, Sophie confessou:

— Acho que o deixei em casa.

— Meu Deus!

Craig tentou controlar a fúria que sentia. Apetecia-lhe dizer que era uma estúpida, uma idiota, mas isso não ajudaria nada. Ficou em silêncio por alguns

instantes. A recordação dos beijos dela não permitia que se zangasse. A raiva evaporou-se, e pôs o braço por cima dela.

— Não faz mal. Deixa lá.

Sophie encostou a cabeça ao peito dele.

— Desculpa.

— Vamos pensar noutra hipótese.

— Deve haver mais telefones cá em casa, ou um carregador que sirva.

Craig abanou a cabeça.

— Eu e a Caroline não temos telemóvel. A minha mãe não deixa. Ela até quando vai à casa de banho leva o dela, mas acha que nós não precisamos.

— O Tom também não tem. A Miranda acha que ele ainda é muito novo.

— Bolas!

— Espera! — exclamou ela, afastando-se de Craig. — Não havia um no carro do teu avô?

Craig estalou os dedos.

— O Ferrari... Boa! E eu deixei lá a chave. Só temos de ir até à garagem e podemos ligar para a Polícia.

— Quer dizer que temos de ir outra vez lá para fora?

— Podes ficar aqui.

— Não. Quero ir contigo.

— Não ficavas sozinha. Ficavas com o Tom e a Caroline.

— Quero estar ao pé de ti.

Craig tentou não demonstrar como tinha ficado satisfeito.

— Então, é melhor vestires outra vez o casaco.

Sophie saiu do radiador. Craig apanhou o casaco dela do chão e ajudou-a a vesti-lo.

Sophie olhou para ele, e Craig tentou fazer-lhe um sorriso encorajador.

— Estás pronta?

Parecia ter recuperado alguma da sua antiga coragem.

— Ora, o que é que pode acontecer? Podemos ser mortos, só isso.

Vamos embora.

Saíram. Lá fora continuava escuro como breu, e a neve caía, não como nuvens de borboletas, mas como balas contundentes. Mais uma vez, Craig olhou nervosamente para o outro lado do pátio, mas não conseguia ver muito mais do que vira, o que significava que os desconhecidos que estavam na cozinha também não deviam conseguir vê-lo. Pegou na mão de Sophie. Orientando-se pelas luzes do pátio, levou-a para o outro lado do celeiro e depois atravessaram o pátio em direção à garagem.

A porta lateral estava destrancada, como sempre. Lá dentro fazia tanto frio

como cá fora.

Não havia janelas e, por isso, Craig arriscou-se a acender a luz.

O Ferrari do avô continuava no sítio onde Craig o tinha deixado, quase encostado à parede para esconder a amolgadela. Teve uma recordação fugaz da vergonha e do medo que sentira doze horas antes, ao chocar com a árvore. Agora parecia estranho que tivesse ficado tão ansioso e assustado por causa de uma coisa tão trivial como uma amolgadela num carro. Lembrou-se da sua ânsia de impressionar Sophie e fazer com que ela gostasse dele. Tinha sido há muito pouco tempo, mas parecia ter acontecido num passado longínquo.

Na garagem estava também o Ford Mondeo de Luke. O Toyota Land Cruiser tinha desaparecido: Luke devia tê-lo levado.

Aproximou-se do Ferrari e puxou o fecho da porta. Não se abriu. Tornou a tentar, mas estava fechado à chave.

— Porra! — exclamou com ênfase.

— O que foi? — perguntou Sophie.

— O carro está fechado à chave.

— Oh, não!

Craig olhou lá para dentro.

— E a chave desapareceu.

— Como é que isso aconteceu?

A frustração levou Craig a dar um murro no tejadilho do carro.

— O Luke deve ter reparado que o carro estava aberto ontem à noite, quando se foi embora. Deve ter tirado a chave da ignição, fechou o carro e foi dar a chave ao a vô.

— E o outro carro?

Craig abriu a porta do Ford e espreitou lá para dentro.

— Não tem telefone.

— Podemos ir buscar as chaves do Ferrari?

Craig fez uma careta.

— Talvez.

— Onde é que estão?

— No chaveiro, na parede do átrio das botas.

— Nas traseiras da cozinha?

Craig acenou a cabeça com um ar desesperado.

— A uns dois metros daqueles tipos armados.

6h45

O limpa-neves avançava devagar na estrada de duas faixas, seguido pelo Jaguar de Carl Osborne. Toni ia ao volante do Jaguar, a tentar desesperadamente ver a estrada, enquanto os limpa-para-brisas afastavam com esforço os espessos flocos de neve que fustigavam o vidro. Toni via sempre a mesma coisa: à frente os faróis do limpa-neves, de um lado o monte de neve que a lâmina ia removendo da estrada e do outro a neve que acabara de cair sobre a estrada e sobre os campos adjacentes em toda a extensão que os faróis conseguiam iluminar.

A sua mãe ia a dormir no banco de trás com o cachorro ao colo. Ao lado de Toni ia Cari, em silêncio, a dormitar ou talvez amuado. Dissera a Toni que detestava que fossem outras pessoas a guiar o seu carro, mas Tom insistira, e ele fora obrigado a ceder, pois era ela que tinha as chaves.

— Tu nunca cedes um milímetro, pois não? — dissera Cari, entre dentes, antes de se remeter ao silêncio.

— Por isso é que era tão boa polícia — respondeu Toni.

Lá atrás, a mãe disse:

— Por isso é que nunca arranjaste um marido.

Fora há mais de uma hora. Agora Toni estava a fazer um esforço para se manter acordada, tentando resistir ao movimento hipnótico dos limpa-para-brisas, ao calor do aquecimento e à monotonia da paisagem. Quase que se sentia arrependida por não ter deixado Cari guiar. No entanto precisava de manter o controlo da situação.

Tinham descoberto o veículo utilizado pelos assaltantes na Dew Drop Inn. Lá dentro havia cabeleiras, bigodes postiços e óculos com lentes sem graduação — tudo obviamente coisas que tinham utilizado para se disfarçar. Mas não havia pistas quanto à direção que teriam tomado. O carro da Polícia tinha ficado lá, enquanto os agentes interrogavam Vincent, o empregado com quem Toni falara ao telefone. O limpa-neves continuou para norte, por ordem de Frank.

Por uma vez, Toni estava de acordo com Frank. Fazia sentido que os assaltantes tivessem trocado de carro num sítio que ficasse em caminho em vez de perderem tempo num desvio. Claro que havia sempre a possibilidade de terem previsto qual seria o raciocínio da Polícia e terem escolhido deliberadamente um local que induzisse em erro os perseguidores. Mas, pela experiência de Toni, os criminosos não eram assim tão subtis. Quando tinham na mão o produto do roubo, queriam sempre fugir o mais depressa possível.

O limpa-neves não parava quando passava por veículos imobilizados. Iam dois polícias na cabina com o motorista, mas tinham ordens precisas para observar apenas, pois não estavam armados, ao passo que os assaltantes sim. Alguns dos carros estavam abandonados, outros tinham uma ou duas pessoas lá dentro, mas, até ao momento, não tinham passado por nenhum com três homens e uma mulher. A maior parte dos carros começava a trabalhar e punha-se em andamento atrás do limpa-neves, seguindo a pista que ele desobstruía. Havia, por isso, uma espécie de escolta atrás do Jaguar.

Toni começava a começar a ficar pessimista. Esperava já ter descoberto a quadrilha àquela hora. Quando eles saíram da Dew Drop Inn, as estradas estavam intransitáveis.

Por isso, não podiam ter ido muito longe.

Haveria algum esconderijo nas redondezes? Parecia improvável. Os ladrões não gostavam de se esconder perto do local do crime — muito pelo contrário. A medida que ia avançando para norte, Toni ia ficando cada vez mais preocupada com a possibilidade de a sua suspeita estar errada e eles terem ido para sul.

Viu uma placa a dizer “Praia” e percebeu que deviam estar perto de Steepfall. Era a altura de pôr a segunda parte do seu plano em ação. Tinha de ir a casa de Stanley para o avisar.

A ideia apavorava-a. A sua missão era impedir que aquele tipo de coisas acontecesse.

Tinha feito várias coisas bem feitas: graças ao seu espírito de missão o roubo fora rapidamente descoberto; tinha obrigado a Polícia a considerar a gravidade da situação e a perseguir os assaltantes; e Stanley não poderia deixar de ficar impressionado pela forma como conseguira chegar a casa dele no meio de tamanha tempestade. Porém, queria poder dizer-lhe que os assaltantes tinham sido apanhados e que a situação estava resolvida. E, em vez disso, tinha de admitir perante Stanley que falhara. Não iria ser o encontro alegre com que sonhara.

Frank estava no Kremlin. Toni ligou para o telemóvel dele do telefone do carro de Osborne.

A voz de Frank ecoou nas colunas do Jaguar.

— Detective superintendente Hackett.

— É a Toni. O limpa-neves está a chegar ao desvio para a casa do Stanley Oxenford.

Gostava de o informar do que está a acontecer.

— Não precisas da minha autorização.

— Não consigo contactar com ele pelo telefone, mas a casa fica a pouco mais de um quilômetro por um desvio...

— Esquece. Acabou de chegar a brigada armada. Estão em pulgas para partir. Não vou atrasar mais a perseguição.

— O limpa-neves não demora mais de cinco ou seis minutos a desobstruir a via. Além disso, vês-te livre de mim. E da minha mãe.

— Por muito tentadora que seja a ideia, não estou disposto a atrasar a operação por mais cinco minutos.

— O Stanley pode ser útil à investigação. Afinal, é ele a vítima.

— A resposta é não — ripostou Frank, e desligou.

Osborne tinha ouvido os dois lados da conversa.

— O carro é meu. Não vou para Steepfal . Quero ir atrás do limpa-neves. Não quero perder nada.

— Podes continuar atrás deles. Deixas-me a mim e à minha mãe em casa do Stanley e continuas atrás do limpa-neves regressando à estrada principal. Depois de informar o Stanley, peço-lhe um carro emprestado e apanho-vos.

— Pois, mas o Frank deitou esse plano por terra.

— Ainda não joguei o meu último trunfo — disse ela e tornou a ligar para Frank.

Desta vez, Frank atendeu de uma forma abrupta.

— O que foi?

— Lembra-te do Lavrador Johnny.

— Vai à merda.

— Estou a utilizar o telefone em alta-voz, e o Cari Osborne está ao meu lado, a ouvir-nos a ambos. Onde é que disseste para eu ir, repete lá?

— Pega na merda do telefone.

Toni tirou o telefone da base e encostou-o ao ouvido para que Cari não pudesse ouvir Frank.

— Liga para o motorista do limpa-neves, Frank. Por favor.

— Minha cabra, estás sempre a atirar-me com o caso do Lavrador Johnny. Sabes bem que ele era culpado.

— Toda a gente sabe isso. Mas só eu e tu é que sabemos o que tu fizeste para conseguir que ele fosse condenado.

— Não ias contar uma coisa dessas ao Cari, pois não?

— Ele está a ouvir tudo o que eu estou a dizer.

— Não deve valer a pena falar-te de lealdade, pois não — disse Frank num tom hipócrita.

— Realmente não vale a pena, a partir do momento em que falaste ao Cari do hamster chamado Fluffy.

Tinha acertado em cheio. Frank tornou-se mais defensivo.

— O Cari não iria divulgar a história do Lavrador. É meu amigo.

— A tua confiança é comovente, sendo ele jornalista.

Seguiu-se um longo silêncio.

— Decide-te, Frank — disse Toni, por fim. — Estamos a chegar ao desvio. Ou o limpa-neves vira, ou vou passar a próxima hora a contar ao Cari a história do Lavrador Johnny.

Ouviu-se um estalido. Frank desligara. Toni tornou a pôr o telefone na base.

— Que história era essa? — perguntou Cari.

— Se não voltarmos no próximo desvio à esquerda, eu conto-te. Pouco depois, o limpa-neves virou para o desvio que ia dar a Steepfall.

7h00

Hugo estava caído no chão, a sangrar, inconsciente mas a respirar.

Olga chorava convulsivamente. Estava à beira da histeria.

Stanley Oxenford estava pálido com o choque. Parecia um homem a quem tinham acabado de dizer que ia morrer. Olhou para Kit com uma expressão onde se misturavam desespero, incredulidade e raiva contida. No seu rosto com espelhada a pergunta: Como pudeste fazer-nos uma coisa destas? Kit fazia os possíveis por não olhar para ele.

Estava enraivecido. Tinha corrido tudo mal. Agora a sua família sabia que ele estava conivente com os assaltantes, e era impensável convencê-los a mentir sobre isso, o que significava que a Polícia acabaria por saber a história toda. Estava condenado a passar o resto da vida a fugir à justiça. Quase não conseguia conter a sua raiva.

Também estava com medo. O vírus continuava dentro do frasco de perfume, em cima da mesa, protegido apenas por dois sacos de plástico transparente. O medo aumentava ainda mais a cólera de Kit.

Nigel obrigara Stanley e Olga a deitarem-se no chão de barriga para baixo ao lado de Hugo. Ameaçara-os com a pistola. Estava tão furioso por Hugo lhe ter batido que qualquer desculpa lhe serviria para puxar o gatilho. Kit não teria sequer tentado impedi-lo.

Pela forma como se sentia, estava também capaz de matar alguém.

Elton procurou cordas improvisadas — fios de eletricidade, uma corda da roupa e uma meada de torçal.

Daisy amarrou Olga, Hugo, que continuava inconsciente, e Stanley, prendendo-lhes os pés e as mãos atrás das costas. Apertou muito as cordas até rasgarem a carne e puxou os nós para confirmar que não davam de si. O seu rosto tinha o sorriso feio que ostentava sempre que estava a fazer mal a alguém.

— Preciso do meu telefone — disse Kit a Nigel.

— Para quê? — perguntou Nigel.

— Para poder interceptar a chamada, no caso de alguém ligar para o Kremlin.

Nigel hesitou.

— Por amor de Deus! — exclamou Kit. — Dei-te a pistola.

Nigel encolheu os ombros e devolveu-lhe o telemóvel.

— Como é que foste capaz de fazer uma coisa destas, Kit? — disse Olga, quando viu Daisy pôr-se de joelhos sobre as costas do pai. — Como é que não

consegues ver o que estão a fazer à tua família?

— A culpa não é minha! — respondeu ele num tom furioso. — Se fossem decentes comigo, nada disto teria acontecido.

— A culpa não é tua? — repetiu o pai, sem perceber.

— Primeiro despediste-me, depois recusaste-te a ajudar-me financeiramente e acabei por ficar a dever dinheiro a um grupo de malfeitores.

— Despedi-te porque me roubaste!

— Sou teu filho — devias ter-me perdoado.

— E perdoei-te.

— Tarde de mais.

— Meu Deus!

— Fui obrigado a fazer isto!

— Ninguém é forçado a fazer uma coisa destas! — disse Stanley com o tom de autoridade e desprezo que Kit conhecia desde a infância.

Kit odiava aquele tom de voz; costumava ser sinal de que tinha feito qualquer coisa muito estúpida.

— Não estás a perceber.

— Infelizmente, estou a perceber muito bem.

Era típico dele, pensou Kit. Achava-se sempre o maior. Agora era ele que parecia bastante estúpido, com Daisy a atar-lhe as mãos atrás das costas.

— Mas afinal que história é esta? — perguntou Stanley.

— Cala a boca! — ordenou Daisy.

Stanley ignorou-a.

— O que é que tu estás a fazer metido com esta gente, Kit? O que é que está dentro do frasco de perfume?

— Já disse para te calares!

Daisy deu um pontapé na cara de Stanley, que gemeu de dor. Começou a escorrer -lhe sangue da boca.

“Toma que é para aprenderes”, pensou Kit com uma satisfação selvagem.

— Liga a televisão, Kit — disse Nigel. — Temos de descobrir quando é que esta maldita neve desaparece.

Viram os anúncios: saldos de Janeiro, férias de Verão, empréstimos baratos. Elton agarrou Nellie pela coleira e fechou-a na casa de jantar. Hugo mexeu-se — parecia estar a recuperar os sentidos — e Olga disse-lhe qualquer coisa em voz baixa. Apareceu uma locutora vestida de Pai Natal. Começou a dizer a previsão do tempo. Kit pensou com amargura nas outras famílias que estavam a acordar para um Dia de Natal normal. “Uma inesperada tempestade de neve assolou a Escócia durante a noite, surpreendendo quase todo o país com um Natal branco”, disse a locutora.

— Merda! — exclamou Nigel. — Quanto tempo vamos ficar aqui presos?

— “Espera-se que a tempestade, que deixou dezenas de carros imobilizados durante a noite, comece a abrandar com o nascer do dia. A neve deve começar a derreter a meio da manhã.”

Kit ficou animado. Ainda podiam chegar a horas ao encontro. Nigel pensou o mesmo.

— A que distância daqui está esse todo-o-terreno?

— A pouco mais de um quilômetro.

— Temos de sair daqui assim que nascer o dia. Tens o jornal de ontem?

— Deve haver por aí um. Para quê?

— Para ver a que horas nasce o sol.

Kit foi ao escritório do pai e encontrou The Scotsman num cesto de revistas. Levou-o para a cozinha.

— Às oito e quatro — disse Kit.

Nigel olhou para o relógio.

— Temos menos de uma hora. — Parecia preocupado. — E temos de andar mais de um quilômetro na neve e guiar mais quinze. Vamos chegar mesmo em cima da hora. — Tirou um telefone do bolso. Começou a marcar, mas depois parou. — Não tem bateria. Elton, dá-

me o teu telefone. — Pegou no telefone de Elton e marcou o número. — Sim, sou eu. Já viste este tempo? — Kit achou que ele devia estar a falar com o piloto do cliente. — Sim, deve abrandar daqui a uma hora... Eu consigo chegar lá. E vocês? — Nigel estava a fingir-se mais confiante do que estava na realidade. Quando parasse de nevar, um helicóptero podia levantar voo e ir para qualquer lado, mas para eles, a terem de se deslocar de carro, não era tão fácil. — Ótimo. Encontramo-nos à hora combinada. — Guardou o telefone.

A locutora continuou: “A tempestade não impediu uma quadrilha de ladrões de assaltar a Oxenford Medical, um laboratório perto de Inverburn.”

Fez-se silêncio na cozinha. Pronto, pensou Kit; já se sabe a verdade.

— “Roubaram amostras de um vírus perigoso.”

Stanley disse, de forma quase imperceptível, por causa de ter os lábios inchados: — Então é isso que está no frasco de perfume... Vocês são loucos?

— “Vamos ouvir Carl Osborne, em direto do local.”

Na tela via-se uma fotografia de Osborne com um telefone encostado ao ouvido e ouvia-se a sua voz através de uma linha telefônica: — “O vírus mortal que ontem matou o técnico do laboratório Michael Ross está agora nas mãos de um grupo de criminosos.”

Stanley mostrou-se incrédulo.

— Mas porquê? Acham que vão conseguir vender isso?

— Sei que vou vender — retorquiu Nigel.

Na televisão, Osborne continuava a dizer: — “Num assalto meticulosamente planeado, três homens e uma mulher conseguiram furar o excepcional sistema de segurança do laboratório e entraram no laboratório com o nível de biossegurança 4, onde a empresa guarda as amostras de vírus incuráveis num cofre frigorífico.”

— Mas tu não os ajudaste a fazer isto, pois não, Kit? — disse Stanley.

— Claro que ajudou — afirmou Olga, com repulsa.

— “O bando armado dominou os guardas que faziam a segurança do edifício, ferindo dois, um deles com gravidade. No entanto, muito mais pessoas irão morrer se o vírus Madoba-2 for libertado entre a população.”

Stanley voltou-se com esforço e sentou-se. Tinha o rosto ferido, um olho quase fechado e a parte da frente do pijama suja de sangue; mesmo assim, parecia a pessoa com mais autoridade que ali estava.

— Ouçam o que ele está a dizer — aconselhou.

Daisy dirigiu-se para Stanley, mas Nigel levantou a mão, obrigando-a a parar.

— Vão-se matar — disse Stanley. — Se de facto é o Madoba-2 que está dentro daquele frasco, não há antídoto. Se o deixarem cair, e o frasco se partir e o líquido se entornar, não têm salvação. Mesmo que o vendam a alguém que o liberte depois de vocês se terem ido embora, o vírus propaga-se tão depressa que facilmente poderão ficar contaminados e morrer.

Na televisão, Osborne acrescentava:

— “Crê-se que o Madoba-2 é mais perigoso do que a Peste Negra, que devastou a Grã-

Bretanha em... tempos que já lá vão.” '

Stanley sobrepôs a sua voz ao comentário: — Ele tem razão, apesar de não saber de que século está a falar. Em 1348, a Peste Negra foi responsável pela morte de uma pessoa em cada três na Grã-Bretanha. Com este vírus poderá ser pior. Não pode haver dinheiro algum que pague esse risco.

— Quando o vírus for libertado, já não estarei na Grã-Bretanha — disse Nigel.

Kit ficou chocado. Nigel nunca tinha dito aquilo. E Elton? Também estaria a planear ir para o estrangeiro? E Daisy e Harry Mac? Kit tinha pensado ir para Itália — mas agora duvidava que isso foi suficientemente longe.

Stanley voltou-se para Kit.

— Não acredito que isto faça sentido para ti.

Ele tinha razão, pensou Kit. Tudo aquilo raiava a loucura. Mas o mundo estava louco.

— Se não pagar a minha dívida, também morro.

— Ora, ninguém vai matar-te por causa de uma dívida.

— Ai vamos, vamos — garantiu Daisy.

— Quanto é que estás a dever?

— Duzentas e cinquenta mil libras.

— Meu Deus!

— Há três meses, disse-te que estava desesperado, mas tu não me deste ouvidos, meu sacana!

— Como diabo foste arranjar uma dívida... Não, esquece. Faz de conta que não perguntei.

— Joguei a crédito. O meu sistema é bom, só que tive uma série de azares.

— Azar? — interveio Olga. — Acorda, Kit. Foste enganado! Esses tipos emprestaram-te o dinheiro e depois arranjaram maneira de perderes, porque precisavam que os ajudasses a assaltar o laboratório!

Kit não acreditou. Disse com desdém:

— Onde é que aprendeste isso?

— Sou advogada. Conheço gente dessa laia. Ouço as desculpas patéticas que inventam quando são apanhados. Sei mais disso do que gostaria de saber.

Stanley tornou a falar.

— Ouve, Kit, de certeza que é possível arranjar uma solução sem matar pessoas inocentes.

— Agora é tarde de mais. Já tomei a minha decisão e tenho de ir com isto até ao fim.

— Vá, pensa bem. Quantas pessoas vais matar? Dezenas? Milhares? Milhões?

— Sei que estás desejoso de que eu morra. Eras capaz de proteger uma data de gente desconhecida, mas não quiseste salvar-me.

Stanley gemeu.

— Deus bem sabe que gosto de ti e não quero que morras, mas tens a certeza de que queres poupar a tua vida por um preço tão alto?

Quando Kit abriu a boca para responder, o seu telefone tocou.

Tirou-o do bolso, sem saber se Nigel confiaria nele para atender. Contudo, ninguém fez qualquer movimento e, então, encostou o telefone ao ouvido. Ouviu a voz de Hamish McKinnon.

— A Toni vai atrás do limpa-neves e convenceu-os a desviarem-se da rota para irem a tua casa. Deve estar a chegar aí a qualquer momento. E vão dois polícias na cabina do limpa-neves.

Kit desligou e olhou para Nigel.

— A Polícia está a vir para cá.

7h15

Craig abriu a porta lateral da garagem e espreitou lá para fora. Havia três janelas com luz na empena da casa, mas as cortinas estavam fechadas. Por isso, se alguém espreitasse, não conseguiria ver essa pessoa. Olhou para trás, na direção do sítio onde Sophie estava sentada. Tinha apagado as luzes da garagem, mas sabia que ela estava sentada no Ford de Luke, com o anorak cor-de-rosa bem aconchegado ao seu corpo por causa do frio. Acenou na direção dela e depois saiu. Caminhou o mais depressa que pôde, levantando muito os pés por causa da neve, sempre encostado à parede da garagem até chegar à parte de frente da casa.

Ia buscar as chaves do Ferrari. Teria de entrar no átrio nas traseiras da cozinha e tirá-las do chaveiro. Sophie tinha querido ir com ele, mas Craig convencera-a de que era mais perigoso irem duas pessoas do que só uma. Sentia-se mais assustado sem a presença de Sophie. Por ela, tinha sido obrigado a fingir que era corajoso, e isso dera-lhe mais coragem, mas agora estava terrivelmente nervoso. Hesitou, junto à esquina da casa, com as mãos a tremer e as pernas estranhamente fracas. Podia ser apanhado com toda a facilidade pelos desconhecidos e, se isso acontecesse, não saberia o que fazer. Não andava à luta desde os oito anos. Conhecia rapazes da sua idade que se metiam em brigas — normalmente ao sábado à noite, à porta de um pub — e eram todos estúpidos, sem excepção. Nenhum dos desconhecidos que estavam na cozinha era muito maior do que Craig, mas, mesmo assim, tinha medo deles. De certeza que eles sabiam lutar, ao passo que ele não. Além disso, tinham armas. Podiam matá-lo. Custaria muito?

Olhou para a parte de frente da casa. Teria de passar pelas janelas da sala de estar e da casa de jantar, cujas cortinas não se encontravam corridas. Já não estava a nevar tanto como há pouco, pelo que seria facilmente visto por alguém que espreitasse lá para fora.

Obrigou-se a avançar.

Parou ao pé da primeira janela e espreitou para a sala de estar. As luzes da árvore de Natal estavam a piscar, desenhando tenuamente os contornos familiares dos sofás, das mesas, da televisão e de quatro botas de Natal enormes dispostas à frente da lareira, cheias de caixas e embrulhos.

Não estava ninguém na sala.

Continuou a andar. A camada de neve parecia ser maior ali, trazida pelo vento vindo do mar. Era muito cansativo andar sobre a neve. Quase que lhe

apetecia deitar -se.

Apercebeu-se de que não dormia há vinte e quatro horas. Estremeceu e continuou a andar. Ao passar pela porta da frente, estava mais ou menos à espera de que ela se abrisse de repente e que o tipo de Londres, o da camisola cor-de-rosa, desse um salto e o agarrasse. Porém, não aconteceu nada.

Ao aproximar-se da janela da casa de jantar, foi surpreendido por um latido. Por um momento, pareceu-lhe que o coração ia saltar-lhe pela boca mas depois percebeu que era Nellie. Deviam tê-la fechado ali. A cadela reconheceu a silhueta de Craig e ganiu, como que a pedir-lhe que a tirasse dali.

— Cala-te, Nellie, por amor de Deus! — murmurou. Duvidava que ela conseguisse ouvi-lo, mas, mesmo assim, calou-se.

Passou pelos carros estacionados, o Toyota Previa de Miranda e a picape Mercedes-Benz de Hugo. Estavam tão tapados pela neve que pareciam ser dois montes de neve, carros de neve para homens de neve. Viu luz na janela do átrio das botas. Espreitou cuidadosamente pelo canto do caixilho. Viu o armário onde estavam guardados os anoraks e as botas. Via a aguarela de Steepfall que devia ter sido pintada pela tia Miranda, uma vassoura de jardim a um canto — e o chaveiro de aço pregado à parede.

A porta do átrio para a cozinha estava fechada. Isso era bom.

Pôs-se à escuta, mas não ouviu barulho dentro de casa.

O que aconteceria quando se dava um soco em alguém? No cinema, as pessoas limitavam-se a cair, mas de certeza que não era assim na vida real. Pior ainda, o que aconteceria quando levávamos um soco? Como seria a dor? E se lhe dessem muitos socos? E como seria levar um tiro? Tinha ouvido dizer que a coisa mais dolorosa do mundo era levar um tiro no estômago. Estava absolutamente aterrorizado, mas obrigou-se a seguir em frente.

Pôs a mão no puxador da porta das traseiras, rodou-o o mais ligeiramente que pôde e empurrou. A porta abriu-se, e ele entrou. O átrio era pequeno — não chegava a ter dois metros de comprimento e ficava ainda mais estreito por causa da estrutura da antiga chaminé e do armário ao lado dela. O chaveiro estava pendurado na parede da chaminé.

Craig estendeu a mão para o abrir. Tinha vinte ganchos numerados, alguns apenas com uma chave, outros com molhos de chaves, o que não o impediu de reconhecer imediatamente as do Ferrari. Tentou tirá-las, mas a argola prendeu-se no gancho. Teve de as abanar, movido por um pânico medonho. Nessa altura, alguém mexeu no puxador da porta da cozinha.

O coração de Craig deu um salto. Estava alguém a tentar abrir a porta da cozinha que dava para o átrio. Quem quer que fosse tinha rodado o puxador, mas não conhecia a casa e estava a empurrar em vez de puxar. Craig aproveitou essa

demora para se meter dentro do armário das botas e fechar a porta.

Fê-lo sem pensar, esquecendo as chaves. Percebeu de imediato que teria sido igualmente rápido sair pela porta das traseiras para o jardim. Tentou lembrar -se se tinha fechado a porta. Achava que não. E as botas teriam deixado marcas de neve no chão?

Isso seria uma prova de que tinha estado ali alguém há menos de um minuto, pois, se fosse há mais tempo, a neve já teria derretido. E, ainda por cima, deixara a porta do chaveiro aberta.

Qualquer pessoa com espírito de observação teria visto as pistas e descoberto imediatamente a verdade.

Susteve a respiração e ficou à escuta.

Nigel continuou a mexer no puxador da porta até perceber que ela abria para dentro e não para fora. Abriu-a finalmente e olhou para o átrio.

— Aqui não serve — disse. — Tem uma porta e uma janela. — Atravessou a cozinha e abriu a porta para a despensa. — Aqui está bem. Não tem mais portas e só tem uma janela para o pátio. Elton, põe-nos aqui.

— Está muito frio — protestou Olga.

Havia um aparelho de ar condicionado na despensa.

— Coitadinha, até estou com vontade de chorar — disse Nigel com sarcasmo.

— O meu marido precisa de um médico.

— Depois de me ter batido, tem muita sorte em não precisar de um cangalheiro — ripostou Nigel voltando-se para Elton. — Mete-lhes qualquer coisa na boca para não fazerem barulho. Depressa, não temos muito tempo!

Elton descobriu uma gaveta cheia de panos da cozinha. Amordaçou Stanley, Olga e Hugo, que já estava consciente mas ainda aturdido. Depois obrigou-os a porem-se de pé e empurrou-os para a despensa.

— Ouve — disse Nigel a seguir, dirigindo-se a Kit. Aparentemente mostrava-se calmo, a fazer planos e a dar ordens, mas o certo é que estava pálido e com uma expressão lúgubre no seu rosto pequeno e cínico. Kit percebeu que, lá no fundo, estava tenso como uma corda de guitarra.

— Quando a Polícia chegar, vais à porta. Vais ser simpático para eles, descontraído como um cidadão exemplar. Dizes que está tudo bem e que toda a gente está a dormir menos tu.

Kit não sabia como iria mostrar-se descontraído quando se sentia como se estivesse diante de um pelotão de fuzilamento. Agarrou-se às costas de uma das cadeiras da cozinha para ver se parava de tremer.

— E se eles quiserem entrar?

— Convence-os a não entrarem. Se insistirem, trá-los para a cozinha. Nós

vamos para aquela salinha — disse ele e apontou para o átrio das botas. — Livra-te deles o mais depressa que puderes.

— A Toni Gallo vem com os polícias — mencionou Kit. — É a responsável pela segurança do laboratório.

— Manda-a embora.

— Ela vai querer ver o meu pai.

— Diz-lhe que não pode.

— Não vai aceitar essa resposta...

— Poupa-me! — gritou Nigel. — O que é que ela vai fazer? Dar-te um murro e passar por cima de ti? Manda-a à merda!

— Está bem — disse Kit. — Mas temos de manter a minha irmã Miranda calada. Está escondida no sótão.

— No sótão? Onde?

— Aqui por cima. Procurem dentro do primeiro roupeiro do quarto de vestir. Atrás dos fatos está uma porta que dá para o forro do telhado.

Nigel não perguntou a Kit como sabia que Miranda estava ali. Voltou-se para Daisy e disse:

— Trata tu disso.

Miranda viu o irmão a falar com Nigel e ouviu proferir as palavras que a denunciavam.

Atravessou rapidamente o sótão e rastejou pela porta que ia dar ao roupeiro do pai.

Estava ofegante, com o coração acelerado, afogueada, mas ainda não em pânico. Saiu do roupeiro para o quarto de vestir.

Tinha ouvido Kit dizer que a Polícia vinha a caminho e, por um momento de alívio, pensara que estavam salvos. Bastava-lhe ficar ali sossegada até os polícias entrarem lá em casa e prenderem os assaltantes. Depois tinha ouvido com horror o plano que Nigel engendrara rapidamente para se livrar da Polícia. O que havia de fazer se os policiais fossem embora sem prender ninguém? Abriria a janela do quarto e desataria a gritar.

Porém, Kit acabara de destruir o seu plano.

Estava aterrorizada com a possibilidade de tornar a confrontar-se com Daisy, mas tentou manter a lucidez.

Iria esconder-se no quarto de Kit, do outro lado do patamar, enquanto Daisy estivesse à sua procura no sótão. Mesmo que isso só enganasse Daisy por alguns segundos, daria tempo a Miranda para abrir uma janela e gritar por socorro.

Atravessou o quarto a correr. Quando pôs a mão no puxador, ouviu as botas pesadas de Daisy nas escadas. Já não tinha tempo.

A porta abriu-se, e Miranda escondeu-se atrás dela. Daisy entrou de

rompante no quarto e passou para o quarto de vestir sem olhar para trás.

Miranda escapuliu-se pela porta. Atravessou o patamar e entrou no quarto de Kit. Correu para a janela e abriu as cortinas, na esperança de ver lá fora as luzes dos carros da Polícia. Mas não estava lá ninguém.

Espreitou para o lado da estrada. Estava a clarear e, por isso, conseguiu ver as árvores cobertas de neve lá ao longe no pequeno bosque, mas não viu carros. Estava a ficar desesperada. Daisy não demoraria mais do que alguns segundos a verificar que não estava ninguém no sótão. Depois iria procurar nos outros quartos daquele andar. Miranda precisava de mais tempo. A que distância estaria a Polícia? Seria possível trancar Daisy no sótão?

Não perdeu tempo a pensar nos riscos que podia correr. Voltou para o quarto do pai. Viu que a porta do roupeiro ainda estava aberta. Daisy devia estar à procura dela no sótão, com aqueles seus olhos assustadores, tentando descobrir um esconderijo onde coubesse uma mulher, ainda por cima gordinha.

Sem pensar duas vezes, Miranda fechou a porta do roupeiro. Não tinha chave, mas era de madeira grossa. Se conseguisse prendê-la, Daisy sentiria dificuldade em abri-la até porque teria pouco espaço de manobra dentro do armário.

Havia uma pequena frecha por baixo da porta. Se conseguisse meter ali qualquer coisa a fazer de cunha, a porta ficaria presa, pelo menos por alguns segundos. O que havia de ser? Precisava de um bocado de madeira ou de cartão, ou até de um maço de folhas.

Abriu a gaveta da mesa-de-cabeceira do pai e viu um livro de Proust. Começou a arrancar páginas.

Kit ouviu a cadela a ladrar na casa de jantar.

Costumava ladrar assim, com agressividade, quando havia algum desconhecido à porta.

Vinha aí alguém. Kit empurrou a porta que dava para a casa de jantar. A cadela estava com as patas dianteiras apoiadas no peitoril da janela.

Kit aproximou-se da janela. O nevão tinha abrandado, e a neve caía agora em pequenos flocos dispersos. Olhou na direção do bosque e viu, a aparecer de entre as árvores, um camião com uma luz cor-de-laranja a piscar no tejadilho e uma pá para limpar a neve presa à frente.

— Chegaram! — gritou.

Nigel veio ter com ele. A cadela rosnou e Kit mandou-a calar. Nellie fugiu para um canto.

Nigel encostou-se à parede ao lado da janela e espreitou lá para fora.

O limpa-neves desobstruía uma faixa de mais ou menos três metros. Passou à frente da porta e parou o mais perto possível dos carros estacionados. No último

momento, deu mais uma volta e limpou a neve à frente do Mercedes de Hugo e do Previa de Miranda.

Depois fez inversão de marcha em direção à garagem, saiu da rampa e limpou uma parte do pátio à frente das portas da garagem. Nesse momento, passou por ele um Jaguar S claro e, aproveitando a faixa desobstruída, parou à frente da porta de casa.

Saiu alguém do carro: era uma mulher alta, elegante, com um rabo-de-cavalo e um blusão de aviador com um forro de carneira. Sob a luz dos faróis, Kit reconheceu Toni Gallo.

— Despacha-a — disse Nigel.

— O que é feito da Daisy? Está a demorar tanto tempo...

— Está a tratar da saúde à tua irmã.

— Espero bem que sim.

— Confio mais na Daisy do que em ti. Vai para a porta.

Nigel foi com Elton para o átrio das botas.

Kit dirigiu-se para a porta de casa e abriu-a.

Toni estava a ajudar alguém a sair do banco de trás do carro. Kit franziu a testa. Era uma velhota com um casaco de lã comprido e um chapéu de feltro.

— Que diabo...? — disse em voz alta.

Toni deu o braço à senhora e voltaram-se. Toni não conseguiu esconder a sua desilusão quando viu quem tinha ido abrir a porta.

— O que é que queres? — perguntou Kit.

— Vim falar com o teu pai. Houve uma emergência no laboratório.

— O papá está a dormir.

— Ele vai querer acordar para ouvir o que tenho para lhe dizer. Podes ter a certeza.

— Quem é a velhota?

— Esta senhora é a minha mãe, Kathleen Gallo.

— E não sou velhota — disse a mãe de Toni. — Tenho setenta e um anos e sou tesa que nem um arrocho. Por isso, tenha maneiras.

— Deixe lá, mãe, ele não disse aquilo por mal.

Kit ignorou a observação da mãe de Toni.

— O que está ela a fazer aqui?

— Eu explico ao teu pai.

O limpa-neves tinha dado a volta à frente da garagem e estava a regressar pelo caminho que tinha desobstruído, em direção ao bosque e à estrada principal, seguido pelo Jaguar.

Kit ficou em pânico. O que havia de fazer? Os carros estavam a ir embora, e Toni tinha ficado ali.

De repente, o Jaguar parou. Kit esperava que o condutor não tivesse visto nada de suspeito. Voltaram em direção à casa. A porta do condutor abriu-se e alguém depositou um pequeno embrulho sobre a neve. Parecia quase um cachorro, pensou Kit.

A porta bateu, e o carro arrancou.

Toni foi buscar o embrulho. Era mesmo um cachorro, um cão pastor preto e branco com umas oito semanas.

Kit estava estupefacto, mas decidiu não perguntar nada.

— Não podes entrar — disse ele a Toni.

— Não sejas estúpido. A casa não é tua, é do teu pai — retorquiu Toni. — E ele vai querer ver-me.

Continuou a andar lentamente em direção a ele, de braço dado com a mãe e com o cachorro aninhado no outro braço.

Kit não sabia o que havia de fazer. Estava à espera de que Toni viesse no carro dela e, por isso, o seu plano era dizer-lhe que voltasse mais tarde. Por instantes, ainda pensou em correr atrás do Jaguar e pedir ao condutor que voltasse atrás, mas ele iria certamente perguntar porquê. E os polícias que estavam no limpa-neves podiam querer saber o que estava a acontecer. Era demasiado perigoso.

Kit não fez nada. Limitou-se a bloquear a entrada. Toni parou à frente dele e perguntou: — Há algum problema?

Kit percebeu que não tinha saída. Se insistisse em seguir as ordens de Nigel, podia acabar por levar a Polícia a voltar. Era mais fácil lidar com Toni sozinha.

— É melhor entrares — disse, por fim.

— Obrigada. A propósito, o cachorro chama-se Osborne.

Toni e a mãe entraram para o hall.

— Precisas de ir à casa de banho, mãe? — perguntou Toni. — É ali.

Kit viu as luzes do limpa-neves e do Jaguar desaparecerem no bosque. Ficou um pouco mais calmo. Tinha de aguentar Toni, mas tinha-se livrado da Polícia. Fechou a porta.

No andar de cima ouviu-se um estrondo, como se fosse um martelo a bater numa parede.

— O que foi aquilo? — perguntou Toni.

Miranda tinha arrancado um molho de folhas do livro e dobrara-as para fazer uma cunha que metera por baixo da porta do roupeiro. Aquilo não iria impedir Daisy durante muito tempo. Precisava de uma barreira mais pesada. Ao lado da cama havia uma cômoda antiga que era utilizada como mesa-de-cabeceira. Com grande esforço, arrastou a grande cômoda de mogno sobre a alcatifa, inclinou-a num ângulo de quarenta e cinco graus e encostou-a à porta. Quase de imediato,

ouviu Daisy a empurrar a porta do outro lado.

Depois de empurrar sem êxito, começou a bater na porta.

Miranda imaginou que Daisy estivesse deitada no chão com a cabeça ainda no sótão e os pés dentro do roupeiro a dar pontapés na porta com as solas das botas. A porta estremeceu, mas não se abriu. Porém, Daisy era forte e acabaria por descobrir uma maneira de sair dali. Mesmo assim, Miranda tinha conquistado alguns segundos preciosos.

Correu para a janela. Com grande desânimo, viu dois veículos — um camião e um carro de passageiros — a irem-se embora.

— Oh, não! — disse em voz alta.

Os carros já estavam longe de mais para os seus ocupantes a ouvirem gritar. Seria demasiado tarde? Saiu do quarto a correr.

Parou ao cimo das escadas. No hall estava uma senhora de idade, que nunca tinha visto, a entrar para a casa de banho.

O que estaria a acontecer?

A seguir reconheceu Toni Gallo, a despir um blusão e a pendurá-lo no bengaleiro. Um pequeno cachorro preto e branco andava por ali a cheirar os chapéus-de-chuva.

Depois viu Kit. Ouviu-se outro estrondo no quarto de vestir e Kit disse a Toni: — Os miúdos devem ter acordado.

Miranda estava desorientada. Kit estava a agir como se não houvesse nenhum problema...

“Deve estar a enganar a Toni”, pensou Miranda. Queria que ela pensasse que estava tudo bem. Depois tentaria convencê-la a ir embora, ou então dominá-la-ia e prendê-la-ia ao pé dos outros. Entretanto, os polícias começavam a meter-se à estrada. Toni fechou a porta da casa de banho. Ainda ninguém tinha visto Miranda.

— É melhor ires para a cozinha — disse Kit a Toni.

Era aí que iriam agredi-la, pensou Miranda. Nigel e Elton estariam à espera e apanhá-la-iam de surpresa.

Ouviu-se qualquer coisa a partir-se no quarto: Daisy tinha conseguido rebentar com a porta.

Miranda agiu sem pensar e gritou:

— Toni!

Toni olhou para as escadas e viu-a.

— Merda, não... — disse Kit.

— Os ladrões estão cá — gritou Miranda. — Prenderam o papá, estão armados...

Daisy saiu de rompante do quarto e foi chocar com Miranda, atirando-a pelas

escadas abaixo.

7h30

Por um instante, Toni ficou petrificada.

Kit estava ao seu lado, com uma expressão enraivecida, a olhar para as escadas.

Contorcendo a boca, gritou para Daisy: — Trata dela!

Miranda ia a rolar pelas escadas, com a camisa de noite cor-de-rosa arregaçada que mostrava as suas coxas.

Atrás dela vinha uma mulher feia, com a cabeça rapada e maquilhagem gótica, vestida de cabedal.

Sem esquecer que a mãe de Toni estava na casa de banho.

Toni percebeu instantaneamente o que estava a acontecer. Miranda tinha dito que estavam lá em casa ladrões armados. Não podia haver duas quadrilhas a operar ao mesmo tempo, na mesma noite, naquele local tão remoto. Só podiam ser os tipos que tinham assaltado o Kremlin. A mulher de cabeça rapada que estava nas escadas devia ser a loura que Toni tinha visto no vídeo da segurança — tinham descoberto a cabeleira na picape em que eles haviam fugido. Os pensamentos corriam velozes na cabeça de Toni: Kit parecia estar feito com eles — o que explicava o facto de terem conseguido violar o sistema de segurança...

Nesse momento, Kit prendeu-a pelo pescoço com um braço, tentando levantá-la do chão.

Ao mesmo tempo gritou:

— Nigel!

Toni deu-lhe uma cotovelada nas costelas com toda a força e teve a satisfação de o ouvir gemer de dor. Soltou-lhe o pescoço e Toni conseguiu voltar-se e atingi-lo outra vez, agora com um soco dado com o punho esquerdo na zona do diafragma. Ele tentou ripostar, mas ela conseguiu desviar-se com facilidade.

Deu balanço ao braço direito para lhe dar um murro que o pusesse fora de ação, mas, antes de o atingir, Miranda chegou ao fundo das escadas e foi embater na parte de trás das pernas de Toni. Como estava ligeiramente inclinada para trás, a preparar -se para atingir Kit, caiu de costas. Logo a seguir, a mulher vestida de cabedal saltou por cima de Miranda e Toni e foi chocar com Kit, acabando os quatro ao monte sobre o chão de pedra.

Toni percebeu que não poderia ganhar aquele combate. Era ela sozinha contra Kit, a mulher a quem Kit chamara Daisy e, em breve, os outros membros do gangue. Tinha de se desembaraçar daqueles tipos, recuperar o fôlego e pensar

no que havia de fazer a seguir. Libertou-se do meio deles e rebolou.

Kit estava de costas no chão, Miranda estava dobrada sobre si própria, magoada e a respirar com dificuldade, mas não parecia gravemente ferida. Daisy pôs-se de joelhos e, aparentemente num gesto de fúria, deu um soco a Miranda, atingindo-a num braço com o punho fechado e, surpreendentemente, exibindo as mãos protegidas por umas luvas de pelica muito femininas.

Toni pôs-se de pé de um salto. Passou por cima de Kit, estendeu o braço para a porta da frente e abriu-a. Kit agarrou-a pelo tornozelo. Ela contorceu-se e deu-lhe um pontapé no braço com o outro pé, acertando-lhe em cheio no cotovelo. Kit deu um grito de dor e soltou-a. Toni saltou lá para fora e atirou a porta com força.

Voltou para a direita e correu pelo caminho aberto pelo limpa-neves. Ouviu um tiro e o vidro de uma janela a estilhaçar-se não muito longe dela. Estava alguém a disparar de dentro de casa. No entanto, a bala tinha falhado o alvo.

Correu para a garagem e virou para o pátio à frente das portas, que o limpa-neves também havia parcialmente desobstruído. Tinha agora a garagem entre si e a pessoa que estava a disparar.

O limpa-neves, com os dois polícias na cabina, partira a uma velocidade normal pela estrada desimpedida, com a pá levantada. Isso significava que já estava demasiado longe para ela conseguir apanhá-los a pé. O que havia de fazer? Se fosse para o caminho que o limpa-neves tinha aberto, seria facilmente vista por quem estivesse dentro de casa. Onde poderia esconder-se? Olhou para o bosque. Ali havia muitos esconderijos, mas não tinha casaco — tinha acabado de despir o blusão quando Miranda gritou para a avisar — e não ia aguentar muito tempo ao ar livre. Dentro da garagem devia estar tanto frio como lá fora.

Correu para a outra ponta da garagem e espreitou pela esquina. Viu a porta do celeiro alguns metros à sua frente. Deveria correr o risco de atravessar o pátio, podendo ser vista da casa? Não tinha outra alternativa.

Quando estava prestes a dirigir-se para lá, a porta do celeiro abriu-se.

Hesitou. E agora?

Apareceu um rapazinho com um casaco por cima de um pijama do Homem-Aranha e umas botas grandes de mais para ele. Toni reconheceu Tom, o filho de Miranda. Sem olhar à sua volta, virou à esquerda e começou a andar pela espessa camada de neve.

Toni concluiu que devia estar a dirigir-se para a casa principal e ficou sem saber se deveria ou não impedi-lo de prosseguir; mas depois percebeu que se tinha enganado. Em vez de atravessar o pátio em direção à casa principal, Tom encaminhou-se para a casa de hóspedes. Toni só queria que ele se despachasse para desaparecer dali antes de começar a confusão. Imaginou que ele devia ir à

procura da mãe para lhe perguntar se podia abrir os presentes, quando de facto a sua mãe estava na casa principal a ser agredida por uma criminosa com umas luvas de pelica. Contudo, talvez o padrasto dele estivesse lá. Toni achou que era melhor deixá-lo continuar. A porta do anexo não estava fechada à chave, e Tom entrou.

Mesmo assim, continuou a hesitar. Estaria alguém a espreitar para o pátio de uma das janelas da casa, armado com uma Browning de nove milímetros? Estava prestes a descobrir.

Começou a correr, porém, mal chegou à neve, caiu. Ficou ali por um segundo, à espera de ouvir tiros, mas nada. Tentou pôr-se de pé, sentindo o frio da neve através das calças e da camisola, e continuou, mas agora com mais cuidado e mais devagar. Olhou com receio para a casa. Não via ninguém à janela. Não demoraria mais de um minuto a atravessar o pátio, mas cada passo que dava parecia-lhe mais difícil e doloroso do que o anterior. Por fim chegou ao celeiro, entrou e fechou a porta atrás de si, tremendo de alívio por estar viva.

Um pequeno candeeiro iluminava uma mesa de bilhar, um conjunto de sofás velhos, uma televisão grande e duas camas de campismo, ambas vazias. Parecia não estar ali mais ninguém, embora houvesse uma escada para um outro piso. Toni obrigou-se a parar de tremer e subiu a escada. Quando chegou a meio, espreitou lá para cima. Ficou assustada ao ver vários pares de pequenos olhos vermelhos a olharem para ele: eram as ratazanas de Caroline. Subiu o resto da escada. Lá em cima havia mais duas camas. Numa delas estava Caroline, a dormir. A outra não estava desfeita.

Os assaltantes não iriam demorar tempo a começar a procurá-la. Tinha de pedir ajuda depressa. Meteu a mão no bolso para tirar o telemóvel e percebeu então que não o tinha.

Agitou os braços, de punhos cerrados, num gesto de frustração. O telemóvel estava no bolso do blusão que tinha deixado no hall. E agora? O que havia de fazer?

— Temos de ir atrás dela — ordenou Nigel. — Pode estar a ligar para a Polícia.

— Espera — disse Kit.

Atravessou o hall, aproximando-se do bengaleiro. Estava a esfregar o cotovelo esquerdo onde Toni lhe tinha dado um pontapé mas parou para revistar o blusão dela. Com um ar triunfante, tirou um telemóvel de um dos bolsos.

— Ela não pode telefonar para a Polícia.

— Graças a Deus. — Nigel olhou à sua volta. Daisy estava a prender Miranda, de cara para baixo, com um braço atrás das costas. Elton estava à porta da cozinha. — Elton, vai buscar uma corda para a Daisy prender esta vaca gorda.

— Depois disse, virando-se para Kit. — As tuas irmãs são cá um par de jarras...

— Deixa-te disso agora — retorquiu Kit. — Já podemos ir embora, não podemos? Não precisamos de esperar que seja dia nem temos de ir buscar o jipe. Podemos ir num carro qualquer, porque o limpa-neves já desobstruiu a estrada.

— O tipo que te telefonou disse que iam dois polícias no limpa-neves.

— O único sítio onde de certeza não vão procurar-nos é mesmo atrás deles.

Nigel fez um sinal de assentimento.

— Muito espertinho... Mas o limpa-neves não vai até... até ao sítio onde temos de ir. O que é que fazemos quando ele continuar para um lado e nós para outro?

Kit tentou dominar a sua impaciência. Tinham de sair de Steepfal a todo o custo, porém Nigel ainda não sabia como.

— Espreita pela janela — disse Kit. — Já parou de nevar. Segundo as previsões, a neve vai começar a derreter daqui a pouco.

— Mesmo assim, podemos ficar presos.

— Corremos mais perigo agora que as estradas estão desimpedidas. Podem aparecer outras pessoas, para além da Toni Gallo.

Elton voltou com um fio de eletricidade.

— O Kit tem razão — disse. — Se não tivermos nenhum acidente, chegamos lá às dez horas.

Passou o fio a Daisy, que prendeu as mãos de Miranda atrás das costas.

— Está bem — anuiu Nigel. — Mas primeiro temos de juntar toda a gente, incluindo os miúdos, e garantir que não vão poder pedir ajuda nas próximas horas.

Daisy arrastou Miranda pela cozinha e empurrou-a para dentro da despensa.

— O telefone da Miranda deve estar no anexo — disse Kit. — Caso contrário, ela já o teria utilizado. — Está lá o Ned, o namorado dela.

— Elton, vai ao anexo — ordenou Nigel.

— Há um telefone no Ferrari — acrescentou Kit. — Sugiro que a Daisy vá à garagem para ver se não está ninguém a tentar telefonar dela.

— E o celeiro?

— Deixa isso para o fim. A Caroline, o Craig e o Tom não têm telemóvel. Quanto à Sophie, não sei, mas ainda só tem catorze anos.

— Está bem — anuiu Nigel. — Vamos a despachar.

A porta da casa de banho abriu-se, e a mãe de Toni Gallo saiu, ainda com o chapéu posto.

Kit e Nigel olharam para a senhora por um momento. Kit tinha-se esquecido de que ela estava ali.

— Mete-a na despensa com os outros — disse Nigel.

— Não — disse ela. — Prefiro ficar sentada ao pé da árvore de Natal. — Atravessou o hall e foi para a sala de estar.

Kit olhou para Nigel, que encolheu os ombros.

Craig abriu uma nesga da porta do armário das botas. Espreitou e viu que o átrio estava vazio. Ia a sair no momento em que um dos assaltantes, Elton, apareceu, vindo da cozinha. Craig puxou a porta e susteve a respiração.

Estava assim há um quarto de hora.

Havia sempre algum assaltante à vista. O armário cheirava a mofo por causa dos anoraks úmidos e das botas velhas. Estava preocupado com Sophie, sentada no Ford de Luke na garagem, de certeza cheia de frio. Tentou esperar pacientemente. A sua oportunidade havia de chegar.

Alguns minutos antes, Nellie tinha ladrado, o que devia querer dizer que estava alguém à porta. Craig sentira uma réstia de esperança; mas Nigel e Elton encontravam-se a poucos centímetros dele, a falar em surdina, e Craig não conseguira ouvir nada. Deviam estar a esconder-se de alguém que tinha chegado, pensou Craig. A sua vontade era sair do armário e correr para a porta a gritar por socorro, mas sabia que seria apanhado e silenciado mal aparecesse. Estava quase louco de frustração.

Ouviu um estrondo no andar de cima, como se alguém estivesse a tentar deitar uma porta abaixo, e depois um som diferente, mais parecido com um foguete — ou uma arma a disparar. Logo a seguir ouviu um vidro a estilhaçar-se. Estava desanimado e assustado.

Até àquele momento, os assaltantes só se tinham servido das armas para os assustar.

Porém, agora que tinham começado a disparar, como iria aquilo tudo acabar? Estavam numa situação de grande perigo.

Depois de se ouvir o tiro, Nigel e Elton saíram, mas deixaram a porta aberta, e Elton estava no outro lado da cozinha a falar com alguém no hall em tom de urgência. Depois voltou atrás, mas saiu pela porta das traseiras, deixando-a aberta.

Craig podia finalmente sair sem ser visto. Os outros estavam no hall. Tinha chegado o momento. Saiu do armário.

Abriu o chaveiro e tirou as chaves do Ferrari. Desta vez, soltaram-se facilmente do gancho.

Em dois passos saiu porta fora.

Tinha parado de nevar. O Sol estava a nascer, algures para lá das nuvens, e já conseguia ver um pouco. A sua esquerda estava Elton, a caminhar sobre a neve em direção ao anexo. Estava de costas para ele, pelo que não poderia vê-lo. Craig voltou para o outro lado e contornou a casa, permanecendo assim

escondido de Elton. Ficou chocado ao ver Daisy a poucos metros de si. Felizmente, também estava voltada de costas. Tinha saído pela porta da frente e estava a caminhar na direção oposta à sua.

Viu o caminho limpo e percebeu que tinha estado ali um limpa-neves enquanto estivera escondido no armário. Daisy dirigia-se para a garagem — onde estava Sophie.

Escondeu-se atrás do Mercedes do pai. Espreitou por um dos lados e viu Daisy sair do caminho que tinha sido limpo e contornar a esquina da casa, desaparecendo do seu ângulo de visão.

Foi atrás dela o mais depressa que pôde, passando pela parte da frente da casa. Passou pela casa de jantar, onde estava Nellie com as patas da frente apoiadas no peitoril da janela; depois passou pela porta principal, que estava fechada; e depois pela sala de estar com as luzes da árvore de Natal a piscar. Ficou admirado ao ver uma velhinha sentada ao pé da árvore com um cachorro no colo. "Não parou para tentar perceber.

Chegou à esquina e olhou à sua volta. Daisy estava a dirigir-se para a porta lateral da garagem. Se entrasse, iria dar com Sophie sentada no Ford de Luke.

Viu-a meter a mão no bolso do blusão de cabedal e tirar a pistola. Sentiu-se impotente ao vê-la abrir a porta.

7h45

Estava frio na despensa.

O peru do Natal, grande de mais para meter no frigorífico, estava num tabuleiro, numa prateleira de mármore, recheado e temperado por Olga, pronto a ir para o forno. Miranda pensava com tristeza que, se calhar, não ia viver o suficiente para o comer.

Estava com o pai, a irmã e Hugo, os quatro atados como o peru e aninhados num espaço de um metro quadrado, rodeados de comida: legumes em cestos, uma prateleira de frascos com massas, pacotes de cereais para o pequeno-almoço e latas de atum, de tomate pelado e feijão cozido.

Hugo era o que se encontrava pior. Umas vezes parecia estar consciente, outras inconsciente. Estava encostado à parede, e Olga debruçava-se sobre o seu corpo nu, tentando mantê-lo quente. A cara de Stanley estava cheia de nódoas negras, o que não o impedia de se manter muito direito e com uma expressão alerta.

Miranda sentia-se impotente e infeliz. Não suportava ver o pai, uma pessoa tão forte, ferido e amarrado. Hugo era um canalha, mas não merecia aquilo: pelo aspecto dele, as suas lesões podiam ser irreversíveis. E Olga era uma heroína, a esforçar -se tanto por ajudar o marido que a tinha traído.

Os outros estavam amordaçados, mas Daisy não se tinha dado ao trabalho de amordaçar Miranda, talvez porque era indiferente que alguém gritasse, uma vez que a Polícia já se tinha ido embora. Miranda percebeu, com um rasgo de esperança, que conseguiria tirar as mordaças.

— Inclina-te para baixo, papá — disse.

Ele dobrou obedientemente a sua figura imponente sobre ela, com o nó da mordaça ao canto da boca. Miranda pôs a cabeça de lado, como se fosse dar -lhe um beijo.

Conseguiu agarrar a ponta do pano com os dentes. Puxou e conseguiu afrouxar o nó, mas depois escorregou.

Soltou uma exclamação de desespero. O pai tornou a baixar-se, encorajando-a a tentar de novo. Ela assim fez, e o pano soltou-se e caiu ao chão.

— Obrigado — disse o pai. — Meu Deus, isto era horrível.

Miranda fez o mesmo a Olga, que disse: — Apetecia-me tanto vomitar, mas estava com medo de ficar sufocada. Olga tirou a mordaça a Hugo, utilizando o mesmo método. -

Tenta manter-te acordado, Hugo — pediu-lhe num tom aflito. — Vá lá, abre

os olhos.

— O que é que está a acontecer lá fora? — perguntou Stanley a Miranda.

— A Toni Gallo chegou com o limpa-neves e alguns polícias. O Kit foi à porta e fingiu que estava tudo bem, e os polícias foram-se embora, mas a Toni insistiu em ficar.

— Aquela mulher é incrível.

— Eu estava escondida no sótão e consegui avisar a Toni.

— Boa!

— Aquele monstro da Daisy empurrou-me pelas escadas abaixo, mas a Toni conseguiu fugir. Não sei onde é que está agora.

— Pode telefonar à Polícia.

Miranda abanou a cabeça.

— Deixou o telemóvel no bolso do casaco. É o Kit que o tem.

— Ela há-de arranjar uma solução. É uma mulher cheia de expedientes. Aliás, é a única esperança que nos resta. Não há mais ninguém que esteja livre, a não ser os miúdos, e o Ned, claro.

— Acho que o Ned não vai servir-nos de muito — disse Miranda com tristeza. — Numa situação como esta, a última coisa de que precisamos é de um estudioso de Shakespeare.

Estava a lembrar-se de como ele tinha sido fraco no dia anterior com a ex-mulher, Jennifer, quando ela pusera Miranda fora de casa. Que esperança podia haver de que um homem como ele fizesse frente a um grupo de ladrões profissionais?

Espreitou pela janela da despensa. Já era de dia e tinha parado de nevar. Por isso, conseguiu ver o anexo onde Ned estava a dormir e o celeiro onde estavam os miúdos.

Ficou horrorizada quando viu Elton a atravessar o pátio.

— Meu Deus! — exclamou. — Ele está a ir para o anexo.

O pai olhou também pela janela.

— Estão a reunir toda a gente. Vão prender-nos antes de se irem embora. Não podemos deixá-los escapar com aquele vírus, mas o que havemos de fazer?

Elton entrou no anexo.

— Espero que o Ned esteja bem.

Miranda sentiu-se repentinamente grata por Ned não ser do tipo beligerante. Elton era bruto, impiedoso e estava armado. A única esperança de Ned era obedecer.

— Podia ser pior — disse Stanley. — O tipo é um rufião, mas não é um psicopata. A mulher é que é.

— A loucura dela leva-a a cometer erros — continuou Miranda.

— Há uns minutos, no hall, começou a esmurrar-me em vez de apanhar a Toni. Por isso é que a Toni conseguiu fugir.

— Por que queria ela bater-te?

— Porque a tranquei no sótão.

— Trancaste-a no sótão?

— Ela foi lá à minha procura, e eu fechei a porta do roupeiro e prendi -a. Foi por isso que ela ficou tão furiosa.

O pai parecia ter a voz embargada.

— Foste muito corajosa! — murmurou.

— Não sou nada corajosa — retorquiu Miranda. A ideia parecia-lhe absurda. — Só estava com tanto medo que era capaz de fazer qualquer coisa.

— Acho que foste corajosa — insistiu o pai, com as lágrimas a caírem-lhe pela face. Voltou a cara.

Ned saiu do anexo. Atrás dele vinha Elton com uma arma apontada à nuca de Ned e a agarrar Tom por um braço com a mão esquerda.

Miranda sentiu-se sufocar. Pensava que Tom estava no celeiro. Devia ter acordado e ido à procura da mãe. Estava com o pijama da Homem-Aranha. Miranda tentou conter as lágrimas.

Dirigiam-se os três para a casa principal, mas, de repente, ouviu-se um grito, e pararam.

Passado um momento, apareceu Daisy, a arrastar Sophie pelos cabelos. Sophie estava dobrada, a tropeçar na neve e a gritar de dor.

Daisy disse qualquer coisa a Elton, que Miranda não conseguiu ouvir. Depois Tom gritou para Daisy:

— Larga-a! Estás a aleijá-la!

Era uma voz de criança, a tremer, e ainda mais aguda por causa do medo e da raiva.

Miranda lembrou-se de que Tom tinha uma paixão pré-adolescente por Sophie.

— Cala-te, Tommy — murmurou aterrorizada, apesar de ele não poder ouvi-la. — Não faz mal puxarem-lhe os cabelos.

Elton riu-se. Daisy fez um sorriso malévolo e puxou ainda com mais força os cabelos de Sophie.

Talvez tivesse sido o facto de se rirem dele que fez Tom perder a cabeça. De repente, ficou louco de fúria. Libertou-se de Elton e atirou-se a Daisy.

— Não! — gritou Miranda.

Daisy foi apanhada de surpresa e, quando Tom chocou com ela, caiu para trás e soltou os cabelos de Sophie, ficando sentada na neve. Tom saltou para cima dela, desancando-a com os seus punhos cerrados de criança.

Miranda gritava em vão:

— Pára! Pára!

Daisy empurrou Tom e levantou-se. Tom deu um salto, mas Daisy deu-lhe um murro na cabeça, e ele tornou a cair. Ela levantou-o do chão e, num ataque de fúria, segurou-o com a mão esquerda e começou a bater-lhe com a direita, esmurrando-o na cara e no corpo. Miranda gritou.

De repente, Ned passou à ação.

Ignorando a arma que Elton estava a apontar-lhe, pôs-se entre Daisy e Tom. Disse qualquer coisa que Miranda não conseguiu ouvir e prendeu o braço de Daisy. Miranda estava boquiaberta: o mole do Ned a fazer frente aos criminosos!

Sem largar Tom, Daisy deu um soco no estômago de Ned. Ele dobrou-se com a cara contorcida pela dor. Contudo, quando Daisy deu balanço ao braço para tornar a bater em Tom, Ned endireitou-se e pôs-se à frente dela. Mudando de ideias no último instante, agrediu Ned em vez de Tom, com um murro na boca. Ned soltou um grito e levou as mãos à cara, mas não saiu de onde estava.

Miranda sentia-se profundamente grata por Ned ter desviado as atenções de Daisy em relação a Tom — porém, quanto tempo iria ele aguentar ser espancado?

Continuou a fazer frente a Daisy. Quando tirou as mãos da cara, Miranda viu o sangue a escorrer-lhe da boca. Depois viu Daisy esmurrá-lo mais uma vez.

Miranda estava atônita. Ned parecia uma parede. Estava ali parado, a receber os socos com a firmeza de uma rocha. E estava a fazer aquilo não por um filho seu, mas por Tom.

Miranda sentia-se envergonhada por ter pensado que ele era fraco.

Nesse momento, foi a vez de a filha de Ned, Sophie, entrar em ação. Tinha ficado parada a ver, mais ou menos aturdida, desde que Daisy lhe soltara os cabelos.

Elton tentou agarrá-la, mas Sophie escapuliu-se. Ele perdeu momentaneamente o equilíbrio, e Sophie desatou a correr, atravessando a espessa camada de neve com saltos de bailarina.

Elton endireitou-se rapidamente, mas Sophie tinha desaparecido. Agarrou Tom e gritou para Daisy:

— Não deixes a miúda fugir!

Daisy parecia disposta a argumentar. Elton insistiu: — Eu trato destes dois. Vai, vai!

Lançando um olhar malévolo a Ned e a Tom, Daisy deu meia-volta e foi atrás de Sophie.

8h

Craig rodou a chave na ignição do Ferrari. Ouviu atrás de si o potente motor VI2, instalado na parte de trás do carro, começar a trabalhar, mas depois parar.

Craig fechou os olhos.

— Agora não — disse em voz alta. — Por favor, não me deixes ficar mal agora.

Tornou a rodar a chave. O motor começou a trabalhar, engasgou-se e depois rugiu como um touro enraivecido. Craig carregou no acelerador, só por segurança, e o rugido do motor transformou-se num estampido.

Olhou para o telefone. A mensagem na tela dizia "À procura de rede...". Marcou o 112, mesmo sabendo que era inútil fazê-lo enquanto o telefone não tivesse rede.

— Vá lá — pediu. — Não tenho muito tempo...

A porta lateral da garagem abriu-se, e Sophie entrou aos tropeções. Craig foi apanhado de surpresa. Pensava que Sophie estava nas mãos da monstruosa Daisy. Tinha-a visto arrastar Sophie para fora da garagem. Queria salvá-la, mas tinha a certeza de que ficaria a perder num confronto com Daisy, mesmo sem estar armada. Tentara manter a calma enquanto via Daisy, com o seu olhar fulminante, a puxar Sophie pelos cabelos. Tinha repetido várias vezes para si próprio que a melhor coisa que podia fazer por Sophie era tentar manter-se à solta e chamar a Polícia.

Afinal, parecia que Sophie tinha conseguido fugir sem ajuda. Estava a soluçar e em pânico, e Craig percebeu que Daisy devia vir atrás dela.

O outro lado do carro estava tão encostado à parede que era impossível abrir a porta.

Craig abriu a porta do seu lado e gritou: — Entra depressa! Salta por cima de mim!

Ela avançou aos ziguezagues até ao carro e caiu lá para dentro. Craig fechou a porta com força.

Não sabia como se trancava e não tinha tempo para descobrir. Daisy não podia demorar mais de alguns segundos a aparecer. Também não havia tempo para telefonar. Tinham de sair dali. Quando Sophie tombou sobre o banco do passageiro, procurou debaixo do tablier e descobriu o comando que abria a porta da garagem. Accionou-o e ouviu o guincho do mecanismo de metal não-lubrificado a trabalhar. Espreitou pelo espelho retrovisor e viu a porta a subir lentamente. Nessa altura apareceu Daisy.

Tinha o rosto vermelho por causa do esforço e os olhos esbugalhados de raiva. Tinha neve nas reentrâncias do fato de cabedal. Hesitou à porta, a tentar ver qualquer coisa por entre a escuridão que reinava na garagem; depois os seus olhos fixaram-se em Craig ao volante do carro.

Ele carregou na embreagem e meteu a marcha-atrás. Não era fácil com as seis mudanças do Ferrari. A manete resistiu à sua força e ouviu-se a caixa a arranhar, mas a mudança acabou por entrar.

Daisy correu para junto do carro e tentou abrir a porta, cerrando a mão enluvada sobre o fecho.

A porta da garagem ainda não estava completamente aberta, mas Craig não ia esperar mais tempo. No momento em que Daisy abriu a porta do carro, soltou a embreagem e carregou a fundo no acelerador.

O carro deu um salto para trás, como se tivesse sido disparado por uma catapulta. O

tejadilho raspou na parte inferior da porta de alumínio da garagem com grande estrépito.

Sophie deu um grito de medo. O carro saiu da garagem como se fosse a rolha de uma garrafa de champanhe. Craig carregou no travão. O limpa-neves tinha tirado a espessa camada de neve que caíra durante a noite mas, entretanto, já tinha caído mais, e o cimento estava escorregadio. O Ferrari derrapou, imobilizando-se com estrondo contra um socalco de neve.

Daisy saiu da garagem. Craig conseguia vê-la nitidamente sob a luz difusa do amanhecer. Ela hesitou.

De repente, uma voz feminina fez-se ouvir no telefone do carro. “Tem uma mensagem.”

Craig meteu uma mudança — esperava que fosse a primeira. Soltou a embreagem e, para seu grande alívio, os pneus agarraram-se à estrada e o carro andou para frente. Rodou o volante para sair dali. Se ao menos conseguisse chegar à rampa, sempre poderia sair dali e ir pedir ajuda.

Daisy devia ter tido a mesma ideia, pois meteu a mão no bolso do blusão e sacou da pistola.

— Baixa-te! — gritou Craig para Sophie. — Ela vai disparar!

Quando Daisy levantou a arma, ele carregou no acelerador e rodou o volante, desesperado por sair dali.

O carro tornou a derrapar. Para lá do medo e do pânico, Craig teve uma sensação de déjà vu: tinha derrapado com aquele carro na noite anterior, mas parecia que tinha sido há uma eternidade. Tentou controlar o veículo, mas o chão estava ainda mais escorregadio depois de uma noite de neve e temperaturas negativas.

Rodou o volante no sentido em que o carro estava a derrapar e, por um momento, o carro imobilizou-se. Exagerou, e o carro derrapou para o outro lado, descrevendo um semicírculo. Sophie ia sendo projectada de um lado para outro no banco do passageiro.

Craig estava à espera de ouvir o estampido de um tiro, mas por enquanto nada. Apesar de aterrorizada, a mente de Craig dizia-lhe que era impossível Daisy fazer pontaria com o carro a deslocar-se de forma tão errática.

Num momento de sorte o carro parou a meio da rampa, de costas para a casa e com a frente para a estrada, que tinha sido desobstruída pelo limpa-neves. Craig tinha o caminho desimpedido para a liberdade.

Carregou a fundo no acelerador, mas não aconteceu nada. O carro tinha ido abaixo.

Pelo canto do olho, viu Daisy levantar a arma e apontar cuidadosamente para ele.

Rodou a chave, e o carro deu um salto para a frente: tinha-se esquecido de tirar a mudança. O erro salvou-lhe a vida, pois, nesse preciso instante, ouviu o som inconfundível de um tiro, amortecido apenas pela camada de neve que cobria tudo. O

vidro de uma das janelas do carro estilhaçou-se. Sophie deu um grito.

Craig pôs o carro em ponto morto e tornou a rodar a chave. O rugido do motor inundou-lhe os ouvidos. Viu Daisy a fazer outra vez pontaria, no preciso momento em que carregou na embreagem e meteu a primeira. Baixou-se involuntariamente quando o carro começou a andar, e ainda bem que o fez pois desta vez foi a janela do seu lado ficar estilhaçada.

A bala atravessou também o para-brisas, fazendo um pequeno orifício e estalando todo o vidro. Agora não conseguia ver nada a não ser formas indistintas, ora iluminadas, ora às escuras. Mesmo assim, continuou a carregar no acelerador, fazendo os possíveis por se manter na rampa, sabendo que morreria se não se afastasse de Daisy e da sua arma. Ao seu lado, Sophie estava dobrada sobre si própria, com as mãos a tapar a cabeça.

Com a sua visão periférica conseguiu ver Daisy a correr atrás do carro. Soou outro tiro. O

telefone do carro disse: “Stanley, é a Tom. Más notícias — o laboratório foi assaltado. Por favor liga para o meu telemóvel assim que puderes.”

Craig suspeitou de que aquelas pessoas deviam estar relacionadas com o assalto ao laboratório, mas agora não podia pensar nisso. Tentou orientar-se pelo pouco que conseguia ver através da janela partida, mas era impossível. Alguns segundos depois, o carro saiu do caminho e sentiu-o começar a abrandar. À frente do para-brisas apareceu a forma de uma árvore, e Craig carregou no

acelerador, mas já era tarde de mais, e o carro foi embater violentamente na árvore.

Craig foi projectado para a frente. Bateu com a cabeça no para-brisas, e alguns estilhaços cortaram-lhe a testa. O volante embateu no peito. Sophie foi projectada contra o tablier e depois caiu, com o rabo no chão e os pés no assento. Contudo, praguejou e tentou endireitar-se, pelo que Craig percebeu que ela estava bem.

O carro tinha ido outra vez abaixo.

Craig olhou pelo retrovisor. Daisy devia estar a uns dez metros dele, dirigindo-se para o carro de arma em punho. Soube instintivamente que ela ia avançar até conseguir uma boa pontaria. Ia matá-lo a ele e a Sophie.

Só lhe restava uma saída. Tinha de a matar.

Pôs o carro a trabalhar. Daisy, agora cinco metros atrás do carro, ergueu a arma. Craig meteu a marcha atrás e fechou os olhos.

Ouviu um tiro no momento em que carregou no acelerador. O carro deu um salto para trás, direito a Daisy. Ouviu-se um baque, como se alguém tivesse atirado um saco de batatas para cima da mala do carro. Craig tirou o pé do acelerador e o carro parou. Onde estava Daisy? Empurrou alguns estilhaços de vidro do para-brisas e viu-a. Tinha sido projectada de lado pelo impacto e estava deitada no chão com uma perna torcida. Olhou para ela, horrorizado com o que tinha feito. Mas depois ela mexeu-se.

— Oh, não! — gritou Craig. — Por que é que tu não morres? Daisy esticou um braço e apanhou a arma, que estava caída na neve, não muito longe dela.

Craig meteu a primeira.

O telefone do carro dizia: “Para apagar a mensagem, marque três.” Daisy olhou para os olhos dele e apontou-lhe a arma. Craig soltou a embreagem e carregou no acelerador.

Ouviu o estampido do tiro por cima do som do motor do Ferrari, mas a bala passou ao lado. Continuou a acelerar. Daisy tentou arrastar-se para fora do caminho, e Craig rodou deliberadamente o volante em direção a ela. No momento que precedeu o impacto, viu a cara dela, com uma expressão de terror nos olhos e a boca aberta num grito inaudível.

Depois o carro atingiu-a com um ruído surdo Daisy desapareceu por baixo da frente abaulada do carro. O chassi baixo raspou em qualquer coisa. Craig viu que ia outra vez em direção à árvore, onde já tinha embatido. Travou, mas tarde de mais. O carro voltou a chocar com a árvore.

O telefone do carro, que tinha estado a dizer como se guardavam mensagens, calou-se a meio de uma frase. Tentou pôr o carro a trabalhar, mas não aconteceu nada. Nem sequer o clique do motor de arranque. Viu que nenhum dos ponteiros

se deslocava e que não havia luzes no tablier. O sistema eléctrico tinha-se avariado. Não era de admirar, depois da quantidade de vezes que chocara com o carro.

No entanto, isso significava que não poderia utilizar o telefone.

E onde estaria Daisy?

Saiu do carro.

Na rampa, atrás dele, estava um monte de cabedal preto rasgado, de carne branca e de sangue vermelho reluzente.

Daisy não se mexeu.

Sophie saiu do carro e foi para junto de Craig.

— Meu Deus, aquilo é ela?

Craig tinha vontade de vomitar. Não conseguia falar e, por isso, acenou com a cabeça.

— Achas que está morta? — perguntou Sophie em surdina.

Craig tornou a acenar com a cabeça, e não conseguiu controlar a náusea. Voltou-se e vomitou sobre a neve.

8h15

Kit tinha a terrível sensação de que tudo se desmoronara.

Devia ter sido fácil para três criminosos da estirpe de Nigel, Elton e Daisy, juntarem os membros dispersos de uma família respeitadora da lei. Mas estava tudo a correr mal.

Tom, um miúdo ainda, desencadeara um ataque suicida a Daisy; Ned tinha surpreendido toda a gente ao proteger Tom da vingança de Daisy; e, no meio da confusão, Sophie conseguira fugir. Quando a Toni Gallo, ninguém sabia onde estava.

Elton levou Ned e Tom para a cozinha, ameaçando-as com a pistola. Ned estava a sangrar de diversos sítios da cara, e Tom estava ferido e a chorar, mas iam a andar com firmeza, com Ned de mão dada a Tom.

Kit tentou ver quem é que ainda faltava apanhar. Sophie tinha fugido, e Craig não devia andar longe dela. Caroline devia estar ainda a dormir no celeiro. E faltava também Toni Gallo. Quatro pessoas, três das quais crianças — de certeza que não devia demorar muito tempo a apanhá-los. Porém, o tempo estava a escoar-se. Kit e os outros assaltantes tinham agora menos de duas horas para chegar ao campo de aviação com o vírus. Kit tinha a certeza de que o cliente não esperaria muito tempo. Se alguma coisa corresse mal, ele ir-se-ia embora, com medo de ter caído numa armadilha.

Elton atirou o telemóvel de Miranda para cima da mesa da cozinha.

— Estava dentro de uma mala, no anexo — disse. — Parece que o tipo não tem telefone.

O telemóvel foi parar ao pé do frasco de perfume. Kit ansiava pelo momento em que o frasco seria entregue ao cliente para nunca mais ser visto, e ele receberia então o seu dinheiro.

Esperava que as estradas principais estivessem desobstruídas até ao final do dia. Estava a pensar ir até Londres de carro e ficar num hotel discreto, pagando em dinheiro. Ficaria lá algumas semanas e depois apanharia o comboio para Paris com cinquenta mil libras no bolso. Daí seguiria calmamente viagem pela Europa, trocando pequenas quantidades de dinheiro à medida que fosse precisando, até chegar a Lucca.

Mas primeiro tinham de juntar toda a gente ali em Steepfal a fim de protelar a perseguição. E era isso que estava a ser estupidamente difícil.

Elton obrigou Ned a deitar-se no chão e depois amarrou-o. Ned ficou quieto, ainda que vigilante. Nigel prendeu Tom, que continuava a chorar. Quando Elton

abriu a porta da despensa para os pôr lá dentro, viu com surpresa que os outros tinham conseguido tirar as mordaças.

Olga foi a primeira a falar.

— Por favor, deixe o Hugo sair daqui. Encontra-se gravemente ferido e está gelado. Tenho medo que ele morra. Deixe-o deitar-se no chão da cozinha, que está mais quente.

Kit abanou a cabeça, espantado. A lealdade de Olga para com o seu infiel marido era incompreensível.

— Ele que não me batesse — disse Nigel.

Elton empurrou Ned e Tom para dentro da despensa.

— Por favor! Imploro-lhe! — insistiu Olga.

Elton fechou a porta.

Kit esqueceu Hugo.

— Temos de encontrar a Tom Gallo. É a mais perigosa de todos.

— Onde é que achas que ela para? — perguntou Nigel.

— Não está cá em casa nem no anexo, porque Elton acabou de vir de lá. Na garagem também não, porque está lá a Daisy. Por isso, ou anda lá fora, onde não vai aguentar-se muito tempo sem casaco, ou está no celeiro.

— Está bem — disse Elton. — Vou ao celeiro.

Toni estava a espreitar pela janela do celeiro.

Já tinha identificado três das quatro pessoas que haviam assaltado o Kremlin. Uma delas era Kit, obviamente. Devia ter sido ele a planear o assalto, o que ensinara aos outros como se podia violar o sistema de segurança. Havia a mulher a que Kit chamara Daisy -

provavelmente uma alcunha irônica, pois o aspecto dela metia medo ao susto. Há alguns minutos, antes da confusão no pátio, Daisy dirigira-se ao jovem negro pelo nome de Elton, que tanto podia ser um nome próprio como um apelido. Toni ainda não tinha visto o quarto elemento, mas sabia que se chamava Nigel, pois Kit tinha gritado por ele no hall.

Toni estava assustada e ao mesmo tempo excitada. Assustada, porque era óbvio que se tratava de profissionais, que não hesitariam em matá-la, se fosse preciso, e por eles terem o vírus. Excitada porque também era valente e tinha a possibilidade de se redimir, apanhando-os.

Mas como? O melhor plano seria pedir ajuda, mas não tinha telefone nem carro. Os fios do telefone tinham sido cortados, presumivelmente pelos assaltantes. De certeza que também tinham apanhado todos os telemóveis que houvesse lá em casa. E os carros?

Toni vislumbrara dois carros estacionados à frente da casa e devia haver pelo menos mais um na garagem, mas não fazia ideia de onde estavam as chaves.

Portanto, tinha de apanhar os ladrões sozinha.

Pensou na cena a que assistira no pátio. Daisy e Elton andavam a reunir todos os membros da família. Mas Sophie, a miúda atrevida, tinha fugido, e Daisy tinha ido atrás dela. Toni tinha ouvido barulho para lá da garagem — o motor de um carro, vidros a partirem-se e tiros -, mas não conseguia ver o que estava a acontecer e estava a hesitar em expor-se para ir investigar. Se se deixasse capturar, todas as esperanças estariam perdidas.

Pensou se estaria mais alguém em liberdade. Os ladrões deviam estar ansiosos por se irem embora, pois o encontro com o cliente era às dez, mas iam querer prender toda a gente antes de saírem dali, para ninguém chamar a Polícia. Talvez entrassem em pânico e começassem a cometer erros.

Toni esperava ardentemente que assim fosse. As suas probabilidades de êxito eram assustadoras. Não podia enfrentar os quatro assaltantes ao mesmo tempo. Três deles estavam armados — com pistolas automáticas Browning de treze tiros, no dizer de Steve.

A única hipótese que tinha era apanhá-los um a um.

Por onde havia de começar? Mais cedo ou mais tarde teria de entrar na casa principal.

Pelo menos sabia a disposição das divisões — ainda bem que lhe tinham mostrado a casa no dia anterior. O certo, porém, era que não sabia onde estavam todas as pessoas e tinha medo de ir às cegas. Precisava desesperadamente de recolher mais informações.

Enquanto dava voltas à cabeça, perdeu a iniciativa. Elton saiu de casa e atravessou o pátio em direção ao celeiro.

Era mais novo do que Toni — devia ter uns vinte e cinco anos. Era alto e parecia ter boa constituição física. Na mão direita levava uma pistola apontada para o chão. Embora Toni tivesse tido treino de combate, tinha a certeza de que seria um adversário difícil, mesmo que estivesse desarmado. O melhor seria evitar uma luta corpo-a-corpo com ele.

Tentou descobrir um sítio onde pudesse esconder-se. Olhou à sua volta, mas não havia nada que lhe parecesse ser um bom esconderijo. Além disso, não valia a pena. “Teria de enfrentar os assaltantes”, pensou sinistramente, “e quanto mais depressa melhor. Aquele que lá vinha estava a avançar sozinho, aparentemente convencido de que não precisaria de ajuda para enfrentar uma simples mulher. Talvez isso acabasse por ser um erro fatal para ele.”

Infelizmente, Toni não possuía nenhuma arma.

Tinha alguns segundos para tentar descobrir uma. Olhou rapidamente para as coisas que havia à sua volta. Pensou num taco de bilhar, mas era demasiado leve. Uma pancada com um taco de bilhar podia doer muito, mas não poria um

homem inconsciente, nem sequer o deitaria ao chão.

As bolas de bilhar revelavam-se muito mais perigosas. Eram pesadas, sólidas e duras.

Meteu duas nos bolsos das calças. Quem lhe dera ter uma pistola.

Olhou para o andar de cima. A altura era sempre uma vantagem. Correu para a escada.

Caroline estava a dormir profundamente. No chão, ao lado da cama, via-se uma mala aberta. Por cima da mala estava um saco de plástico e, ao lado, a gaiola com as ratazanas brancas.

A porta do celeiro abriu-se, e Toni atirou-se para o chão. Ouviu o som de alguém a tactear a parede e depois as luzes acenderam-se. Toni não conseguia ver o andar de baixo do sítio onde se encontrava e, por isso, não sabia exatamente por onde andava Elton; mas ele também não conseguia vê-la, e ela tinha a vantagem de saber que ele estava ali.

Esforçou-se por ouvir os passos dele por cima do bater desordenado do seu coração.

Ouviu um barulho estranho que, depois de alguns momentos de dúvida, interpretou como sendo ele a voltar as camas para ver se não havia nenhum miúdo escondido lá debaixo.

Depois abriu a porta da casa de banho. Não estava lá ninguém — Toni já tinha visto.

Não restava nenhum sítio para procurar a não ser o andar de cima. Elton iria começar a subir a escada a qualquer momento. O que poderia ela fazer?

Toni ouviu o guinchar repelente das ratazanas e teve um rasgo de inspiração. Sem se levantar, tirou o saco de plástico da mala e despejou-o. Lá dentro estava um embrulho com um cartão a dizer “Para o Papá, Feliz Natal com todo o amor da Sophie”. Tornou a guardar o embrulho na mala. Depois abriu a gaiola das ratazanas e pô-las com cuidado, uma a uma, dentro do saco de plástico. Eram cinco ao todo.

Sentiu um tremor ameaçador no chão, que significava que Elton tinha começado a subir a escada.

Era agora ou nunca. Esticou os dois braços e despejou o saco por cima da escada.

Ouviu Elton dar um grito de susto e repugnância ao sentir cinco ratazanas a caírem-lhe em cima da cabeça.

O grito dele acordou Caroline, que se sentou na cama e gritou também.

Depois ouviu um baque — Elton tinha-se desequilibrado na escada e estatelara-se no chão.

Toni pôs-se de pé e olhou lá para baixo. Elton tinha caído de costas. Não

parecia estar gravemente ferido, mas estava a gritar de pânico e a tentar desesperadamente sacudir as ratazanas de cima da roupa. Elas, tão assustadas como ele, tentavam também desesperadamente agarrar-se a qualquer coisa.

Toni não conseguia ver onde estava a arma dele. Hesitou só por uma fração de segundo e depois saltou lá de cima. Aterrou com os dois pés no peito de Elton, que deu um gemido de dor, ao ficar sem ar. Toni caiu como uma ginasta, rebolando para a frente mas, mesmo assim, o impacto magoara-a nas pernas. Ouviu um grito vindo de lá de cima: — As minhas meninas!

Olhou para cima e viu Caroline enfiada num pijama lilás com ursinhos amarelos. Toni tinha quase a certeza de que tinha esmagado uma ou duas ratazanas ao cair, mas elas corriam de um lado para outro, aparentemente incólumes.

Tentando manter-se numa posição de vantagem, Toni pôs-se de pé. Sentiu uma dor forte num tornozelo, mas ignorou-a. Onde estaria a pistola? Ele devia tê-la deixado cair. Elton estava ferido, mas talvez não imobilizado de todo. Tentou tirar uma das bolas de bilhar do bolso, mas ela escorregou-lhe da mão. Teve um momento de terror, uma sensação de que o corpo não estava a obedecer ao seu cérebro, e sentiu que estava completamente impotente. Depois, puxou o bolso para fora com uma mão e, com a outra, tirou a bola de bilhar.

No entanto, aquela demora momentânea permitira a Elton recuperar do choque das ratazanas. Quando Toni levantou o braço direito acima da cabeça, ele rebolou para longe dela. Em vez de lhe dar com a bola na cabeça, na esperança de o pôr inconsciente, foi obrigada a mudar de ideias no último minuto e a atirar-lhe a bola.

Não a atirou com muita força e algures no seu cérebro ouviu o seu ex-companheiro, Frank, a dizer-lhe com desdém: Não eras capaz de atirar uma bola, nem que a tua vida dependesse disso. Ora, naquele momento a sua vida dependia disso, mas Frank tinha razão — tinha atirado a bola com pouca força. Acertou no alvo e ouviu-se distintamente o baque da bola a atingir o crânio de Elton, fazendo-o dar um terrível grito de dor; porém, não ficou inconsciente. Em vez disso, pôs-se de joelhos, a agarrar a cabeça com uma mão e a tentar erguer-se com a outra. Toni pegou então na outra bola.

Elton olhou para o chão, meio estonteado, à procura da pistola.

Caroline tinha descido até ao meio da escada e deu um salto para o chão. Inclinou-se e pegou numa das ratazanas que estava escondida por trás de uma perna da mesa de bilhar. Quando se voltou para pegar noutra, chocou com Elton. Ele pensou que era Toni e deu-lhe um murro. Foi um murro certeiro no lado da cabeça, e Caroline caiu ao chão. Mas também lhe doeu a ele, pois Toni viu-o fazer um esgar de dor e cruzar os braços sobre o peito. Percebeu que devia ter-

lhe partido algumas costelas quando saltara para cima dele.

Quando Caroline apanhou a ratazana que estava debaixo da mesa de bilhar, houve qualquer coisa que chamou a atenção de Toni. Tornou então a olhar e viu a pistola, cinzenta contra a madeira do chão.

Mas Elton viu-a ao mesmo tempo e pôs-se de joelhos.

Quando Elton estendeu o braço para apanhar a arma, Toni levantou a mão bem alto e deu-lhe com a bola com toda a força, mesmo na nuca. Ele caiu, inconsciente.

Toni ajoelhou-se, física e emocionalmente esgotada. Fechou os olhos por um momento, mas ainda tinha muito a fazer. Não podia descansar. Pegou na arma. Steve tinha razão: era uma pistola automática Browning, do tipo das que o exército britânico dava às forças especiais envolvidas em operações secretas. O fecho de segurança ficava do lado esquerdo, por trás do punho. Trancou-a e depois meteu a pistola no cós das calças.

Desligou a televisão e arrancou o fio, que utilizou para atar as mãos de Elton atrás das costas.

Depois revistou-o, à procura de um telefone, mas, para sua grande desilusão, ele não tinha nenhum.

8h30

Craig demorou muito tempo a arranjar coragem para tornar a olhar para o corpo inerte de Daisy.

Mesmo visto de longe, o seu corpo mutilado fizera-o vomitar. Quando já não tinha mais nada no estômago, tentou limpar a boca com mãos-cheias de neve. Depois Sophie foi ter com ele, pôs os braços à volta da cintura dele, e Craig abraçou-a, sempre de costas para Daisy. Ficaram assim até a náusea passar e ele sentir que já era capaz de se voltar e ver o resultado da sua ação.

— E agora, o que é que vamos fazer? — perguntou Sophie.

Craig engoliu em seco. Ainda não tinha acabado. Daisy era apenas um dos membros da quadrilha — havia mais dois, sem esquecer o tio Kit.

— E melhor tirar-lhe a pistola — disse Craig.

Pela expressão de Sophie, a ideia desagradava-lhe profundamente.

— Achas que sabes usá-la?

— Não deve ser muito difícil.

— Como queiras — acedeu Sophie, com um ar infeliz.

Craig hesitou por mais um momento. Depois deu-lhe a mão e encaminharam-se para o corpo.

Daisy estava de barriga para baixo, com os braços por baixo do corpo. Embora tivesse tentado matar Craig, ele continuava a achar horrível ver um ser humano tão despedaçado. As pernas eram o pior. As calças de cabedal tinham ficado em bocados.

Uma perna estava torcida de uma forma estranha e a outra estava cheia de golpes e sangue. O blusão de cabedal parecia ter-lhe protegido os braços e o tronco, mas a cabeça rapada estava coberta de sangue. O rosto estava escondido, enterrado na neve.

Pararam a menos de dois metros dela.

— Não vejo a pistola — disse Craig. — Deve estar por baixo dela. Aproximaram-se mais.

— Nunca vi nenhum morto — confessou Sophie.

— Eu vi a Mamma Marta no velório.

— Quero ver a cara dela.

Soltando a mão de Craig, Sophie pousou um joelho no chão e estendeu o braço para o corpo ensanguentado.

Com a rapidez de uma cobra, Daisy levantou a cabeça, agarrou o pulso de Sophie e tirou a mão direita debaixo do corpo, a segurar a pistola.

Sophie gritou de terror.

Craig parecia ter sido atingido por um raio.

— Meu Deus! — gritou, dando um salto para trás.

Daisy encostou o cano da pistola à pele macia da garganta de Sophie.

— Põe-te quieta, miúda!

Craig ficou petrificado.

Daisy tinha a cabeça coberta de sangue. Uma das orelhas estava quase completamente arrancada da cabeça, grotescamente presa por um pequeno pedaço de pele. O rosto, porém, estava incólume e ostentava agora uma expressão de puro ódio.

— Pelo que me fizeste, devia dar-lhe um tiro na barriga e obrigar-te a vê-la sangrar até à morte, a gritar de dor.

Craig estremeceu, horrorizado.

— Mas preciso de sua ajuda — continuou Daisy. — Se queres salvar a vida da tua namoradinha, faz tudo o que eu mandar, e depressa. À mínima hesitação, ela morre.

Craig achou que a mulher estava a falar a sério.

— Vem cá — disse Daisy.

Não tinha alternativa. Aproximou-se dela.

— Ajoelha-te.

Craig ajoelhou-se ao lado dela.

Daisy voltou os seus olhos cheios de ódio para Sophie.

— Agora, minha putéfia, vou soltar-te o braço, mas não tentes fugir, porque, senão, levas um tiro.

Tirou a mão esquerda do braço de Sophie, mas continuou com a pistola encostada ao pescoço de Sophie. Depois pôs o braço esquerdo sobre os ombros de Craig.

— Segura-me pelo pulso — disse-lhe.

Craig agarrou o pulso de Sophie, que balançava sobre o ombro dele.

— Tu, miúda, põe-te debaixo do meu braço direito.

Sophie mudou lentamente de posição, e Daisy pôs o braço direito por cima dos ombros de Sophie, mantendo ao mesmo tempo a pistola apontada à cabeça de Sophie.

— Agora vão levantar-me e levar-me para casa. Mas com cuidado. Acho que tenho uma perna partida. Se me fizerem balançar, vai-me doer, e a dor pode levar-me a puxar o gatilho sem querer. Por isso, com calma... Para cima.

Craig agarrou o pulso de Daisy com mais força e pôs-se de pé. Para aliviar o peso a Sophie, pôs o braço direito à volta da cintura de Daisy. Levantaram-se os três com todo o cuidado.

Daisy estava a arquejar de dor e branca como a neve que os rodeava; mas, quando Craig olhou de lado, viu que ela estava a fitá-lo atentamente.

Quando já estavam de pé, Daisy disse: — Para a frente, devagar.

Começaram a andar, e Daisy ia arrastando as pernas.

— Aposto que vocês os dois estiveram toda a noite escondidos num sítio qualquer. O que é que estiveram a fazer, hein?

Craig não disse nada. Custava-lhe a acreditar que ela tivesse energia e maldade suficientes para ainda estar a provocá-los.

— Diz lá, miúdo — insistiu, com desdém. — Enfiaste-lhe o dedinho na rata? Meu sacaninha, aposto que sim.

Craig sentia-se mal ao ouvi-la falar assim. Ela estava a conspurcar uma experiência que tinha sido maravilhosa. Tinha-lhe ódio por estar a estragar daquela forma as memórias que ele guardava. Apetecia-lhe deixá-la cair ao chão, mas tinha a certeza de que ela puxaria o gatilho.

— Esperem — disse Daisy. — Parem.

Assim fizeram, e ela tentou deslocar o seu peso para a perna esquerda, a que não estava deslocada.

Craig olhou para o seu rosto horrendo. Os seus olhos pintados de preto estavam fechados de dor.

— Vamos esperar um minuto e depois continuamos — ordenou Daisy.

Toni saiu do celeiro. Agora podia ser vista. Pelos seus cálculos, havia dois membros do gangue dentro de casa — Nigel e Kit — e qualquer um deles podia espreitar por uma janela a todo o momento, mas tinha de arriscar. A espera de ouvir o tiro que a mataria, correu o mais depressa que pôde por entre a neve até ao anexo. Conseguiu chegar lá sem qualquer incidente e escondeu-se ao lado da casa, onde não pudesse ser vista.

Tinha deixado Caroline lavada em lágrimas, à procura das ratazanas. Elton estava preso à mesa de bilhar, com uma venda nos olhos e uma mordaça para não tentar sequer convencer Caroline a libertá-lo quando recuperasse os sentidos.

Toni contornou o anexo e aproximou-se da casa principal pelo lado. A porta das traseiras estava aberta, mas não entrou. Precisava de fazer o reconhecimento do terreno. Rastejou pela parte de trás do edifício e espreitou pela primeira janela.

Estava a olhar para a despensa. Lá dentro viam-se seis pessoas, de pés e mãos amarrados, mas de pé: Olga; Hugo, que parecia estar nu; Miranda; o seu filho, Tom; Ned; e Stanley. Sentiu-se invadida por uma onda de felicidade quando viu Stanley. Percebeu que, lá no fundo, receava que ele estivesse morto. Susteve a respiração quando viu o seu rosto ferido e ensanguentado. Depois ele

viu-a, e os seus olhos arregalaram-se de surpresa e prazer. Constatou com alívio que ele não parecia estar gravemente ferido.

Stanley abriu a boca para falar, mas Toni levou rapidamente um dedo aos lábios, fazendo-lhe sinal para que se mantivesse em silêncio. Stanley fechou a boca e acenou com a cabeça.

Toni avançou até à janela seguinte e espreitou para a cozinha. Estavam dois homens sentados de costas para a janela. Um deles era Kit. Toni teve pena de Stanley, por ter um filho capaz de fazer uma coisa daquelas à família. O outro homem tinha uma camisola cor-de-rosa. Devia ser aquele a quem Kit chamara Nigel. Estavam a olhar para uma pequena televisão, que estava a transmitir o noticiário. O ecrã mostrava um limpa-neves a desobstruir uma auto-estrada à primeira luz da manhã.

Toni mordeu o lábio, pensativa. Agora tinha uma arma, mas, mesmo assim, podia ser difícil controlar os dois. Porém não lhe restava alternativa.

Durante esse momento de hesitação, Kit levantou-se, e ela teve de se baixar rapidamente para que ele não a visse.

8h45

— Pronto. Estão a limpar as estradas. Temos de ir já — disse Nigel.

— Estou preocupado com a Toni Gallo — confessou Kit.

— Paciência. Se esperarmos mais tempo, não chegamos a horas ao encontro.

Kit olhou para o relógio. Nigel tinha razão.

— Merda! — exclamou.

— Vamos naquele Mercedes que está lá fora. Vai buscar a chave. Kit saiu da cozinha e subiu a escada a correr. Abriu as gavetas das mesas-de-cabeceira do quarto de Olga, mas não encontrou as chaves. Pegou na pasta de Hugo e despejou-a, mas não ouviu chaves nenhumas a tilintarem. Ofegante, fez o mesmo à mala de Olga. Depois viu o casaco de Hugo, dobrado sobre as costas de uma cadeira. Dentro do bolso estavam as chaves do Mercedes.

Correu para a cozinha. Nigel estava a espreitar pela janela.

— Por que é que o Elton está a demorar tanto tempo? — perguntou Kit, detectando alguma histeria na sua própria voz.

— Não sei — disse Nigel. — Tenta manter a calma.

— E o que é que aconteceu à Daisy?

Vai pôr o carro a trabalhar — ordenou Nigel. — Tira a neve do para-brisas.

— Está bem.

Quando se voltou, Kit viu o frasco de perfume sobre a mesa da cozinha, metido nos dois sacos de plástico. Num impulso, pegou nele e guardou-o no bolso do casaco. Depois saiu.

Tom espreitou pela esquina da casa e viu Kit sair pela porta das traseiras. Avançou na direção oposta, para a parte da frente da casa. Seguiu-o e viu-o abrir a porta da picape Mercedes.

Era a sua grande oportunidade.

Tirou a pistola de Elton do cós das calças e soltou o fecho de segurança. O tambor estava cheio — tinha confirmado. Apontou a pistola para cima, tal como tinha aprendido durante o treino.

Respirou lenta e calmamente. Sabia como aquelas coisas se faziam. Tinha o coração quase a saltar-lhe pela boca, mas as mãos estavam firmes. Correu para dentro de casa.

A porta das traseiras dava para um pequeno átrio. Uma segunda porta dava para a cozinha propriamente dita. Abriu-a e entrou de rompante. Nigel estava à janela.

— Quieto! — gritou Toni.

Ele deu meia-volta.

Toni apontou-lhe a arma.

— Mãos ao alto!

Nigel hesitou. Tinha a pistola no bolso das calças — Toni via o alto no bolso, exatamente do tamanho e da forma da pistola que ela própria estava a empunhar.

— Nem penses em sacar da pistola! — avisou Toni.

Ele levantou os braços devagar.

— Para o chão! De barriga para baixo! Já!

Ele ajoelhou-se, de mãos no ar. Depois deitou-se com os braços afastados.

Toni tinha de lhe tirar a pistola. Pôs-se de pé por cima dele, mudou a pistola para a mão esquerda e encostou o cano à nuca dele.

— O fecho de segurança está aberto, e estou nervosa — disse Toni. Baixou-se sobre um joelho e meteu a mão no bolso das calças dele.

Nigel foi muito rápido.

Rebolou, prendendo-a com o braço direito. Por uma fração de segundo Toni hesitou em puxar o gatilho e depois já era tarde de mais. Fê-la desequilibrar-se e ela caiu para o lado. Para amortecer a queda, pôs a mão esquerda no chão, largando a arma.

Ele pontapeou-a violentamente na anca. Toni conseguiu equilibrar-se e pôr-se de pé antes dele. Quando Nigel se ajoelhou, foi a vez de ela lhe dar um pontapé na cara. Ele caiu para trás e levou a mão à cara, mas recuperou depressa. Olhou para ela com uma expressão de fúria e ódio, como se sentisse ultrajado por ela ter ousado ripostar.

Toni conseguiu apanhar a pistola, apontou-lha, e ele ficou imóvel.

— Vamos tentar outra vez — disse Toni. — Mas agora és tu que tiras a pistola do bolso.

Devagar.

Nigel meteu a mão no bolso.

Toni estendeu o braço.

— E, por favor, dá-me um motivo para te estoirar os miolos.

Ele tirou a arma do bolso.

— Deita-a para o chão.

Ele sorriu.

— Alguma vez mataste um homem?

— Deita-a para o meio do chão. Já!

— Acho que não.

Ele tinha razão. Toni aprendera a usar armas de fogo e andara sempre armada durante as operações, mas nunca tinha disparado sobre ninguém. A ideia de dar um tiro noutra pessoa repugnava-a.

— Não vais disparar — insistiu Nigel.

— Estás a um segundo de tirar a prova dos nove.

Nesse momento, a sua mãe entrou na cozinha com o cachorro ao colo.

— Este pobrezinho ainda não comeu nada — disse.

Nigel ergueu a arma, e Toni disparou para o seu ombro direito.

Estava a menos de dois metros dele e tinha boa pontaria. Por isso, não seria difícil atingi-lo no sítio certo. Puxou o gatilho uma segunda vez, tal como tinha aprendido. Os dois tiros provocaram um ruído ensurdecedor na cozinha. Apareceram dois orifícios redondos na camisola cor-de-rosa, ao lado um do outro, na ligação do braço com o ombro. Nigel deixou cair a pistola. Gritou de dor e cambaleou para trás, ficando encostado ao frigorífico.

Tom estava chocada. Não acreditava que fosse capaz de fazer aquilo. Era um ato repelente. Era um monstro. Sentiu-se agoniada.

— Puta de merda! — gritou Nigel.

Como que por magia, as palavras dele deram-lhe coragem.

— Tiveste sorte em não te ter dado um tiro na barriga — disse Toni. — Já para baixo.

Ele deixou-se cair para o chão e voltou-se de cara para baixo, a agarrar a ferida.

— Vou pôr a chaleira ao lume — anunciou a mãe de Toni.

Toni pegou na arma que Nigel tinha deixado cair e trancou o fecho de segurança.

Guardou as duas pistolas nos bolsos das calças e abriu a porta da despensa.

— O que aconteceu? — perguntou Stanley. — Alguém foi atingido?

— Foi o Nigel — referiu Toni calmamente.

Tirou uma tesoura da cozinha do suporte das facas e cortou a corda da roupa que estava a prender as mãos e os pés de Stanley. Assim que ficou liberto, ele pôs os braços à volta dela e apertou-a com força.

— Obrigado — murmurou-lhe ao ouvido.

Toni fechou os olhos. O pesadelo das últimas horas não tinha alterado os sentimentos dele. Abraçou-o também, desejando poder prolongar aquele momento por mais tempo, mas depois libertou-se. Deu-lhe a tesoura e disse: — Solta os outros.

Pegou numa das pistolas.

— O Kit não está longe. Deve ter ouvido os tiros. Ele está armado?

— Acho que não — respondeu Stanley.

Toni ficou aliviada. Assim seria mais simples.

— Tiranos deste gelo — pediu Olga.

Stanley voltou-se para cortar as cordas. Porém, nesse momento, ouviu-se a

voz de Kit: — Todos quietos!

Toni deu meia-volta, erguendo a arma. Kit estava parado à porta. Não empunhava nenhuma pistola, mas tinha na mão um frasco de perfume, que segurava como se fosse uma arma. Toni reconheceu o frasco que tinha visto no vídeo da segurança, par a onde fora vertido o líquido com o Madoba-2.

— Está aqui o vírus — avisou Kit. — Basta um esguicho e morrem todos.

Ficaram todos petrificados.

Kit olhou fixamente para Toni. Estava a apontar a arma para ele, e ele estava a apontar o frasco para ela.

— Se disparares, deixo cair o frasco, e ele parte-se nos mosaicos — disse Kit.

— Se esguichares isso, também morres — retorquiu Toni.

— Que morra. Não me importa. Investi tudo nisto. Fiz o plano, traí a minha família, entrei numa conspiração para matar centenas, ou talvez milhares de pessoas. Depois de tudo isto, achas que posso falhar? Prefiro morrer.

Ao dizê-lo, Kit percebeu que era realmente isso que sentia. Já nem o dinheiro tinha importância. Só queria mesmo era ganhar.

— Como é que desceste a isto, Kit? — disse Stanley.

Kit olhou para o pai. Viu raiva, tal como esperava, mas também viu sofrimento. A expressão de Stanley era a mesma de quando Mamma Marta tinha morrido. “Paciência”, pensou Kit revoltado. “Foi ele que me levou a isto.”

— Agora é tarde para desculpas — disse com frieza.

— Não ia pedir desculpa — retorquiu Stanley, com tristeza.

Kit olhou para Nigel, sentado no chão, com a mão esquerda sobre o ombro direito a sangrar. Estavam explicados os dois tiros que tinham levado Kit a pegar no frasco antes de entrar na cozinha.

Nigel tentou pôr-se de pé.

— Porra! Isto dói como o caraças! — exclamou.

— Passa para cá as pistolas, Toni — ordenou Kit. — Depressa, se não queres que eu carregue no spray.

Toni hesitou.

— Acho que o Kit está a falar a sério — interveio Stanley.

— Põe-nas em cima da mesa — disse Kit.

Toni pousou as pistolas sobre a mesa da cozinha, ao lado da pasta onde o frasco tinha sido transportado.

— Pega nelas, Nigel.

Com a mão esquerda, Nigel pegou numa das pistolas e meteu-a no bolso. Pegou na outra e, num gesto brusco, bateu com ela na cara de Toni, que soltou um grito e caiu para trás.

Kit ficou furioso com ele.

— O que é que estás a fazer? — gritou. — Não temos tempo para isso! Vamos embora!

— Não me dês ordens — ripostou Nigel. — Esta vaca deu-me um tiro.

Kit percebeu pela expressão de Toni que ela achava que estava prestes a morrer.

Contudo, não tinha tempo para desfrutar da vingança.

— Esta vaca arruinou a minha vida, mas não vou ficar aqui a castigá-la — disse Kit. — Pára com isso!

Nigel hesitou, lançando um olhar fulminante a Toni.

— Vamos! — ordenou Kit.

Nigel virou finalmente as costas a Toni.

— E o Elton e a Daisy?

— Que se lixem!

— Devíamos amarrar o teu velho e a puta dele.

— Ó parvalhão, não vês que não temos tempo para isso?

O olhar que Nigel lançou a Kit era sulfúrico.

— O que é que me chamaste?

Kit percebeu que Nigel queria desesperadamente matar alguém e, naquele momento, estava a pensar matá-lo a ele. Foi um momento de terror. Kit ergueu o frasco de perfume e fitou Nigel, à espera que ele o matasse.

Depois Nigel desviou os olhos e disse: — Está bem. Vamos embora!

9h

Kit correu para o exterior. O motor do Mercedes estava a trabalhar em surdina, e a neve que cobria o capot já começava a derreter-se com o calor. O para-brisas e as janelas encontravam-se parcialmente limpos, nos sítios onde ele tirara rapidamente a neve. Kit saltou lá para dentro, metendo o frasco de perfume no bolso do casaco. Nigel entrou para o outro lado, gemendo de dor por causa do ferimento das balas.

Kit pôs a manete das mudanças automáticas na posição "Avançar" e carregou no acelerador. O carro pareceu dar um impulso para a frente, mas não saiu de onde estava.

O limpa-neves tinha parado a alguns centímetros do carro, e havia quase sessenta centímetros de neve empilhada à frente do para-choques. Kit carregou com mais força no pedal para tentar ajudar o carro a afastar a neve.

— Vá lá! — exortava Kit. — Isto é um Mercedes, caramba, devia conseguir empurrar uns quilos de neve! Afinal, que raio de motor é este?

Continuou a insistir, mas não queria que os pneus perdessem a tração e o carro começasse a rodopiar. O carro avançou alguns metros, e a neve empilhada pareceu ceder e desviar-se do caminho. Kit olhou para trás. O seu pai e Toni estavam à porta da casa a assistir à cena. Certamente não iriam aproximar-se mais porque sabiam que Nigel estava armado.

De repente, o carro deu um forte impulso para a frente, quando a neve se abateu.

Kit sentiu uma crescente exaltação à medida que ia acelerando pelo caminho desobstruído. Steepfal parecera-lhe uma prisão da qual nunca mais conseguiria fugir, mas afinal tinha conseguido. Passou pela garagem — e viu Daisy.

Travou instintivamente.

— O que é isto? — disse Nigel.

Daisy ia a andar na direção deles, amparada por Craig de um lado e pela mimada filha de Ned, Sophie, do outro, arrastando inutilmente as pernas e com a cabeça numa pasta de sangue. Atrás deles estava o Ferrari de Stanley, com as suas curvas sensuais amachucadas e deformadas, e a sua reluzente tinta azul raspada e arrancada. O que teria acontecido?

— Pára e mete-a no carro! — disse Nigel.

Kit lembrou-se de como, no dia anterior, Daisy o tinha humilhado e quase afogado na piscina do pai.

— Que se lixe! — exclamou. Era ele que ia a guiar e não ia protelar mais a

fuga por causa dela. Pôs o pé no acelerador.

O longo capot verde do Mercedes pareceu erguer-se como a cabeça de um cavalo impaciente e projectou-se para a frente. Craig só teve um segundo para agir. Agarrou o capuz do anorak de Sophie com a mão direita e puxou-a para a berma do caminho, deslocando-se também ele para esse lado. Como estavam a segurar Daisy, ela acompanhou o movimento deles, caindo os três para cima da neve amontoada ao lado do caminho. Daisy gritou de dor e raiva.

O carro passou por eles a grande velocidade; não os apanhou por centímetros. Craig viu que era o tio Kit que ia a guiar. Estava confuso. Kit quase o tinha matado. Teria sido intencional ou teria Kit acreditado que Craig ainda ia a tempo para se desviar?

— Pulha! — gritou Daisy para o carro e, ao mesmo tempo, ergueu a pistola.

Kit passou pelo Ferrari amolgado, acelerando pela rampa em curva que percorria a falésia. Craig ficou petrificado ao ver Daisy fazer pontaria. A sua mão estava firme, apesar das dores que sentia. Disparou, e Craig viu o vidro de uma das janelas traseiras estilhaçar-se.

Daisy acompanhou o movimento do carro com o braço e continuou a disparar; a arma ia cuspindo cartuchos vazios pela ranhura de ejecção. Na parte lateral do carro surgiu uma fila de buracos de bala e depois ouviu-se um estampido diferente. Um dos pneus da frente rebentou, e uma faixa de borracha voou pelo ar.

O carro continuou em linha recta por um segundo. Depois começou a deslizar, até que o capot foi embater na neve empilhada na berma, projectando no ar um enorme leque branco. Continuou a derrapar, chocando com a parte de trás no muro baixo que contornava a beira da falésia. Craig ouviu o grito metálico do aço a deformar -se.

O carro continuou a deslizar de lado, com Daisy sempre a disparar, até que o para-brisas se estilhaçou. O movimento do carro abrandou, começou a inclinar -se ligeiramente, como se hesitasse, e depois voltou-se sobre o tejadilho. Derrapou ainda alguns metros voltado ao contrário até que finalmente parou.

Daisy parou de disparar e caiu para trás, de olhos fechados.

Craig olhou fixamente para ela. Tinha deixado cair a arma. Sophie começou a chorar.

Craig passou o braço por cima de Daisy, sempre a olhar para os olhos dela, aterrorizado com a possibilidade de ela os abrir a qualquer momento, e tirou-lhe a arma.

Segurou-a com a mão direita e pôs o dedo no gatilho. Apontou exatamente para o espaço entre os olhos de Daisy, dominado pelo pensamento de que aquele monstro nunca mais o ameaçaria a ele, nem a Sophie, nem à sua família. Puxou

o gatilho devagar.

A arma deu um estalido — não tinha mais balas.

Kit estava caído na parte de dentro do tejadilho do carro voltado ao contrário. Sentia o corpo todo magoado, e doía-lhe o pescoço como se o tivesse torcido, mas conseguia mexer os braços e as pernas. Conseguiu endireitar-se. Nigel estava deitado ao seu lado, inconsciente ou talvez morto.

Kit tentou sair. Puxou o fecho e empurrou a porta, mas não se mexeu. Tinha ficado presa.

Bateu-lhe como um louco com os punhos cerrados, mas em vão. Carregou no botão dos vidros eléctricos, mas também não aconteceu nada. Pensou com terrível nervosismo que iria ficar ali preso até que os bombeiros chegassem para o desencarcerar, e teve um momento de pânico e desespero. Depois viu que o para-brisas estava partido. Empurrou-o com a mão e tirou facilmente um grande bocado de vidro.

Rastejou pelo para-brisas, indiferente aos estilhaços até sentir uma forte dor na mão quando um deles o cortou. Gritou e chupou o sangue, mas não podia parar. Deslizou por baixo do capot do carro e pôs-se de pé a custo. O vento forte que soprava do mar fustigou-lhe o rosto. Olhou à sua volta.

O pai e Toni Gallo vinham a correr em direção a ele.

Toni parou para olhar para Daisy. Parecia estar fria. Craig e Sophie estavam assustados mas ilesos.

— O que aconteceu? — perguntou Toni.

— Ela estava a disparar sobre nós, e eu atropelei-a — explicou Craig. Toni seguiu o olhar de Craig e viu o Ferrari de Stanley amolgado dos dois lados e com os vidros todos estilhaçados.

— Meu Deus! — exclamou Stanley.

Toni procurou o pulso no pescoço de Daisy. Sentiu-o, mas muito fraco.

— Está viva. Por enquanto...

— Tenho a arma dela — disse Craig. — Mas não tem balas.

Toni viu que eles estavam bem. Olhou para o Mercedes acidentado. Kit tinha conseguido sair de lá de dentro. Correu em direção a ele, e Stanley fez o mesmo, seguindo-a de perto.

Kit começou a fugir, dirigindo-se para o bosque; porém, estava combalido, abalado pelo acidente e corria de forma errática. Toni percebeu claramente que ele não iria aguentar muito tempo. Ao fim de alguns passos, começou a cambalear e caiu.

Aparentemente, percebeu que não podia fugir por aquele lado. Pôs-se de pé e mudou de direção, correndo em direção à falésia.

Toni olhou de relance para o Mercedes quando passou por ele. Viu Nigel

caído, com os olhos abertos e a expressão vazia dos mortos. “Os três assaltantes estavam despachados”, pensou Toni. “Um amarrado, um inconsciente e um morto. Só faltava Kit.”

Kit escorregou no caminho gelado, cambaleou, conseguiu equilibrar-se e voltou-se. Tirou o frasco de perfume do bolso e apontou-o como se fosse uma arma: — Parem ou morremos todos — disse.

Toni e Stanley pararam.

No rosto de Kit só havia dor e raiva. Toni viu à sua frente um homem sem alma. Seria capaz de fazer qualquer coisa: matar a família, matar-se a si próprio, destruir o mundo.

— Aqui fora não funciona, Kit — avisou Stanley.

Toni não sabia se seria verdade. Kit pensou certamente o mesmo e perguntou: — Porquê?

— Já viste o vento que está? — disse Stanley. — As gotas vão dispersar-se antes de poderem ter qualquer efeito.

— Então, que vá tudo para o inferno! — exclamou Kit e atirou o frasco de perfume ao ar.

Depois virou-se, saltou o muro baixo e correu, inclinado para a frente, quase até à beira da falésia.

Stanley foi atrás dele.

Toni conseguiu apanhar o frasco de perfume antes de bater no chão.

Stanley deu um salto pelo ar, de braços estendidos. Quase que conseguiu apanhar Kit pelos ombros, mas as suas mãos escorregaram. Caiu ao chão, mas conseguiu agarrá-lo com força por uma perna. Kit caiu também, já com a cabeça e os ombros para lá da beira da falésia. Stanley saltou para cima dele, prendendo-o com o peso do seu corpo.

Toni olhou para o fundo da falésia. O mar batia nas rochas pontiagudas a mais de trinta metros de distância.

Kit continuou a debater-se, mas o pai prendeu-o, acabando finalmente por imobilizá-lo.

Stanley levantou-se devagar e puxou Kit para cima. Kit tinha os olhos fechados. Estava a tremer de comoção, como se estivesse a ter uma convulsão.

— Acabou-se — disse Stanley. Pôs os braços sobre o filho e amparou-o. — Acabou tudo.

Ficaram assim à beira da falésia, com o vento a fustigar-lhes o cabelo, até Kit parar de tremer. Depois, Stanley fê-lo virar-se e levou-o para casa.

A família estava reunida na sala de jantar, aturdida e em silêncio, ainda sem saber ao certo se o pesadelo já tinha acabado. Stanley estava a falar com o serviço de ambulâncias de Inverburn pelo telemóvel de Kit, enquanto Nellie

tentava lamber-lhe as mãos. Hugo estava deitado no sofá, tapado com cobertores, e Olga estava a limpar -lhe as feridas. Miranda estava a fazer o mesmo a Tom e a Ned. Kit estava deitado de costas no chão, de olhos fechados. Craig e Sophie conversavam em voz baixa num canto.

Caroline tinha encontrado todas as ratazanas e estava sentada com a gaiola nos joelhos.

A mãe de Toni estava sentada ao lado de Caroline com o cachorro ao colo. A árvore de Natal continuava a piscar a um canto.

Toni ligou para Odette.

— A que distância disseste que os helicópteros estavam?

— A uma hora de caminho — respondeu Odette. — Mas isso era naquela altura. Assim que parou de nevar, mandei-os avançar. Já estão em Inverburn à espera de instruções.

Porquê?

— Apanhei os assaltantes e tenho o vírus, mas...

— O quê, sozinha? — perguntou Odette, espantada.

— Esquece isso. O importante é o cliente, o que vai tentar comprar o produto e utilizá-lo para matar pessoas. Temos de o apanhar.

— Quem me dera!

— Acho que vamos conseguir, se formos rápidos. Podes mandar vir um helicóptero buscar-me?

— Onde é que estás?

— Em casa do Stanley Oxenford, em Steepfal . Fica mesmo no alto da falésia, a trinta quilômetros a norte de Inverburn. São quatro casas que formam um quadrado. O piloto vai ver também dois carros amolgados no jardim.

— Bolas, tens estado muito ocupada.

— Preciso que o helicóptero me traga um transmissor, um rádio miniatura daqueles que se põem nos indivíduos que queremos seguir. Tem de ser suficientemente pequeno para caber na tampa de um frasco.

— Precisas que o transmissor funcione durante quanto tempo?

— Quarenta e oito horas.

— Tudo bem. A Polícia de Inverburn deve ter uma coisa dessas.

— Só mais uma coisa. Preciso de um frasco de perfume — Diablerie.

— Isso é que já não há na Polícia. Vão ter de assaltar o Boots de High Street.

— Já não temos muito tempo... Espera. — Olga estava a dizer qualquer coisa. Toni olhou para ela e perguntou — O que foi?

— Posso dar-vos um frasco de Diablerie igual ao que estava em cima da mesa. É o perfume que eu uso.

— Obrigada — disse Toni e voltou ao telefone. — Esquece o perfume. Já

tenho um frasco.

Quanto tempo demora o helicóptero a chegar aqui?

— Dez minutos.

Toni olhou para o relógio.

— Pode não ser o suficiente.

— Para onde vai o helicóptero depois de te apanhar?

— Depois dou-te essa informação — prometeu Toni e desligou.

Ajoelhou-se no chão ao lado de Kit. Estava pálido. Tinha os olhos fechados, mas não estava a dormir: a sua respiração era superficial e tremia intermitentemente.

— Kit — disse Toni.

Ele não respondeu.

— Preciso de te perguntar uma coisa. É muito importante.

Kit abriu os olhos.

— Iam encontrar-se com o cliente às dez horas, não iam?

Abateu-se sobre a sala um silêncio tenso, pois todos se voltaram para ouvir.

Kit olhou para Toni mas não disse nada.

— Preciso de saber onde é que iam encontrar-se com ele — insistiu Toni.

Ele voltou a cara.

— Por favor, Kit.

Os seus lábios abriram-se. Toni aproximou-se mais.

— Não — sussurrou.

— Pensa bem. Com o tempo, podes conseguir ser perdoado.

— Nunca.

— Pelo contrário. Não houve grandes danos, ao contrário do que era intenção dos assaltantes. Recuperamos o vírus.

Os olhos de Kit moveram-se de um lado para o outro, enquanto ele fixava todos os membros da sua família, um a um. Como se estivesse a ler-lhe a mente, Toni disse: — Fizeste-lhes muito mal, mas não me parece que eles estejam dispostos a abandonar -te.

Estão todos aqui ao pé de nós.

Kit fechou os olhos.

Toni aproximou-se mais dele.

— Podes começar a redimir-te neste preciso momento.

Stanley abriu a boca para falar, mas Miranda deteve-o e foi ela que disse: — Por favor, Kit. Faz uma coisa boa, depois de todo o mal que fizeste. Fá-lo por ti, para poderes perceber que não és assim tão mau. Diz-lhe o que ela precisa de saber.

Kit fechou as pálpebras com força, e surgiram algumas lágrimas. Por fim,

disse: — Na Escola de Voo de Inverburn.

— Obrigada — murmurou Toni.

10h

Toni estava na torre de controlo da escola de voo. Com ela, naquele pequeno espaço, estavam Frank Hackett, Kit Oxenford e um detective da Polícia local. No hangar, estacionado num sítio onde não podia ser visto, estava o helicóptero militar que os tinha levado para ali. Tinha sido por pouco, mas ainda tinham chegado um minuto antes da hora.

Kit estava agarrado à pasta cor de vinho, pálido e com uma expressão vazia. Obedecia às ordens que lhe davam como um autômato.

Estavam todos a olhar pelas grandes janelas. As nuvens estavam a dissipar - se, e o sol brilhava sobre a pista coberta de neve. Não havia sinais de qualquer helicóptero.

Toni tinha o telemóvel de Nigel Buchanan; estava à espera de que ele tocasse.

— O piloto já devia ter ligado — disse ansiosamente.

— Pode ter-se atrasado — sugeriu Frank.

Toni carregou nalgumas teclas e descobriu o último número que Nigel tinha marcado.

Parecia ser um número de telemóvel, e a chamada tinha sido feita às 23:45 do dia anterior.

— Kit, o Nigel ligou para o cliente ontem antes da meia-noite? — perguntou Toni.

— Ligou para o piloto.

— É este o número — disse a Frank. — Acho que devíamos ligar para ele.

— Está bem.

Toni carregou na tecla de chamar e deu o telefone ao detective da Polícia local, que o aproximou do ouvido. Alguns momentos depois ele disse: — Sim, sou eu, onde é que estás ? — Tinha um sotaque londrino parecido com o de Nigel, e era por isso que Frank o tinha trazido. — Estás assim tão perto? — perguntou, olhando para o céu. — Não consigo ver-te...

Enquanto dizia isto, viu-se um helicóptero sair de entre as nuvens.

Toni mostrou-se tensa.

O polícia desligou. Toni pegou no seu telemóvel e ligou para Odette, que estava no centro de operações da Scotland Yard.

— Vem aí o cliente.

Odette não conseguia reprimir a excitação da sua voz.

— Dá-me o número da matrícula.

— Só um minuto... — Toni espreitou para o helicóptero até conseguir ver o número de registo e transmitiu as letras e os números a Odette, que os repetiu e depois desligou.

O helicóptero começou a descer. Os motores fizeram levantar a neve do chão num turbilhão. Aterrou a uns cem metros da torre de controlo. Frank olhou para Kit e acenou com a cabeça.

— Vai.

Kit hesitou.

— Faz tudo como planejamos — disse Toni. — Diz-lhes que tiveram problemas com o tempo, mas acabou tudo por se resolver. Vai correr tudo bem.

Kit desceu as escadas com a pasta na mão.

Toni não fazia ideia se ele cumpriria as instruções. Estava acordado há mais de vinte e quatro horas, tinha tido um acidente de automóvel e estava muito combalido emocionalmente. Podia fazer qualquer coisa.

Havia dois homens nos lugares da frente do helicóptero. Um deles, presumivelmente o co-piloto, abriu a porta e saiu, trazendo na mão uma mala grande. Era um homem entroncado, de estatura média e vinha de óculos escuros. Baixando a cabeça, afastou-se do helicóptero.

Passado um momento, Kit emergiu da torre de controlo e caminhou sobre a neve em direção ao helicóptero.

— Mantém a calma — disse Toni em voz alta.

Frank resmungou. Os dois homens encontraram-se a meio do caminho. Trocaram algumas palavras. Estaria o co-piloto a perguntar a Kit onde estava Nigel? Kit apontou para a torre de controlo. O que estaria ele a dizer? Talvez: O Nigel mandou-me fazer a entrega. Mas também podia ser: A Polícia está ali na torre de controlo. O homem devia estar a fazer mais algumas perguntas a Kit, que encolheu os ombros. O telemóvel de Toni tocou. Era Odette.

— O helicóptero está registado em nome de Adam Hallan, um banqueiro de Londres, mas ele não está a bordo.

— Que pena!

— Não te preocupes. Também não estava à espera de que estivesse. O piloto e o co-piloto trabalham para ele. Segundo o plano de voo vão para o heliporto de Battersea — do outro lado do rio, mesmo em frente da casa do Hallan em Cheyne Walk.

— Então é ele o cabecilha?

— Confia em mim. Andamos atrás dele há muito tempo.

O co-piloto apontou para a pasta cor de vinho. Kit abriu-a e mostrou-lhe o frasco de Diablerie aninhado entre várias camadas de poliestireno. O co-piloto pousou a sua mala no chão e abriu-a para mostrar o seu conteúdo: vários maços

de notas de cinquenta libras, muito bem arrumadinhos. Deviam estar ali um milhão de libras, pensou Toni, ou talvez dois milhões. Tal como lhe tinham dito para fazer, Kit pegou num dos maços e folheou-o.

— Já fizeram a troca. O Kit está a conferir o dinheiro — comunicou Toni a Odette.

Os dois homens que estavam na pista olharam um para o outro, acenaram com a cabeça e deram um aperto de mão. Kit entregou a pasta cor de vinho e pegou na outra. O co-piloto voltou para o helicóptero, e Kit voltou para a torre de controlo.

Mal o co-piloto entrou, o helicóptero levantou voo imediatamente. Toni continuava em linha com Odette.

— Estás a apanhar o sinal do transmissor que está no frasco?

— Perfeitamente — confirmou Odette. — Apanhamos os sacanas.

26 DE DEZEMBRO

19h

Estava frio em Londres. Não tinha nevado, mas havia um vento gelado que fustigava os edifícios antigos, as ruas sinuosas, e as pessoas andavam de ombros curvados e com os cachecóis bem aconchegados ao pescoço, refugiando-se no ambiente acolhedor de pubs, restaurantes, hotéis e cinemas.

Toni Gallo ia no banco de trás de um Audi cinzento ao lado de Odette Cressy. Odette era loura, da mesma idade de Toni, e levava um fato clássico escuro por cima de uma blusa vermelha. À frente iam dois detectives, um a guiar e outro a estudar as indicações recebidas de um rádio transmissor e a dizer ao condutor para onde devia ir.

Há trinta e seis horas que a Polícia estava a seguir o percurso do frasco de perfume. O

helicóptero havia aterrado, como era esperado, no sudoeste de Londres. O piloto tinha entrado para um carro que estava à sua espera e que seguira pela ponte de Battersea em direção à casa de Adam Hallan, que ficava à beira do Tamisa. O transmissor tinha-se mantido sempre no mesmo local durante a noite, emitindo toques regulares de um ponto qualquer daquela elegante mansão do século XVIII. Odette não queria prender já Hallan. Queria apanhar o maior número possível de terroristas que pertenciam à rede.

Toni tinha passado a maior parte do tempo a dormir. Quando se deitara no seu apartamento, no dia de Natal antes do meio-dia, sentia-se demasiado tensa para dormir.

Os seus pensamentos estavam com o helicóptero que ia a atravessar todo o país, com receio de que o pequeno rádio falhasse a qualquer momento. Apesar da sua ansiedade, adormecera em poucos segundos.

Ao fim da tarde tinha ido para Steepfall a fim de se encontrar com Stanley. Tinham estado uma hora a conversar no escritório dele, de mão dada, e depois Toni partira para Londres. Passara a noite em casa de Odette, em Camden Town, onde dormira a bom dormir.

Para além de seguir o sinal de rádio, a Polícia Metropolitana tinha também

mantido Adam Hallan, o piloto e o co-piloto sob vigilância.

De manhã, Toni e Odette tinham-se juntado à equipa que estava a vigiar a casa de Adam Hallan.

Toni atingira o seu principal objectivo. As amostras do vírus mortal estavam outra vez no laboratório BSN4 do Kremlin. Contudo, esperava também conseguir apanhar os responsáveis pelo pesadelo que tinha vivido. Queria que se fizesse justiça.

Hallan oferecera um almoço, e na sua casa tinham-se reunido cinquenta pessoas das mais variadas idades e nacionalidades, todas elas usando roupas informais mas caras.

Toni, Odette e a equipa tinham seguido o sinal de rádio até Bayswater e mantido sob vigilância um estudante que passara a tarde a deambular pela casa.

As sete da tarde, o sinal tornou a mover-se.

Saiu de casa uma jovem. A luz dos candeeiros da rua, Tom conseguiu ver que tinha uns cabelos escuros lindíssimos, volumosos e brilhantes. Levava uma mala a tiracolo.

Levantou a gola do casaco e seguiu pelo passeio. Um detective de calças de ganga e anorak saiu de um Rover castanho e seguiu-a.

— Acho que é agora — disse Toni. — Ela vai espalhar o spray.

— Quero ver — disse Odette. — Preciso de testemunhas da tentativa de homicídio para poder pôr o caso em tribunal.

Toni e Odette perderam de vista a rapariga, quando ela entrou para uma estação do metropolitano. Nesse momento, o sinal de rádio enfraqueceu de forma preocupante.

Manteve-se assim por algum tempo e depois mudou de posição, talvez quando ela entrou para a carruagem. Seguiram o tênue sinal, com o receio de que ele desaparecesse de vez e que a rapariga despistasse o detective que a seguia. No entanto, acabou por sair na estação de Piccadilly Circus, com o detective ainda na sua peugada. Perderam o contacto visual por um minuto quando ela virou para uma rua de sentido único e depois o detective ligou para o telemóvel de Odette e informou-a de que a rapariga tinha entrado num teatro.

— É onde vai lançar o spray — disse Toni.

Os carros da Polícia sem identificação aproximaram-se do teatro. Odette e Toni entraram, seguidas pelos dois homens do segundo carro. O espetáculo era um musical em torno de uma história de fantasmas, muito popular entre os turistas americanos. A rapariga pôs-se na fila para levantar os bilhetes pré-pagos.

Enquanto esperava, tirou da mala um frasco de perfume. Com um gesto rápido e perfeitamente natural, borrifou a cabeça e os ombros. Os espetadores que estavam à volta dela não prestaram atenção. Se pensassem nisso,

imaginariam certamente que ela queria estar perfumada quando visse pela frente o homem com quem iria encontrar -se.

Um cabelo tão bonito tinha de cheirar bem. Curiosamente, o perfume não tinha cheiro, mas aparentemente ninguém reparou nisso.

— Já está — disse Odette. — Contudo, vamos deixá-la repetir o gesto.

O frasco continha água mas, mesmo assim, Toni sentiu um arrepio ao inspirar. Se não tivesse feito a troca, o frasco teria o vírus Madoba-2, e o facto de respirar implicaria que iria morrer.

A rapariga pegou no bilhete e entrou. Odette falou com o arrumador e mostrou-lhe a sua identificação de polícia, e depois os detectives seguiram a rapariga. Foi ao bar, onde tornou a usar o spray. Fez o mesmo na casa de banho das senhoras. Por fim, sentou-se numa das filas da frente e tornou a fingir que se perfumava. Toni achou que o plano dela seria utilizar o spray mais algumas vezes durante o intervalo e no fim, quando as pessoas se apinhassem à saída. Praticamente toda a gente que estava no teatro teria respirado o ar contaminado.

Na parte de trás do auditório, Toni ia ouvindo as conversas à sua volta: uma mulher do sul dos Estados Unidos tinha comprado um cachecol de caxemira maravilhoso; outra pessoa de Boston explicava com o seu sotaque aspirado onde tinha estacionado o carro; outra de Nova Iorque tinha pagado cinco dólares por uma chávena de café. Se o frasco de perfume contivesse o vírus, tal como estava planeado, todas aquelas pessoas já estariam infectadas com o Madoba-2. Voltariam para casa ao encontro da família e dos vizinhos, regressariam ao trabalho e contariam a todos as suas férias na Europa.

Passados dez ou doze dias, adoeceriam. Provavelmente diriam: “Apanhei uma constipação terrível em Londres.” Ao espirrarem, infectariam os familiares, os amigos e os colegas. Os sintomas iriam agravar-se, e os médicos diagnosticariam gripe. Só quando começassem a morrer é que os médicos iriam perceber que era algo muito mais grave do que gripe. Quando a infecção letal começasse a propagar-se rapidamente de rua para rua e de cidade para cidade, os médicos iriam finalmente compreender o que tinham pela frente, mas, nessa altura, já seria tarde de mais.

Agora, porém, nada disso aconteceria. Mesmo assim, Toni estremeceu ao pensar como estivera perto de acontecer.

Um homem de smoking apareceu ao pé delas, muito nervoso.

— Sou o diretor do teatro. O que é que está a acontecer?

— Vamos prender uma pessoa — disse-lhe Odette. — Se quiser atrasar um pouco o espetáculo...

— Espero que não haja nenhuma desordem.

— Acredite que eu também não.

O público já estava sentado.

— Muito bem — disse Odette aos outros detectives, — É suficiente. Prendam-na, mas com calma.

Os dois homens do segundo carro desceram pelas coxias e ficaram um de cada lado da fila onde a rapariga estava sentada. Ela olhou para um e depois para o outro.

— Queira acompanhar-me, por favor — disse o que estava mais perto dela.

Fez-se silêncio no teatro — todos os presentes estavam a assistir à cena.

"Faria parte do espetáculo?", interrogar-se-iam certamente.

A rapariga continuou sentada, mas tirou o frasco de perfume da mala e tornou a usá-lo nela. O detective, um jovem com um sobretudo, abriu caminho pela fila até ao lugar onde ela estava.

— Acompanhe-me imediatamente — ordenou.

Ela levantou-se, ergueu o frasco e continuou a borrifar o ar.

— Não vale a pena. É só água — disse ele, e depois agarrou-a pelo braço, levando-a pela coxia até ao fundo do teatro.

Toni olhou fixamente para a rapariga. Era jovem e atraente. Tinha estado à beira de se suicidar. Toni gostaria de perceber porquê.

Odette tirou-lhe o frasco de perfume e guardou-o num saco de plástico para ser usado como prova.

— Diablerie — disse. — É uma palavra francesa. Sabes o que quer dizer?

A rapariga abanou a cabeça.

— Obra do diabo.

Odette voltou-se para o detective:

— Algema-a e leva-a.

DIA DE NATAL – UM ANO DEPOIS

17h50

Toni saiu da casa de banho nua e atravessou o quarto de hotel para atender o telefone.

Stanley disse da cama:

— Meu Deus, como és linda.

Ela sorriu para o marido. Stanley tinha vestido um roupão de turco pequeno de mais para ele, que deixava à mostra as suas pernas compridas e musculadas.

— Tu também não és nada de deitar fora — retorquiu Toni, e atendeu o telefone. Era a sua mãe.

— Feliz Natal — desejou-lhe.

— O teu antigo namorado está na televisão — disse-lhe a mãe.

— A fazer o quê? A cantar canções de Natal no coro da Polícia?

— Está a ser entrevistado por aquele Cari Osborne. Está a contar-lhe como apanhou os terroristas no Natal do ano passado.

— Como ele apanhou os terroristas?

Toni sentiu-se indignada por um momento mas depois pensou: “Quero lá saber, ele precisa de publicidade. Quer ser promovido.”

— Como está a minha irmã?

— Está a preparar a ceia.

Toni viu as horas. Na ilha das Caraíbas onde se encontravam faltavam poucos minutos para as seis da tarde. Em Inglaterra, onde estava a mãe, deviam ser quase dez da noite.

Mas em casa de Bella comia-se sempre tarde.

— Que prenda de Natal é que ela te deu?

— Vamos comprar qualquer coisa em Janeiro, nos saldos. É mais barato.

— Gostaste do meu presente? — Toni tinha dado à mãe um casaco de caxemira salmão.

— Adorei, querida. Obrigada.

— O Osborne está bom?

A mãe tinha ficado com o cachorro, que agora já estava enorme, com um pêlo hirsuto preto e branco que lhe cobria os olhos.

— Tem-se portado muito bem e desde ontem que não faz nenhuma asneira.

— E as crianças ?

— Andam por aí, a partir os brinquedos novos. Tenho de desligar. A Rainha vai falar na televisão.

— Adeus, Mãe. Obrigada por ter telefonado.

— Acho que já não temos tempo para um bocadinho de, tu sabes, antes de jantar — disse Stanley.

Toni fingiu ter ficado chocada.

— Acabamos de ter há um bocadinho!

— Isso foi há horas! Se estiveres cansada... Eu sei que quando uma mulher chega a uma certa idade...

— Uma certa idade? — Toni saltou para cima da cama e ajoelhou-se por cima dele. — Uma certa idade? — Pegou na almofada e bateu-lhe com ela.

Ele não conseguia parar de rir, pedia-lhe que tivesse pena dele, até que ela parou e beijou-o.

Achava que Stanley devia ser bom na cama, mas tinha sido uma surpresa para ela ver a energia que ele possuía. Nunca na vida esqueceria as primeiras férias que tinham passado juntos. Numa suite no Ritz em Paris, ele tinha-lhe colocado uma venda nos olhos e amarrado as mãos à cabeceira da cama. Enquanto ela estava assim deitada, nua e indefesa, acariciara-lhe os lábios com uma pena, depois com uma colher de chá de prata e depois com um morango. Toni nunca se tinha concentrado tanto nas sensações que o seu corpo podia proporcionar-lhe. Acariciara-lhe os seios com um lenço de seda, com um cachecol de caxemira e com umas luvas de cabedal. Sentira-se como se estivesse a flutuar no mar, embalada por ondas de prazer. Beijou-lhe a parte dos joelhos, a parte de dentro das coxas, a carne flácida dos lados dos braços e a garganta. Fizera tudo aquilo muito lenta e demoradamente, até ela estar a explodir de desejo. Tocou-lhe nos mamilos com cubos de gelo e pôs um óleo aquecido dentro dela. Continuou até Toni lhe implorar que a penetrasse, mas ele obrigara-a a esperar ainda um pouco mais. Mais tarde, Toni dissera-lhe: “Não sabia, mas toda a vida desejei que um homem me fizesse isto.” “Eu sei”, respondera Stanley.

Naquele dia, estava virado para a brincadeira.

— Vá lá, só uma rapidinha — pediu-lhe. — Deixo-te ficar por cima.

— Está bem. — Toni suspirou, como se estivesse enfadada, ao mesmo tempo

que ajeitava o seu corpo sobre o dele. — As coisas que uma rapariga tem de fazer hoje em dia...

Alguém bateu à porta.

— Quem é? — perguntou Stanley.

— A Olga. A Toni disse que ia emprestar-me um colar.

Toni percebeu que Stanley ia dizer à filha que se fosse embora, mas tapou-lhe a boca com a mão.

— Só um minuto, Olga — disse.

Libertou-se de Stanley. Olga e Miranda estavam a lidar bem com o facto de terem uma madrasta da idade delas, mas Toni não queria abusar da sorte. Era melhor não lhes dar a entender que o pai estava a meio de uma escaldante cena de sexo.

Stanley levantou-se da cama e foi para a casa de banho. Toni vestiu um robe de seda verde e abriu a porta. Olga entrou, já vestida para o jantar, com um vestido de algodão preto com um decote pródigo.

— Disseste que me emprestavas aquele colar preto.

— Claro. Deixa-me procurá-lo.

A água do chuveiro começou a correr na casa de banho.

Olga baixou a voz — o que era raro nela.

— Queria perguntar-te uma coisa — ele tem visto o Kit?

— Tem. Foi visitá-lo à prisão no dia antes de virmos para cá.

— Como é que está?

— Desconfortável, frustrado e aborrecido, como seria de esperar, mas nunca foi agredido, nem violado nem consumiu heroína.

Toni descobriu o colar e pô-lo ao pescoço de Olga.

— Fica-te muito melhor a ti do que a mim. O preto não é a minha cor. Por que é que não perguntas diretamente ao teu pai notícias do Kit?

— Porque ele está tão feliz que não quero aborrecê-lo. Não te importas, pois não?

— Claro que não.

Pelo contrário, Toni até se sentia lisonjeada. Olga estava a lidar com ela da mesma forma que uma filha lida com a mãe para saber coisas sobre o pai sem ter de o incomodar com as perguntas de que os homens não gostam.

— Sabes que o Elton e o Hamish estão na mesma prisão? — perguntou Toni.

— Não, não sabia. Que horror!

— Nem por isso. O Kit está a ajudar o Elton a aprender a ler.

— O Elton não sabe ler?

— Quase nada. Lê algumas palavras dos sinais de trânsito — auto-estrada, Londres, centro, aeroporto. O Kit está a ensiná-lo a ler: “O rato roeu a rolha da

garrafa".

— Meu Deus! Como as coisas são. Sabes o que aconteceu à Daisy?

— Não.

— Matou outra mulher na prisão e foi julgada por homicídio. Foi uma colega minha que a defendeu, mas foi condenada. Para além da sentença que já tinha, foi condenada a prisão perpétua. Vai ficar na prisão até aos setenta anos. Quem me dera que ainda houvesse pena de morte.

Toni compreendia o ódio de Olga. Hugo nunca tinha recuperado completamente das agressões de Daisy. Tinha perdido a visão de um dos lados. Mas, pior ainda, nunca mais recuperara a sua exuberância. Estava mais calmo, mais bem-comportado, mas tinha perdido a piada e raramente se via aquele sorriso malandro.

— É uma pena o pai dela ainda andar à solta — disse Toni.

Harry Mac tinha sido julgado como cúmplice, mas o depoimento de Kit não tinha sido suficiente para que fosse condenado, e o júri declarara-o inocente. Tinha voltado diretamente para a sua vida no mundo do crime.

— Também há notícias dele — disse Olga. — Está com cancro. Começou nos pulmões, mas está pelo corpo todo. Deram-lhe três meses de vida.

— Bem, afinal sempre se fez justiça — disse Toni.

Miranda preparou a roupa que Ned iria vestir para o jantar, umas calças de linho pretas e uma camisa de xadrez. Ele não esperava que ela o fizesse, mas se não a ajudasse, ele era tão distraído que era capaz de ir jantar de calções e T-shirt. Não o fazia por mal, era apenas despreocupado. Miranda aprendera a viver com isso.

Tinha aceitado muitas das facetas dele. Sabia que ele nunca se envolveria rapidamente num conflito, mesmo que fosse para a proteger; mas, para compensar, sabia que perante uma verdadeira crise, ele era duro como uma rocha. A prova era a forma como aguentara os murros de Daisy para proteger Tom.

Ela já estava pronta, com um vestido de algodão cor-de-rosa com a saia plissada. Fazia-a um bocado gorda nas ancas, mas a verdade é que tinha as ancas gordas. Ned dizia que gostava dela assim.

Foi à casa de banho. Ele estava sentado na banheira a ler uma biografia de Molière em francês. Tirou-lhe o livro e disse:

— Foi o mordomo.

— Estragaste o suspense todo.

Ned levantou-se.

Ela deu-lhe a toalha.

— Vou ver os miúdos.

Antes de sair do quarto, tirou um pequeno embrulho da mesa-de-cabeceira e meteu-o na mala.

Os quartos do hotel eram cabanas individuais espalhadas ao longo de uma praia.

Miranda sentiu uma brisa quente nos braços desnudados ao dirigir -se para a cabana que o seu filho Tom partilhava com Craig.

Craig estava a pôr gel no cabelo e Tom estava a apertar os sapatos.

— Tudo bem, meninos? — perguntou Miranda. A pergunta era supérflua. Estavam os dois bronzeados e felizes depois de um dia inteiro a fazer windsurf e esqui aquático.

Tom já não era propriamente um menino. Tinha crescido cinco centímetros em seis meses e deixara de contar tudo à mãe. Isso deixava-a triste. Durante doze anos ele fora tudo para ela. Continuaria a depender dela por mais alguns anos, mas o processo de separação estava a começar.

Deixou os rapazes e dirigiu-se para a cabana seguinte, onde estavam Sophie e Caroline.

Mas Caroline já tinha saído e, por isso, Sophie estava sozinha. Estava à frente do roupeiro, de roupa interior, a escolher um vestido. Miranda viu que ela estava a usar um soutien preto muito sexy e umas cuecas de fio dental a condizer — tudo coisas que ela desaprovava.

— A tua mãe já alguma vez viu isso? — perguntou Miranda.

— Ela deixa-me usar o que eu quero — respondeu Sophie, amuada.

Miranda sentou-se numa cadeira.

— Anda cá. Quero falar contigo.

Com relutância, Sophie sentou-se na cama. Cruzou as pernas e virou a cara de lado.

— Preferia que fosse a tua mãe a dizer-te isto, mas, como ela não está cá, vou ter de ser eu a dizer-te.

— Dizer o quê?

— Acho que és demasiado nova para teres relações sexuais. Tens quinze anos. O Craig só tem dezesseis.

— Tem quase dezessete.

— Mesmo assim, o que vocês andam a fazer é ilegal.

— Neste país não.

Miranda tinha-se esquecido de que não estavam no Reino Unido.

— Seja como for, és nova de mais.

Sophie fez uma cara de enjoo e revirou os olhos.

— Meu Deus!

— Sei que não ias aceitar, mas tinha de ser dito — insistiu Miranda.

— Pronto, agora já disseste — retorquiu Sophie com brusquidão.

— Mas também sei que não posso obrigar-te a fazeres o que eu quero.

Sophie pareceu surpreendida. Não estava à espera de concessões.

Miranda tirou o embrulho da mala.

— Por isso, se decidires desobedecer-me, quero que usem preservativos. — E, dito aquilo, deu-lhe a caixa.

Sophie pegou nela sem dizer palavra. Não podia estar mais espantada.

Miranda levantou-se.

— Não quero que fiques grávida enquanto estiveres sob a minha alçada.

Dirigiu-se para a porta. Quando saiu, ouviu Sophie dizer: — Obrigada.

O avô tinha reservado uma sala privada no restaurante do hotel para os dez membros da família Oxenford. O empregado andava à volta da mesa a servir champanhe. Sophie estava atrasada. Esperaram mais um pouco e depois o avô levantou-se e todos ficaram em silêncio.

— O jantar é bife — anunciou. — Tinha pedido peru, mas parece que fugiu.

Riram-se todos.

Continuou num tom mais sombrio.

— No ano passado não tivemos Natal, por isso quis que o deste ano fosse especial.

— Obrigada por nos ter trazido, papá — disse Miranda.

— Os últimos doze meses foram os piores da minha vida, mas também os melhores -

continuou. — Nenhum de nós conseguirá ultrapassar completamente o que aconteceu em Steepfall, faz hoje um ano.

Craig olhou para o pai. De certeza que ele não ia recuperar. Tinha um olho sempre meio fechado e uma expressão perdida no rosto. Muitas vezes parecia que estava desligado do mundo.

— Se não tivesse sido a Toni, só Deus sabe como tudo teria acabado — prosseguiu Stanley.

Craig olhou para Toni. Estava assombrosa, com um vestido de seda castanho que lhe realçava o cabelo ruivo. O avô estava doido por ela. Devia sentir quase o mesmo que ele sentia por Sophie.

— Depois ainda fomos obrigados a reviver aquele pesadelo mais duas vezes. A primeira com a Polícia. A propósito, Olga, por que é que os depoimentos são recolhidos assim?

Fazem as perguntas, tomam nota das respostas, mas depois escrevem sempre coisas que nós não dissemos ou então está tudo cheio de erros e nem parece um ser humano a falar. E chamam àquilo depoimento.

— Os advogados de acusação gostam de escrever as coisas de uma

determinada maneira — explicou Olga.

— “Ia a avançar no sentido ocidental, etc, etc”?

— Pois.

O avô encolheu os ombros.

— Depois tivemos de reviver tudo outra vez durante o julgamento, e até fomos obrigados a ouvir sugestões de que nós é que éramos culpados por ter ferido pessoas que tinham entrado na nossa casa e nos tinham agredido e amarrado. Depois fomos obrigados a ler as mesmas insinuações nos jornais.

Craig jamais se esqueceria disso. O advogado de Daisy tentara acusar Craig de querer matá-la, por ele a ter atropelado enquanto ela estava a disparar sobre ele. Era ridículo, mas, por momentos, no tribunal quase parecera plausível.

O avô continuou:

— Todo aquele pesadelo levou-me a pensar como a vida é curta e percebi que tinha de vos confessar o que sentia pela Toni, sem perder mais tempo. Escusado será dizer que somos muito felizes. Além disso, o meu novo medicamento foi aprovado nos testes com seres humanos, o futuro da empresa ficou garantido e pude comprar outro Ferrari e pagar aulas de condução ao Craig.

Riram-se, e Craig corou. Nunca tinha falado a ninguém da primeira amolgadela que fizera no carro. Só Sophie é que sabia. Achou que iria confessar quando já fosse velho, para aí quando tivesse uns trinta anos ou coisa do gênero.

— Mas agora basta de falar do passado — disse o avô. — Vamos fazer um brinde. Feliz Natal a todos.

— Feliz Natal — repetiram em uníssono.

Sophie chegou quando o primeiro prato já estava a ser servido. Estava maravilhosa.

Tinha apanhado o cabelo e posto uns brincos compridos. Parecia tão crescida, como se tivesse pelo menos vinte anos. Craig ficou com a boca seca quando pensou que Sophie era a namorada dele.

Quando passou pela cadeira dele, Sophie parou e disse-lhe ao ouvido: — A Miranda deu-me preservativos.

Ficou tão admirado que entornou o champanhe.

— O quê?

— Isso que tu ouviste — respondeu Sophie e sentou-se.

Craig sorriu para ela. Claro que ele também se tinha prevenido. A tia Miranda era de todo.

— Estás a rir-te de quê, Craig? — perguntou o avô.

— Estou feliz, avô. Só isso.

FIM

AGRADECIMENTOS

Tive o privilégio de visitar dois laboratórios com níveis de segurança BSN4. No Canadian Science Center for Animal and Human Health de Winnipeg, Manitoba, fui acompanhado por Stefan Wagener, Laura Douglas e Kelly Keith; e na Health Protection Agency em Colindale, Londres, por David Brown e Emily Collins. Sandy Ellis e George Korch deram-me mais informações sobre laboratórios BSN4.

Sobre segurança e biossegurança, os meus consultores foram Keith Crowdy, Mike Bluestone e Neil McDonald. Para saber como a Polícia responderia a eventuais acidentes biológicos, falei com a Chefe Norma Graham, com o Superintendente Andy Barker e com a Inspetora Fiona Barker, todos da Central Scotland Police em Stirling.

Em matéria de jogo, informei-me junto de Anthony Holden e Daniel Meinertzhagen, e fui autorizado a ler o manuscrito do livro de David Anton Stacking the Deck: Beating America's Casinos at Their Own Game.

Foi Daniel Starer, da Research for Writers de Nova Iorque, que me ajudou a descobrir muitos destes especialistas.

Por último, e pelos comentários que fizeram a este livro, agradeço aos meus editores Leslie Gelbman, Phylis Grann, Neil Nyren e Imogen Tate; aos meus agentes Al Zuckerman e Amy Berkower; a Karen Studsrud; e à minha família, sobretudo a Barbara Follett, Emanuele Follett, Greig Stewart, Jann Turner e a Kim Turner.

.ePub
©
2014